JOHN WILLIAM FLETCHER

VIDENTE

SUSAN E. GAY

Tradução:
Amadeu António

JOHN WILLIAM FLETCHER, VIDENTE

UM ESBOÇO BIOGRÁFICO, COM ALGUNS CAPÍTULOS SOBRE A ERA ATUAL E A REFORMA RELIGIOSA

POR SUSAN E. GAY, 1883

Não existe morte! O pó que pisamos
Mudar-se-á sob as chuvas de verão
Em grão dourado ou fruto maduro,
Ou em flores de cores de arco-íris.
As rochas de granito desagregam-se
Para alimentar o musgo faminto que sustentam;
As mais belas folhas bebem a vida diária
A partir do ar invisível.
Não há morte! As folhas podem cair,
As flores podem murchar e passar;
Apenas esperam pelas horas invernais
Pela chegada de Maio; —
E sempre perto de nós, embora invisíveis,
Os queridos espíritos imortais caminham;
Pois todo o universo sem limites É vida; não há mortos!

PREFÁCIO

As páginas seguintes são escritas com total indiferença por todos os críticos e revisores, para o homem e a mulher sinceros que amam a verdade. Contêm um breve esboço da história de um

homem que se destaca hoje, no meio do ceticismo, da mundanidade, das mil distrações de um século que está, com dor e rutura, a inaugurar uma nova era, não como um dos seus inventores, não como um dos seus destemidos físicos, não como um dos seus dotados na arte e no canto, — mas como um Vidente, e um Professor de algo para o qual os homens estão muito cegos.

Victor Hugo disse, e disse-o verdadeiramente, que o próximo século será "o século dos videntes"; mas aquele que nasceu antes do seu tempo ocupa nesta hora uma altura solitária. Com as suas faculdades psíquicas desenvolvidas em toda a sua extensão — a sua natureza física subordinada à espiritual —, ele aparece como um representante do homem anormal, em vez do homem ideal; os seus poderes despertam curiosidade, interesse, suspeita, ridículo, até ódio; mas raramente trazem uma convicção completa quanto ao facto vivo de um mundo invisível.

Acredita-se em qualquer coisa, nestes dias, em vez de nessa sagrada realidade perante a qual a nossa vida física se torna num mundo de sombras em constante mudança, tomando apenas inúmeras formas, que aparecem, alteram-se e passam de acordo com a lei que decreta que a Matéria será apenas uma expressão temporária de — quê? Do Espírito Eterno; a que o materialista, à falta de uma palavra melhor e mais elevada, chama — Força. E quando o nosso vidente, que desgasta cansativamente a vida, a saúde, a energia e o tempo no interesse daqueles com quem a sua própria natureza nada tem em comum, — exige a remuneração sem a qual não pode viver, e que é dada ao médico, ao advogado e ao clérigo com gratidão e amor —, atinge-se o clímax dos seus crimes contra a sociedade, e o termo "profissional" é usado contra ele como não é usado contra nenhum outro homem.

Onde estão, contudo, os homens que darão ao seu professor um lar e uma subsistência, e lhe pedirão que preste o seu

testemunho a todos em liberdade, como o verdadeiro espiritualista deve sempre desejar? Não se encontram em lado nenhum, e o homem que foi abençoado com os dons mais divinos que Deus pode dar às Suas criaturas aqui em baixo, deve enfrentar uma provação e travar uma batalha perante a qual o espírito mais forte bem poderia fraquejar.

Em Inglaterra não há verdadeira liberdade; estamos acorrentados de mãos e pés a velhos costumes, velhos hábitos de pensamento, velhas leis, velhas teologias; é a fortaleza do conservadorismo; e o destino do reformador tem tantas probabilidades de ser o banco dos réus nesta era como no tempo de Maria, que lhe acrescentou o breve e talvez, considerando a diferença de organização entre aquele tempo e o nosso, dificilmente mais terrível sofrimento do lenho e da fogueira. Se for o meu destino dar testemunho da verdade por cuja luz anseiam agora as próprias mentes que a rejeitam, e se a ignorância inglesa e o fanatismo inglês forem empregues para esmagar a obra mais bela e nobre que alguma vez foi realizada na nossa metrópole manchada pelo pecado, só posso dizer que, assim como é um prazer para mim escrever estas páginas, também seria um orgulho — posso dizer de facto a hora mais orgulhosa da minha vida — dar testemunho dela, e estar até num tribunal de polícia de Londres ao lado de John William Fletcher — aquele de quem digo audazmente que, se os homens apenas soubessem a verdade, aclamá-lo-iam na rua!

Aquele também que, acredito no meu íntimo, recebeu uma missão do Mestre, para consolar os quebrantados de coração, para fortalecer os que sofrem, para curar os doentes. Alguns há que podem, comigo, testemunhar isto, e que comigo também diriam de alguém que é o Hampden da liberdade religiosa na nossa terra —

"Tu és um prisma que divides a luz Nas suas várias cores. Tu viste A visão do Santo e foste Transfigurado na altura solitária da montanha. Um como tu teria, na semi-noite Do meio-dia de Israel, erguido e ficado entre Deus e o Seu povo como um vidente sereno Na humilde consciência da força interior. Poderias ter-te sentado com Jerónimo na sua caverna; A igreja de antigamente ter-te-ia chamado de bom grado pai; Se Cristo te tivesse visto arrastar a vaga síria, Ele teria, penso eu, prometido a tua paga celestial, Mandado que ensinasses e salvasses o escriba e o sofista, Escrevesses um Evangelho, e numa cruz expirasses!"

S. E. G. Falmouth,

Abril de 1880

SEGUNDO PREFÁCIO

O pequeno volume que é agora apresentado aos leitores ingleses foi completamente escrito até à página 273 no verão de 1880, facto que pode ser provado por várias testemunhas, e que, não fosse por um acontecimento aparentemente insignificante, teria sido sem dúvida publicado prematuramente. Desde então, a notável série de profecias registada no segundo capítulo, e à qual se fez alusão num artigo na *Life* de 4 de Outubro de 1879, foi quase inteiramente, e tão literalmente quanto possível, cumprida, e, salvo algumas revisões insignificantes de natureza histórica ou argumentativa, a obra, incluindo o prefácio, foi deixada absolutamente intocada.

Nem uma linha relativa no mais remoto grau a qualquer coisa de carácter profético foi alterada. Os capítulos finais foram escritos este ano e confio fervorosamente que contribuirão em algum grau para a realização do objetivo dos singulares acontecimentos que cobriram o nome de Fletcher por algum

tempo com o opróbrio mais imerecido, particularmente quando estudados em conexão com os factos prestes a serem tornados públicos relativamente ao "julgamento" de 1881. Lidos à luz da profecia, conhecida há muito tempo, e em muitos países, tornam-se simplesmente um plano extraordinário, executado, como no passado, através da crueldade de um ser humano e do heroísmo de outro. E como antes, a luta tem sido em prol da liberdade, da verdade, de uma forma mais elevada de religião, da demonstração da imortalidade, na qual instrumentos selecionados foram chamados a realizar, ao preço de grande sofrimento e sacrifício, uma obra necessária para a instrução e bem-estar de outros.

Os nossos agradecimentos são devidos ao Dr. T. L. Nichols, de Londres, pela determinação inabalável com que tornou conhecida a prova do Sr. Francis Morton e de outros, que tinham feito o seu melhor pela causa da justiça, e em vão. Em William Fletcher pode reconhecer-se um homem cujos dons excecionais poderiam ter atraído a atenção do mundo científico, tivesse o seu possuidor curvado a cabeça ao preconceito do momento, denominado a si mesmo um "leitor de pensamentos", e repudiado a sua posição como um agente — um MÉDIUM — de espíritos.

O facto de ele nunca ter feito isto por uma única hora, no sol ou na sombra, de ele em todo o lado e a todo o tempo se ter assumido como um médium, um espiritualista e um reformador, é a razão entre todas as outras que me move a tornar conhecida, tanto quanto posso, a sua vida, os seus propósitos e a sua crença inalienável. Para evitar qualquer equívoco em relação a este objetivo, posso declarar que em momento algum tive qualquer ligação profissional seja com a literatura, seja com a grande e honrada obra do espiritualismo.

Apenas acrescentarei que, em perfeita sintonia com o seu amor pela reforma e ardente desejo de espalhar um conhecimento mais claro da natureza do homem como possuidor de uma vida

espiritual que sobrevive à dissolução física, considerei um dever, mesmo antes de ele próprio ter reconhecido a sua necessidade, publicar por minha própria vontade e desejo tudo o que tinha escrito e compreendido na primeira oportunidade disponível, e sem qualquer outro auxílio, direção ou simpatia que não a que recebi de fontes espirituais.

S. E. G.

Outubro de 1882.

ÍNDICE

Prefácio Segundo Prefácio
CAPÍTULO I
Início da Vida e Desenvolvimento da Mediunidade
CAPÍTULO II
Início do Trabalho Público Enviado para o Mundo
CAPÍTULO IV
Trabalho em Londres
CAPÍTULO V
Winona e a Identidade dos Espíritos
CAPÍTULO VI
Identidade dos Espíritos (continuação)
CAPÍTULO VII
A Relação do Espiritualismo com a Ciência e a Religião
CAPÍTULO VIII
Discursos em Transe e Vidência Pública em Cavendish Rooms
CAPÍTULO IX
Discursos em Transe (continuação): Steinway Hall
CAPÍTULO X
A Mensagem do Espiritualismo
CAPÍTULO XI
Mediunidade Pública

CAPÍTULO XII
O Cristianismo dos Homens
CAPÍTULO XIII
Evolução Espiritual
CAPÍTULO XIV
Espiritualismo e Reforma 1881
CAPÍTULO XV
"Ad Leones!"
CAPÍTULO XVI
Sozinho na América

JOHN WILLIAM FLETCHER, VIDENTE

CAPÍTULO I

INÍCIO DA VIDA E

DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE

JOHN WILLIAM FLETCHER nasceu a cerca de quarenta milhas de Boston, em Westford, nos Estados Unidos, no ano de 1852. Manteve a posição, e recebeu a educação, de um cidadão americano comum da classe média, e os meios que o seu pai tinha obtido de um negócio fabril em Lowell deram ao seu único filho a perspetiva de uma vida cheia de facilidades, conforto e muitas vantagens materiais. As dolorosas circunstâncias que o separaram de tudo isto, e que o afastaram daqueles que foram por um longo período muito caros ao seu coração, impedem-me de me alargar sobre os detalhes da sua infância e juventude, com os quais esses amigos estavam associados.

O afastamento realizou um acontecimento planeado; enviou-o pelo mundo afora para trabalhar na causa mais nobre que alguma vez foi confiada à guarda do homem. A vida de facilidades foi trocada pela vida que, de todas as outras, é um

sacrifício diário para uma natureza sensível, — o sacrifício de enfrentar o ridículo e o desprezo ao entregar todo o seu ser com o fim de demonstrar à humanidade cega a sublime verdade da sua imortalidade e a realidade do mundo eterno. Que dinheiro poderá alguma vez compensar o espírito sofredor, puro, manso e forte do sujeito destas páginas pelo cruzamento de caminhos e pela cruz que teve de carregar? Que vantagem externa, conforto ou luxo poderá alguma vez fazer um lar na terra para alguém que recebeu o espírito de Cristo e que "não é deste mundo"? O médium fiel entre as coisas que se veem e as que não se veem tem um Getsémani para entrar, uma turba cega para o capturar e, pior ainda, um Judas entre os seus para trair a sua causa.

As perseguições que foram permitidas, sem dúvida com sabedoria, para arrastar a sagrada causa do Espiritualismo por um tempo no pó, e que foram incitadas por esses seres malignos, — espíritos, infelizmente! — que odeiam a verdade ainda mais do que um Lankester ou um Tyndall podem odiar, e que se colocariam entre ela e a humanidade, foram o cálice mais amargo para aqueles poucos fiéis que procuraram sustentar aquilo que é a vida e a luz do futuro, e praticar, tanto quanto lhes foi possível, os belos ensinamentos de que são os mensageiros escolhidos.

Nada senão a ordem imperiosa do mundo espiritual, que está a responder ao clamor de incontáveis almas humanas por luz, poderia chamar qualquer homem para tal trabalho; nada senão o mais profundo sentido de dever poderia mantê-lo nele. Que o sacrifício não foi, contudo, feito em vão, é o objetivo da prova contida nas páginas seguintes demonstrar.

William Fletcher nasceu médium. A sua mãe possuía o dom da segunda visão. As suas próprias lições na escola eram realizadas por influência de espíritos, por vezes não tanto para sua vantagem como se poderia pensar, visto que os seus tutores perplexos declaravam que estavam a ser alvos de partidas, a que

resistiam fortemente. Ele recitava um texto apresentado a si numa visão, em vez da tarefa destacada, e passou algum tempo antes que o facto fosse descoberto e admitido.

Uma das primeiras provas do seu poder peculiar, que foi recentemente registada num jornal popular, foi dada ao descrever através de uma visão clarividente o cenário de um incêndio que tinha tido lugar a cerca de oito milhas de distância da sua casa, e que um criado relatou parecer ser na direção de uma fábrica pertencente ao seu pai. William declarou de imediato que via tudo, e que o edifício em chamas era um situado ao lado dessa fábrica, uma afirmação que foi rapidamente verificada pelo seu pai, que cavalgou de imediato para o local e descobriu ser literalmente verdade.

A história da sua introdução ao tema do espiritualismo moderno, como é chamado, é muito simples. Foi discutido na escola onde era educado, e William Fletcher soube pela primeira vez que tal coisa existia. Pouco tempo depois, um senhor fez uma visita à sua família, o qual voltou a falar do assunto, e cuja experiência pessoal e intuição apurada lhe permitiram declarar de imediato que o rapaz era um grande médium. Ele riu-se da ideia. O seu amigo, contudo, induziu-o a escrever uma carta que foi cuidadosamente selada, e a enviá-la para a sala pública de sessões nos escritórios do *Banner of Light* em Boston, onde eram dadas respostas a perguntas ocultas. Assim foi feito. A Sra. Conant, que era nessa altura a médium de serviço, percorreu rapidamente as cartas colocadas diante de si e parou nesta. O envelope estava em branco, exceto por uma pequena cruz.

Continha uma comunicação dirigida a alguém que tinha sido tutor de William durante vários anos, e que lhe tinha dito que estaria sempre perto do seu aluno favorito em espírito na altura da sua morte; e como este último não tinha interesse por mais ninguém no mundo espiritual, lembrou-se da promessa e

selecionou o seu professor como a única pessoa com quem, se fosse possível, se importava em comunicar. A médium escreveu imediatamente no envelope uma mensagem, não pouco para sua surpresa, no sentido de que William era um dos maiores médiuns do mundo e que o seu trabalho começaria de imediato.

Vinha do espírito a quem a indagação tinha sido dirigida. O nosso jovem médium regressou a casa, e mal o tinha feito, a profecia confirmou-se. Sentou-se e escreveu um ensaio em transe que foi amplamente lido e provocou grandes comentários. A consciência do poder parecia ser a única condição necessária para o seu desenvolvimento mais elevado, e a partir desta altura ele começou a ser influenciado de uma forma extraordinária, sendo constantemente lançado em transes, durante os quais discursava invariavelmente sobre espíritos e dava o que se chama provas de identidade daqueles que comunicavam através dele, o que causava espanto entre os seus amigos. A sua família começou então a realizar um círculo todas as noites, e o pai de William, que se tornou entusiasta sobre o assunto, contratou a Sra. Forster, mãe do bem conhecido Charles Forster, para dar sessões profissionais na sua casa, para as quais todos os interessados eram convidados.

Não careciam daquele elemento de ridículo que se associou ao longo da história do mundo ao que é mais tocante e sublime. Uma noite, depois de estarem sentados juntos durante um tempo considerável, uma mulher idosa, a única dita espiritualista do lugar, levantou-se subitamente no meio de um silêncio solene que se mantivera ininterrupto, e disse com uma voz rouca e tons trémulos: "Eu, por mim, gostaria de saber se está aqui algum dos meus familiares", e depois sentou-se. Seguiu-se outra longa pausa. Ela ergueu-se então novamente e, para grande entretenimento de todos os presentes, disse ao médium: "Pode, por favor, encenar a cena da morte do meu irmão Robert? Ele morreu afogado e será um grande teste!"

O único incidente de qualquer importância ocorrido durante estes pequenos encontros foi a repetição da afirmação de que William era um grande médium. Ele tinha sido sempre delicado e, como possuía nesta altura uma saúde muito fraca, foi aconselhado a ir para as florestas do Maine para mudar de ar. Na primeira noite da sua chegada à pequena aldeia rural para onde tinha sido enviado, realizou uma sessão. Foi uma sessão extraordinária. Isto repetiu-se todas as noites, e todas as pessoas do campo vinham de milhas em redor para assistir a estes pequenos círculos. Ele era frequentemente solicitado, enquanto caminhava na rua, para entrar e dizer a algum curioso ansioso algo "sobre as pessoas mortas", e eram geralmente dadas notícias tão satisfatórias sobre elas que o interesse e a curiosidade aumentavam rapidamente.

Entre outros que foram atraídos ao seu redor estava o Sr. George Worcester, filho de um célebre clérigo Swedenborgiano, que costumava juntar-se ao círculo e era o único presente que possuía alguma perceção sobre a natureza de um dom que despertava pouco mais do que curiosidade e admiração nos outros, mas que o interessava por si mesmo. Ele sugeriu aos espíritos que controlavam o rapaz que dessem palestras no edifício da escola, e eles consentiram com a proposta. A primeira indicação que teve do plano foi enquanto caminhava na aldeia, quando viu um cartão na janela de uma loja, afirmando, para grande surpresa sua, que "Willie Fletcher daria uma palestra na escola no domingo de manhã e à tarde".

Quando o dia chegou, contudo, ele foi, ou melhor, foi levado, pois na manhã combinada, em vez de acordar como de costume, foi lançado num transe, cuidadosamente vestido pelos espíritos controladores e levado para a escola, onde cerca de trinta pessoas estavam reunidas num pequeno e modesto edifício de teto baixo, no qual as crianças da aldeia aprendiam o alfabeto. Era um grupo heterogéneo. Vestidos de todos os tipos e cores predominavam, e

a pequena assembleia inaugurou o serviço conduzido por influência espiritual entoando as estrofes do bom e velho hino do Dr. Watts, começando com "Escutai dos túmulos um som lamentoso"; o qual, estranho de relatar, foi considerado eminentemente apropriado para a ocasião.

O tema do discurso foi então selecionado pelo público, que foi mais afortunado nos seus temas do que nas suas canções, caindo a escolha sobre o belo versículo — "Na casa de meu Pai há muitas moradas". Sobre isto, o jovem orador em transe proferiu uma palestra que durou uma hora e foi ouvida com atenção, e ele só se deu conta do que tinha feito no seu final, quando foi rapidamente despertado do seu estado de inconsciência.

Que este longo sermão foi apreciado prova-o o facto de a congregação ter decidido, sem uma única exceção, esperar pelo serviço seguinte, no qual um novo tema foi escolhido com semelhantes bons resultados, e William Fletcher desceu da pequena plataforma sentindo que tinha realizado algo, mal sabia ele o quê, e com o coração cheio de um anseio por algum pequeno sinal de apreço e simpatia, abordou uma senhora de aspeto maternal e perguntou-lhe "como tinha gostado". Ela respondeu com candura que "não sabia nada sobre o assunto"; mas, como forma de demonstrar a sua gratidão por ter estado sentada durante dois discursos, meteu a mão no bolso e tirou uma bolacha de Boston, que entregou ao jovem pregador.

Tão sensível era a sua natureza, já nessa altura, à bondade e ao amor daqueles com quem entrava em contacto, que disse frequentemente mais tarde que o seu coração ficou mais tocado por aquele pitoresco sinal de simpatia na pequena escola da aldeia do que pelos diamantes que lhe foram oferecidos em anos posteriores.

Pouco depois disto, ele deu uma segunda palestra em transe, a qual durou cerca de uma hora e meia, e que foi precedida pelo cantar de um salmo, dificilmente menos desadequado do que a célebre cantiga do Dr. Watts, a saber: "Os meus dias são como a erva." O tema foi novamente escolhido pelo público, o qual foi também uma vez mais tão feliz nos seus textos como tinha sido infeliz nos seus hinos, — tendo sido selecionada a grande passagem profética

"As coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo." A partir desta altura, por volta do ano de 1869, William, embora tivesse apenas dezassete anos, saltou instantaneamente para a notoriedade e recebeu convites para palestrar em vários locais, a maioria dos quais foi obrigado a recusar por motivos de saúde.

Um incidente pode ser mencionado em conexão com a sua mediunidade, notável pela sua singularidade. Enquanto estava nas florestas do Maine, a sogra de um dos seus conhecidos morreu de dropsia. O seu corpo foi depositado num caixão muito grande, feito por um carpinteiro que se estava a retirar dos negócios e projetado para a receção do seu próprio corpo.

William foi encarecidamente solicitado a comparecer ao funeral e a fazer um discurso na ocasião e, em conformidade, partiu através das florestas sombrias, que eram muito belas e isoladas, não perturbadas por nenhum som mais alto do que o cantar dos pássaros, o voo do esquilo de ramo em ramo e o salpico repentino da truta a saltar enquanto se lançava a um mosquitinho na superfície do ribeiro que cruzava o pequeno caminho. Com o seu espírito sintonizado com a harmonia do cenário, tal harmonia como parece existir apenas em locais distantes dos refúgios dos homens, ele chegou ao seu destino. Foi uma mudança curiosa.

Três mulheres idosas vieram ao seu encontro no limiar da casa, agitando catinga-de-mulata naquele dia quente em que cada sopro de ar puro não tinha preço. Ao entrar no aposento onde as pessoas estavam reunidas, encontrou-as todas sentadas em seu redor numa expectativa solene, com as golas das suas camisas engomadas, as suas calças engomadas, até os seus lenços de bolso engomados, e todas da mesma forma a agitar catinga-de-mulata. Lado de fora, no quintal, e exposto a um sol abrasador de julho, jazia o caixão e, em plena vista deste doloso espetáculo, e no meio do círculo de amigos, estava colocada uma poltrona estofada com almofadas, para onde William foi conduzido e afundou até ficar quase eclipsado.

Como se pode supor, a provação desta oração fúnebre foi algo de que ele de bom grado se teria escusado, mas um espírito corajoso ergueu-se para a ocasião e falou através dos seus lábios com um poder mais eficaz do que a catinga-de-mulata, o engomado e as almofadas de estado nas quais o seu corpo quase experimentou sufocação. Ele não podia deixar de estar profundamente atento ao lado ridículo da cena na qual fora convidado a desempenhar um papel e, até esta hora, alude a isso com sorrisos.

Embora tenha recusado muito do trabalho que lhe foi apresentado, viu um grande número de pessoas, por vezes tantas como cinquenta ou sessenta por dia, e efetuou algumas curas notáveis por poder espiritual, curando literalmente os doentes, os coxos e até os cegos. Como não retirou tanto benefício da mudança que fora recomendada como se esperava, sem dúvida, em parte, devido a este desenvolvimento repentino da sua mediunidade e às várias exigências sobre ela, regressou à casa do seu pai no final de setembro e de lá foi visitar alguns parentes em Concord, New Hampshire. Enquanto estava nesse lugar, foi dirigido por influência espiritual a solicitar uma sala para dar

palestras, a qual lhe foi dito que lhe seria concedida. Assim fez, e o seu pedido foi de imediato concedido pelo proprietário com singular bondade. As suas palestras foram anunciadas nos jornais locais e, na primeira noite, para sua surpresa, a sala estava lotada e muitas pessoas foram impedidas de entrar por não conseguirem obter entrada.

Este primeiro discurso público foi um dos seus esforços mais bem-sucedidos e foi muito favoravelmente elogiado e relatado pela imprensa, e um senhor que estava presente ficou tão profundamente interessado que fez um contrato com o jovem orador em transe para palestrar duas vezes na cidade vizinha. Um grande sucesso acompanhou as reuniões e, com o seu nome já assinalado em conexão com uma oratória poderosa e eloquente, Willie regressou a casa. Nesta altura, os jornais espiritualistas já tinham pegado no assunto e ele encontrou à sua espera mais compromissos do que aqueles que podia cumprir.

CAPÍTULO II

INÍCIO DO TRABALHO PÚBLICO

O jovem médium estava agora plenamente lançado no trabalho que, de todos os outros, tem sido o mais incompreendido e o maior que este século viu. O seu coração começou a ficar totalmente absorvido nele, se é que alguma vez se pôde dizer que

esteve separado daquilo que fora uma realidade para si desde a infância.

Foi por esta altura que o companheirismo de que necessitava, e que tem sido desde então uma fonte de força para si, foi encontrado no acontecimento que, de todos os outros, é o melhor ou o pior que pode ocorrer na vida de um homem. Ficou a conhecer a Sra. Susie Willis (nascida Webster), que é bem conhecida nos Estados Unidos como palestrante, e foi enquanto ela discursava para uma audiência que a viu pela primeira vez. Ela estava nessa altura noiva de um próspero ministro batista, com quem pretendia casar em breve.

No verão de 1871, ambos frequentaram um acampamento espiritualista e, no decorrer de uma sessão à noite, Winona, que se tinha tornado agora o principal espírito controlador de William Fletcher, falou para ela e disse: "Você não casará com o homem de quem está noiva. Consigo ver aquele com quem casará." Embora recebida com total incredulidade na altura, a predição de Winona foi, como de costume, verificada e, muito pouco tempo depois, o anel de noivado do ministro batista foi-lhe devolvido, e as circunstâncias aproximaram William Fletcher e a Sra. Willis. Muito bem para o bem da verdade foi que este acontecimento tenha ocorrido, pois se o casamento desta última tivesse tido lugar como antecipado, o ministro teria feito o seu melhor para pôr de lado o uso daqueles grandes dons espirituais que foram dados a Susie Willis desde a infância e que efetuaram tanto bem a um grande número de pessoas que os apreciaram e valorizaram a sua amizade.

Ela, também, era clarividente desde a infância e começou a palestrar com a precoce idade de quinze anos, de modo que toda a sua vida a tinha preparado bem para a carreira que estava diante do seu marido. O casamento teve lugar muito mais cedo do que fora pretendido, visto que desejavam começar uma vida

independente, e foi consequentemente solenizado na casa do pai da Sra. Willis, em Lawrence, Massachusetts, na tarde de 24 de março de 1872. O casamento foi celebrado por várias pequenas receções dadas ali, e também em Westford, onde alguns quartos foram colocados à sua disposição pelo pai de William, e durante algum tempo este último local tornou-se o seu lar.

Este casamento foi a fortaleza da sua vida e o meio através do qual a sua mediunidade se tornou amplamente conhecida. Em carácter, William Fletcher era simples e afetuoso, mas excessivamente sensível e facilmente exaltado ou deprimido; era rapidamente incitado à indignação pelo erro, mas era manso e muito perdoador por natureza; em intelecto era intuitivo e fortemente original — um pensador e reformador —, mas sem as capacidades práticas que abrem caminho no mundo. Poesia e música ele amava apaixonadamente e, possuindo uma natureza refinada e pura, os seus instintos levavam-no a esquivar-se daqueles que o rodeavam em vez de iniciar uma batalha com o seu materialismo. Ele teria vivido uma vida de sonho própria e não teria encontrado nem censura nem acolhimento se não fosse pelo espírito forte que agora se encontrava ao seu lado.

Quando ele vacilava, ela encorajava, e quando muitas vezes durante os anos vindouros o seu rosto pálido ficava um tom ainda mais pálido, e as lágrimas vinham aos seus olhos pelo contacto com algum pensamento ou ação cruel, ela afastava a nuvem com um sorriso de ternura e uma voz firme, que o encorajava sempre a olhar para o melhor lado de tudo o que encontrava e a continuar a trabalhar.

Não posso deixar de dedicar algumas palavras à mediunidade da Sra. Fletcher antes de passar aos acontecimentos que se seguiram. O seu trabalho recente dando sessões semanais gratuitas na Associação Nacional Britânica de Espiritualistas demonstrou a natureza valiosa dos seus dons a muitos

investigadores e, nas ocasiões em que estive presente, fiquei profundamente impressionada pela caridade e amor, e pela natureza elevada dos sentimentos expressos pelos espíritos controladores. Eles respiravam uma atmosfera radiante com a presença de um mundo mais puro do que o nosso, um no qual as teologias estreitas tinham perecido para sempre à luz da verdade. Ela teve muitas experiências maravilhosas. Um espírito salvou-a de entrar no comboio fatídico que caiu da ponte em Ashtabula, segurando-a quando ela estava no ponto de entrar na carruagem do comboio, e com tal poder que ela se sentiu compelida a ceder.

Poucas horas mais tarde veio o telegrama com as notícias do terrível acidente e, como muitos outros, ela sentiu a mais profunda gratidão para com esses guardiões da sua vida que nunca a falharam e por cujo cuidado ela podia de facto agradecer a Deus. Passar alguns dias na sua companhia é suficiente para convencer qualquer pessoa da existência de espíritos, seja qual for o seu ceticismo.

A residência em Westford não durou muito. As circunstâncias que levaram a um afastamento da família de William reduziram-nos a uma condição na qual a mediunidade profissional parecia o único recurso. Em 1873 foram consequentemente pela primeira vez ao acampamento de Lake Pleasant, onde um grande número de médiuns e espiritualistas bem conhecidos estava reunido. Enquanto esteve lá, William teve uma visão extraordinária.

Estava sentado nas margens do lago e, como a tarde estava a chegar ao fim, os seus amigos vieram procurá-lo e todos descansaram juntos por um momento debaixo das árvores. Subitamente viu uma luz brilhante numa espécie de pequeno caminho entre os pinheiros, que parecia iluminar todo o cenário ao seu redor, e um espírito apareceu diante do seu olhar espantado de tal poder e beleza maravilhosos que todos os que

contemplaram a visão foram dominados por temor respeitoso e emoção. Tal como os soldados romanos de antigamente, aos quais veio uma visão semelhante, alguns quase desmaiaram de terror.

Ele ergueu lentamente a cabeça e lançou uma luz em forma de estrela em direção ao nosso médium e depois, avançando mais para perto, colocou a sua mão sobre a cabeça dele e gradualmente tornou-se absorvido no seu corpo. O espírito, que se anunciou como o de um antigo egípcio, começou a proferir uma mensagem através dos lábios do médium em transe,* e as palavras são tão notáveis, tendo parte das profecias já sido literalmente cumprida, que as dou, tanto quanto possível, na íntegra. Dirigindo-se à Sra. Fletcher, ele disse: "Este instrumento através do qual falo tem um grande trabalho a fazer além-mar, e ele irá para uma terra onde é um estranho. Em três anos a contar desta altura estarão localizados em Londres.

O meu médium começará o trabalho, mas você visitará previamente Londres e preparará o caminho para ele, e dentro de três anos estarão ambos a viver lá. Ele visitará o Egito e a Palestina com o propósito de recolher força e poder, e o espírito de profecia, que está realmente estampado em cada polegada de superfície no próprio solo dessas terras psíquicas. Ele regressará então a Londres e vejo-o primeiro em pequenos aposentos sozinho. Ele entrará nos próprios dentes da oposição e por um tempo será muito difícil, pois não receberá acolhimento daqueles que deveriam ser os seus irmãos na causa.

Vejo-os a mudar para uma casa" — e aqui o espírito descreveu com precisão os quartos ocupados pelos Fletchers em Bloomsbury Place — "onde permanecerão apenas um ano, e aqui o vosso sucesso público, que será muito grande, começará. Vejo agora um grande salão diante de mim, e este lugar tornar-se-á um centro de trabalho para esta causa. Deixarão então a casa que descrevi e entrarão noutra e, não obstante pensarem que

enfrentaram toda a oposição possível, descobrirão que ela apenas começará nessa altura.

Este médium será chamado a sacrificar tudo pelo princípio e, conforme ele for fiel a esse princípio, assim será o fim. Pois nesta altura ele terá ganho a sua independência espiritual, e o grupo de espíritos ao seu redor será obrigado a confiar o resultado nas suas mãos, e conforme ele for fiel ou falso à verdade assim será esse resultado. A tribulação está diante dele. Se ele for fiel ao princípio há apenas uma coisa que o espera, e essa é uma prisão. Ele terá de escolher entre dar todas as coisas e ganhar apenas uma cela de prisão por um lado, e obter tudo o que a fortuna e a compensação

- *Um espírito avançado pode facilmente usar qualquer língua humana familiar ao médium empregue e que esteja impressa no seu cérebro.*

por prejuízo lhe possam dar por outro. O seu trabalho mais grandioso será com homens do mundo, que são ignorantes das verdades espirituais, até que ele seja finalmente acolhido e reconhecido, não apenas em Inglaterra, mas por toda a Europa. Vejo a prisão diante de mim, e é nessa altura de provação que cada força latente da sua natureza se desdobrará, até que finalmente a Europa ressoará com o seu nome."

Até agora as profecias deste espírito extraordinário foram completamente cumpridas; e o futuro terá de falar pela precisão das que restam.

William Fletcher e a sua mulher foram então para Boston e apresentaram-se no escritório do *Banner of Light*, onde lhes foi demonstrada grande bondade pelo Sr. Rich, um dos sócios da empresa, que lhes ofereceu quartos e os apresentou a muitas pessoas para as quais os seus dons invulgares foram de grande serviço, enquanto a sua fama como médiuns de teste aumentava rapidamente. Lá permaneceram até à primavera de 1875.

Uma noite um espírito falou para a Sra. Fletcher numa voz audível e disse: "Levanta-te de imediato e prepara-te para ir para Londres." Ela ficou naturalmente não pouco perplexa com a natureza repentina e perentória da ordem. Foi no anoitecer de um dia de abril. A ordem foi repetida num tom mais alto. A Sra. Fletcher indagou quando é que devia partir. A voz respondeu: "No dia 19. Duas vezes obedeceste sem questionar — estás pronta para o fazer pela terceira vez?" Ela disse "Estou", e fez os preparativos necessários de imediato.

Ao chegar às docas pouco tempo depois, e fazendo o pedido ao mordomo do barco a vapor prestes a partir, foi informada de que os camarotes estavam ocupados e que não podia ir. O capitão, contudo, ouviu por acaso o seu pedido e disse que, como passava muito do seu tempo no seu quarto de convés, ela podia ficar com o camarote dele. Isto ela, naturalmente, recusou, mas no momento em que o fez, um homem veio apressadamente a bordo para dizer que, como a sua mulher tinha ficado perigosamente doente, ele estava impossibilitado de navegar e tinha de desistir do seu camarote.

Foi de imediato colocado à disposição da Sra. Fletcher e, dentro de duas horas, içaram velas para Inglaterra. Logo no início da viagem ela teve uma forte impressão de que o capitão se tornaria num dos seus melhores amigos. Foi uma fonte de força e conforto para ela, pois poucos de nós, se é que algum, fomos mandados ir para uma terra desconhecida na qual seríamos absolutos estranhos e, com um aviso de poucas horas, apanhar passagem para ela a bordo de um barco a vapor que não continha uma única pessoa que se pudesse chamar de amiga e, mais do que tudo, fazer isto com meios aparentemente inadequados, para algum propósito não reconhecido e não revelado. Entre os quarenta passageiros que diariamente se reuniam no convés e no

salão, apenas quatro eram senhoras e todos eram estranhos para a Sra. Fletcher.

Ela sentou-se durante as refeições à mesa do capitão, tendo-lhe o lugar por algum acaso sido atribuído, mas mal tinha havido tempo para ela fazer conhecimento com a única pessoa que tinha demonstrado bondade para consigo, sucumbiu a uma doença grave. Essa doença tornou-se o meio, não só de verificar o seu pressentimento, mas de transformar o barco a vapor desolado num verdadeiro lar. O ataque começou com um enjoo marítimo comum, passou para uma febre inflamatória e por fim ela ficou delirante durante um dia inteiro.

A sua doença despertou a maior simpatia entre os seus companheiros de viagem e, quando o ponto de viragem foi atingido, ela pôde dizer: "Adormeci primeiro neste pequeno camarote cercada por estranhos, e em cinco dias acordei para os encontrar como amigos." O capitão demonstrou-lhe toda a bondade e atenção e ficaram rapidamente nos termos mais agradáveis e amigáveis. Um dia ele disse-lhe subitamente: "Desculpe-me, mas a senhora não é uma espiritualista?" A Sra. Fletcher reconheceu-o de imediato. Ele disse: "Há sete anos, tive uma senhora a bordo que era médium, mas eu sou um total descrente. Senti que a senhora era uma enquanto falava consigo." Em consequência desta descoberta do capitão, o tema do espiritualismo foi discutido quase todas as noites, produzindo, como é habitualmente o caso, a expressão de cada tom de opinião e, claro, a inevitável oposição de um clérigo que estava entre os passageiros.

Ele era, contudo, um pouco mais caridoso do que a maioria dos da sua classe e expressou a sua crença de que era "tudo magnetismo". "Eu sei o que é", disse ele, "uma imaginação distorcida, esse é o segredo de toda a coisa." A Sra. Fletcher disse: "Se assim é, o que diria se essa imaginação fosse infalível e

lhe dissesse mais verdade do que aquela que alguma vez obteve de quaisquer seres humanos, ou alguma vez aprendeu antes em toda a sua vida?"

O clérigo respondeu: "Nunca conheci um médium que me pudesse dizer seja o que for." No momento em que ele proferiu estas palavras a Sra. Fletcher tornou-se clarividente e viu de pé ao lado deste senhor uma senhora tão distintamente visível que começou a descrevê-la. "Vejo uma senhora perto de si", disse ela, "que veste um seda branco com folhas da cor do chocolate. Ela diz: 'Oh, Alfred, foste tão bondoso ao insistir para que me pusessem este vestido, porque sabes que eu teria gostado de ser amortalhada com este melhor do que com qualquer outro.'" O clérigo sobressaltou-se e disse: "Sra. Fletcher, o que quer dizer?" Ela respondeu: "É a sua mulher. A mãe e a criança morreram antes de a criança nascer." Ele exclamou: "É verdade, cada palavra. É a minha mulher. Os amigos dela queriam que ela fosse amortalhada da forma habitual, mas eu disse que ela devia vestir o vestido com as folhas da cor do chocolate como eu sabia que ela teria gostado." Ele acrescentou: "Bem, a senhora tem razão. Não importa o que a Bíblia diz, é um facto. Não estava na minha mente, — o único pensamento na minha mente era que era absolutamente impossível para a senhora dizer-me seja o que for."

Ele mudou gradualmente para um espiritualista assumido e o capitão não só se tornou num também, mas num dos seus mais verdadeiros amigos. Das viagens de nove anos, nenhuma, disse ele, tinha sido tão cheia de interesse para si como esta. Entre os seus companheiros de viagem estava um escocês, a quem a Sra. Fletcher tinha quase repelido. Enquanto navegavam pelo Clyde acima ele veio ao convés e propôs a todos que cantassem "De novo em casa". Quão tristemente as palavras ressoaram nos ouvidos dela só ela sabia, pois ela estava a ir para longe de casa e

não havia nada de acolhedor para si nas costas estranhas e desconhecidas que eram tão bem-vindas para os restantes.

Ela esgueirou-se para o seu pequeno camarote. Lá o capitão encontrou-a e, escancarando a porta, disse-lhe que sabia o que eram as saudades de casa e, cheio da simpatia não expressa que é mais do que palavras, deu-lhe o seu braço, levou-a para o convés e observaram os passageiros, que alegremente cantavam e dançavam. No meio disto a Sra. Fletcher sentiu uma mão sobre a sua testa e viu uma senhora de pé junto a si. Perguntou-lhe "quem era". A resposta veio: "Não estou morta, — não estou morta." A Sra. Fletcher disse: "Pensei que era um espírito." A senhora respondeu: "Sou a mãe do Archie. Penso sempre nele e venho quando ele entra no porto, e mostrei-me a si." A Sra. Fletcher repetiu isto ao capitão, que não negou a afirmação e observou que era estranho. Algum tempo mais tarde ele reconheceu que tinha visto a sua mãe, numa dessas ocasiões, vir ter com ele ao seu camarote.

Nessa noite a Sra. Fletcher foi sozinha para Londres, sentindo-se desolada e desamparada. As breves companhias da viagem tinham passado, — os seus amigos passageiros estavam dispersos; ela estava sozinha. À sua chegada a Londres, aquele grande e frio oceano de vida que engole as suas gotas individuais com tão soberbo desprezo, a primeira pessoa que ela encontrou foi o velho escocês. Cumprimentaram-se mutuamente, frescos com as memórias da viagem recente — como velhos amigos.

Ele implorou-lhe que o acompanhasse ao Langham Hotel e jantasse com ele em conforto e, grata pela genuína bondade e hospitalidade da oferta, ela aquiesceu, e o seu companheirismo amigável destruiu a sensação sombria com que olhava para a nossa sombria metrópole pela primeira vez. Ele permaneceu com ela durante o dia e depois regressou à sua casa no norte. A

amizade parecia ter iluminado a sua estranha viagem como a luz do sol a romper através de um céu invernal.

Do Langham Hotel, a Sra. Fletcher dirigiu-se primeiro a um bem conhecido médium de cura, de quem sabia um pouco na América, e ele encaminhou-a para o Sr. James Burns, no n.º 15 de Southampton Row, também chamado Instituição Espiritual. O Sr. Burns recomendou-lhe aposentos em Vernon Place. Foi a única ocasião em que a Sra. Fletcher cruzou o limiar da Instituição, devido à oposição que parecia existir ali em relação aos seus amigos do escritório do *Banner of Light*, e ao equívoco com que os princípios sociais que ela defendia no seu sentido mais elevado eram recebidos.

Ela foi apresentada à Sra. Anne Kimball e, através da intermediação de alguns amigos, começou a receber pacientes nos seus quartos. Com a honestidade de uma natureza forte e pura, pronta a sacrificar o mundo pela sua consciência, a Sra. Fletcher declarou a sua adesão ao princípio de que o amor — o amor mais elevado, isto é, entre homem e mulher — devia ser livre; não, contudo, com a liberdade da licença, mas da libertação.

Esta doutrina aparentemente muito incompreendida, que, tanto quanto sei, significa simplesmente um casamento harmonioso em vez de discordante, e a liberdade de o realizar, trouxe-lhe não pouca crítica da parte de algumas daquelas mentes britânicas cuja tendência é materializar e, consequentemente, degradar as verdades mais elevadas da humanidade. Contudo, despertou a simpatia de alguns amigos reflexivos. Entre estes e outros a quem dava sessões diárias, ela permaneceu durante cerca de três meses em Londres. Veio então a ordem para partir, dada tão subitamente como a que fora dada em Boston. Uma noite, ela ouviu uma voz espiritual dizer-lhe: "Tudo está pronto para o teu regresso.

Abrimos um caminho para o Sr. Fletcher." Foi-lhe dito para se preparar de imediato, e que seria capaz de ir. Com uma fé inquestionável, ela conduziu na manhã seguinte para os escritórios da Companhia Cunard, e descobriu que podia partir de comboio a tempo de apanhar o barco a vapor em Queenstown, e à sua chegada lá subiu a bordo. Não tinham navegado muito para fora quando a Sra. Fletcher sentiu uma influência singular e uma previsão dos acontecimentos que iriam acontecer durante a viagem.

O capitão era um materialista, mas isso não a impediu de lhe dizer o que ela previa e, enquanto caminhavam juntos no convés, ela disse: "Sinto que vamos ter uma tempestade antes de desembarcarmos e, quando estivermos há oito dias no mar, teremos uma colisão, e haverá perda de vida, mas não do nosso lado." O capitão riu-se e respondeu que ela era uma profetisa alegre. As profecias, contudo, foram verificadas. Em oito dias o barco a vapor abalroou uma escuna, e doze dos catorze marinheiros a bordo desta última afogaram-se, e, após uma travessia calma, o tempo mudou subitamente e enfrentaram uma tempestade de três dias. Cinco pessoas converteram-se ao espiritualismo durante a viagem, e o assunto foi muito discutido, estando um espiritualista veterano entre os passageiros.

Realizaram-se reuniões no salão, e foram dadas palestras no domingo, e uma sessão bem-sucedida concluiu as manifestações, as quais, mesmo no meio das condições e influências desfavoráveis que cercam um barco a vapor transatlântico, não deixaram de dar provas do poder dos espíritos para aconselhar e precaver, e de fornecer evidências da realidade do invisível.

No meio de obstáculos aparentemente insuperáveis, a longa viagem para Inglaterra tinha sido realizada em segurança, e o caminho preparado para o trabalho do seu marido começar.

Quem, nestes dias, teria partido numa viagem de milhares de milhas, sem meios adequados quer para a viagem quer para as necessidades da vida no fim da jornada? Tal como os Apóstolos de antigamente, estes dois trabalhadores partiram como lhes fora ordenado, "não tendo nem alforge, nem ouro, nem prata", nem qualquer coisa provida.

CAPÍTULO III

ENVIADO PARA O MUNDO

"Um som suave, uma luz terrível! Dois anjos transportam o Santo Gral."

WILLIAM FLETCHER tinha agora alcançado aquilo que é essencial para todo o grande trabalhador no mundo, — a sua independência. A sua natureza sensível tinha, antes disto, recuado de todo o contacto com estranhos, e ele confiava naquela que lhe estava mais proximamente associada, — a sua mulher —, para se interpor entre ele e as influências várias e agudamente sentidas dos muitos visitantes que o procuravam para entrevistas e para obter provas da realidade dos seus dons extraordinários. Forçado a confiar em si próprio ou a desistir daquilo que sentia ser uma verdade sagrada, ele reuniu coragem para continuar sozinho e, desta forma, a força latente do seu espírito desenvolveu-se para uma cruzada mundial.

O sucesso começou a tornar o seu nome amplamente conhecido, mas, tal como um caminho parecia aberto diante de si para um trabalho permanente e influente na América, a sua saúde voltou a falhar-lhe subitamente, e o desgosto doméstico atingiu o seu clímax e separou-o de uma vez por todas dos laços familiares

aos quais sempre se tinha apegado. Sintomas de doença pulmonar de um tipo alarmante mostraram-se, e o seu médico assistente disse que a residência num clima quente era absolutamente necessária. Para William, o conselho parecia quase o mesmo que uma recomendação para se candidatar à Presidência dos Estados Unidos. A sua fortuna fora sacrificada; ele tinha acabado de começar a obter meios suficientes para viver, e uma viagem longa e dispendiosa, que exigia uma grande quantia de dinheiro e descanso absoluto para si, era um plano que lhe parecia totalmente sem esperança.

Ele só podia desistir das suas sessões por um tempo e confiar na assistência prestada pela Sra. Fletcher, a qual era necessária para o escasso sustento deles. Ela dava sessões e dedicava o seu tempo e os seus maravilhosos dons espirituais aos seus visitantes, e ele permanecia impotente nas garras do que parecia provável vir a ser uma doença fatal. Mas o mesmo Deus que lhe tinha dado um poder que, no momento marcado, estava destinado a influenciar a nossa era, e que o tinha conduzido para fazer esse poder ser reconhecido pelos seus semelhantes, decretou que a Sua obra devia ser feita, e à Sua própria maneira, não obstante cada obstáculo.

O Ano Novo chegou. A 1 de janeiro de 1876, um do seu grupo de espíritos veio ter com ele e desejou-lhe um "bom Ano Novo". Parecia quase uma zombaria, mas o espírito clarividente continuou — "Este ano", disse ele, "será um dos mais marcantes da tua vida. Tu cruzarás as águas; antes que um mês passe, estarás em Londres." Parecia incrível: os dois trabalhadores desolados só podiam aceitar a mensagem em silêncio e aguardar o resultado. Não esperaram muito. No dia 7, um senhor que eles tinham por acaso conhecido visitou-os para se despedir. Estava prestes a deixar os Estados Unidos e a ir para a Europa durante o resto do inverno. No decorrer da conversa, e enquanto ele expressava o

seu lamento pelo estado da saúde de William, a Sra. Fletcher não pôde deixar de exclamar em resposta: "Gostaria que o Sr. Fletcher fosse consigo!"

O senhor respondeu instantaneamente: "Deixe-o vir." Ela, naturalmente, respondeu que isso estava fora de questão, e o assunto foi encerrado. Na noite de domingo seguinte, contudo, o amigo deles voltou a visitar, acompanhado pela sua mulher. Ele disse: "Sabe que não sou médium, mas sonhei que um espírito veio ter comigo ontem à noite e disse 'Leva o Fletcher contigo.' Porque é que ele não pode vir?" A Sra. Fletcher disse: "Conhece as circunstâncias dele e quão impossível é para ele fazer uma viagem como a que propõe."

A senhora, contudo, insistiu no ponto. "Eu peço", disse ela, "a companhia dele como um favor. Completará o nosso grupo, e ele será capaz de acompanhar a minha filha a locais onde não tenho energia suficiente para a levar. Ajudará a mediunidade dele." Mas os Fletchers, por um sentimento de dúvida quanto à conveniência do plano sugerido, voltaram a recusar a bondosa oferta. Em vão o Sr. S—— instou William a reconsiderar: "É a única coisa", disse ele, "para salvar a sua vida. Não vem?" Ele respondeu: "Não." E o Sr. S—— deixou-os, depois de lhe ser dito definitivamente que o plano era absolutamente impossível. Às cinco horas dessa manhã, um espírito controlou a Sra. Fletcher e disse ao seu marido: "Levanta-te e faz a tua mala, e já." A energia do espírito e a ordem urgente tiveram o seu efeito; foi-lhe dito que era um dever e que a proposta que lhe fora feita tinha sido intencionalmente delineada, e ele sentiu que um poder irresistível o influenciava. Levantou-se de imediato e obedeceu à ordem.

Mal a sua mala estava cheia antes de o Sr. S—— vir novamente, informando-os de que não tinha conseguido dormir. Encontrou William, para seu deleite, preparado para se juntar a ele, e apenas a tempo. Conduziram juntos: o camarote foi

assegurado, e no dia seguinte o doente estava a caminho da Europa, e a profecia de que ele estaria em Londres no decorrer do mês cumpriu-se. Depois de passar uma ou duas semanas lá, durante as quais não teve ligação com o trabalho do espiritualismo, o grupo viajou para o sul, visitando Paris, Cannes, Marselha, Nissa, Florença e Veneza, até que finalmente cruzaram as águas azuis do Mediterrâneo.

O ar quente e seco de Alexandria era um verdadeiro elixir de vida para alguém na condição do nosso médium. Foram todos juntos para lá e permaneceram por um tempo entre os cenários do Egito ensolarado, os quais estão cheios da vida psíquica de outras eras, e que apelavam à sua natureza intuitiva e faculdades clarividentes de uma forma tal como poucos podem conceber. A vida do presente, com o seu caminho de ferro, o seu hotel barulhento, os seus orientais pitorescos, a sua mistura de carregadores apressados, mendigos e rapazes dos burros, tudo estranhamente contrastado com a solene vida interior que pairava em mistério ao redor das antigas "Agulhas", das Pirâmides, do imponente Mnemón e da solitária Esfinge, —

"— olhando em frente com olhos calmos e eternos."

Aqui, se é que em algum lado, estava concentrada a vida do passado, uma vida da qual nós, com todo o nosso conhecimento, quase nada sabemos. A ascensão à Grande Pirâmide foi feita; os 470 pés laboriosamente superados, a vista do deserto contemplada a estender-se por baixo em toda a sua quietude ininterrupta. Poucos conhecem o segredo escrito em linguagem solene nas suas próprias pedras; ninguém talvez antes, desde que fora erguida, se tinha colocado no seu ápex e compreendido quão cedo a era para a qual ela apontava com um dedo silencioso estava prestes a despontar, e o segredo selado prestes a ser entregue.

Muitos, de facto, reconhecem as profecias finais do nosso tempo e esperam por alguma mudança poderosa que venha sobre a terra; mas será a chave de todas as religiões, da grande história e significado do mundo, reconhecida neste apocalipse de pedra? Serão os mistérios estranhos do "discípulo amado", com a sua visão final de vida e glória infinitas, finalmente compreendidos? As horas que se apressam o demonstrarão.

Depois de visitar este mais interessante dos cenários terrestres, William partiu para a Terra Santa. Não posso fazer melhor do que dar algumas das suas experiências nessa terra através das suas próprias palavras.* Ele escreve:

"Uma viagem no Canal de Suez, com as incontáveis estrelas a brilhar no alto e os raios de luar a derramar belezas sobre as águas, é de facto uma alegria. O grupo é todo de pessoas agradáveis, embora tenhamos ministros de todas as denominações, e assim que os sinos estão a dar a hora da meia-noite pisamos a terra em Port Said, para descansar pelo resto da noite. Deste porto apanhamos um barco a vapor austríaco para a antiga Jope, ou Jafa, como é agora chamada.

O porto é muito mau, o mar muito agitado, mas somos obrigados a apanhar pequenos barcos enviados para nos encontrar a duas milhas da costa. Foi neste porto que os cedros do Líbano foram desembarcados para a construção do famoso templo do Rei Salomão. É notável por duas coisas: primeiro, por ter sido o local de permanência de Simão, o Curtidor; e, segundo, pelos seus extensos pomares de laranjeiras.

Os pomares cobrem cerca de quarenta acres e produzem cerca de um milhão por acre; o fruto mede desde quinze polegadas de circunferência para baixo." Um lugar agradável na verdade para o antigo Simão e todos os outros homens, não obstante o porto e o mar agitado!

"Prosseguimos a seguir para a Terra Santa. Os mais infiéis entre nós tiveram todos ideias visionárias, revestidas com qualquer poesia que a imaginação possuísse, desta terra onde o grande Auto da Paixão sobre o qual o Cristianismo construiu a sua fé foi encenado. Falamos delas às nossas crianças e, em horas de reflexão, parecem ser localidades e lugares que pertencem a outro mundo; as colinas e os vales não são feitos de barro comum.

Ao ler a Bíblia povoámos estes lugares a partir da nossa imaginação, dilatámos sobre as suas glórias e tornámo-nos eloquentes sobre as suas belezas. Uma viagem de dez milhas traz-nos à antiga Torre de Ramleh, ainda de pé, cercada pelos seus claustros, 'através dos quais os passos de homens piedosos costumavam ecoar.' Vieram depois as belas planícies de Saron, verdes e férteis à luz quente do sol; a maior parte do grupo deixou as carruagens e caminhou, colhendo aqui e ali os belos lírios do campo, cuja riqueza de cor ultrapassava a glória de Salomão."

- *De cartas publicadas na altura.*

"Por todo o país pouco trabalho agrícola está a ser feito; a expectativa de guerra chamou muitos dos homens mais jovens para fora; aqui e ali há campos, homens e mulheres idosos a arar com arados feitos de um pau pontiagudo, tal como se supõe que Abraão tenha usado. Passado um pouco chegamos às altas colinas da Judeia e começamos a sua ascensão. Longas linhas de camelos, carregados com pesadas cargas, serpenteiam ao longo da encosta da montanha, enquanto ao redor estas altas colinas se erguem em direção ao céu azul profundo, envoltas num silêncio impressionante e profundo.

Antigamente, estas colinas eram férteis e produtivas, e estavam dispostas em patamares até ao seu próprio cume e cobertas de oliveiras e figueiras; mas isso foi há longos anos. O tempo, com as suas mudanças incessantes, varreu toda esta

verdura; os ventos sopraram a terra para os vales e onde outrora a vegetação florescia reina agora a desolação. Todos os olhos olham agora ansiosamente para Jerusalém, à medida que ganhamos alguma nova eminência; finalmente, o nosso dragomano, que vai à frente, acena o seu chapéu e ganhamos nova coragem.

Toda a gente está em silêncio — pois todos sentimos que estamos prestes a olhar para aquela cidade cujo nome e renome foram cantados em quase todas as terras; que estamos prestes a ver o Monte Sião, o Siloé e muitos outros lugares sagrados caros a cada coração humano."

"Vimos Jerusalém num bom momento e a partir de um bom ponto; o sol estava justamente a pôr-se, inundando a montanha e o vale com a sua luz gloriosa. O alto minarete da Mesquita de Omar e a cúpula da Igreja do Santo Sepulcro erguiam-se como torres de vigia sobre a cidade murada. Às portas fomos obrigados a deixar as nossas carruagens, visto não haver nenhuma rua em Jerusalém com mais de seis pés de largura e nenhuns veículos serem permitidos na cidade." ... "Após uma caminhada de alguma distância, sob arcos e edifícios salientes, chegamos à Igreja do Santo Sepulcro, a qual está construída sobre o local onde tantos acontecimentos trágicos foram encenados.

Entrando no edifício através do inevitável ajuntamento de mendigos, o primeiro objeto que se depara ao olhar é a guarda turca; pois como todas estas denominações têm capelas sob o mesmo teto, assim é necessário ter uma guarda em assistência constante para as impedir de lutar umas com as outras, e isto, também, num templo dedicado ao Príncipe da Paz! Diante de nós está a laje de mármore que cobre a Pedra da Unção, sobre a qual dizem que o corpo de Jesus foi deitado para o preparar para o seu sepultamento final. Perto disto está o local 'onde a Virgem esteve enquanto o seu corpo estava a ser ungido.'

A poucos passos disto, na Rotunda, chegamos ao local mais sagrado da terra, — um local onde, instintivamente, o mais desatento de nós pisa levemente, fala baixo e suprime a respiração, — o suposto túmulo de Jesus. Está encerrado numa espécie de templo e, em ambos os lados da entrada para ele, estão velas imensas. Dentro do templo está uma parte da própria pedra que também dizem ter sido rolada da porta do sepulcro e sobre a qual o anjo se sentou; ao redor dela pendem muitas lâmpadas de ouro e prata, ofertas dos soberanos da Europa."

"Todos os cristãos (exceto os protestantes) têm capelas aqui e o serviço decorre a todas as horas; assemelha-se a uma exibição de escola de ginástica ver estes homens a curvar-se e a beijar a terra! Quem pode compreender que isto é o Calvário, que neste local o corpo desgastado e sangrento de um homem foi tirado de um instrumento de morte e tortura, considerado demasiado baixo até para a simpatia humana — este local com que os poetas cristãos sonham e cantam? No entanto, sabemos que é, toda a história aponta para ele com um dedo infalível.

Os católicos detêm o local e o serviço católico decorre; e cada um louvando silenciosamente a Deus por o descanso ter chegado há muito ao trabalhador cansado, descemos as escadas. É um lugar que não admite palavras; estamos, por mais profanados que estejam, frente a frente com as realidades."

"O seguinte objeto de interesse, e um que, com o seu pátio, ocupa um quarto de Jerusalém, é a Mesquita de Omar. Para um maometano a Mesquita é o local mais sagrado da terra e ninguém senão os fiéis era outrora admitido; mas uma chave de prata serve em muitas fechaduras hoje em dia e por um franco pode-se ir onde se quiser. Há uma rocha imensa no centro da Rotunda; sobre esta rocha (assim, não preciso de dizer, ... corre a lenda), Abraão esteve perto de oferecer o seu filho Isaac, e o anjo esteve de pé e ameaçou Jerusalém, e David persuadiu-o a poupar a cidade.

Maomé ascendeu da pedra ao céu. É afirmado que a rocha está suspensa no ar e há uma escadaria que leva para debaixo dela.

Há também uma 'pedra da salvação', como é chamada, no chão; coloca-se dinheiro sobre ela e os seus pecados são perdoados. Nós assim fizemos. Um sacerdote veio e, com a dignidade quieta de um jogador de roleta, contou o dinheiro e afastou-se, e nós discutimos a questão de saber se esse investimento pagará dividendos ou não."

"Cá em baixo no solo, por baixo do pátio da grande Mesquita, estão os restos do Templo de Salomão — uma alvenaria da qual nada sabemos; não uma parede fina preenchida com entulho, mas blocos de pedra tão sólidos e firmes que todas as mudanças do tempo falharam em esboroar ou mudar — esses arcos grandiosos que sugerem a beleza imponente daquela estrutura que outrora esteve no alto.

Descemos outro lanço de escadas e vemos um lugar escavado numa rocha, dito ter sido o berço de Jesus; há tapetes persas diante dele e aqui vêm as pessoas para adorar, ajoelhando-se diante dele e beijando o granito frio. Oh! se eles pudessem apenas amar-se uns aos outros como amam os seus ídolos! Os tanques de Siloé ainda enviam os seus ribeiros de água clara nos quais, nos tempos antigos, tais prodígios foram operados; o Getsémani ainda floresce com uma verdura distintamente sua; o Monte das Oliveiras ergue-se em direção ao céu como antigamente e a colina do Mau Conselho, com a sua árvore solitária na qual Judas se enforcou, destaca-se contra o céu.

Os cenários exteriores são ainda os mesmos. Esta é, pois, Jerusalém: e há aqui menos de 100 cristãos protestantes. Os reavivamentos são desconhecidos e os missionários são forçados a trabalhar arduamente e com fracos resultados."

Há uma tristeza na descrição destes locais sagrados, os cenários de sofrimento que apenas aqueles que se tornaram mártires pela verdade podem compreender, com a qual se pode bem simpatizar. Ali, a turba miserável que se juntou ao redor do Cristo e gritou "Crucifica-o! crucifica-o!" passou para sempre, sem nome e desonrada; e os homens ajoelham-se agora para beijar o caminho sobre o qual os seus pés cansados passaram.

Mas, infelizmente! as mesmas bocas que beijam essas pedras sagradas podem soprar maldições e palavras de desprezo; e o Cristianismo de quase dois mil anos de idade está tão cheio de derramamento de sangue como se o Príncipe da Paz nunca tivesse dito aos homens para se amarem uns aos outros. A ironia da homenagem vistosa no Calvário e o materialismo embotado dos adoradores formam um quadro do Cristianismo como ele existe em todo o lado. Adoração da letra e escravatura mental, combinadas com a guerra, o despotismo religioso e o vício; rejeição da verdade e perseguição dos mensageiros de Deus enviados do Céu. Novamente poderia o clamor lamentoso ser repetido a partir de outro Monte das Oliveiras — "Se tu tivesses conhecido, tu mesma, as coisas que pertencem à tua paz! mas agora estão ocultas aos teus olhos!" Ocultas por uma cegueira interior tal que apenas a longa educação do sofrimento pode remover.

Cito as descrições conclusivas da visita a esta terra outrora favorecida: aquela que se relaciona com o cenário final da grande tragédia do passado, — a traição do Salvador dos homens.

"Subimos a escadaria que leva à muralha exterior do Monte Sião e, tendo atingido o ponto mais alto, traçámos o nosso caminho para o dia; abaixo de nós está o Vale de Josafá e além dele o Monte das Oliveiras e, ainda mais longe, o Jordão serpenteia o seu caminho. Passamos para fora através das portas da cidade para o vale e logo descemos alguns degraus e ficamos

diante dos célebres tanques de Siloé, onde, nesses dias antigos, tantos prodígios foram realizados; a grande bacia quadrada, de cerca de vinte pés de profundidade, está ainda perfeita e foi aqui que os batismos tiveram lugar. Há também uma entrada para uma rocha na colina, onde a água borbulha clara e fresca."

"Diante de nós ergue-se uma alta parede branca; batemos numa pequena e baixa porta aí existente e logo se ouve um tilintar de correntes e um tinir de chaves, a porta abre-se e um velho padre franciscano coloca-se diante de nós. Fomos obrigados a curvar-nos para entrar e, à medida que o fazemos, o guia sussurra, 'Getsémani', uma palavra tão cara para nós quanto o sagrado a pode tornar. Um local mais belo nunca vi; diretamente dentro da parede há um caminho em saibro ao redor do jardim; santuários estão encastrados na parede, ilustrativos da vida de Jesus, e diante destes santuários os devotos estão ajoelhados.

O jardim está cercado por uma alta grade de ferro. O portão abriu-se para nós e encontramo-nos num belo e pequeno jardim com uma bordadura de buxo alta e bem aparada, e os canteiros frescos e brilhantes com belas flores; há também muitas oliveiras aqui — aquela debaixo da qual Pedro dormiu, aquela debaixo da qual Jesus rezou durante a longa e cansativa noite, e aquela debaixo da qual Judas deu o beijo, são mostradas como estando ainda de pé; a árvore apontada pela tradição como aquela debaixo da qual essas orações se ergueram tem um tapete de violetas inglesas em flor durante todo o ano, e não pudemos deixar de sentir que nenhum almofadado mais macio poderia ser encontrado, e nenhum incenso mais doce poderia subir ao céu do que o destas belas flores. Colhemos algumas para recordação; causou um pouco de choque ver o local tão cultivado e, contudo, talvez seja melhor assim, pois a linguagem sem voz destas flores está melhor sintonizada para cantar os Seus louvores do que as línguas humanas alguma vez poderão estar. Os católicos possuem

o terreno e os gregos lutaram recentemente com eles; e agora estes últimos vão ter outro!"

William Fletcher entrou ali sem qualquer espírito de curiosidade. Foi-lhe ordenado que entrasse naquele pedaço de terra nunca a ser esquecido, e foi no Getsémani que viu a visão sagrada que não veio a nenhuns outros olhos senão aos seus, e que encheu o lugar com o esplendor de outro mundo. Ele contemplou, no mesmo local onde tinha sofrido e sido traído, o Cristo, uma vez mais na terra, e cercado pelos doze apóstolos.

Acima dele erguia-se um belo arco de luz, sustentado em cada extremidade pelas duas Marias. Ele perguntou a estas duas: "O que significa isto?" A resposta veio: "Fui a primeira na cruz e a última no sepulcro. Sou a primeira a anunciar o arco de triunfo e a última a abandoná-lo." Tão verdadeiramente se cumpriram as palavras "A glória que tu me deste, eu a dei a eles" e "Se alguém me serve, meu Pai o honrará."

Eles trouxeram este arco até que ele repousou diretamente sobre o nosso médium, e ali apareceu uma pomba branca sobre o peito de Cristo, a qual voou para cima da sua cabeça. Dela ele retirou uma carta dobrada, na qual estava escrito "Ordens seladas", e ele pegou nela e colocou-a no seu peito. Então caíram sobre os seus ouvidos as belas e tocantes palavras: "Como o teu dia, assim será a tua força, e conforme derdes aos meus pequeninos um copo de água fria, assim vos será retribuído mil vezes mais."

A sequela veio em Paris, — essa cidade de alegria e prazeres terrenos. Estranho contraste! William tinha-se recolhido para descansar e, enquanto jazia na cama, sentiu uma mão pousada sobre o seu ombro. Olhando para cima voltou a contemplar Cristo, que simplesmente lhe disse: "Podes ler as tuas ordens. Elas são para ir para Londres. Toma a tua cruz e segue-me."

CAPÍTULO IV

TRABALHO EM LONDRES

DEVO aqui retroceder um pouco no curso dos acontecimentos e levar o meu leitor até Roma, a qual William Fletcher visitou, juntamente com Nápoles, Florença e Genebra, no seu caminho da Terra Santa para Paris. Ele descreve vividamente as impressões externas causadas na sua mente pelo solo clássico sobre o qual se encontrava finalmente, tal como tantos outros dos seus compatriotas; as internas, as histórias invisíveis escritas no palácio, na muralha e no templo, as influências indeléveis da vida fortemente pulsante do povo que outrora governou o mundo, quem as retratará em palavras? Ali estão elas, apenas à espera da perceção espiritual da raça vindoura para entregarem o seu tesouro oculto e revelarem a história antiga como nenhumas bibliotecas na terra poderão alguma vez contar.

Tal como os acontecimentos do tempo de Abraão podem ser lidos à luz que está agora a cair sobre algum planeta distante no espaço, se a ciência ali tiver atingido um ponto que permita aos seres que o povoam ler a visão, assim também podem os acontecimentos do passado ser lidos pelo olho clarividente na indelével influência magnética que é lançada por algumas fortes paixões ou sofrimentos humanos nas próprias paredes que olharam para eles em silêncio petrificado.

Os homens escavam os touros alados e as lajes esculpidas de uma Nínive e pensam que sabem algo das raças do passado; o psicometrista recolhe, ou ser-lhe-á dado, um fragmento da estátua ou da parede do templo, e coloca-o na sua testa, e contempla num sonho vivo as cenas, as formas, os trajes, as próprias ações de homens que passaram da vida da terra há milhares de anos.

Eles aparecem, não como espíritos vivos, há uma diferença abissal entre os espíritos respirantes que nos cercam e comunicam com o homem e as histórias espirituais de uma era muito remota, mas como uma visão gravada pela força da alma que é a vida interior de toda a matéria física e que recebeu as subjugantes influências magnéticas de fortes presenças humanas e dos acontecimentos com os quais estavam envolvidas. A hora que tornará conhecida esta estranha faculdade psicométrica, agora o dom de alguns dos ridicularizados filhos da terra, embora investigações recentes tenham indicado tenuemente a possível indelebilidade de impressões aparentemente transitórias, apontará para uma nova era no desenvolvimento espiritual do homem.

A era que a tornar o poder reconhecido de todos aponta para o advento de uma nova ciência; uma ciência que penetrará as realidades subjacentes da vida com um olhar perfurante; que revelará a imortalidade inconsciente na natureza e fará com que as próprias rochas e as suas páginas enterradas entreguem os segredos pelos quais a geologia pergunta em vão. Sei que essa hora virá, tente quem tentar travar o seu avanço; do mesmo modo poderia o símio-selvagem do passado declarar que não se tornaria num homem civilizado, — gozar da sua ciência, poesia e arte. "Sem pressa, sem descanso", apesar do sofrimento, da ignorância, do ódio ao caminho traçado, a raça humana avança para realizar o grandioso plano de Deus: quem pode travar o seu progresso?

O que viu o nosso médium na Colina Pártica, no Coliseu, debaixo do Arco de Tito, na Via Ápia? Na sua carta registada ele remete-se ao silêncio, tal como esteve em silêncio sobre as sagradas presenças no Getsémani, e eu não quebro a reserva que ele manteve. Ele conta a história exterior e é fácil ver como o seu espírito, resplandecente com a luz da nova religião, recua perante o materialismo e o culto de fetiches das crenças ortodoxas.

"As igrejas", escreve ele, "em Roma são o ponto de interesse seguinte e guardam muitas das relíquias sagradas que os católicos tanto prezam; entre as mais notáveis estão as escadas da casa de Pilatos, as quais se diz que Jesus subiu na altura do julgamento. Estas estão numa pequena capela, chamada Scala Sancta. São de mármore branco e cobertas de madeira; as pessoas não têm permissão para subir a não ser de joelhos e lamento dizer que havia centenas à espera de uma oportunidade.

O degrau superior não está coberto de madeira e está gasto vários centímetros. Defronte desta capela está a Basílica de São João de Latrão. Constantino fundou esta basílica no século IV; desde então tem figurado como a mãe de todas as igrejas cristãs; os Papas foram todos coroados aqui e durante mil e quinhentos anos manteve os seus privilégios. No meio dos monumentos e igrejas de Roma, a de São Pedro ergue-se acima de todas elas; de qualquer ponto da cidade as suas magníficas proporções podem ser claramente vistas, mas é impossível para a mente medir o seu tamanho imenso, exceto indo ao topo da rotunda e olhando para baixo sobre ela.

Quase defronte do altar está uma estátua colossal de São Pedro, numa postura sentada; um pé está estendido e o seu famoso dedo grande do pé é visto proeminentemente. Cada homem, mulher e criança, que alguma vez espera, deseja ou anseia ver a sua santidade no Céu, beija este amado dedo do pé! e a consequência é que a estátua de São Pedro precisará em breve de um novo, a menos que as pessoas ganhem mais bom senso, e no todo é muito mais fácil adquirir o primeiro do que o segundo.

"Há também uma cadeira de marfim, chamada a cadeira de São Pedro, cercada por belas estátuas, e além disso um pedaço da cruz original, uma mecha do cabelo da Virgem Maria, o lenço que a mulher de Pilatos deu a Jesus, sobre o qual a impressão do seu rosto ficou deixada, e algumas outras relíquias; estas foram todas

mostradas ao povo, depois do *Miserere* no dia anterior ao Domingo de Páscoa, perante uma audiência imensa, no meio dos gritos, cânticos e orações dos adoradores.

Refleti desta forma: há apenas trezentas e sessenta e cinco igrejas católicas em Roma, e apenas cinco mil padres e monges, e as orações começam às três horas da manhã e duram apenas até às dez da manhã, e se as orações e as igrejas salvassem um povo ou uma cidade, então não deveria Roma de todas as outras ser a mais abençoada?"

"Contudo, com a construção destas igrejas e o advento destes padres, o sol da grandeza de Roma pôs-se para sempre. Não mais os estadistas, não mais os oradores do grandioso passado antigo, mas imitadores desses mestres, que apenas podem reproduzir em pequena escala e nunca originar. E assim será com cada terra e com cada povo que seguir este curso."

A "adoração da letra" em Jerusalém, em Roma, em Inglaterra, onde quer que seja, é a morte do "espírito". Nunca mais do que nesta hora de misturada escravatura mental e materialismo religioso e científico, de ignorância e fanatismo, e ateísmo e anarquia, se exigiu algum toque de trombeta para acordar estes mortos adormecidos, com voz sagrada e angélica, e declarar que "a letra mata, mas o espírito dá vida".

William Fletcher sentiu que não podia permanecer em Paris depois de receber aquela mensagem cujas estranhas palavras fecham o último capítulo. Sentiu-se impelido a obedecer à ordem que lhe fora dada e a ir para Londres, onde lhe foi novamente dito por muitos espíritos que um grande trabalho estava diante de si, e informou o seu bondoso e generoso amigo de que sentia que tinha finalmente de deixar o agradável grupo de companheiros de viagem.

Em um ou dois dias encontrou-se no meio da nossa cidade escura e sombria, e quase sem amigos, e chegando após um período de desânimo para os espiritualistas, o que os fazia olhar com frieza para os trabalhadores que estavam a ser sacrificados pela sua causa, ele ali mesmo, no mês de abril de 1877, começou o seu trabalho.

Sabendo que havia um lugar chamado Instituição Espiritual em Southampton Row, visitou o local na manhã seguinte à sua chegada e teve uma breve entrevista com o Sr. James Burns. O lugar refrescou não pouco as suas expectativas, depois dos grandes edifícios dedicados ao espiritualismo na América, mas ele estava disposto a trabalhar em qualquer lugar pelo bem da sua causa. "Fui dirigido por influência espiritual para vir para Londres", disse ele. "Há algum trabalho para eu fazer?" O Sr. Burns respondeu sucintamente: "Não. Os médiuns americanos arruinaram a causa aqui e gostaria que nenhum deles voltasse a pôr os pés em Inglaterra."

O espírito do nosso médium foi despertado e ele disse: "Se os médiuns americanos arruinaram o espiritualismo em Londres, só posso dizer que, se estiver ao meu alcance, um médium americano há de redimi-lo", e deixou o local.*

A receção desdenhosa e a indiferença geral, que teriam esmagado quase qualquer outro homem, deram-lhe coragem, e a assistência veio no meio das suas ansiedades. Justamente quando estava no ato de se afastar do local, entrou um americano que estava prestes a deixar Inglaterra e que bondosamente lhe deu uma apresentação ao Signor Rondi. Ele não trouxe cartas de recomendação das Américas, pelo que sugeriu de imediato que a sua mediunidade fosse testada. Assim se fez e o Signor Rondi expressou-se de todas as formas satisfeito com o resultado e ofereceu-se para o apresentar a amigos. Em conformidade, levou-o à casa da Sra. Guppy-Volckman, onde William Fletcher deu

alguns testes excelentes que foram muito convincentes para as pessoas presentes, e isto resultou em ele ser convidado para uma das receções da Sra. Weldon, onde voltou a ser muito bem-sucedido.

Entre os convidados presentes estavam o Sr. Martheze, o Almirante Inglefield, o M. Menier, o Sr. G. H. Gledstanes e o Sr. W. H. Harrison, o editor do *Spiritualist*. Um dos primeiros espíritos que falou através dele foi William White, um falecido editor do *Banner of Light*, que desejava falar com o Sr. Harrison como um irmão na causa. Este último, contudo, recebeu-o tão friamente que o desgosto feltro pelo espírito se refletiu no médium e fez William Fletcher sentir-se infeliz, sem saber porquê, durante vários dias depois.

Ele não foi apresentado a nenhum dos convidados, de cujas condições e circunstâncias estava completamente ignorante, mas Winona deu alguns testes extraordinários ao Almirante Inglefield, que tinha sido um dos exploradores do Ártico, e também ao M. Menier, e uma segunda sessão na casa da Sra. Weldon, realizada no solo clássico da biblioteca de Charles Dickens, resultou igualmente bem tanto para o médium como para os participantes. Nenhuma assistência lhe foi dada pelos jornais espiritualistas, os quais ele viu de imediato que não estavam em harmonia uns com os outros, nem com os trabalhadores pelo espiritualismo em regra, e foi nesta altura que a tentação lhe veio de desistir do que era claramente uma luta dura e dolorosa e regressar à América, o que ele próprio desejava muito.

Alguns dos espíritos ao seu redor chegaram a desesperar do sucesso; mas uma noite, enquanto estava num concerto, a sua mão foi violentamente controlada por um espírito, que escreveu: "Não há fuga possível disso. Temos grande necessidade de ti aqui. Tens de permanecer." Mensagens semelhantes vieram através de outras fontes e, embora William Fletcher tenha reservado três vezes

passagem para o seu regresso às Américas, nunca deixou Inglaterra e entregou-se pacientemente a provar a realidade do seu poder durante cerca de quatro ou cinco meses, marcando sessões com muitos visitantes antes de aceitar a menor ninharia em troca, por mais necessária que fosse para o seu sustento.

"Vou oferecer os meus serviços para serem testados", disse ele, "e se forem julgados dignos de ser aceites, falaremos de remuneração mais tarde."

- *Esta simples observação, que foi repetida no Whitehall Review, no decorrer de uma observação muito justa, é a verdadeira origem de uma série de ataques absolutamente injustificáveis ao Sr. Fletcher num jornal espiritualista, cujas respostas foram suprimidas pelo seu editor.*

Como decidiu permanecer em Londres, apresentou-se na Associação Nacional Britânica de Espiritualistas, sem apresentação nem amigos. "A minha mediunidade", disse ele, "é toda a apresentação que alguma vez levo comigo e, se organizarem uma sessão, terei todo o prazer em dar uma, com a condição de que as pessoas presentes me sejam desconhecidas." Assim se fez e alguns bons testes foram dados aos participantes, os quais foram de certo modo mal relatados no *Spiritualist*. Depois disto, começou a receber visitantes como médium profissional.

Entretanto, uma força adicional veio ter com ele na presença da sua mulher, cuja fidelidade ao princípio, firme vontade e espírito corajoso lhe deram todo o apoio que uma natureza organizada como a sua exigia. Ela tinha deixado Londres a 17 de julho do ano anterior, e o dia 17 de julho de 1877 viu o *California* a navegar pelo Clyde acima. À medida que se aproximava das docas, ela lembrou-se subitamente da profecia que lhe fora feita

por um dos membros do grupo de espíritos ao seu redor, de que, "dentro de um ano estaria em Londres novamente."

Com a exceção de uma breve ausência nas Américas ou no Continente, ali permaneceu desde então. Uma curiosa prova do poder dos espíritos foi-lhe dada numa das ocasiões em que William Fletcher tinha telegrafado a dizer que regressaria à América e que partiria num certo barco a vapor, tendo todos os preparativos sido feitos para o receber. No dia anterior à chegada do barco a vapor, a Sra. Fletcher foi ter com o célebre médium, Charles Forster, e entre as perguntas que escreveu nas bem conhecidas bolinhas de papel estava uma a perguntar se o seu marido chegaria como ela esperava. A isto veio a resposta: "Não. O barco a vapor chegará, mas não o verá. Ele enviou uma carta em vez disso, e essa carta pede-lhe que se junte a ele em Londres." A afirmação era perfeitamente exata e a carta chegou devidamente às mãos da Sra. Fletcher.

Os Fletchers tomaram agora um conjunto de aposentos no n.º 4 de Bloomsbury Place e recebiam regularmente visitantes como médiuns profissionais, embora a Sra. Fletcher não tenha mantido esta posição exigente durante muito tempo. Dificilmente precisarei de lembrar ao leitor que eles se dedicaram a este trabalho em Londres quase imediatamente após o julgamento de Henry Slade por "obtenção de dinheiro sob falsos pretextos", não sendo a possibilidade de comunicação com espíritos reconhecida pela lei inglesa.

Será lembrado que os acusadores, Ray Lankester e Henry Donkin, depuseram ter visto a "escrita em lousa" ocorrer sob circunstâncias tão suspeitas que praticamente equivaliam a fraude descoberta; que a prova foi reduzida ao único ponto de saber se Slade enganou ou não os dois acusadores; e que a totalidade da prova em favor da realidade do fenómeno da "escrita direta", ou escrita que ocorria sem intervenção humana, foi excluída, embora

admitida pelo magistrado como sendo "esmagadora"; que Slade, que se declarou não culpado, com tudo o que essa negação envolvia, foi condenado na acusação em questão e sentenciado a três meses de prisão com trabalhos forçados; que foi feito um recurso e que ele escapou à prisão por um ponto técnico, após o qual deixou imediatamente Inglaterra, sofrendo de doença.

Foi sentido por todos os espiritualistas que a verdade pela qual tinham vindo a travar tão dura batalha estava em julgamento — e não Slade — e que o golpe tinha sido dirigido com vista a esmagar o espiritualismo em Inglaterra e desacreditar as suas testemunhas, tendo a sua discussão aberta na Associação Britânica em 1876 provocado oposição por parte de certos homens de ciência, que declaravam que esta tinha sido desgraçada pela introdução do assunto.

Se a obtenção da verdade tivesse sido o objetivo desejado, a oferta de Slade a Lankester,* a qual foi feita imediatamente após a sua recuperação, teria sido aceite, e as investigações subsequentes de Zöllner, Weber, Fechner e Scheibner na Alemanha, em cuja presença este infeliz médium deu as sessões mais bem-sucedidas em plena luz do dia, teriam provocado um exame cuidadoso dos factos.

• *Dou essa oferta no final deste capítulo, e remeto o leitor para "Psychography", por M.A. (Oxon.) (E. W. Allen, 11, Ave Maria Lane), para provas relativamente à mediunidade de Slade.*

Mas é o destino de alguns homens desempenhar o papel dos inquisidores do passado, que prenderam Galileu por lhes dizer um facto que não sabiam antes; a velha história é encenada com uma centena de variações, uma e outra vez. Numa era é a verdade astronómica; noutra a reforma religiosa; numa terceira uma grande invenção ou um apelo à liberdade; e no nosso próprio

tempo a verdade espiritual, esse poder que só por si pode unir a ciência e a religião em nobre harmonia e lançar luz sobre o passado, o presente e o futuro. A ignorância e o fanatismo fazem o seu trabalho neste tempo, como o fizeram antigamente. Mas a verdade prevalecerá.

Nos próprios dentes de todas estas dificuldades, William Fletcher começou de forma briosa os seus trabalhos, trabalhos pelos quais nenhum dinheiro o poderia pagar, pois eram dados à custa dos seus poderes mais vitais e de tudo o que torna a vida agradável e cara aos seres humanos. Consciente da sua honestidade e do seu amor pela verdade sagrada confiada à sua guarda, ele entrou numa atmosfera escura com o espírito de perseguição e suspeita. Sabia do seu perigo. Uma precaução apenas ele se permitiu tomar ao início, e foi a de afixar um pequeno cartaz na parede do seu quarto privado, para o qual chamava a atenção dos visitantes, apontando-lhes claramente que não se responsabilizava pelo fracasso.

Ele foi fortemente aconselhado por alguns espiritualistas amigos, que reconheciam de bom grado os seus poderes, a escapar a todo o risco de infringir os estatutos declarando que através dele eram exibidos apenas certos fenómenos mentais. Isto foi instantaneamente rejeitado tanto por William Fletcher como pela sua mulher, e a alguém que implorou a esta última para reconsiderar a decisão deles, ela disse, com toda a intensidade da sua forte natureza: "Deus nunca ilumina a sua alma como ilumina a nossa. O meu marido tem apenas uma vida, e essa vida é a causa do espiritualismo; ele tem apenas uma verdade, e essa é a verdade do espiritualismo; e ele tem apenas um Deus, e esse é o Deus dos espíritos."

O amigo deixou-a e apelou a William Fletcher, em nome da Associação Nacional Britânica de Espiritualistas. "Considera", disse ele, "o perigo em que estás? O teu cartaz não serve de nada.

Não te proponhas a explicar o poder que te é dado; apresenta-o como fenómenos mentais." O nosso médium ergueu-se da sua cadeira e, com ardente indignação, disse: "Há apenas duas coisas que me forçarão a parar de dar as minhas sessões e de afiançar que são dadas sob o controlo direto de espíritos; uma é a prisão, a outra é a morte. Dou as minhas sessões não como um 'fenómeno mental', mas como um médium de transe, sob o controlo direto de espíritos. Se for preso, serei apenas mais um mártir pela verdade, e se tiverem mais vinte almas no cativeiro alterarão a lei; se eu for um daqueles que ajudará a fazê-lo, considerar-me-ei um homem feliz."

Nota. A oferta de Henry Slade a Ray Lankester:

"CARO SENHOR, — Tendo o Dr. Slade recuperado de certo modo da sua doença muito grave, e tendo o seu compromisso em São Petersburgo sido adiado (por desejo dos seus amigos ali) até ao outono, pede-me para fazer a seguinte oferta:

"Ele está disposto a regressar a Londres com o propósito expresso e único de o satisfazer de que a escrita em lousa que ocorre na sua presença não é de modo algum produzida por qualquer truque seu. Para este propósito ele irá à sua casa, desacompanhado por qualquer pessoa, e sentar-se-á consigo à sua própria mesa, usando a sua própria lousa e lápis; ou, se preferir vir ao quarto dele, ser-lhe-á igualmente conveniente.

"No caso de qualquer acordo ser aceite, Slade preferia que o assunto fosse mantido estritamente privado.

"Como ele nunca pode garantir resultados, dar-lhe-á até seis tentativas, e mais se for considerado aconselhável. E não terá qualquer despesa ou encargo.

"Você, pela sua parte, comprometer-se-á a que, durante o período das sessões e durante uma semana após as mesmas, não

moverá nem fará mover, nem apoiará procedimentos legais contra ele ou contra mim."

"Que, se no final ficar satisfeito de que a escrita em lousa é produzida de outra forma que não por truque, abster-se-á completamente de dar mais seguimento aos procedimentos contra nós, e permitir-nos-á permanecer em Inglaterra, se assim o optarmos, sem sermos molestados por si.

"Se, por outro lado, não ficar satisfeito, terá a liberdade de proceder contra nós, após o expirar de uma semana a contar da conclusão dos seis ou mais exames, se ainda estivermos em Inglaterra. Notará que Slade está disposto a ir ter consigo sem testemunhas suas, e a confiar inteiramente na sua honra e boa-fé.

"Consciente da sua própria inocência, ele não guarda qualquer malícia contra si pelo passado. Ele acredita que o senhor foi muito naturalmente enganado pelas aparências, as quais, para alguém que não tinha previamente verificado o fenómeno sob condições mais satisfatórias, podem muito bem ter parecido suspeitas.

"Caso não tenhamos notícias suas dentro de dez dias a contar desta data, Slade concluirá que o senhor recusou a sua oferta.

"Tenho a honra de ser, Senhor, seu atento servidor,

"37, Spui Straat, Haia, 7 de maio de 1877."

"J. SIMMONS."

A isto nenhuma resposta foi concedida.

CAPÍTULO V

WINONA E A IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

"Ah! Cristo, quem me dera que fosse possível Por uma curta hora ver As almas que amámos, para que nos pudessem dizer O que e onde elas estão!"

AQUILO com que o poeta sonhou torna-se num facto realizado na presença do nosso vidente. Ele contempla de facto as "almas que amámos" e elas dizem-nos na verdade através dos seus lábios "o que e onde elas estão". Triplamente abençoado poder de visão!

Quem — se ao menos o soubesse como alguns sabem — não se apressaria a passar uma hora — curta embora pudesse ser — na companhia daquele que vê aquilo que daríamos tudo o que possuímos para contemplar: as formas e rostos bem lembrados daqueles que outrora estiveram connosco na forma mortal, e que fazem tudo o que podem para nos dar a saber que vivem e continuam a amar-nos? Que isto é "possível", declarem-no estes capítulos.

"Ser capaz", diz um jornal notável pelo seu antagonismo ao espiritualismo, num artigo sobre os exames psicológicos de Galton, "de a todo o tempo recordar vividamente aquele rosto morto, e com as mudanças passageiras que tão bem conhecíamos a passar por ele como nuvens num dia de verão sobre o mar, ou vento sobre os campos de trigo — o que a maioria das pessoas não daria?" Contudo, isto refere-se a um mero esforço de imaginação, exercido por uma pessoa ao recordar a forma de alguém de quem se lembra bem.

Transforme-se isso numa visão viva vista por um estranho, que a descreve ao pormenor, que entrega mensagens compreendidas por si e não por ele, que lhe dá provas de que não uma visão, mas um ser inteligente está ao seu lado, alguém que se lembra de si e de incidentes do passado, alguém que lê os seus pensamentos e conhece os acontecimentos mais íntimos da sua

vida, — e esse desejo é uma vez mais respondido por um facto. É meu desejo tanto torná-lo conhecido como explicá-lo.

Winona é o espírito delicado que arrebata o seu médium e profere as mensagens da multidão ansiosa que se encontra ao seu redor e que está desejosa de dar a menor palavra de afeto, ou sinal de identidade, aos seus amigos na terra. E quem é Winona? Ela é a amiga-espírito e guardiã mais fiel que um ser humano poderia possuir, e um dos primeiros espíritos que se manifestaram a William Fletcher. Ela veio ter com ele logo após a sua visita ao Maine, e cedo obteve a confiança que ele, desde essa altura até agora, depositou na sua fidelidade e veracidade. Foi uma mudança agradável, também, em relação ao breve companheirismo de um espírito chamado "Wanafa", a quem ele graficamente descreveu como "mexeriqueira", e que se afeiçoou a ele por um tempo. Ela não tinha nada a dizer sobre o mundo espiritual; nada a ensinar sobre as verdades momentosas da vida invisível, mas passava o seu tempo a relatar tudo o que testemunhava entre as pessoas ao seu redor, o que a interessava muito mais a ela do que ao seu médium.

Muito diferente em natureza e em propósito era Winona, que tinha regressado à vida da terra após um longo e tranquilo descanso no outro mundo, porque o seu espírito estava maduro para a grande obra a ser realizada através da mediunidade de William Fletcher. A sua história como mortal é breve e patética. Ela, também, foi um espírito-mártir, e como uma bela jovem índia, em parte de ascendência inglesa, tinha escolhido, há muitos centenas de anos, na cruel luta entre o homem branco e o filho da floresta, a morte em vez do cativeiro.

Ela é maravilhosamente inteligente e observadora, e mostra frequentemente aquele amor pela poesia que parece inerente à sua raça, e que fez de Hiawatha uma inspiração tão adequada para um poema. "A alma trepa pelas suas trepadeiras", escreveu ela uma

vez através da minha mão, e pensei, ao ver as palavras, que eram tão belas quanto verdadeiras.

Os meus leitores perdoar-me-ão por citar no íntegra as seguintes linhas, ditas através da Sra. Conant, pela mãe de Winona, pois incorporam brevemente, em palavras simples e musicais, o comovente relato do seu destino. São uma improvisação.

"À luz do sol, à luz das estrelas,
Nas luas de há muito tempo —
Antes de o solo virgem de Shawmut
Tremer sob o arado do homem branco;
Antes de os grandes lagos e os rios
Ouvirem a canção do homem branco;
Antes de o Pai de todas as Águas
Os carregar nos seus braços fortes para a frente;
Para a frente, de terras e tendas distantes,
Onde o sol do sono vem, Onde os guerreiros ouvem o brado de guerra
Nas vozes dos tambores;
Vivia Winona — criança da Natureza!
Primeira filha, bela, donzela de testa sombria, a cuja chegada a bela Metoka
Onde as flores florescem foi deitada, —
Cresceu Winona, forte e bela,
Mais bela do que as flores da
Primavera; E os ecos da sua doce voz
Faziam as colinas e os vales ressoar.
Se o veado vermelho passava a sua tenda —
Logo tremia na planície —
Pois a seta de Winona
Nunca deixava o seu arco em vão!
Dezasseis vezes a neve tinha caído,

Dezasseis vezes o sol escureceu,
Desde que os guerreiros e as donzelas
Cantaram o hino fúnebre de Metoka.
Então a voz estranha do homem branco
Ressoou por todos os nossos campos de caça;
E os seus pés velozes nunca vacilaram
Quando se aproximaram dos nossos montes sagrados.
Toda a nossa caça os seus longos rifles caçaram,
Rapidamente tornando-a sua,
Não prestando atenção ao suspiro da donzela,
Não temendo o franzir de sobrolho do guerreiro.
Então a voz de Wanandago
Caiu em acentos suaves e baixos,
Perguntando, iria a bela Winona
Para a terra da luz do sol?*

- Ao nascer do sol, depois de o conselho ter sido mantido durante toda a noite, era costume chamar a mais bela da tribo e dar-lhe o direito de escolher entre a morte pelas mãos do seu parente mais próximo ou o risco de ser capturada e escravizada pela tribo conquistadora. A sua decisão era tida como a voz do Grande Espírito, da qual não havia recurso. Winona era a primeira filha da casa de Wanandago, que era na altura o sachem da tribo.

Rápida a resposta veio, como sombras
Enchendo toda a sua alma com a noite —
'Eu irei, ó poderoso sachem,
Onde o céu é sempre brilhante;
Onde os nossos campos de caça são maiores;
Onde a água é sempre clara;
Onde os espíritos dos nossos pais
Cantam o hino de alento do homem vermelho!'

Logo os guerreiros e as donzelas
Cantam de novo a sua canção fúnebre;
Pois o espírito de Winona
Para a terra da luz nasceu!
Mas esta noite ela vem saudar-vos,
Vem em humildade, vem em amor;
E com mãos delicadas guiar-vos-ia
Para essa terra de luz no alto;
Onde nenhum homem branco rouba o índio,
Onde não mais o sol escurece;
Onde os guerreiros e as donzelas
Não mais cantam o hino fúnebre;
Nessa terra onde as estrelas são mais brilhantes, Onde os raios de luar caem suavemente,
E a bênção do grande Manito,
Como a luz do sol está sobre tudo;
Ali o índio mantém o seu conselho,
E os seus pensamentos tornam-se grandes e fortes
Enquanto os anjos ensinam o perdão
Pelo terrível mal do homem branco.
Aqui o seu tomahawk e setas
Repousam debaixo das vossas grandiosas tendas;
Ali a sua alma bebe a sabedoria
Da gloriosa terra dos espíritos!.
Ficai bem, ó mortais de rosto pálido,
Até que no conselho estejais,
Frente a frente com a bela Winona,
Na Terra da Manhã do Índio."
Não é nenhuma ficção que fala da "bela Winona".

Aqueles que têm o privilégio de a ver descrevem-na como assemelhando-se a uma rapariga espanhola, com grandes olhos

escuros e possuindo um rosto belo e inteligente. Ela veste frequentemente uma espécie de traje egípcio, e materializou-se várias vezes nele, apresentando uma aparência muito graciosa aos espetadores. Não é frequentemente, contudo, que os seus amigos são assim favorecidos, visto Winona reservar a sua força para o seu trabalho especial, o qual conduz com o tato e a previsibilidade, e esses maravilhosos poderes de discernimento, que tornaram o seu nome e o do seu médium palavras conhecidas de todos entre um grande círculo de pessoas.

Quando Winona se associou pela primeira vez a William Fletcher ela mal sabia falar inglês, e passou muitas horas meramente a adquirir o poder de se manifestar através dele trabalhando em missangas e aprendendo pacientemente muitas das fases da vida moderna na terra que eram novas para ela. Quando os seus primeiros desgostos o ensombraram como uma nuvem pesada, foi a voz de Winona que o animou e o inspirou com coragem para o seu trabalho. "Confia em mim", disse ela, "e provar-te-ei quão mais valioso é um amigo-espírito do que um terreno." E ela cumpriu a sua palavra.

Que lei bela é essa que dá a um espírito poder para falar a mortais ignorantes através do organismo de um ser humano, numa altura em que fazê-lo diretamente é ainda, exceto sob condições especiais e raras, uma impossibilidade! Pode-se falar com este espírito delicado como com um amigo, e como um amigo, também, que fará o seu melhor para consolar cada coração sofredor que vê diante de si.

Pois Winona contempla a vida interior, e pode dizer o que os homens e as mulheres são melhor do que eles próprios se conseguem compreender. Com certeza este grande e bom poder deveria ensinar a cada fariseu que denuncia o controlo por espíritos uma lição que o tornasse humilde e disposto a estudar e a aprender novas verdades!

A nenhum douto divino do passado foi permitido ensinar e aconselhar sobre algumas das questões mais momentosas ligadas à nossa era, a nenhum venerável prelado, ou autor de elaborados comentários ou tratados teológicos conhecidos da história, mas à "criança da Natureza", a donzela índia, que está mais perto do Cristo que nunca conheceu na terra do que muitos ditos cristãos que repetem os formulários da igreja. É-nos ensinado, e temos de aprender, que o índio é tão filho de Deus como qualquer compatriota nosso! Uma hora na presença de Winona dá ao nosso mundo uma verdade pela qual ele poderia pedir ao colégio de bispos em vão, e que é de mais valor para o homem do que todos os sínodos e convocações que alguma vez foram reunidos.

Tal como o seu médium, ela não tem credo, apenas o amor de fazer o bem e tornar a verdade conhecida à semelhança de Cristo, e se lhes perguntardes sobre a sua fé, ambos responderiam simplesmente nas nobres palavras que apelaram a cada alma amante da liberdade: "O mundo inteiro é a minha pátria, e fazer o bem a minha única religião."

Passo dela própria para o seu trabalho. A evidência de influência espiritual dada através da mediunidade de William Fletcher varia desde a clarividência* ordinária até às provas mais perfeitas de identidade dos espíritos, e essas provas são geralmente de um carácter tão pessoal e tantas vezes sagrado que experimentei não pouca dificuldade em recolher a quantidade relativamente pequena de evidências dada neste e no capítulo seguinte.

Era meu plano não registar nenhuns factos aos quais tanto nomes como moradas não tivessem sido anexados, mas na maioria dos casos fui obrigada a desistir da ideia, ou a omitir uma seleção de alguns incidentes muito interessantes, de cuja verdade eu própria estava suficientemente assegurada. Foi bem observado por um bem conhecido e muito hábil escritor sobre

espiritualismo,† que "aqueles que vivem como numa vida ressuscitada, na sagrada consciência de intercurso com os seus amigos falecidos, são impacientes a ser entrevistados por alguma pessoa pragmática, ou mesmo por algum investigador muito fervoroso mas incompetente, e a serem forçados a produzir evidências que espremem as suas próprias almas mais íntimas para a satisfação de um homem por cujas convicções prós ou contras se importam, exceto em princípios abstratos de filantropia universal, extremamente pouco, e, por regra, esta evidência não é dada."

Vimos quão severa era a oposição ao espiritualismo na altura em que William Fletcher chegou a Londres, e quão muito pequenas pareciam as suas hipóteses de sucesso. É apenas devido a ele e ao seu incansável espírito conselheiro, Winona, reconhecer que os dons e o julgamento de ambos devem ter sido de uma ordem nada comum para atrair tal atenção, e despertar tal interesse num período em que a verdade espiritual era objeto de ridículo público.

• *Um bom relato da sua clarividência no sentido ordinário é dado pelo Hon. Percy Wyndham, M.P., no Spiritualist de 21 de maio de 1880. Não cito a partir dele, visto não conter nenhuma das evidências de existência de espíritos que desejo colocar diante do leitor.*

† M.A. (Oxon.)

A série de sessões dadas à Associação de Dalston foi abertamente reconhecida por esta, tão satisfatórios foram os resultados para os membros, e em pouco tempo o nosso médium era acolhido entre as pessoas mais influentes da sociedade inglesa, sendo recebido nas diferentes embaixadas e dando a um grande círculo de investigadores essas provas pessoais da

existência de espíritos que são inestimáveis como auxílio à aceitação dos grandes princípios da religião do Espiritualismo.

Nessa altura ele ocupava uma posição social e profissionalmente que tinha sido atingida por nenhum outro médium em Inglaterra, e artigos sobre ele apareceram na *University Magazine*, *Whitehall Review*, *Life*, *Scientific and Literary Review*, *St. Luke*, bem como muitos avisos em vários jornais, incluindo *The Troubadour*, *Law Times*, etc. Estes podem ser tomados como indicações de um poder que se tem vindo a fazer sentir silenciosamente por toda uma grande secção da sociedade, mas que, como já expliquei, não pode ser tão abertamente reconhecido como desejaríamos.

Uma característica muito curiosa em casos de controlo direto por espíritos, onde Winona não atua como o agente, é a impressão deixada no organismo do médium pelo espírito. Por regra, seria impossível permitir que estas sensações fossem experimentadas por ele com qualquer consideração pela sua saúde e segurança, e é raramente, e apenas sob certas condições, que Winona cede o seu encargo peculiar como o agente na transmissão de mensagens dos amigos-espíritos dos participantes. Mas os exemplos que cito são indubitavelmente valiosos no ponto de evidência. Darei um ou dois exemplos desta lei. Uma senhora veio ter com William Fletcher quando ele estava nos Estados Unidos, a qual lhe era inteiramente desconhecida.

Ao passar para o estado de transe, um espírito falou através dele, que se lhe dirigiu pelo nome. Era o espírito de um parente, e um suicida, que expressou profundo arrependimento pelo seu ato precipitado, e confessou que não tinha, por este método, saído da sua tribulação. Tanto a pena de morte como o suicídio cessarão assim que os factos do espiritualismo forem compreendidos, visto ser reconhecido quão inútil é para um criminoso, ou para uma

pessoa em ansiedade ou aflição, trocar uma condição má por outra.

Depois de a entrevista terminar, William Fletcher mal conseguia respirar, e o seu pescoço inchou a tal ponto que ele foi obrigado a tê-lo ligado. Em várias ocasiões, quando controlado por espíritos que eram cegos e surdos na vida terrena, a sua visão e audição foram grandemente afetadas durante algum tempo depois. Parece que os espíritos, ao voltarem a entrar num corpo mortal, assumem ao início as várias fases da sua última condição na terra, seja ela doença, depressão ou enfermidade corporal, e que estas afetam poderosamente o médium. Até Winona, descobri eu, não pode suportar que a cena final da sua vida terrena seja aludida enquanto fala através do seu médium, e decidi, por amor a ela, nunca mais a mencionar, embora estivesse ansiosa por ouvir as suas experiências nas suas próprias palavras da sua breve e trágica cena de morte, e da primeira consciência de vida a despertar no mundo espiritual.

Um caso notável da operação desta lei é dado pelo Sr. Thomas Blyton, secretário honorário da Associação de Investigadores de Espiritualismo de Dalston, num relato que foi publicado no *Spiritualist* de 1 de junho de 1877,* e que ele corroborou privadamente em todos os respetivos aspetos. Ele diz: "O médium pareceu por fim ser libertado do controlo de Winona, que disse que um espírito conhecido por mim falaria por si próprio. O corpo do Sr. Fletcher foi então convulsionado de uma forma dolorosa; ele exibiu sintomas de asfixia e vómito; colocou uma das suas mãos no peito e estendeu a outra mão em minha direção de forma suplicante.

Ao segurar a mão do médium, e sentando-me ao seu lado, as palavras vieram — 'Sou eu! Charley! Tenho estado a tentar falar-te aqui antes, mas estive impossibilitado de o fazer até agora. Diz-lhes em casa que estou frequentemente perto deles, e tentarei

impressioná-los quanto ao melhor curso a seguir; eles têm de se manter juntos por agora, visto que de outro modo não será para benefício deles. Diz à Polly que está tudo bem comigo, embora tenha sido duro passar para o outro lado.' Mais foi dito para mim de uma forma fervorosa e impressionante, declarando o controlo que fora 'enquanto jogava críquete que sofreu a lesão da qual por fim ficou liberto, ao passar da vida terrena.'

A natureza da comunicação assim feita foi amplamente suficiente para apontar para a identidade do irmão da minha mulher, Charles Bear, que partiu da vida terrena em abril passado devido aos efeitos de um vaso sanguíneo rompido; a lesão foi infligida enquanto ele jogava críquete. Os sintomas exibidos pelo médium, quando passou pela primeira vez sob a influência deste espírito, eram semelhantes àqueles a que o meu cunhado eventualmente sucumbiu. Fui também corretamente informado de vários pormenores quanto ao que o rodeava durante a sua última doença. As afirmações, de natureza familiar privada, eram verdadeiras em todos os aspetos."

- *Este jornal, que a dada altura foi conduzido de forma respeitável, mas subsequentemente se tornou pouco mais do que um órgão de ataque aos Fletchers, deixou de existir e foi substituído pelo Light, o melhor semanário representativo do espiritualismo que até agora apareceu em Inglaterra.*

As provas dadas, contudo, desta forma, por regra não têm permissão para sobrecarregar quer o médium quer os espíritos. Tenho em minha posse uma carta de um senhor do meio literário a descrever uma entrevista com William Fletcher, a qual, embora difira provavelmente muito pouco de centenas de outras provas semelhantes de clarividência e identidade dos espíritos apresentadas através da sua mediunidade, eu dou porque as

afirmações me foram feitas pessoalmente, e o seu valor é por isso aumentado.

Ele diz: "Winona disse-me que havia o espírito de uma senhora perto de mim, que deu a inicial W., e depois de a pressionar pelo nome, ela vagarosamente o soletrou. Eu estava, contudo, ansioso por mais alguma prova da identidade do espírito, e fiz algumas perguntas, as quais foram respondidas satisfatoriamente. Sabendo, contudo, que a senhora deixou o seu marido na terra, o qual eu não via há anos e pensava ter-se-lhe juntado, disse, 'Com certeza já encontraste o teu marido na vida espiritual', ao que ela respondeu, 'Não; ele está na terra.' Isto descobri desde então ser correto.

Depois disto, Winona disse que via outro espírito perto de mim, que deu a inicial T., e depois de a pressionar pelo nome, ela deu além disso as duas últimas letras, e disse que não conseguia ler mais nada. Logo a seguir, contudo, deu o nome na íntegra, 'Theresa'. Esta era uma parente que morreu há alguns anos, e que demonstrou suficiente conhecimento de assuntos de família para provar a sua identidade. Talvez uma das provas mais convincentes para a minha mente tenha sido uma sessão quando Winona me disse que tinha ido à minha casa e descreveu pessoas e coisas em prova da visita. Penso ser necessário mencionar que o Sr. Fletcher não sabia nada de mim durante todo o tempo destas entrevistas, que ele não estava em comunicação com nenhum amigo meu, e que a nossa conversa antes e depois do transe não foi de natureza a render-lhe qualquer informação."

Numa carta no *Spiritualist* de 15 de junho de 1877, assinada por Elizabeth Brewerton, um testemunho de certo modo semelhante é dado, do qual citarei: "Eu era inteiramente uma estranha para o médium e, não tendo feito nenhuma marcação, fiquei perplexa quando ele disse que uma hora tinha sido reservada para mim, mas ao Winona assumir o controlo, foi

explicado que um dos meus amigos-espíritos se tinha antecipado a mim e assegurado a entrevista.

Ela soletrou então o seu nome, descreveu os membros da minha família, deu o nome por extenso de uma cunhada minha, que ela afirmou ser uma médium, e acrescentou tantos pormenores que exclamei, 'Winona, pareces saber tanto sobre mim quanto eu própria!' Ela descreveu então o espírito de um jovem parente, não há muito tempo passado para o outro lado, como estando de pé perto de mim, dando tanto o nome próprio como o apelido, e demorou-se no golpe que tinha sido para o seu pai, visto ele ter acabado de atingir a maioridade e grandes coisas terem sido esperadas dele. Ele mostrou então a Winona um anel na sua mão, o que para mim foi um teste convincente, visto me ter lembrado de uma promessa que lhe tinha feito na sua última doença. A sua mãe-espírito foi descrita como estando perto dele, e o nome completo de um parente dele próprio foi dado." Isto foi privadamente corroborado pela Miss Brewerton, que acrescenta:

"Assisti ao serviço do Sr. Fletcher no Steinway Hall, num domingo à noite, há cerca de seis ou sete semanas, quando recebi uma longa mensagem através do médium arrebatado da parte do jovem parente referido, a totalidade da qual tratava de assuntos apenas conhecidos por membros da família. Posso acrescentar que o anel mostrado como teste tem sido desde então constantemente visto por amigos clarividentes, e também que Winona em várias ocasiões cumpriu uma promessa que me fez de visitar um pequeno círculo no qual eu me sentava frequentemente, para os outros membros do qual ela era inteiramente desconhecida."

Uma carta que recebi do Rev. W. R. Tomlinson, na qual ele expressa um profundo interesse pela maravilhosa perceção possuída por Winona, atesta plenamente a precisão de um breve artigo escrito por ele no *Spiritualist* de 27 de julho de 1877. Ao descrever uma entrevista com o Sr. Fletcher, ele afirma: "Logo o

Sr. Fletcher (Winona) disse: 'Vejo outro parente seu. Ele parece subitamente arrancado de todos os seus amigos pela violência. Não vejo isto onde o senhor está, mas num país estrangeiro muito distante. Deve ter sido um país quente, pois sinto tanto calor.' Depois ele acrescentou: 'Que estranho! O espírito está todo a pingar água. Como é isso? Não consigo perceber.' 'Dê-me mais testes', respondi. Senti que não precisava deles, mas pedi mesmo assim.

O médium pegou então na minha mão esquerda e, abrindo a palma, escreveu, com o dedo indicador da sua mão direita, várias vezes seguidas, a palavra 'Nicholas', terminando sempre ao colocar o pingo no 'i'. O médium explicou que este era o espírito do meu irmão Nicholas, que fora morto no local em maio de 1842, em Chapoo, na guerra chinesa desse período, mas cujo corpo fora tirado do campo de batalha para bordo de um dos navios de Sua Majestade para ser entregue ao abismo com honras fúnebres.

O espírito deste irmão tem estado, aparentemente, mais ao meu redor agora há algum tempo do que qualquer outro; não, informou-me o Sr. Fletcher, por qualquer afeição fraterna especial que existisse entre nós durante a sua vida, mas porque o atraio agora mais do que outros membros vivos da minha família, pela razão de que ele sabe que eu não desejaria repeli-lo como espírito." Mal sabem as pessoas ignorantes quão cruelmente ferem os sentimentos de alguns desses amigos-espíritos que dariam o mundo para anunciar a sua presença até pelo menor sinal, através da sua antipatia contra a nova luz e conhecimento que nos são dados nos factos do espiritualismo!

O nosso médium presencia muito do que é divertido, bem como uma boa parte do lado trágico da vida e da natureza humana, e pedir-lhe algumas das suas experiências é passar uma hora muito agradável e de entretenimento. Pouco depois de ter

vindo para Londres, um homem veio ter com ele, a quem chamarei Sr. A., e marcou uma entrevista. Parecia de uma índole muito cética e, não satisfeito com o aspeto da sala de estar, procedeu a abrir uma porta e a inspecionar o quarto de vestir de William Fletcher.

Ali contemplou uma variedade de chapéus, tais como os viajantes habitualmente recolhem no decorrer de uma longa digressão, e eles inspiraram-no com a brilhante ideia de que pertenciam a pessoas diferentes que o Sr. Fletcher "empregava para escutar, para descobrir sobre os seus assuntos." Não contente com isto, começou a abrir a porta de um guarda-roupa e a examinar os vestidos da Sra. Fletcher, e estava a proceder a espreitar para debaixo da cama quando o nosso médium naturalmente se opôs a estes procedimentos excêntricos. A sessão teve então finalmente lugar, e Winona, com o seu tato habitual, limitou-se a dizer-lhe: "Não lhe posso dizer nada exceto que o senhor está em grande perigo."

Entretanto, outra pessoa chegou, um Sr. B., um comerciante, que tinha vindo a perder muito dinheiro e que desejava fazer indagações a esse respeito. Durante o transe Winona disse: "O homem que procura está nesta casa, e terá de ser muito rápido, ou vai perdê-lo." A pessoa cética era, na verdade, o empregado desonesto, que estava com pavor de encontrar o seu patrão na presença do médium, através do qual ele justamente suspeitava que a verdade poderia ser revelada.

Muitos têm sido os casos curiosos de convicção forçada sobre pessoas preconceituosas e fanáticas, para as quais o próprio nome de "médium" era suficiente para incitar uma torrente de epítetos de carácter tudo menos educado, e estes são, talvez, os maiores tributos que alguma vez foram prestados ao poder de William Fletcher, que, felizmente para a sua causa, não tem sido facilmente movido quer pelo elogio quer pela censura comuns.

Um dia ele recebeu uma carta de um senhor irado cuja mulher o tinha entrevistado, dizendo-lhe que, a menos que a remuneração fosse devolvida de imediato, uma ação judicial seria movida contra ele. William Fletcher estava completamente ignorante quanto a quem eram as pessoas, e não tinha qualquer lembrança dos incidentes mencionados; mas respondeu no sentido de que o seu correspondente podia fazer o que quisesse, que ele não tinha conhecimento do que era dito através de si na condição de transe, e que não seria dissuadido por nenhumas ameaças de um curso que concebia ser justo e correto. Outra carta chegou, na qual as razões privadas para este ataque se tornaram aparentes, visto que o marido e a mulher não estavam nos melhores termos, e a comunicação dada a esta última tinha-se debruçado sobre essa questão muito delicada. A mulher tinha sido aconselhada a regressar para o seu marido por amor dos filhos, tendo a informação animadora sido acrescentada de que "o estado atual das coisas não duraria sempre, e que ela seria mais feliz."

A sua única ideia de felicidade era a morte do seu marido, e ela tinha interpretado a profecia dessa forma, com o resultado infeliz para o nosso médium que vimos. Durante algum tempo depois, onde quer que William Fletcher fosse, ele era incomodado pela presença de um detetive, que ele cedo observou sê-lo pelo facto de o mesmo rosto ser visto no teatro, na rua e fora dos locais que ele frequentava. Subitamente, contudo, ocorreu a este violento opositor do espiritualismo marcar uma entrevista com o próprio médium, sem lhe dar a saber quem era, nem a nenhum dos seus amigos o que pretendia fazer.

Ele foi recebido, e o resultado foi tão satisfatório que as suas objeções foram inteiramente removidas, e ele começou agora uma série de investigações na sua própria casa, e um dos seus próprios filhos desenvolveu-se como médium. Assim terminou felizmente para todos os envolvidos um daqueles incidentes desagradáveis

que os videntes modernos devem esperar experimentar até que os factos que ensinam sejam compreendidos.

Não tem sido o único. Numa ocasião semelhante ele respondeu a uma carta ameaçadora desta forma:

"SENHOR, — Sou um médium de espíritos. Os espíritos comunicam através de mim; e tenciono deixá-los fazê-lo enquanto viver. Atentamente, "

J. W. FLETCHER."

Talvez essas poucas palavras firmes tenham apelado à melhor natureza do seu correspondente. Em todo o caso, nada mais ouviu dele.

Por muito dispostos que tanto os espíritos como os médiuns estejam a limitar os seus trabalhos às verdades mais elevadas, e a dar todas as provas da existência do mundo espiritual que sejam calculadas para elevar a mente, uma grande classe de pessoas usa um dom como o possuído por William Fletcher para fins puramente egoístas. Vão "indagar ao vidente", não com o espírito recetivo e confiante de David e dos reis de antigamente,* mas para cavilar, criticar, ditar e perverter para usos mais baixos aquilo que fora destinado aos mais elevados.

Winona tem frequentemente expressado o seu lamento pelas perguntas tolas que lhe são feitas, às quais ela responde com uma dose de caridade e paciência pela qual seria em vão procurar num ser humano. Algumas observações muito cáusticas foram feitas no decorrer de uma palestra sobre Objeções ao Espiritualismo pelo espírito controlador, que falou claramente sobre o assunto. "Nenhuma comunicação de qualquer importância! — voltamos a dizer — quando podem ver em cada dia da semana aqueles cujas vidas foram abençoadas e redimidas de coisas que as esmagavam, através do poder do espiritualismo! Como é que solicitam

informação de importância? Como é que a maioria das pessoas se dirige ao mundo espiritual?

Querem que vos digamos? Em muitos casos o investigador de fenómenos espirituais entra na sala de sessões com a sua mente já comprometida com a sua própria opinião; e as primeiras perguntas com que o espírito é assaltado são provavelmente — 'Qual é o seu nome? Onde morreu? Qual era a cor dos seus olhos? O seu cabelo era escuro ou claro? Era velho ou jovem? Onde comprei o meu chapéu de chuva novo? Quantos xelins tenho no meu bolso, e qual é a data de cada um deles? Onde está o canivete de bolso que perdi?' e assim por diante.

- *1 Sam. ix. 9; 2 Sam. xxiv. 11; 1 Cron. xxv. 5, etc.*

Estas e outras perguntas de igual e profunda importância saúdam o mundo espiritual, e de quem é a culpa se informação valiosa não for dada? Falhou o espírito em dá-la devido à vossa falta de pedido por algo mais elevado, ou porque não possuía o poder? Estas são duas perguntas sobre as quais cada investigador faria melhor em pensar fervorosamente antes de proferir a sua opinião decidida sobre o assunto. O mundo espiritual dá sempre aos mortais justamente aquilo que os mortais procuram. Tal como a água encontra o seu próprio nível, assim o faz a inteligência humana; e quando entram na sala de sessões com um desejo pelo bem, e permitem a livre ação dos espíritos presentes, receberão comunicações espirituais de valor e assistência para vós mesmos."

Mesmo sob as condições atuais, contudo, conselhos e assistência de um tipo inestimável têm sido dados a pessoas que poderiam ter obtido tal auxílio de nenhum ser humano, e que reconhecem com gratidão os usos mais individuais das verdades espirituais.

Algumas pessoas têm ido ter com William Fletcher disfarçadas, e descobriram que há presenças ao seu redor para as

quais o seu disfarce é mais ténue do que um véu de musselina seria para nós. Um desses casos é dado no artigo na *Life*. "O nosso Merlim de Steinway Hall conta uma história de uma tentativa de lhe pregar uma partida, a qual diz algo sobre a sua capacidade para discriminar entre Adonis e Fílis, bastante independentemente da sua alegada certeza mediúnica.

Uma pessoa, vestida com trajes de viúva, visitou-o e, a julgar pela aplicação profusa de um lenço, parecia estar sobrecarregada de aflição. O objetivo da visita era averiguar se, por meio de adivinhação, o Sr. Fletcher declararia onde um testamento desaparecido poderia ser descoberto, afirmando a pessoa que, devido à perda deste documento, a ruína se tinha abatido sobre uma família órfã. Depois de pedir à dita pessoa para esperar até que o espírito o movesse, o Sr. Fletcher entrou em transe, e depois pronunciou-se oracularmente desta forma: 'Vejo um jovem loiro, e uma senhora e um senhor de pé perto dele. Agora estão a rir-se. Diante deles está uma pilha de roupas pretas. Agora estão a vestir as roupas pretas no jovem loiro, e agora uma peruca na sua cabeça. Agora cobrem-lhe a cabeça com um toucado de crepe branco e um longo véu. O jovem está evidentemente a desempenhar um papel. Tocam a campainha para o criado e pedem a carruagem. Agora metem-no na carruagem, ainda a rir. A carruagem afasta-se com o jovem lá dentro. Para à porta. O senhor é o jovem.'"

E um testemunho semelhante à sagacidade de Winona é dado no *Spiritualist* de 2 de maio de 1879, assinado por "Ellen Crump", que diz: "Há poucos dias tive uma curiosa sessão de teste com o Sr. J. W. Fletcher, a qual penso que será interessante para outros. Sentei-me com ele pela primeira vez há cerca de dezoito meses. Eu era então uma perfeita estranha para ele, mas ele contou-me algumas verdades interessantes sobre a minha vida e deu-me alguns conselhos médicos úteis.

Desde então fiquei ligeiramente conhecida dele pessoalmente e, estando particularmente ansiosa por obter alguma informação clara e conselho do seu espírito controlador, Winona, sem a marca de qualquer possível influência que o seu conhecimento pessoal sobre mim pudesse dar às suas comunicações, e também para testar os seus poderes, escrevi de uma morada por ele desconhecida, numa caligrafia estranha, sob um nome falso, a pedir uma marcação para sábado, depois das seis, e recebi uma linha em resposta, marcando para as oito horas. Que ele não tinha suspeita de que eu era a sua visitante para sábado, estou plenamente certa. Na noite decisiva entrei na sala de sessões, com o coração aos pulos, temendo a deteção, embora tivesse um véu de crepe espesso por cima de dois mais finos, e sentei-me de costas para a luz fraca, e apenas me curvei silenciosamente quando o Sr. Fletcher entrou, por medo de que até a minha voz me traísse.

Não precisava de ter tido nem metade do trabalho. O Sr. Fletcher tinha tido tantos estranhos a sentarem-se com ele que estava absolutamente sem curiosidade, até bastante apático e indiferente, e decididamente cansado, e simplesmente pediu-me com polidez distante para retirar a minha luva, e em poucos minutos estava na terra das sombras, e a voz agradável de Winona perguntou se me devia dizer o que via.

Depois de escutar tranquilamente o seu relato sobre a minha vida geral, o qual foi muito exato, fiz o que pensei ser uma pergunta hábil; ela pausou um momento antes de responder e depois disse, ingenuamente: 'Acha que não a conheço?' Respondi que não tinha a certeza; mas ela disse, muito decididamente: 'Conheço-a muito bem, e por mais véus que ponha eu saberia sempre quem é; consigo ver as influências ao seu redor muito claramente.' Perguntei se o seu médium me conhecia. 'Oh não', disse ela, 'ele não quer saber; não estava a pensar nisso', e isto

devia ser verdade, pois quando, no final da nossa sessão, o Sr. Fletcher regressou e retomou o seu tom polido e distante, perguntei-lhe se tinha alguma noção de quem eu era, mas ele não tinha a menor ideia; e quando ergui o meu véu a sua genuína gargalhada de divertimento e a sua exclamação provaram quão inteiramente ele tinha estado às escuras. Posso acrescentar que Winona me deu alguns conselhos sensatos e demonstrou, sem qualquer explicação da minha parte, um conhecimento extremamente íntimo dos problemas e complicações que me cercavam."

CAPÍTULO VI

IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS (continuação)

ESTA importante questão da identidade dos espíritos que comunicam, embora torne a mediunidade de William Fletcher invulgarmente valiosa para os investigadores, forma também um obstáculo à publicação daqueles factos mais calculados para derrubar todo o tipo de oposição. Mesmo nos avisos publicados sobre o seu trabalho, os factos são frequentemente dados de forma imperfeita ou totalmente suprimidos. Cito um exemplo registado no *Spiritualist* de 13 de julho de 1877, logo após a sua chegada a Inglaterra.

"Há poucos dias, realizou-se uma sessão na casa da Sra. Makdougall Gregory, no n.º 21 de Green Street, Grosvenor Square, na qual o Sr. J. W. Fletcher, o médium de transe, contou a uma senhora presente todos os pormenores de certos assuntos privados e importantes que ela tinha tratado no seu advogado poucas horas antes. Os pormenores foram tão exatamente dados, e os espíritos comunicantes tão precisamente descritos, que, se imprimíssemos os pormenores, todo o caso seria reconhecido pelos interessados."

Novamente, no mesmo jornal de 12 de outubro de 1877: "A Sra. FitzGerald, do n.º 44 de Eastbourne Terrace, Hyde Park, escreve que, numa sessão recente com o Sr. Fletcher, foram dadas muitas provas de identidade de espíritos a pessoas desconhecidas do médium, mas que os próprios factos são de uma natureza tão privada que ela não os pode publicar."

A Sra. Louisa Andrews, numa carta ao *Spiritualist* de 28 de fevereiro de 1879, também se demora sobre este ponto. "O Sr. Fletcher", escreve ela, "poderia ter sido meu conhecido durante anos e ter visto pouco ou nada de certas coisas que foram ditas através dos seus lábios, como se a vida interior, oculta atrás de um véu que nem a amizade poderia erguer, lhe fosse tão familiar como palavras de uso corrente. Essas coisas que trazem convicção com uma força surpreendente à mente e ao coração de alguém são justamente aquelas sobre as quais não se pode falar."

Por muito que possamos lamentar que uma massa de evidências seja assim perdida para o mundo, o seu carácter é indubitavelmente de um tipo que nos permite subscrever a opinião expressa pelo Sr. Alfred Russel Wallace, de que uma entrevista com o Sr. Fletcher "traz à mente uma convicção mais plena da realidade da vida espiritual do que todos os fenómenos físicos que ele alguma vez testemunhara."

Dos notáveis poderes de previsão de Winona há inúmeros casos. A Sra. FitzGerald alude a eles num artigo muito interessante, intitulado "Experiências no Círculo Doméstico", publicado no *Spiritualist* de 22 de novembro de 1878. Observando sobre o carácter da mediunidade de William Fletcher, ela diz: "Ele (Winona) deu nomes, e testes, e mensagens, e predisse acontecimentos dos quais eu estava então inteiramente ignorante, e dirigiu-me num curso que eu devia seguir, o próprio oposto do que eu pretendia, e o resultado foi como ele predisse."

Algumas provas excelentes deste poder peculiar, que parece ser uma faculdade natural do espírito desencarnado, são dadas num excelente artigo na *University Magazine* de junho de 1879, intitulado "O Sobrenatural nos Dias de Hoje." Não farei qualquer pedido de desculpa por citá-las na íntegra, obtendo assim para os factos, provavelmente, um registo mais permanente do que aquele que até uma bem conhecida publicação periódica mensal pode conceder.

"Um certo Dr. M., estando em grande aflição, foi perguntar relativamente ao seu futuro.

"A resposta do clarividente (Sr. Fletcher) foi esta: 'Não vejo luz sobre a sua vida até à primeira parte do próximo ano, e depois vejo que um pequeno legado lhe é deixado; e diretamente a seguir a isso, o senhor obtém um cargo, o qual, embora o vá aceitar, não manterá, visto que lhe será extremamente desagradável. Depois há outra interrupção e, após isso, um cargo de grande importância chega até si, o qual manterá para a vida. O legado não é de ninguém que conheça.'

"Ao pegar no *Times* perto do final do ano, o Dr. M. viu um anúncio do parente mais próximo do seu nome. Lembrou-se de imediato da profecia e dirigiu-se aos locais próprios. O seu direito foi provado e um pequeno legado foi por si recebido. Veio de um ramo distante da família. No escritório, na altura em que ele estava a receber este legado, dois senhores estavam a falar; um deles estava a dizer que desejava obter um médico consultor para o seu estabelecimento na Irlanda.

O Dr. M., ouvindo por acaso a conversa, apresentou-se, apresentou as suas credenciais e referências e em menos de uma semana tinha obtido a posição, onde permaneceu apenas um curto período de tempo; pois, achando o lugar desagradável e desadequado para uma residência permanente, cedo o deixou.

Depois, durante um tempo, permaneceu sem ocupação e por fim escreveu ao seu clarividente perguntando-lhe por outra predição. A resposta foi simplesmente uma repetição do final da predição anterior. Desde então, o Dr. M. assumiu outro cargo, o qual ainda detém; e resta naturalmente ver se a profecia se vai cumprir inteiramente por ele nele permanecer até ao fim da sua vida."

"Um incidente muito recente pode servir para sugerir àqueles que não consideraram a matéria sob esta luz a que usos imediatos estes estranhos poderes poderiam ser colocados. O vidente acima nomeado, numa ocasião recente, foi lançado num sono mesmérico, estando com algumas pessoas que estavam profundamente interessadas no destino do Coronel Pearson e de membros da sua própria família que estavam com ele na Zululândia. O operador perguntou por isso ao clarividente:

"'Podes viajar por mim?'

"'Sim.'

"'Então vais ter com o Coronel Pearson? Vês o homem?'

"'Sim.'

"'Ele está socorrido?'

"'Oh, sim', foi a resposta, ouvida por aqueles ao redor com uma ansiedade que é fácil de compreender. 'Estão todos vivos e a salvo.'

"'Há quanto tempo foram socorridos?'

"'Apenas há pouco tempo. As notícias estão a caminho. Eles estão bem. Está tudo bem.'

"As notícias do socorro do Coronel Pearson, o qual apenas teve lugar no dia anterior a esta visão, foram devidamente recebidas através dos canais ortodoxos."

"O clarividente vê o passado e o futuro da pessoa cuja atmosfera toca, com mais ou menos nitidez. Alguns exemplos desta faculdade são muito curiosos. O falecido Duque de N. foi ter com o notado clarividente para indagar sobre o seu futuro. O clarividente descreveu plenamente a vida passada do duque e depois disse: 'Não vejo nada no futuro para si; o seu futuro é um branco completo; é uma página na qual nenhuma palavra está escrita.' Em duas ocasiões estas palavras foram-lhe repetidas, e a coisa inteira foi encarada pelo Duque de N. e pelos seus amigos, entre os quais ele falou muito sobre o assunto, como um fracasso. Mas a sua morte repentina em menos de três semanas depois explica talvez a visão."

Relativamente ao último caso, William Fletcher afirma numa conversa com o autor do seu "Retrato em Palavras" no *Whitehall Review* de 13 de setembro de 1879, que viu o espírito do duque no momento da sua transição.

"No próprio momento em que o Duque de N. morreu ele esteve neste quarto. Observei para a minha mulher subsequentemente que tinha tido uma visita do duque. Não tinha no momento a menor ideia de que a aparição era visionária. Ela disse-me, contudo, que ninguém tinha entrado na casa. 'Então', disse eu, 'ele partiu', e fiz uma nota da hora precisa. No dia seguinte li um relato da sua morte repentina nos jornais, e a hora da sua morte coincidia com a da sua aparição para mim."

Não se pode deixar de sentir que uma das provações mais agudas na vida de um homem assim acostumado à companhia de espíritos, e a todo o tipo de provas da sua realidade e identidade, deve ser escutar com qualquer coisa parecida com paciência as teorias rudimentares e a oposição ignorante nas quais as naturezas mais materiais se deleitam. Onde quer que ele vá, contudo, o tema do espiritualismo é um tema dificilmente suscetível de escapar à

discussão, e o seu principal representante em Inglaterra manteve calmamente a sua posição.

"O que é necessário para se ser um espiritualista?", perguntou-lhe um senhor cético certa noite.

"Cérebros", respondeu William Fletcher.

Penso que ele tinha razão. Foi dito que "as pessoas são convertidas pela meditação, nunca pela discussão." Muito verdadeiro. E algumas pessoas nunca são convertidas porque nunca meditam. Os seus preconceitos excluem a possibilidade.

Numa carta intitulada "Clarividência Profética", publicada no *Spiritual Notes* de janeiro de 1880, e assinada por "Janet E. Rees", um excelente testemunho é também dado relativamente a esta perceção do futuro. A autora diz que "estava muito profundamente pré-decidida contra a chamada clarividência", e depois de descrever o que Winona anunciou, acrescenta: "Decidi que estava dentro dos limites da possibilidade o Sr. Fletcher ter ganho o seu conhecimento preciso do meu carácter e mente a partir da minha expressão, e que o resto da comunicação era meramente adivinhação profética. Profética foi certamente; adivinhação dificilmente poderia ter sido.

Um por um cada incidente então me predito aconteceu, e para minha grande surpresa encontro-me, após um intervalo de seis meses, na exata posição que 'Winona' me predisse, e a qual na altura considerei total e ridiculamente impossível. Tomei notas do que tinha passado diretamente depois de deixar a casa do Sr. Fletcher e selei o papel. No outro dia abri o pacote e descobri que, até aos detalhes minúsculos, que eu tinha inteiramente esquecido, a profecia se tinha cumprido."

Não são poucos os que existem que devem as suas vidas à sua mediunidade. "Entre os seus amigos na América", escreve o

autor do artigo na *Life* de 4 de outubro de 1879, "pode ser mencionado o Sr. Henry Wilson, falecido Vice-Presidente dos Estados Unidos, que professou a sua infinita gratidão pela sua mediunidade por o ter avisado a não realizar uma viagem num comboio particular, o qual sofreu um acidente, sendo a mensagem pretensamente vinda do espírito da sua mulher."

A isto pode ser acrescentado um caso notável dado na *University Magazine*.

"Um clérigo que vivia na cidade de W. estava na maior aflição, pois os seus dois filhos estavam a morrer. Tinham sido vacinados com vírus venenoso; uma espécie de mortificação tinha-se instalado, e por fim os médicos disseram ao infeliz pai que não havia esperança, os rapazes tinham de morrer, e era inútil dissimular-lhe o facto por mais tempo.

"'Vamos a um clarividente!', disse a mãe, procurando ao redor por uma última hipótese.

"'Mais vale, agora', concordou o pai, 'pois como os médicos dizem que as crianças têm de morrer, ele não pode fazer mal!'

"Encorajado por este modo de raciocínio, o clérigo foi procurar o vidente. Era tarde na noite, e ele encontrou o objeto da sua busca prestes a partir para outra cidade onde estava contratado para palestrar no dia seguinte. Consequentemente, ele recusou ver o clérigo e, quando ouviu que era para usar a sua clarividência que o visitante estranho desejava vê-lo, recusou totalmente, visto nessa altura não ter o hábito de dar essas entrevistas clarividentes.

O clérigo, contudo, repetiu a sua súplica, dizendo: 'É uma questão de vida ou de morte, e pelo amor de Deus peço-lhe que não me recuse, pois se o fizer, a minha última esperança foi-se.' Este apelo agonizado trouxe um consentimento relutante e, sentando-se, o visionário cedo passou para o estado de êxtase e

começou a descrever o que via. Ele disse: 'Vejo dois rapazinhos, um muito mais novo do que o outro, que parecem ter sido envenenados. Estão a sofrer uma agonia intensa. Se as coisas continuarem como estão agora, eles não podem viver mais do que algumas horas. Contudo, se seguir as direções que lhe dou, eles estarão bastante recuperados no decorrer de algumas semanas. O mais novo, amanhã, estará bastante inconsciente durante algum tempo; o senhor vai pensá-lo morto.

Mas, se for tratado com cuidado, e esta prescrição que agora lhe dou for seguida, os efeitos desta inconsciência serão totalmente superados e ele será restabelecido.' Depois um relato longo e detalhado foi dado dos medicamentos e método de tratamento, o qual devia estender-se por cinco semanas. Foi então afirmado que no final desse tempo as crianças teriam recuperado bastante. O palestrante partiu no comboio da noite para cumprir os seus compromissos, e não regressou à cidade em que o clérigo vivia durante quase dois meses, e o assunto tinha passado completamente da sua mente.

Mas no dia após o seu regresso ele foi lembrado disso ao ver o clérigo e a sua mulher a aproximarem-se da casa, e enquanto estava a perguntar-se como estariam as suas crianças (a sua própria existência apenas sendo recordada à sua mente por ver o pai e a mãe), o senhor e a sua mulher foram introduzidos no quarto, e deu-se uma verdadeira cena, pois eles estavam completamente dominados pela agitação ao falar da bênção que tinha vindo ter com eles através dos seus poderes; pois, como disseram, as suas crianças tinham sido ressuscitadas do túmulo."

Quando um dos nossos opositores clericais puder fazer tanto como isto pelos que sofrem na mente ou no corpo, estaremos prontos para escutar as suas alegações superiores para falar com autoridade sobre aquilo que inevitavelmente se tornará a religião do mundo.

Não posso deixar, neste capítulo, de citar na íntegra um exemplo da mediunidade de William Fletcher da mesma fonte, devido à natureza notável da evidência.

"Eis uma história de fantasmas que tem um delicioso ar do velho mundo em seu redor, e contudo dizia respeito a uma senhora que vive agora em Belgravia. Ela teve um sonho muito maravilhoso, no qual ouviu uma voz dizer: 'Vai a Fletcher.' Ela não conseguia compreender isto, visto não conhecer ninguém chamado Fletcher; e relatou o seu sonho e falou da sua perplexidade a seu respeito a várias pessoas, até que por fim um amigo a quem ela estava a contar a história disse: 'Há alguém chamado Fletcher que é um vidente, ou clarividente.' Ela foi então visitar este clarividente e marcou um encontro para ele vir à sua casa.

"O Sr. Fletcher foi em conformidade, e foi admitido na casa por um criado de aspeto estranho, que olhou para ele de uma forma muito perplexa. Ele foi introduzido na sala de jantar, a qual estava tenuemente iluminada, e ao entrar notou que um velho senhor estava sentado no quarto numa secretária ocupado com alguns papéis: estava vestido como um clérigo. O Sr. Fletcher desculpou-se, pedindo desculpa por interromper o clérigo, que, contudo, não prestou atenção nenhuma, mas continuou a escrever. Depois de o Sr. Fletcher ter esperado algum tempo, observando silenciosamente o velho clérigo, a senhora da casa, a quem chamaremos Madame Z., entrou.

O clérigo manteve o seu assento, não tomando conhecimento da sua entrada. O Sr. Fletcher, enquanto falava com ela, olhou em redor e ficou sobressaltado ao ver que o clérigo tinha mudado de roupa e vestia o uniforme de um capelão. Isto espantou-o tanto que ele se esqueceu completamente da presença da senhora e das palavras que estava no ato de proferir; ficou estupidamente a fitar o clérigo, até que ela disse: 'Para o que está a olhar?'

"Ele a princípio não lhe respondeu, sentindo-se envergonhado de fitar dessa forma o clérigo, que permanecia tranquilamente sentado na sua secretária. Mas como continuava a olhar para ele, e ficou muito pálido, a Madame Z. voltou a perguntar: 'O que vê?'

"Ele respondeu: 'Estou apenas a olhar para aquele senhor que está sentado à secretária a escrever.' À medida que lhe respondia, notou que a Madame Z. mudou de cor e começou a tremer muito.

"Tudo o que ela disse foi: 'O senhor está enganado. Não está ninguém ali sentado.'

"Mas olhando de novo em redor para o clérigo, ele respondeu: 'Oh, sim, está; ele tem estado ali sentado desde que entrei, mas deve ter deixado a sala por um momento, pois mudou de roupa.'

"A Madame Z. respondeu enfaticamente: 'Não está ninguém ali sentado', e para provar que as suas palavras estavam corretas foi até à cadeira junto à secretária e ergueu-a, mostrando positivamente que estava vazia. Estava extremamente agitada e, ao pôr a cadeira no chão, exclamou: 'Então o senhor viu-o realmente.'

Era evidente que ela compreendia a quem ele se referia. 'Acho que vamos subir', disse ela então, e moveu-se para deixar a sala; mas o clérigo colocou-se de imediato diante dela e liderou o caminho para fora da porta. O Sr. Fletcher, vendo-o tão claramente, seguiu-o, e a Madame Z. manteve-se logo atrás.

O clérigo foi diante deles escadas acima e parou à porta da sala de estar das traseiras. O Sr. Fletcher seguiu a aparição e, quando esta pausou junto à porta, abriu-a. A Madame Z., estranhamente, como pareceria sob circunstâncias ordinárias, seguiu o Sr. Fletcher enquanto ele liderava o caminho na sua própria casa — uma casa, aliás, na qual ele nunca tinha estado

antes. Desta forma entraram na sala de estar, que estava tenuemente iluminada. A Madame Z. esteve todo o tempo a tremer violentamente e muito agitada. Sentaram-se junto a uma pequena mesa, mas a aparição tinha ido para a outra extremidade da sala e estava ainda ali de pé. Ele fez um sinal para que o Sr. Fletcher fosse até a uma mesa junto da qual estava, mostrando por esta ação que o conseguia ver. O Sr. Fletcher disse à Madame Z.: 'Posso ir ter com ele?' e atravessou a sala. O espírito fez um gesto como se desejasse que um grande álbum que jazia sobre a mesa fosse aberto. O Sr. Fletcher obedeceu-lhe e voltou as páginas, parando finalmente numa imagem para a qual o espírito apontava. O Sr. Fletcher disse à Madame Z.: 'Por favor venha ter comigo, ele apontou para uma imagem e a senhora poderá reconhecer o que significa.'

"Ela assentiu com hesitação, olhando furtivamente para o canto no qual a presença misteriosa estava, e ao olhar para baixo para a página do álbum exclamou: 'Ora, essa é a imagem do meu querido pai, cujo espírito o senhor viu.'

"O Sr. Fletcher disse: 'Mas não se parece muito com o espírito.'

"Ela respondeu: 'Possivelmente não, ele não se parecia muito com ela quando morreu. Esta imagem foi feita há muitos anos e ele mudou muito antes da sua morte.'

"A aparição então desapareceu e o Sr. Fletcher, sentando-se junto à mesa, passou para uma condição de transe. Enquanto estava neste estado disse estas palavras à Madame Z.: 'Não posso descansar em paz porque o meu corpo não está colocado na terra. Desejo absolver-te da promessa que fizeste e pedir-te que leves por diante os meus desejos sobre o mausoléu, e quando isto for feito estarei em paz. Não mais percorrerei então a casa, mas agora

estou preso a ela e devo permanecer aqui até que o meu corpo seja removido e devidamente sepultado.

Não te quero perturbar, mas não posso evitá-lo, pois estou acorrentado à casa'; a isto foram acrescentadas algumas palavras de conforto e bondade que, contudo, só aumentaram a agitação da Madame Z.; e quando o Sr. Fletcher acordou do sono anormal no qual tinha caído, encontrou a Madame Z. fortemente exaltada. A sua exaltação comunicou-se a ele quando ela começou a fazer a extraordinária explicação do assunto.

"'Ninguém sabe, exceto eu própria', disse ela, 'o facto de o corpo do meu pai não ter sido sepultado. Foi embalsamado de acordo com o seu desejo e está agora nesta casa num caixão metálico.'

"A Madame Z. continuou a contar ao seu visitante os problemas que este arranjo lhe tinha trazido. A sua casa tinha sido tão perturbada pela aparição do seu pai que ela estava impossibilitada de conseguir que qualquer criado permanecesse com ela na casa durante a noite. Sendo abandonada desta forma, assim que escurecia, pelos quatro ou cinco criados que mantinha, ela nunca recebia visitantes à noite, o que explicava o aspeto curioso do criado que admitira o Sr. Fletcher. Nenhum dos criados quis permanecer para servir a ceia na noite desta visita extraordinária, e a Madame e o seu visitante foram obrigados a servir-se a si mesmos. Até a sua criada de quarto deixava a casa à noite e regressava logo pela manhã, quando a luz do dia lhe dava coragem para servir a sua senhora.

"A partir desta noite marcante as aparições começaram a diminuir e cessaram gradualmente por completo. Mas mesmo agora, embora a casa tenha sido recentemente toda remodelada, nenhum dos criados consegue ser persuadido a viver ali."

É quase desnecessário apontar que a clarividência de William Fletcher foi corroborada por factos por ele desconhecidos e que ocorreram inteiramente à parte da sua mediunidade, e de forma espontânea, sendo as testemunhas não só a Madame Z., mas também os criados que ouviam os sons e não podiam ser persuadidos a permanecer na casa durante a noite.

É uma das peças de evidência mais completas e articuladas de identidade dos espíritos em todos os pontos que conheço, e só posso expressar o meu lamento por razões privadas terem impedido a Madame Z. de se identificar abertamente com a história que ela permitiu ser até agora registada, e de testemunhar publicamente a sua verdade.

Duas cartas ponderadas e penetrantes sobre a vidência do nosso médium foram publicadas no jornal espiritualista americano, o *Banner of Light*, da autoria da bem conhecida escritora, Sra. Florence Marryat, a qual me expressou privadamente a sua elevada apreciação pelo seu carácter. Os relatos das suas entrevistas são de um interesse invulgar e merecem bem a republicação deste lado do Atlântico.

"Tendo ouvido", escreve ela, "os relatos mais maravilhosos dos poderes clarividentes do Sr. J. W. Fletcher, determinei testá-los por mim própria e, consequentemente, marquei uma entrevista com esse senhor na sua residência em Gordon Street. Por amor dos descrentes e sem fé devo prever que não tinha anteriormente encontrado o Sr. Fletcher, exceto aos domingos à noite no Steinway Hall, quando tinha escutado algumas excelentes palestras da sua autoria em explicação das doutrinas do espiritualismo.

Eu tinha visto muitos clarividentes antes, tanto em público como em privado, e tinha sido testemunha de maravilhosas proezas de habilidade da parte deles ao nomear e descrever

objetos ocultos, e ao ler impressos ou caligrafias quando mantidos muito além do seu alcance de visão. Mas eu sabia o truque de tudo isso. Tinha-o descoberto por mim própria e sabia que, como o pobre Charles Matthews costumava dizer, 'não havia nada naquilo.' Se o Sr. Fletcher me vai brindar com qualquer 'prestidigitação mental' desse tipo, pensei eu enquanto me dirigia para Gordon Street, terei desperdiçado tanto o meu tempo como o meu trabalho com ele; e à medida que me aproximava da casa confesso que me sentia na dúvida se não poderia ser enganada contra os meus sentidos pelo habilidoso senhor cuja eloquência me tinha encantado ao ponto de desejar um conhecimento mais íntimo.

Nada poderia estar mais distante das ideias que se tem de um antro de mistério e magia, ou da morada de um homem que fosse forçado a descer ao truque para ganhar a vida. Em poucos minutos o Sr. Fletcher entrou na sala e saudou-me com o ar de um cavalheiro. Não passámos contudo aos negócios até ele me ter levado a dar uma volta pelas suas salas e me ter apresentado aos seus quadros favoritos, incluindo um retrato da famosa Sara Bernhardt, gravado por ela própria, na personagem da Sra. Clarkson, em *L'Étrangère*.

Quando tínhamos dito sobre eles tudo o que nos pareceu bem, regressámos à sala das traseiras e, sem escurecer a janela ou adotar quaisquer meios de precaução fossem quais fossem, tomámos os nossos assentos na namoradeira, virados um para o outro, enquanto o Sr. Fletcher colocava a sua mão esquerda na minha.

"Há muitos anos assisti a uma sessão clarividente com a Miss Lottie Fowler, a médium americana cujos poderes de profecia são conhecidos por mais homens de ciência em Londres do que aqueles que seriam corajosos o suficiente para se chegarem à frente e confessarem a verdade. Ela (que nem sequer estava ao

facto do meu nome) começou com o meu nascimento e, mencionando datas, locais e pessoas, narrou cada incidente de importância que me tinha ocorrido até ao momento em que estava sentada ao seu lado.

Ela contou depois com veracidade tudo o que estava a ter lugar no momento, e leu os acontecimentos vindouros dos três ou quatro anos seguintes de uma forma que o seu cumprimento posterior tornou realmente maravilhosa. Caso estas linhas cheguem aos seus olhos, confio que ela aceitará os meus agradecimentos pela perceção que me deu da clarividência nessa ocasião e fique satisfeita por saber que os seus guias foram tão bem-sucedidos.

Contudo, se a sessão que tive com o Sr. Fletcher tivesse trazido resultados semelhantes, eu poderia não ter escrito este relato a seu respeito. Teria sido convincente para mim talvez, mas não para o público, pois os acontecimentos da minha vida passada não são nenhum segredo e as predições do futuro tornam-se interessantes apenas no seu cumprimento.

"O Sr. Fletcher (Winona) talvez tenha adivinhado os meus pensamentos, pois começou por dizer que não desperdiçaria o meu tempo com factos que poderia ter recolhido do mundo, mas limitar-se-ia a falar da minha vida interior. Sobre isso, com a mais surpreendente astúcia, contou-me os meus pensamentos e sentimentos, lendo-os como se de um livro se tratasse. Repetiu-me palavras e ações que tinham sido ditas e feitas na mais absoluta privacidade, e a centenas de milhas de distância.

Detalhou o carácter de vários dos meus conhecidos, mostrando quem era verdadeiro e quem era falso, dando-me os seus nomes, locais de residência e descrição. Ele até repetiu o conteúdo de cartas que jaziam guardadas à chave na minha própria casa e revelou-me o que eu iria saber por uma que iria (e

subsequentemente veio a) chegar às minhas mãos nessa mesma noite. Detalhou os motivos que eu tinha tido para certas ações e, o que era mais estranho, revelou verdades a meu respeito que eu nunca tinha reconhecido até me serem apresentadas através da intermediação de um perfeito estranho.

Cada pergunta que fiz foi respondida com precisão e fui repetidamente convidada a tirar dele mais revelações. O facto é que fiquei quase muda pelo que tinha ouvido e incapacitada de fazer qualquer coisa a não ser maravilhar-me com o dom extraordinário que permitia a um homem não só ler cada pensamento que tinha passado pelo meu cérebro, mas ver, como num espelho, cenas que estavam a ser encenadas a milhas de distância, com os atores nelas envolvidos e os motivos que os animavam. O Sr. Fletcher leu o futuro para mim bem como o passado, e a primeira profecia distinta que proferiu já se cumpriu, da forma mais inesperada. Mas não poderia haver maior espanto para mim do que aquele que fora provocado pela sua leitura de mim própria, e tenho ouvido o meu parecer ser ecoado por vários amigos, que também testaram os seus poderes milagrosos.

"Enquanto fazia o meu caminho para casa e recordava os pensamentos e atos que o Sr. Fletcher tinha colocado em palavras para mim, as linhas dos escritos inspirados entraram-me na mente: 'Vinde, vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito.'"

A segunda carta é dificilmente menos interessante e, escrita como é por alguém cuja longa experiência dos factos do espiritualismo lhe dá o direito de ser ouvida com atenção, dou a maior parte dela com prazer.

"Foi-me pedido que comentasse as capacidades do Sr. Fletcher como orador e começaria por dizer que a sua aparência na plataforma, o seu tom, enunciação e modo de entrega são todos

calculados para atrair os seus ouvintes cada vez mais para a religião que ele professa expor. A sua voz é clara, simples e sem afetação; ele agarra o tema que possa ter escolhido tratar de forma clara e decisiva e não o deixa até o ter esgotado. As suas palestras sobre a condição futura do espírito foram especialmente interessantes e abriram um mundo de especulação para aqueles que nunca tinham pensado antes. Encontrá-lo na plataforma é vê-lo na sua própria casa. Ele é, contudo, de um temperamento muito alegre na vida doméstica (o que a condição de semi-transe da plataforma poderia levar um espetador casual a duvidar), e está tão pronto a ver uma piada, ou a fazer uma, como o mais vivo dos seus amigos.

Mas nunca perde completamente a aparência sonhadora de alguém que está em tão constante comunhão com o outro mundo, e é difícil perder a consciência da atmosfera espiritual pela qual está cercado. Esta ideia é intensificada naqueles que tiveram o privilégio de se 'sentar' com ele, porque o Sr. Fletcher, enquanto sob controlo, é tão perfeitamente natural e semelhante a si próprio que é difícil acreditar que outro espírito está a habitar o seu corpo e a falar através dos seus lábios.

Contei-vos na minha carta do ano passado que tinha tido uma sessão com ele de uma natureza tão privada que era impossível torná-la pública. Durante essa entrevista Winona fez várias profecias surpreendentes relativamente àquilo que era então o futuro, e poderá interessar aos vossos leitores saber que várias dessas prognosticações já foram cumpridas e que as restantes parecem propensas a sê-lo.

"Desejando obter mais algumas provas do poder do Sr. Fletcher antes de vos escrever esta carta, preparei um tipo diferente de teste para ele na semana passada. De uma gaveta cheia de cartas velhas selecionei, com os olhos fechados, quatro folhas de papel dobradas e encerrei-as, ainda sem olhar, em

quatro envelopes em branco, os quais selei de seguida. Levei estes envelopes ao Sr. Fletcher e pedi a Winona que me dissesse os caracteres das pessoas por quem os seus conteúdos tinham sido escritos.

Ela colocou-os consecutivamente na testa do médium e, à medida que me os devolvia, um por um, fui apontando os seus comentários sobre cada um, no exterior da sua capa. Ao quebrar os selos o carácter de cada escritor revelou ter sido definido com a maior precisão, embora as cartas tivessem sido todas escritas há anos, um facto que Winona descobriu imediatamente; ela também me disse quais dos meus correspondentes estavam mortos e quais estavam vivos. Aqui, observará, não poderia ter havido qualquer reação do meu próprio cérebro no do sensível, visto que eu estava perfeitamente ignorante até abrir os envelopes sobre quem me tinha enviado as cartas.

"Há dois meses fui convidada a juntar-me a uma certa especulação, sobre cuja conveniência me sentia incerta. Fui, por isso, ter com o Sr. Fletcher e pedi uma entrevista com Winona, tencionando consultá-la sobre a matéria. Mas antes de ter tido tempo para mencionar o assunto ela disse-me que sabia ao que eu tinha vindo e continuou, falando da própria especulação, das pessoas nela envolvidas e do dinheiro que se esperava produzir; e finalmente explicou-me como ela iria colapsar, com os meios que trariam o seu fim, colocando o seu veto decidido a que eu tivesse seja o que for a ver com o assunto. Segui o conselho de Winona e tenho estado grata desde então por o ter feito, visto que tudo resultou justamente como ela prognosticara para mim.

"É uma coisa comum ouvir os zombadores do espiritualismo afirmarem que se pudessem obter qualquer informação útil dos espíritos estariam inclinados a acreditar neles. Tomamos uma visão muito baixa e degradante da ciência da eternidade quando paramos para considerar quanto dinheiro podemos fazer ou evitar

perder pelas suas revelações; mas há poucos espiritualistas que não tenham encontrado assistência, quando dela precisaram, nos seus assuntos terrenos, da parte dos seus amigos do outro lado.

E não conheço nenhum médium a quem enviaria mais depressa um descrente que desejasse ver convencido da verdade do espiritualismo do que ao Sr. Fletcher. Penso que há muito poucas pessoas que se pudessem sentar com ele e não sentir o seu ceticismo abalado, digam o que disserem em contrário.

"Há outro ponto que gostaria de mencionar, e um da maior importância: o Sr. Fletcher prega a religião da pureza, da verdade e da caridade e (tanto quanto as criaturas humanas podem julgar umas das outras), ele leva uma vida em conformidade com as suas doutrinas." E a carta conclui com o desejo de que a religião do espiritualismo fosse assim vivida por todos.

Não posso fechar este capítulo sem acrescentar o meu próprio testemunho ao de outros. Através dos lábios de William Fletcher, Winona disse-me palavras tais como nenhum mortal poderia ter empregue, — palavras de conforto, esperança e ternura que, desde o primeiro momento em que as ouvi, lançaram um raio de luz sobre a minha vida de que me lembrarei até à sua última hora. Do seu poder para dar comunicações daqueles que passaram deste mundo para o outro, fale uma vez mais o seguinte extrato de uma carta minha que foi publicada no *Spiritualist* de 13 de setembro de 1878.

"No início do outono de 1877 tivemos a desgraça de perder a nossa irmã mais velha e, devido a um sonho singular de uma das minhas irmãs, tive uma forte impressão para tentar se algumas comunicações poderiam ser obtidas dela através de um médium de confiança. Foi uma primeira tentativa, porque embora tivesse lido muito sobre espiritualismo tinha pouca experiência prática dele, e apenas selecionei o Sr. Fletcher pela recomendação do Sr.

Burns, a quem escrevi a pedir informação sobre este ponto. Uma visita da minha irmã a Londres cedo lhe deu a oportunidade de ter uma entrevista pessoal com ele e escusado será dizer que ele era um completo estranho para nós. A marcação foi, de facto, feita por telegrama; a primeira sessão teve lugar a 10 de outubro de 1877, e outra poucos dias depois. A minha irmã C. enviou-me um registo completo delas nos mesmos dias em que foram dadas e escusado será dizer quão impressionadas ficámos pelos relatos que nos foram enviados. Depois de o Sr. Fletcher ter entrado em transe, o nome da minha irmã E., que tinha passado para a vida espiritual, foi corretamente dado, e ela foi precisamente descrita, até a uma marca peculiar no seu rosto e à pequenez das suas mãos, servindo todas estas referências como provas adicionais da sua identidade. Sobre estas últimas, 'são o meu ponto forte', foi a mensagem de Winona, e era uma frase característica.

Ela costumava vestir o tamanho seis em luvas, quando os tamanhos eram feitos mais pequenos do que são agora; na verdade, um tamanho de criança. Ela descreveu depois a sua doença de forma extremamente correta através do espírito controlador, acrescentando que nada a poderia ter salvado, embora os médicos não tivessem compreendido a situação; e ela desejava que nós soubéssemos isto, o que posso afirmar ter sido uma resposta completa às nossas próprias especulações perturbadas sobre se a sua vida não poderia ter sido poupada por um diagnóstico mais precoce do seu caso.

A nossa irmã disse que não sabia que estava a deixar a terra; mas apercebeu-se primeiro de que tinha passado pela mudança da morte ao ver o seu próprio corpo sem vida quando alguém entrou no quarto com uma vela acesa, o que, concluo, restabeleceu a sua consciência. (Ela tinha falecido à noite.) Ela também aludiu de uma forma muito marcante a uma consulta médica na manhã seguinte, e a ter deixado o seu marido na terra para se encontrar

nos braços do nosso pai, que estava há muitos anos na vida espiritual.

Ela disse então à C. que estava constantemente connosco e que, se fizéssemos sessões em casa, ela poderia comunicar connosco; que eu era uma médium de escrita, embora não muito forte, a menos que pudesse escrever em transe; e também que a minha irmã mais nova era da mesma forma uma médium, mas não seria desenvolvida como tal por razões que ela deu e que foram desde então verificadas. O marido da minha irmã E. foi também mencionado pelo nome e ela disse estar ciente de que os seus quartos tinham sido mantidos tal e qual como estavam na sua vida; mensagens tocantes foram entregues a seu respeito e da própria presença dela com ele ainda, bem como direções sobre alguns assuntos legais que ela estava ansiosa que fossem resolvidos.

Ela apontou para o anel que a C. vestia, o qual era dela, e disse que era uma grande ajuda, também um alfinete ocultado da vista, e descreveu mechas do seu cabelo que nós tínhamos, dizendo que as via guardadas, exatamente de acordo com os factos. Estas ela desejava que nós vestíssemos para a trazer em ligação mais próxima connosco. O conteúdo de uma pequena caixa, que estava bem fechada, contendo cabelo, um binóculo duplo e uma bolsa de seda à antiga com anéis, etc., foi corretamente dado por Winona, que, contudo, desenhou o binóculo e, relativamente à bolsa, disse que havia algo na caixa ligado a dinheiro. Provavelmente ela nunca tinha visto uma semelhante antes e não a reconheceu como uma bolsa. Winona também deu algumas mensagens características do nosso pai; o nosso irmão foi referido pelo nome e o seu carácter corretamente aludido.

O nome de uma velha criada nossa foi também mencionado, a sua dedicação à família descrita; e Winona escreveu o nome do

meu irmão, bem como uma breve mensagem da nossa irmã, assinada com o seu nome; outra (também desta última) para a minha irmã mais nova, dirigindo-se a ela pelo nome e assinada com dois dos seus nomes; e uma terceira para o seu marido, na qual o nome dele foi também dado, a sua morte mencionada e o seu prazer em ver tudo mantido como antes, e esta foi assinada com quatro nomes — dois próprios e o seu nome de casada bem como apelido.

Esses papéis estão todos em minha posse. Winona também disse à minha irmã C. que via que ela ia ver uma jovem senhora que estava muito doente, cujo nome próprio ela mencionou, o qual era perfeitamente correto. Ela disse que ela iria recuperar e ficar totalmente boa, e a profecia foi verificada, embora na altura fosse considerada excessivamente duvidosa. A minha irmã foi extremamente minuciosa em não mencionar quaisquer nomes e as comunicações foram dadas espontaneamente.

"Com o acordar do Sr. Fletcher do seu transe, a sua faculdade clarividente no estado normal ficou evidenciada. Em resposta à pergunta sobre se conseguia ver alguns parentes dos nossos amigos, que esperavam na divisão inferior, disse: 'Vejo que está aqui um espírito chamado W.; não está na vida espiritual há muito tempo e morreu muito longe daqui. Ele envia...' (seguiu-se aqui uma mensagem, bem como uma descrição precisa, que não relato por razões privadas). Estava tudo correto. A minha irmã mais nova enviou uma mensagem a perguntar algo, e o Sr. Fletcher disse que esperava obter resposta.

Algum tempo depois, ela foi-nos enviada. Devo mencionar que, após isto, tínhamos iniciado algumas sessões em casa. A resposta dirigia-se à minha irmã pelo nome, e a autora mencionava, com a mesma facilidade convincente, a sua própria presença nas nossas sessões e os seus esforços infrutíferos para comunicar connosco. Foi dado o nome do seu marido; também o

de um parente na terra; e aludiu-se a uma circunstância que tinha impedido o seu irmão na vida espiritual de comunicar com a sua irmã; vinha assinada:

'A tua irmã, E.' Pelo menos meia dúzia de provas foram dadas nesta breve carta, e a minha mente ficou convencida e o meu coração consolado pela prova que nos tinha sido concedida da continuidade da existência e do amor daqueles que, na verdade, apenas 'partiram antes'.

As nossas sessões em casa continuaram por um breve período, o qual foi contudo suficientemente longo para desenvolver em parte a minha mediunidade de escrita, — um resultado que a minha mente certamente não tinha influenciado, pois eu tinha interpretado a afirmação inteiramente no sentido de assistência por inspiração em algumas tentativas anteriores ligeiras de trabalho literário.

Assim que a minha surpresa se dissipou, e os primeiros erros e dificuldades penosos foram ultrapassados, o meu pai e a minha irmã, e ocasionalmente outros, foram capazes, em todo o caso, de escrever mensagens consoladoras e belas de tal carácter que um homem ou uma mulher cristã poderiam receber com gratidão como um testemunho acrescido da realidade do mundo invisível e da verdade das palavras d'Aquele cuja missão Divina na terra está, concebo eu humildemente, tão longe de terminada quanto é escassamente compreendida pelo homem.

Volto-me agora para as minhas próprias sessões com o Sr. Fletcher, duas das quais tiveram lugar na primavera de 1878. Enquanto esperava na sala de jantar, Winona escreveu através de mim, e eu disse-lhe que ela o estava a fazer. Ele disse: 'Ela escreve com uma letra grande e redonda', o que era precisamente a escrita que tinha à minha frente, embora, como é óbvio, eu nada soubesse sobre o assunto. Lamento não poder dar tantos

pormenores relativamente a estas sessões como nas anteriores; mas, embora omitindo muitas provas, por minha conta e na de outros, posso dizer que Winona mencionou três nomes sem qualquer auxílio da minha parte, e que se referiu a incidentes de família e à minha própria vida de tal modo que me assegurou que os meus amigos espirituais estavam a comunicar através dela. Mencionou a doença da minha mãe e indicou o local afetado no peito do seu médium.

Fez muitas profecias, várias das quais já foram verificadas, declarou um facto em absoluta oposição a informações que tínhamos recebido e à nossa própria crença, o qual foi posteriormente corroborado, e repetiu uma mensagem da minha irmã, que estava, disse ela, de pé muito perto de mim, o que só posso dizer que foi para mim uma demonstração absolutamente completa da sua presença."

E concluirei citando também do *Spiritualist* de 17 de maio do mesmo ano uma maravilhosa prova da existência de espíritos ao nosso redor que nos veem, ouvem e ajudam, embora sejam eles próprios invisíveis, e a qual me foi dada antes mesmo de eu ver William Fletcher.

"Poderá interessar a outros ouvir o seguinte incidente na mediunidade do Sr. Fletcher. Antes de eu vir para Londres, escrevi-lhe e solicitei que me fosse dada uma resposta dos meus amigos. Recebi em poucos dias uma carta que pretendia ser do meu pai, na qual uma certa frase usada por mim mentalmente quando me encontrava perturbado, e que era desconhecida de qualquer ser humano a não ser eu próprio, e que certamente nunca me tinha passado pela mente ao escrever a minha breve nota ao Sr. Fletcher, era mencionada como tendo sido ouvida pelo meu pai. Era algo que não podia ser explicado por qualquer teoria de coincidência ou adivinhação.

O Sr. Fletcher disse-me, numa nota sua, que enquanto escrevia ouviu um nome a ser repetido por alguém, mas não conseguiu captar a mensagem. Era o nome do enteado da minha irmã, de quem ela gostava muito na vida terrestre, e era um nome extremamente invulgar. O Sr. Fletcher nunca me tinha visto até eu vir para a cidade, e havia trezentos milhas entre nós. Terão as cartas 'esferas', com toda a vida e pensamentos privados de uma pessoa, e os nomes corretos dos seus amigos nelas registados? Ou será que a própria esfera de uma pessoa, com uma quantidade semelhante de informação nela contida, se estende por trezentas milhas?"

A identidade separada de Winona em relação ao seu médium não é para mim uma mera probabilidade; é um facto do dia a dia; e muitas foram as horas em que, cansado de ansiedades e provado pelas inevitáveis mas erradas críticas que nunca deixam de assaltar aqueles que se atrevem a questionar as formas convencionais de religião e moral do mundo, e a falar em nome da verdade e da pureza, — a voz, não apenas de Winona, mas de algum espírito forte e belo me falou em palavras de amor e caridade semelhantes às de Cristo, que me inspiraram a ser paciente, a ganhar coragem e a ser fiel a essa consciência que é o espelho de Deus na alma.

As provas desta identidade separada, por muito calculadas que sejam para convencer os outros, são de um carácter demasiado privado para serem registadas para uso popular. Winona tem as suas próprias ideias e opiniões, e a sua própria estima daqueles que vê, e por vezes elas diferem de uma forma muito divertida das do seu médium. A indiferença dele, também, quanto aos pormenores que correspondentes surpreendidos lhe relataram em muitas cartas longas, chegou ao ponto de, um dia, várias dessas comunicações serem entregues às chamas, na minha presença, depois de serem lidas em voz alta. Uma ou duas tinham

acabado de chegar pelo correio. Reclamai contra tal prática, pois, embora as cartas tivessem apenas como objetivo ser marcas de apreciação privada, vi imediatamente que continham provas valiosas. No seu destinatário, contudo, pareciam despertar pouco interesse para além de uma satisfação de que "Winona tinha estado correta", e isto nunca deixava de o agradar.

Através deste maravilhoso dom de intuição espiritual, através do poder de Winona para falar pelos seus lábios, William Fletcher fez muitas, agradáveis e duradouras amizades. O seu próprio aspeto e presença parecem recomendá-lo a não poucos daqueles com quem entra em contacto, por muito pouco que tenha sido compreendido por outros. Provavelmente possuem as naturezas intuitivas agora tão longe de serem raras entre nós. Um diz: "Há algo de não terrestre no homem"; outro, que "ele evidentemente herdou ou adquiriu a mais rara das supremacias, o império do olhar."

A simples verdade é que ele é calmo e destemido, e aqueles seus olhos parecem ter enfrentado algo em eras distantes no passado, e ter ali colhido uma força que não morre nem pode jamais morrer. Estará o espírito invencível de um dos antigos mártires a olhar através deles e a falar mais uma vez no interesse da humanidade por outra, e maior, reforma? Tais espíritos são, na verdade, necessários nesta época como nas do passado, embora o seu martírio possa tomar uma forma totalmente diferente. "O sofrimento", como o nosso próprio vidente disse, "parece o preço exigido por todas as bênçãos eternas."

O observador atento notará o contraste entre William Fletcher no seu estado normal e no estado de transe. Neste último, mesmo quando discursava, como no Steinway Hall, com os olhos abertos e com o máximo vigor, havia um olhar peculiar neles, e um aspeto sonhador antes e depois, que o distinguia imediatamente do orador comum. O seu olhar no estado consciente, também, dir-

lhe-á muitas vezes que ele vê algo que o leitor não vê. Está fixo num ponto no espaço, ou segue uma presença invisível, de um modo que mostra que a sua atenção está presa por algo alheio à vida externa que o rodeia.

A vida que ele levava dia após dia naquele pequeno quarto onde mais desgostos e segredos humanos foram revelados do que qualquer pena jamais se atreveria a dar a conhecer, era por si só desgastante para a saúde. Desejava-se levar este médium pálido e de olhos escuros, que quase se esquiva ao contacto com um visitante incompatível, para o meio dos campos verdes e das flores silvestres, e colocá-lo no meio de um alegre grupo de piquenique que não tivesse nada de mais profundo ou mais sábio em que pensar do que como temperar uma salada ou ferver a chaleira para o chá da tarde. Especialmente quando, como por vezes acontecia, o seu corpo era abalado por uma daquelas tosses de peito que pareciam protestar contra mais trabalho, e que tinham surgido de uma constipação apanhada num nevoeiro cru de Londres, desejava-se que ele pudesse descansar um pouco e deixar que outro, se tal se pudesse encontrar, se chegue à frente e ponha a mão no arado. A falta de exercício físico e de recreio suficientes são indubitavelmente propensas a sustentar uma delicadeza natural de constituição.

As divisões, os casacos e os gorros quase nunca são suficientemente quentes para ele, e a sensação de frio é provavelmente intensificada pela frequente passagem do seu espírito para fora do seu corpo. Parece duro que a força física e espiritual seja gasta até à exaustão no combate diário com o ceticismo, ou na mera produção de convicção, quando, se a verdade pudesse ser conhecida, este trabalho rotineiro e desgastante poderia ser trocado por um trabalho num nível muito mais elevado.

Sem dúvida, contudo, os trabalhadores invisíveis cuidarão dele com sabedoria, bem como do mundo que desejam ensinar, e podemos com segurança deixá-lo nas suas mãos. E a William Fletcher não faltaram amigos, e amigos que estiveram dispostos a partilhar com ele tudo o que as suas casas possuem se o tivessem conseguido convencer a tirar férias.

Muito se tem dito, de facto, em artigos sobre ele, relativamente à posição social da sua clientela. Não atribuo importância, como tal, a testemunhos ligados a títulos ou a propriedades, e nenhuma referência a qualquer pessoa apenas por causa da sua influência social será feita em qualquer destas páginas.

Para o espiritualista que é digno desse nome, a única honra que conhece é a de uma vida vivida de acordo com as suas convicções, e a única riqueza que reconhece é a da alma. Desejo dar a conhecer o poder espiritual de William Fletcher, não porque possa ser discutido em círculos elegantes, não porque este ou aquele homem que o mundo reconhece tenha começado a acreditar nele, mas porque é verdade. E coloco o homem ou a mulher que se esforça por elevar a nossa humanidade comum, e por ensinar a verdade aos homens, num nível onde nenhuma honra terrena os poderia exaltar, mesmo que fosse o dom de uma coroa. Se o conhecimento da vida espiritual ao nosso redor abre caminho na sua consciência através dos seus esforços, nenhuma recompensa maior pode ser possível a um ser humano. É suficiente se a profecia da bela donzela indiana for finalmente cumprida, e que "os nomes de Winona e William Fletcher percorram o mundo."

“Como um grão no solo cresceu a ideia de Deus,
Como a obra lenta da Natureza aparece;
Desde o pequeno zoófito, até ao 'Senhor de tudo', Através de ciclos e somas de anos.

Mas a escuridão fez-se brilhante, e a noite fez-se luz,
Quando a era da Verdade começou,
E a alma foi ensinada, através do seu pensamento primordial,
Sobre a vida de Deus no homem.
Então a alma ergueu-se do seu longo repouso,
Ao sopro de despertar da Verdade,
E caminhou sem temor como um filho de Deus,
Triunfante sobre o Tempo e a Morte.
Veio um som de todo o vasto mundo,
Como o agitar do mar,
Majestoso e profundo no seu avanço varredor —
Era o hino dos livres.
Através das eras ténues tem esse santo hino
Descido até aos nossos ouvidos atentos;
E ainda flutuará com uma nota mais doce
Através da vista dos anos vindouros.
E uma voz faz saber a partir do trono invisível,
Como tem sido, assim será —
Avante! avante do passado! sempre avante até ao fim!
Como um rio que busca o mar.
Hora a hora, como uma flor a abrir,
Verdade após verdade se expandirá;
O sol pode empalidecer, e as estrelas podem falhar,
Mas o propósito de Deus prevalecerá.
Dogmas e credos sem atos aparentados,
E altar e templo, cairão;
Um laço de amor, e um lar no alto,
E uma só fé haverá para todos."
A Ideia Divina. (*Poemas de Progresso.*)

CAPÍTULO VII

O ESPIRITUALISMO E AS SUAS RELAÇÕES COM A CIÊNCIA E A RELIGIÃO

ESPIRITUALISMO — qual é a sua história? quais são os seus fenómenos? quais são os seus ensinamentos?

Muitos dos que lerem estas páginas farão estas perguntas, e é meu propósito responder-lhes, por mais brevemente que seja, a partir do ponto de vista mais elevado, para que o investigador honesto não seja induzido em erro, como os livros induzem em erro, e como as pessoas induzem em erro, no que respeita a uma verdade divina.

Estamos a viver num século que está a inaugurar uma enorme mudança. A locomotiva, o paquete oceânico, o telégrafo, os correios e a luz que transformará a noite em dia são, só por si, invenções e organizações calculadas para alterar os destinos das raças e a face do globo. Os locais mais remotos são visitados; o pensamento é em toda a parte rapidamente intercambiado; a língua inglesa é falada em grandes continentes; todas as raças estão a ser postas em contacto umas com as outras, e todo o horizonte mental é enormemente alargado. E segue-se inevitavelmente que tudo é submetido ao escrutínio mais agudo; as velhas ideias estão a ser rapidamente varridas; o misticismo e a superstição estão condenados, e com eles — e este é o terrível juro exigido pelos empréstimos impiedosos do passado sobre tudo o que de mais nobre havia no homem, a sua liberdade de consciência e liberdade mental — toda a crença convicta, entre os intelectos mais poderosos, num possível reino supersensível e numa vida futura.

No meio disto surge, no próprio coração das mais elevadas civilizações da terra, algo que pelo seu poder de vasta alcance é diferente de tudo o que os seus habitantes jamais testemunharam

antes. É um plano organizado no momento mais crítico de toda a história para lhes provar que existe um mundo espiritual.

Nenhuma biografia de um médium, nenhuns registos das provas de comunhão espiritual dadas através da sua agência, estariam completos sem alguma referência ao tema desse plano na sua totalidade. A história do espiritualismo moderno — pois existe agora há mais de trinta anos — é estranha. Veio como uma criança e cresceu até se tornar um gigante. Anunciou a sua presença com algumas pancadas, aparentemente casuais, mas indicando inteligência, numa remota localidade rural da América; conquistou os seus milhões com sinais e maravilhas que não foram dados de nenhuma outra forma, e a nenhum outro grupo de homens senão àqueles que se atreveram a olhá-lo de frente com coragem. Possui milhares de factos, atestados por milhares de testemunhas, — factos que trouxeram esperança e consolo aos de coração despedaçado; poder que afastou a dor do leito de sofrimento; conhecimento que demonstrou para lá de toda a dúvida que existe um mundo espiritual, e que aqueles que nele habitam podem regressar e regressam de facto para nos dizer o que é essa existência invisível e o que nós, mortais, verdadeiramente somos.

Por vezes, estes factos foram subitamente impostos a alguma família espantada que nem desejava nem sabia nada do dom milenar da mediunidade; por vezes, o cético mais obstinado viu aquilo perante o qual o seu materialismo se tornou a maior tolice da sua vida; por vezes, o meigo religioso ouviu uma voz dizer-lhe, como a um dos antigos — "Duro te é recalcitrar contra os aguilhões", e o seu medo e ódio à verdade caíram perante alguma prova perfeita da presença próxima de um amigo bem lembrado, mas já não visível. Onde quis, o mundo espiritual escolheu os seus instrumentos e ordenou-lhes que saíssem a pregar este novo

Evangelho, e eles realizaram-no perante o ridículo, a perseguição e a deturpação de todo o tipo.

Nenhuma oposição o venceu; continuou lado a lado com ela por vezes, e finalmente as piores formas de perseguição começaram a morrer, e o espiritualismo sobreviveu, como a verdade tem de sobreviver, a tudo o que o homem fez para o esmagar. Foi intimado a comparecer no tribunal da ciência; da religião; do mundo zombeteiro; mas as suas testemunhas têm sido demasiado numerosas e os seus fenómenos demasiado perfeitos para permitir que alguma vez tivesse estado em perigo real da destruição tão frequentemente desejada e planeada. Aqueles homens de ciência em Inglaterra, na América e noutros países que tiveram a honestidade de prosseguir uma investigação cuidadosa e imparcial, e a coragem de assumir os resultados, homens como Hare, Mapes, Wallace, Crookes, Varley, Zöllner, Weber, Fechner, Scheibner, Fichte, Ulrici, Wagner, Butlerof, Aksakof e outros, todos chegaram a uma e à mesma conclusão —

"Os factos são reais"; os mais experientes declararam: "eles são atribuíveis a nenhuma outra fonte senão à agência dos espíritos", e entre os convertidos a seu mau grado, nem um único retratou o seu testemunho. Esperava-se que eles expusessem a ilusão, e foram forçados a admitir uma nova verdade; e essa verdade eles proclamaram destemidamente, mesmo com o risco da reputação científica, mais cara para alguns homens, talvez, do que a própria vida.

Tais homens terão a sua recompensa, pois a parte mais difícil da batalha já foi travada, e a consciência que agora existe na mente de milhões nesta terra de que o espiritualismo é verdadeiro está a influenciar de tal modo a atmosfera mental que envolve os centros da civilização humana, que permitirá ao mundo espiritual exercer um poder gigantesco no momento determinado e derrubar o materialismo para sempre.

Outra característica se assinala no espiritualismo, além da sua força inerente e da sua capacidade de superar toda a oposição. É o facto de ter feito os seus convertidos entre todas as classes de pessoas e de ter influenciado toda a variedade de mentes. Todo o pensamento moderno tem estado representado do lado humano; todas as instituições humanas tiveram os seus delegados entre os convertidos. Sempre considerei esta uma das provas mais notáveis da inteligência orientadora no movimento. Foram feitas tentativas sem número para agrilhoar as mentes dos espiritualistas, para criar alguma organização, algo que correspondesse a um credo, que todos fossem chamados a apoiar.

Todas falharam; todas terminaram em rutura. Porquê? Porque o espiritualismo veio como um grande corretivo dessa tendência instintiva na mente humana, quando esta aceita a verdade, de a impor aos outros; como uma grande repreensão a esse erro profundamente enraizado que minou a vida de todas as religiões até que estas se deterioraram até à sombra do que eram, e que fez do cristianismo de hoje, com os seus credos, e formas, e "artigos de fé", uma coisa sem poder no nosso meio. É o velho aviso repetido: "a letra mata, mas o espírito vivifica". No momento em que qualquer grupo de homens se une para dizer aos seus semelhantes que devem acreditar na sua forma de verdade, esse momento testemunha a semente da sua decadência a ser semeada com a própria coisa que desejam manter viva. Pode demorar muito até que a decadência termine na dissolução, mas mais cedo ou mais tarde a hora chegará, pois é inevitável. Por conseguinte, o espiritualismo, cuja missão é dar ao homem uma religião livre, restaurar o cristianismo de Cristo e fazer dele uma salvação prática para o mundo inteiro, foi resguardado desta tendência a todo o custo. As doutrinas mais variadas foram pregadas em nome do espiritualismo; nenhuma conseguiu fundar uma seita permanente, enquanto que, ao contemplarmos o todo, notamos

que algumas destas meias-verdades, estas verdades imperfeitamente ditas, que pareciam em alguns casos estar a fazer um trabalho bruto e rude de lavoura mental, e a romper o solo com uma força destrutiva, deram sempre lugar a algo mais elevado, para que uma boa semente fosse semeada, algo que unisse mais os homens, em vez de os afastar à força, e que ultimamente unisse o mundo em liberdade.

Esse ponto será finalmente alcançado quando as mais recentes descobertas da ciência, o ensino do mundo espiritual, a verdadeira natureza do homem e o significado interior,* o espírito geral, das partes mais elevadas das Escrituras forem reconhecidos como estando em harmonia — um grande todo. Nessa hora, as religiões do passado terão todas o seu devido lugar como parte do grande esquema de desenvolvimento humano; o homem de ciência já não será chamado infiel; a alma humana recolherá para si precisamente esse ensino do mundo espiritual que melhor puder assimilar, e que sente que mais a eleva; e o divino nas Escrituras brilhará tanto mais claramente pela prontidão com que o humano é reconhecido, e a autoridade simples, mas ultrapassada, dos primeiros padres submetida ao conhecimento e autoridade muito maiores dos pensadores de hoje. Quem não acolheria uma mudança tão gloriosa, quem contempla a fraqueza até entre os mais fortes da humanidade? O materialismo para a massa não seria uma salvação científica, mas sim uma ruína moral inevitável; e há um despotismo do cético tão desastroso para o crescimento do espírito como o despotismo do padre.

- *Há muito nas Escrituras que é apenas parcialmente compreendido, e que é provável que os seus autores não tivessem compreendido, e uma interpretação espiritual sobreviverá à futura mudança no pensamento religioso.*

Além disso, o materialismo não pode resolver alguns dos problemas mais sombrios da vida. Na sua luz ténue, se luz se

pode chamar, o mundo está cheio de milhões de vítimas. O homem que viveu para si próprio tira o melhor partido disso; a rapariga a morrer de fome num sótão que comete um pecado para arranjar pão, e que afunda na miséria e na degradação, e que talvez termine com um mergulho no rio, fica com a pior parte. Pode uma verdadeira ciência da moral ser desenvolvida a partir daquilo que não pode dar qualquer explicação sobre os factos do passado e não pode apontar com qualquer certeza para as esperanças do futuro? O próprio progresso da raça, com o qual está ostensivamente comprometido, é um progresso que ignora completamente o indivíduo, e esse progresso pode, por tudo o que a ciência física pode demonstrar em contrário, ser detido por alguma força física "cega" que possa golpear o globo e destruí-lo num momento, ou apagá-lo gradualmente através da ação de alguma lei que é simultaneamente inexorável e ininteligente.

Mesmo que estivéssemos garantidos contra estes desastres, que recompensa podem as maiores realizações da mera ciência dar pela perda de amigos e pela obliteração da consciência? Até que os seus afetos sejam secos por um desenvolvimento anormal de certas das suas faculdades intelectuais, o homem nunca poderá olhar para o pó daqueles que ama sem uma emoção que abalará o seu materialismo até aos seus próprios alicerces, e fará da sua pseudo-ciência um verdadeiro sopro de gelo a destruir tudo o que é sagrado e até o que há de mais nobre na sua alma.

Pode ser bom, na verdade, protestar contra a superstição; contra a ignorância que considerava a peste, resultante de péssimas condições sanitárias, como obra da Divindade na qual era quase um pecado mexer; que mesmo agora dá crédito à ideia de que a imoralidade e o mal são obra direta de um ser maléfico sobrenatural; e apontar os verdadeiros alicerces do melhoramento moral em esforços humanitários, e métodos corretos na ciência política, médica e sanitária; mas apenas o reconhecimento da

verdadeira natureza do homem, apenas uma religião nobre, bem como uma filosofia sólida, podem elevar a humanidade ao plano para o qual foi concebida. Se o materialismo pudesse ser aceite por todos como os seus defensores parecem desejar, para um que vivesse para a ciência e para o que quer que ela pudesse realizar, mil romperiam todas as restrições sociais, até que a raça pudesse ser reconduzida à condição do macaco, o homem sem alma, — a caricatura atrofiada da humanidade — a criatura subjugada e aviltada pelos sentidos, e o evangelho do materialismo erguer-se-ia na sua verdadeira luz como uma ilusão sem valor. As correntes de uma teologia feita pelo homem não serão trocadas por isto!

Os fenómenos do espiritualismo formam um assunto de longe demasiado vasto para se abordar num capítulo como o presente. A literatura dedicada a ele está cheia de provas destes como factos absolutos, e qualquer pessoa que tenha lido *Miracles and Modern Spiritualism* de Alfred Russel Wallace e os *Scientific Papers** de Zöllner deve voltar-se para a investigação pessoal do assunto entre os seus próprios amigos se desejar chegar a uma conclusão isenta. Que descubra um médium entre eles e que dê, cuidadosa e honestamente, ao assunto a consideração que a sua enorme importância exige: valerá a pena. De uma excelente conferência proferida por William Fletcher em resposta a e intitulada *Objections to Spiritualism,* que lhe foram apresentadas em certa ocasião no Steinway Hall, as seguintes observações podem ser oportunamente citadas:

"Os homens de ciência dizem que não há uma única migalha de evidência relativa ao espiritualismo que apele a uma mente racional, e que os fenómenos espirituais são todos o resultado de um malabarismo hábil por parte do médium, ou de alucinação por parte dos observadores. Quem são os homens de ciência que dizem isto? São homens que estudaram o assunto, ou homens que, como o Professor Faraday, encolhem os ombros e dizem 'Esta

coisa está abaixo da minha atenção'? Perguntamo-nos se o autor do texto diante de nós alguma vez ouviu falar de Robert Hare, de William Crookes,* do Juiz Edmonds, de Robert Dale Owen e de Alfred Russel Wallace?

Esses também são chamados homens de ciência, e tornaram-se espiritualistas simplesmente porque investigaram cuidadosamente os fenómenos do espiritualismo. Essa foi a razão e nenhuma outra; e a recusa em fazer o mesmo é a razão — nenhuma outra — pela qual nem todos os homens de ciência são espiritualistas como estes."

"Robert Hare disse: 'Nenhum homem que deseje não se tornar espiritualista deve jamais investigar o assunto; porque tão certo como começar a estudá-lo, tão certo irá segui-lo, e segui-lo significa aceitá-lo, apesar de todas as objeções e opositores.'"

> • *Na Revue Spirite é afirmado: "M. Camille Flammarion, o eminente astrónomo francês, escreve: 'Foi pelo estudo do espiritualismo que o Sr. Crookes foi conduzido às suas magníficas descobertas sobre a matéria radiante.'"*

Milhares de vezes a verdade desta afirmação se tornou patente. Algumas pancadas numa mesa indicando inteligência — e as primeiras manifestações eram pouco mais do que isto — parecem muito triviais, mas eram o alfabeto que dava a chave para volumes. Contudo, porque a eletricidade, e a ação muscular inconsciente, e a força psíquica provaram ser teorias falsas, e porque os factos se desenvolveram até uma fase capaz de demonstrar a existência do espírito, e um poder sobre a matéria física desconhecido para o homem, os homens de ciência retiram-se agora do campo com um argumento *a priori* ilustrado pela "absurdez da existência de um centauro", e esta filosofia superficial é aceite como conclusiva.

A sua verdadeira posição é a do selvagem africano, que nega a existência do gelo porque a sua experiência universal lhe mostrou sempre que a água é um líquido, e que rejeita o testemunho do viajante que vem ter com ele e lhe diz que caminhou sobre ela. Rejeita uma verdade porque a sua própria experiência da natureza é limitada, e o argumento "científico" do centauro corresponderia ao ridículo do selvagem ao ser informado de que tal coisa como água sólida é conhecida.

A faculdade crítica está agora empenhada, e muito utilmente por um tempo, no trabalho de destruição; não se elevou ao nível filosófico que examinará imparcialmente qualquer coisa, e a sua rejeição de provas bem atestadas para qualquer série de fenómenos inesperados é uma prova, não só de quão facilmente um temperamento não científico é adquirido entre os homens mais dotados, mas também de quão grandemente o alcance da visão do homem necessita, pelo próprio método que repudia, de ser alargado.

Milagres, criações espontâneas e catástrofes, em vista do reinado de leis inalteráveis, eternas e aparentemente universais, são impossibilidades. A descrição miltoniana do "leão fulvo patinhando para se libertar" das planícies da terra excita um sorriso como aquele com que olhamos para o conto de fadas da nossa infância ou para a história de um santo medieval.

Num mundo cujas próprias rochas primárias parecem ter sido formadas pela ação calma e incessante das mesmas forças que estão a trabalhar agora, e que são dificilmente discerníveis pelo escrutínio agudo de uma vida inteira, o milagroso não tem lugar. Etnologicamente, historicamente e individualmente, o homem também tem estado sujeito à lei. Mas se os milagres nunca ocorreram, o progresso e o desenvolvimento sim.

E o que foi confundido com os primeiros foram os vislumbres antecipados e mal compreendidos das capacidades normais de uma condição futura e de uma raça futura.* Corretamente apreendidos, caem sob a mesma lei inalterável de desenvolvimento e servem meramente para apontar para uma visão mais elevada da matéria, ou para ilustrar a natureza e o destino da raça humana. O verdadeiro espiritualista, portanto, como o homem de ciência, pode relegar todas as velhas ideias de milagres para a Idade Média; a própria forma espiritual que lhe aparece ao lado do médium a dormir, e que forma uma

> • *Por "milagre" entendo a subversão de uma lei orgânica inviolável, tal como a capacidade de um animal ler ou escrever, não o uso de certas faculdades espirituais, ou um poder inteligente sobre a matéria exercido por um ser capaz delas sob condições verificáveis.*

flor diante dos seus olhos, faz o mesmo em estrita obediência a uma lei que existia mesmo na névoa nebular, e que era uma força capaz de crescimento e expansão, mas nunca de deteção ou de destruição. Na proporção em que a alma se torna consciente, torna-se criativa; pensa e recombina, e nasce uma locomotiva, ou uma ponte que cruza o ar; livre do corpo, o espírito adquire um poder sobre a matéria física, mais direto, e mesmo enquanto está no ato de o exercer, obedece à lei pela qual uma Mente Mestra produziu a matéria universal.

A relação, portanto, do espiritualismo com a ciência é simplesmente de adição, conhecimento complementar, não de subversão ou contradição. O espiritualismo não contradiz nenhum facto científico estabelecido de qualquer espécie, mas leva toda a ciência física a uma fase mais elevada; revela as forças interiores a trabalhar em todas as várias formas de matéria; demonstra a força primordial que o materialista só pode chamar incognoscível e desconhecida; mostra que esta força da alma, esta essência da

Alma Central, trabalha sempre para cima através da matéria física até se espiritualizar no homem, que é posto em contacto com a vida mais elevada do espírito, e o mundo espiritual.

E, um dia, dir-nos-á segredos sobre nós próprios e o nosso próprio mundo, perante os quais a ciência moderna, e todas as suas maravilhosas descobertas, parecerão brinquedos de uma criança. Isto pode ser ilustrado por uma comparação simples patente na vida quotidiana. O que é um campo verde para uma vaca a pastar? Tantos metros quadrados de pasto fresco para serem cortados passo a passo. O que é para o poeta ou para o artista? Um local belo e maravilhoso, repleto de botões-de-ouro dourados e estrelado de margaridas, suave com o hálito do trevo, sombreado por rápidas nuvens de verão; algo de onde a cotovia se ergue e sobre o qual descem os orvalhos do céu, cheio, na verdade, de "todas as abençoadas condições". Qual é o segredo dessa vasta diferença em coisas que são as mesmas? A alma. É o espírito consciente que responde ao espírito em todas as coisas. E virá a época em que o artista de hoje estará tão abaixo do homem do futuro como o animal malhado a ruminar aos seus pés está abaixo dele próprio.

A esse homem uma glória interior será revelada, e ele lerá o segredo da folha de relva e da flor; ele verá a chama da vida dentro delas, irradiando em tonalidades de arco-íris e coruscações de luz, e ao tomar uma simples erva daninha ou a "precoce prímula do desabrochar da primavera na sua mão, a ele, também, será entregue a maravilhosa verdade de que "Salomão em toda a sua glória não se vestiu como um destes". O nosso planeta pode estar vestido com a forma mais baixa e elementar de matéria; pode ser a fase mais precoce da vida, meramente o berço da mente, mas ele, também, é um mundo espiritual. E o conhecimento da sua verdadeira natureza lançará uma luz ardente

sobre os problemas não resolvidos que aguardam solução a partir desta única fonte.

O espiritualismo, portanto, não tem qualquer disputa com a ciência; apenas com o homem científico que não se curvará para ler a lição propositadamente colocada, não na sua mão, mas sob uma simples aparência ao seu pé; pois oferece uma perspetiva mais grandiosa do que o positivista mais otimista poderia imaginar mesmo nos seus sonhos, e afirma que nenhuma verdade do nosso mundo físico pode deixar de ser divina, porque esse mundo é d'Aquele em quem, de facto, "vivemos, e nos movemos, e existimos". E, finalmente, o espiritualismo explica cada facto da vida humana e todas as suas dolorosas lutas, por mais sombrias que sejam, e glorifica cada forma de martírio; demonstra a lei interior da justiça retributiva, a Némesis que segue todos os homens e os pesa por um único padrão, o do seu valor moral; e nessa balança divina o pária da terra pode ser achado muito menos em falta do que o gozador que ostenta uma coroa.*

- *Desde que escrevi o texto acima, li o capítulo sobre o Mundo Espiritual na Anthropology de Tylor, uma obra em todos os outros aspetos de carácter extremamente valioso. O facto e a ficção nela estão confusos de forma irremediável, devido à evidente inconsciência do autor quanto aos primeiros elementos da psicologia no seu sentido mais elevado, isto é, do homem como ser espiritual. A existência de espíritos elementares, o poder do espírito humano para deixar o corpo, a realidade de um mundo invisível, o lado espiritual de todas as formas físicas da natureza, eram todos francamente reconhecidos pelos nossos antepassados primitivos, ligados a muito do que era, pelas necessidades da sua condição, e pelas influências que naturalmente atraíam ao seu redor, de acordo com a bem conhecida lei espiritual, altamente apócrifo. Entre os*

malaios existe uma lenda de que descendiam de macacos brancos; e a mesma tradição pode ser encontrada entre os budistas, bem como a de que a fala foi gradualmente adquirida. Argumentar seriamente a partir destes instintos primitivos das primeiras raças de homens que a evolução não tem base científica de facto seria tomar precisamente a mesma posição que Tylor toma relativamente às primeiras conceções de verdades espirituais. O homem nunca se eleva acima do seu próprio nível, mas a realização do espírito tem sido uma das grandes forças de desenvolvimento da sua condição, e os espiritualistas apreciarão o parágrafo de encerramento do capítulo em questão como poucos podem fazer, no seu desejo calorosamente expresso por uma "crença que abranja um conhecimento mais elevado e ensine uma vida melhor".

Possa também notar que o valor de *Life of Christ* e *Life of St. Paul*, de Farrar, eloquentissimamente escritas, deve diminuir anualmente precisamente pela mesma estreiteza de conceção no que diz respeito às leis naturais e às suas variadas manifestações espirituais, de acordo com as necessidades da época ou a condição mental e moral do homem. Esta atitude deve-se provavelmente ao paleyismo que ensina que uma "violação de uma lei da natureza" pode provar uma verdade, que o seu valor consiste na sua raridade, e que a superstição e o malabarismo podem explicar aquilo que reduziria a impossível violação a uma manifestação de uma lei mais elevada. Hume e Paley, as luminárias opostas do século passado, empregam argumentos adaptados apenas a um conhecimento restrito e a bases estreitas de simpatia.

Muito diferente é a atitude do espiritualismo em relação à religião ortodoxa, que procura em vão ensinar aquilo por que está destinada a ser ensinada. A igreja de hoje, com o seu ritual e credos de há centenas de anos, é sagrada apenas pela associação,

pois ergue-se como um anacronismo na vida de batimento forte do século dezanove. Os seus edifícios nunca foram tão numerosos; as restaurações de catedrais nunca foram efetuadas com tanto cuidado; as missões nunca foram tão amplamente difundidas como agora.

Em riqueza e em poder externo a Igreja do Estado ergue a cabeça com orgulho, o orgulho de quase mil anos; mas o que dizer do seu poder moral sobre as mentes pensantes e os corações sensíveis dos homens? O que dizer, também, dos professos cristãos de hoje — aqueles que mantêm, e a um custo imenso, estas igrejas, rituais e padres? Fazem-se longas orações, os devotos não faltam no nosso meio, as esmolas são avidamente pagas, e lado a lado com isto crescem e aumentam a guerra, e todas as invenções de guerra, o animalismo, o vício, o pauperismo e o crime. Porquê? Porque os credos tomaram o lugar do ensino vivo do espírito, e porque a adesão aos dogmas é mais valorizada do que essa sabedoria que vem do estudo da natureza, e do Deus da natureza. As mentes de incontáveis homens foram exercitadas, bibliotecas foram recheadas com a ignorância erudita de argumentos desoladores sobre revisões, traduções, interpretações originais, subtis disputas doutrinárias, supostos significados do texto daqueles escritos selecionados principalmente por um bispo primitivo, os quais formam o que é chamado o "cânone da Escritura", um cânone que teria sido completamente diferente se a decisão tivesse incluído ou excluído livros ou epístolas; os factos mais importantes são ocultados do povo, e todos os nervos são tencionados para manter as opiniões de um Agostinho, de um Ambrósio, de um Eusébio, ou de um Concílio de Niceia, em face do bom senso, das leis da evidência e dos métodos mais sólidos de crítica que reduzem a teologia a uma elaborada apologia do seu próprio sistema.

Dificilmente se encontra um clérigo que não fale como se a inspiração verbal das Escrituras selecionadas fosse um facto admitido. Precisamos de tudo isto? O que são credos para Aquele que chamou à existência milhões de orbes, e que enviou os Seus mensageiros a cada raça de homens e a cada clima? É verdade que esses mensageiros transmitiram muito imperfeitamente as verdades confiadas ao seu cuidado; muitas vezes o profeta eclipsou a mensagem; mas eles estavam adaptados ao povo a quem foram enviados, e o próprio facto de o nosso mundo ter sido o berço de milhões de criaturas de Deus,* que viveram e morreram nas suas próprias fés, e que estão agora a progredir para cima em direção a um plano que nem sequer contemplámos, deveria fazer-nos libertar para sempre as nossas mentes da escravidão mental que meramente obscureceu as Escrituras como fonte de luz.

Sobre que alicerce assenta realmente a crença ortodoxa? A reivindicação dos livros históricos do Antigo Testamento de serem uma revelação Divina e infalível é uma reivindicação que é absolutamente impossível de substanciar e que em parte alguma é feita nos próprios livros. A autoria exclusiva de Moisés é desmentida pelo facto de a sua própria morte estar registada, bem como factos ocorridos durante o estabelecimento da monarquia judaica, e os mais eruditos e cuidadosos

- *Entre a população asiática, estima-se que budistas, hindus e muçulmanos sozinhos numerem, no presente momento, sensivelmente entre setecentos e oitocentos milhões.*

críticos bíblicos concordam que o Pentateuco deve a sua origem a várias fontes. Isto é tão claro que é surpreendente constatar que seja ocultado ou oposto. Alguém afirmará que Êxodo xxi. 20, 21, 28, 29, xxii. 3; Levítico xxi. 16, 20; Números xv. 32, 36, xxv. 4, xxxi. 1 a 20; Deuteronómio xxi. 18, 21; 1

Samuel xv. 3, &c., &c., são ordens e regulamentos Divinos? Há algo em comum entre Deuteronómio xxii. 20, 21 e João viii. 1 a 11? Não é clara a natureza da inteligência comunicante, um "anjo" ou espírito, em Juízes ii. 1? Não são claras as conceções antropomórficas do Criador comuns às raças primitivas em Ezequiel xxi. 3; Naum i. 2, e expressões tais como "o Senhor é um homem de guerra", "Eu Próprio lutarei contra vós com ira, e com furor, e com grande indignação"? Não obstante o sétimo artigo de religião na forma do Livro de Oração Formular formular que "o Antigo Testamento não é contrário ao Novo", um mundo inteiro divide tais ideias de João iv. 24. A lenda do dilúvio foi claramente remetida para a Assíria, e é mais do que provável que investigações futuras tragam à luz os antigos registos aos quais a história antiga no Génesis se deve.

A da queda, por mais verdadeira que seja num sentido espiritual, já está rastreada. As lendas da serpente que arruinou o Paraíso são de indubitável origem persa; e tornaram-se familiares aos judeus durante o cativeiro babilónico, e a ideia de uma encarnação pessoal do mal foi derivada da mesma fonte. Estes primeiros tateios do homem relativamente à origem da sua raça, do mal, do sofrimento e da morte ligados a uma condição física, e que foram os primeiros mistérios que ele se esforçou por resolver, são de profundo interesse como parte da história do desenvolvimento mental, mas a igreja interpretou-os literalmente e aceitou-os como revelação autoritária. Pouco depois do estabelecimento do cristianismo romano tornou-se um crime afirmar que a morte existia antes da queda de Adão, e não obstante as óbvias dificuldades morais e científicas na crença, dificuldades tão insuperáveis como a preservação durante um mês de uma variedade de diferentes espécies de animais, aves, répteis e insetos numa arca, a igreja ainda ensina que a raça brotou de um único par. Estas ideias lançaram a pedra angular desse "plano de

salvação", e da conservação das antigas visões da expiação por sacrifício, que excluíam as raças do passado, como excluem os "pagãos" de hoje, e que nada têm em comum com a grande obra de Cristo cumprida apenas quando a hora estava madura, e que ainda aguarda o desenvolvimento perfeito na vida do homem.

Mas os próprios factos que apontam para o desenvolvimento gradual da religião são lidos ao contrário à luz da teologia clerical. Assim, um missionário num discurso recente no Oeste de Inglaterra proferiu as seguintes palavras: "Era costume pintar o hinduísmo com cores muito escuras; mas, se havia muito erro, havia alguma verdade — Deus não Se tinha deixado a Si mesmo sem testemunho entre o povo. O hindu acreditava numa Trindade, na necessidade de Deus Se encarnar para que o homem fosse salvo e na necessidade do sacrifício. Ele tinha visto, como poucos missionários viram, milhares de vítimas oferecidas em sacrifício e, tal como entre os judeus, eram sempre animais machos que eram oferecidos. Ele tinha visto os brâmanes depois sentarem-se e comerem a carne do sacrifício e tinha visto as tribos aborígenes oferecerem um sacrifício tão intimamente semelhante à páscoa judaica que fora constrangido a parar e indagar. O hindu acreditava na depravação universal, na responsabilidade do homem e na imortalidade do homem; contudo, a idolatria manifestava-se em males que se estendiam a todas as relações da vida." Precisamente o mesmo tipo de observações se aplicaria a fases da antiga religião mexicana, ao budismo, ao paganismo, etc. Se estas afirmações, que podem ser tomadas como amplamente corretas, são calculadas para provar alguma coisa, mostram a ampla difusão de certas ideias religiosas em certas fases de semi-civilização, e corroboram as perspetivas que têm sido expressas por escritores científicos.

Max Müller diz que os documentos autênticos das principais religiões do mundo foram, nos últimos setenta anos, recuperados

de uma forma inesperada; e a ciência da religião é uma ciência que nos ensinará a olhar com mais caridade para as antigas fés do desprezado budista e do parse. Mas, se alguma vez quisermos fazer da Índia um país cristão, nós próprios teremos de nos tornar como tal, e elevar-nos a um nível mais nobre na religião do que aquele com que jamais se sonhou. O catecismo não converterá o hindu. O Evangelho de Cristo foi dado ao homem em liberdade; as cartas escritas por Paulo, por Pedro e pelo "bem-amado" João foram preservadas por qualquer outra razão que não a sujeição da consciência do homem, que é ele próprio o templo do Espírito Eterno. Mas foram adoradas como o selvagem adora o seu fetiche, ou o birmanês o seu ídolo, e, em vez de os princípios subjacentes serem apreendidos, temos uma teologia construída sobre a letra — um Satanás material, um inferno material e eterno,* a salvação pelo sangue físico do

• *Para dois livros católicos de horrores que deveriam ser publicamente expostos, remeto o leitor para The Sight of Hell, do Rev. J. Furniss (Dublim e Londres), publicado permissu superiorum, e Hell Opened to Christians, publicado "com autoridade" (Thomas Richardson and Son). Este último está cheio das ilustrações mais revoltantes, calculadas para produzir loucura religiosa. Muitos sermões protestantes exibem erros dificilmente menos grosseiros e degradantes. A ideia popular de inferno é de grande utilidade para os padres na manutenção da ortodoxia. O mesmo acontece com a ideia materializada do "dia do juízo", que é precisamente a mesma entre um grande grupo de pessoas religiosas como o era no tempo de Santo Agostinho, quando o facto da esfericidade da terra era combatido com base em que "aqueles do outro lado não poderiam ver a descida dos anjos no ar."*

Salvador dos homens, e um credo de Atanásio, e trinta e nove artigos formulados nesse espírito de terrorismo que é o último reduto de uma igreja já não forte, já não poderosa no meio do seu poder, já não semelhante a Cristo, sobre as mentes dos fracos. Estas crenças e dogmas, e outros como eles, mancharam a história eclesiástica com crimes; as suas páginas estão escritas no "sangue dos mártires" — essas mentes livres que se elevaram acima das torturas da Inquisição, do cavalete, da masmorra e da fogueira; milhares em países tanto católicos como protestantes pereceram por causa deles — sim! bebés e crianças de tenra idade; e estas coisas foram cometidas em nome daquele Santo que denunciou os fariseus de outrora como teria denunciado os fariseus de há três séculos que se ajuntavam em Smithfield, e como denunciaria os fariseus modernos que perseguem os homens e mulheres inspirados desta época.

O ocultamento destes factos chega demasiado tarde; eles são conhecidos por toda a parte. O último grito da igreja contra os dons do Espírito, de que são "diabólicos" — vergonha sobre o pensamento que enxovalha a própria página em que está escrito! — foi proferido em vão contra os "milagres" de Cristo, contra os fiéis primeiros cristãos, contra a imprensa do final da Idade Média, contra a descoberta da verdadeira ordem do sistema planetário, contra cada reformador e trabalhador pela verdade e pela liberdade, contra a ação dos poderes mesméricos ou psíquicos do homem, contra a liberdade do escravo, contra os factos da geologia e o avanço da ciência, e esse grito cai impotente perante o espiritualismo hoje! É demasiado verdadeiro, demasiado humano no melhor sentido, para ser prejudicado por uma afirmação tão desprovida de sentido como esta. Citarei as palavras do bom e velho Juiz Edmonds, um dos seus pioneiros, a quem o mundo chamou louco, e que seguiu o seu caminho, como

outros reformadores, dizendo a verdade e não temendo nada, até a sua memória ser honrada entre o seu próprio povo:

"Brevemente, pois, quanto à soma do argumento: o espiritualismo previne a hipocrisia; detém o crime; regenera o infiel; prova a imortalidade da alma; reconhece um só Deus e a responsabilidade do homem perante Ele; impõe a grande lei do Criador por incentivos até agora desconhecidos para o homem; cura os doentes; dá a vista aos cegos; cura os aleijados; consola o aflito; impõe a todos a máxima pureza de vida; ensina aquela caridade que antes se lamenta do que se regozija com as falhas dos nossos congéneres mortais; e revela-nos a nossa própria natureza, e qual é a existência para a qual havemos de passar quando esta vida tiver terminado. E isto é-nos ensinado por um reverendo divino, que ocupa um lugar elevado naquilo a que chama a 'Igreja de Deus', como sendo o mal! Ai de nós! se o for, por que sinal conheceremos a obra de Deus?" *

- *É quase incrível que existam pessoas nestes dias que associem a grande verdade do espiritualismo moderno à "necromancia" das antigas nações orientais, na qual sacrifícios humanos Ninguém pode duvidar, de facto, que tais crenças tendem para uma incredulidade não menos varredora.*

" A característica mais notável, e a que ameaça mais seriamente a situação atual", diz um escritor num jornal não dado a reconhecer os sinais dos tempos com demasia facilidade, "é o elevado carácter moral, a inquestionável dedicação à verdade exibida pelos principais agnósticos do dia. Que um longo e sombrio eclipse da fé possa possivelmente estar diante de nós no futuro, há poucos suficientemente ousados para o negar." É verdade. Já não temos de lidar com um Voltaire, que desperta repugnância ao mesmo tempo que comanda respeito como vingador de Calas e La Barre.

As conclusões alcançadas foram obtidas por métodos diferentes, à luz de um conhecimento muito mais vasto, e assentam em bases mais inatacáveis. Nem a influência de uma informação imperfeita respeitante a um universo invisível se limita a estes. A grande exigência sentida, quando não proferida, por "mais luz", é também experimentada por uma classe de pessoas muito diferente da escola de Clifford e Comte.

Enquanto uma se volta para o ideal na humanidade, a outra procura consolação em pequenas obras que trazem à memória mais vividamente a ideia da vida invisível mencionada na época distante dos primeiros Apóstolos. *The Gates Ajar* alcançou a rara honra de uma edição a seis *pennies*, e *Life in Heaven* e *Heaven our Home* foram cada um circulados na ordem dos 170.000 exemplares. Mesmo o presbiteriano escocês parece de algum modo duvidoso quanto aos deleites de um céu de constante igreja, "onde as congregações nunca se dissolvem e os sábados nunca acabam", e está pronto para uma visão mais racional da existência espiritual. Contudo, quando o orador em transe é enviado aos homens para destruir as dúvidas de uma classe e informá-los de que há espíritos e um mundo espiritual, e para confirmar as esperanças da outra e revelar-lhes muito mais do que o não inspirado pode ensinar, ele

eram feitos a Moloque (aludido em Deuteronómio xviii) ou à dos druidas, na qual a adivinhação era praticada pelo exame dos órgãos internos de vítimas humanas! O que a feitiçaria era em muitas das suas fases pode colher-se de volumes ainda existentes na biblioteca do Vaticano, e provavelmente muitos outros pereceram felizmente na destruição da Biblioteca de Alexandria. Que crimes dignos da Inquisição nos seus dias mais prósperos pudessem, por qualquer possibilidade, ser associados à bela filosofia do espiritualismo, é uma instância de fanatismo e ignorância combinados para a qual procuraríamos em vão em

qualquer classe de pessoas, exceto naquelas que professam ensinar a religião ao povo.

Por outro lado, um caso ordinário de mediunidade num reavivamento irlandês, no qual uma jovem rapariga sem instrução falou acima da sua capacidade normal num bom francês, é feito o fundamento de uma declaração solene num número recente de um jornal evangélico de que ela estava "cheia" da "Terceira Pessoa da Trindade".

é recebido com ridículo, calúnia e suspeita. Todos os preconceitos dos homens encontram vazão sobre ele, preconceitos que não seriam agora tolerados contra os unitários, católicos romanos ou ateus. Há liberdade desde que o credo do Estado seja mantido, tanto para duvidar como para conjeturar; mas a prova é rejeitada, e tal como os católicos toleravam o ateísmo no século dezoito enquanto perseguiam os huguenotes até ao fim, assim as igrejas toleram a ciência materialista e denunciam o que reconhecem ser uma religião rival. A fria negação do agnóstico é menos dura de suportar do que o conhecimento de que um poder vivo está no seu meio, o qual não pede a sua bênção nem se curva à sua autoridade, mas se remete para as faculdades pensantes dos homens.

Mesmo uma fé deve ser escolhida pela razão, e chega um momento na história da raça, como na do indivíduo, em que a fé deve dar lugar ao conhecimento. A religião dos judeus de outrora era a da infância; a religião dos apóstolos, a da juventude; enquanto a religião de Cristo e a filosofia do espiritualismo são a religião prática da idade adulta, na qual a razão, a qualidade mais semelhante a Deus no homem, está entronizada. Daí que nenhum anjo seja jamais enviado em forma visível para coagir a crença em todos, ou para fazer a verdade ser reconhecida por mentes que nunca a realizaram, nunca conquistaram um desenvolvimento nobre na luta para cima; a verdade não pode ser mais forçada em

mentes não amadurecidas para ela do que a civilização do homem branco pode ser forçada nas raças dos mares do sul; os mensageiros do céu estão sempre velados, e não poucas vezes aparecem sob uma aparência tão humilde que apelam apenas àqueles cujas almas são livres. Para esses, o apelo é claro e a voz suficientemente poderosa para os conduzir com bravura.

Quando a Criança Imortal nasceu não havia "lugar para ele na hospedaria"; ele deu o seu primeiro alento numa manjedoura; e de forma semelhante a verdade espiritual, que agora roga em seu nome pela imortalidade do homem, foi introduzida no mundo. Não tem havido "lugar para ela" na igreja dos credos; "lugar para ela" entre os homens de ciência; ela tem vivido no meio de ambientes sombrios e de coisas boas e más, e apenas os anjos invisíveis, que a têm guardado, realizaram a sua santa missão. A oposição, o preconceito e a indiferença não são nada de novo.

Em Roma, Cristo foi caricaturado; Juliano declarou que o seu poder espiritual era igualado ou superado pelos taumaturgos comuns; para Tácito, Plínio e outros, o cristianismo era uma "superstição prevalecente e vergonhosa" e uma "enfatuação", e São Jerónimo diz que os seguidores de Jesus eram vistos como impostores. A maioria dos grandes filósofos romanos tratou-o com o silêncio, não menos eloquente, do desprezo. Quando nos lembramos de que o próprio Cristo foi acusado de blasfémia e de loucura pelos fariseus, o paralelo entre o Fundador da religião cristã, os primeiros cristãos, que foram acusados de todo o tipo de crime pelos romanos céticos, e o espiritualismo moderno é completo. Os seus métodos humildes, as suas fraquezas foram expostos ao ridículo; o seu vasto corpo de provas em constante aumento, as suas belas verdades e o seu significado claro foram estudiosamente ignorados.

Esse poderoso poder espiritual que está a influenciar o mundo, e perante o qual o orgulhoso materialista há de finalmente

ceder e tornar-se como uma "criançinha", está fora da igreja, e bem para o homem que assim seja! Os pescadores da Galileia foram os escolhidos, não os sumos sacerdotes; os publicanos e pecadores foram consolados, não os escribas. Novamente o paralelo: os judeus esperavam um rei temporal; contemplaram o "filho de um carpinteiro": os homens esperam um dia do juízo; são colocados frente a frente com a sua consciência e com a indelével história de vida do seu próprio espírito: as igrejas esperam por um milénio milagroso; e com um poder silencioso, mas irresistível, os espíritos ensinam os homens a criar esse "reino dos céus que está dentro de nós".

Muitos há entre nós que, como Cristo, "choram sobre Jerusalém", a antiga e amada cidade, e clamam: "Ó Jerusalém, tu que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes quis Eu ajuntar os teus filhos, e vós não quisestes!" O mártir e a sua verdade parecem ambos perecer na altura e afundar fora de vista. Mas e se os judeus tivessem recebido Aquele que proferiu este comovente lamento? E se Caifás tivesse cedido? A obra de coroação da vida mais grandiosa que jamais se viveu na terra teria ficado por fazer; o sacrifício da morte teria sido evitado; e a imortalidade através d'Ele nunca teria sido revelada. O mundo precisava, não do Cristo que fosse acolhido e coroado, mas do Cristo que morreu.

Os adoradores dos credos não acordam muito facilmente, ou os credos nunca falhariam: permanecem cegos por muito tempo; porque a grande e santa missão do espiritualismo é restaurar na sua pureza e na sua força o esquecido cristianismo de Cristo; ensinar as coisas que nem os discípulos podiam suportar ouvir; unir a humanidade, de qualquer raça que seja, numa fraternidade religiosa; mostrar aos homens como obedecer às leis de Deus que eles diariamente violam em nome da piedade; revelar-lhes da forma mais clara, mesmo à vista, o que o bom e o mau espírito é,

lá, bem como aqui, e em que consiste a mais elevada conversão; inaugurar o reinado crístico de amor, pureza e paz; acima de tudo, destruir para sempre os dogmas que envergonham a inteligência do nosso século e que alienaram as mentes mais nobres da verdade, e ultrajaram o próprio nome da religião, e ensinar mais uma vez e para sempre que "Deus é Espírito, e importa que os que O adoram O adorem em espírito e em verdade."

Deixemos os convencidos da igreja ou da capela denunciá-lo e rejeitá-lo se quiserem; estão apenas a prenunciar a sua própria condenação. Contra a verdade Divina nada prevalecerá, e os anjos de Deus chamam os seus instrumentos escolhidos, e cumprem a sua obra designada, e passam por eles com santo desprezo.

CAPÍTULO VIII

DISCURSOS EM TRANSE E PROVAS PÚBLICAS DE IDENTIDADE ESPIRITUAL NOS CAVENDISH ROOMS

"Alma, se tens a verdade para proferir, Fala, e deixa o resto para Deus!"

Desde o momento da sua primeira aparição como trabalhador público na causa do espiritualismo em Londres, William Fletcher em várias ocasiões complementou o labor das suas sessões ordinárias, com toda a ansiedade e fadiga que elas acarretavam, proferindo discursos em transe sobre a religião e a filosofia do espiritualismo.

O primeiro foi proferido no Langham Hall, em benefício do Orfanato da Sra. Weldon, a 21 de maio de 1877, sendo o tema *O Elemento Religioso no Espiritualismo*, o qual foi escolhido pelo público. Ele voltou a palestrar no Doughty Hall a 1 de julho, mas a escassa assistência e a falta de simpatia por estes esforços impediram-no de oferecer os seus serviços permanentemente.

Deu, contudo, ao longo deste ano e do seguinte, várias palestras em benefício de fins de caridade em diferentes salas de Londres, com maior ou menor sucesso, sendo os temas escolhidos de carácter tanto religioso como secular, e compreendendo a seguinte lista:

"O Espiritualismo, uma Religião para Hoje; Meia Hora de Alexandria a Jerusalém; Quem são os Cristãos?; Como e Onde Estamos como Espiritualistas?; O Céu e o Inferno do Espiritualista; Que Devo Fazer para me Salvar?; Como um Espiritualista Desfrutou do Egito; Pesado nas Balanças e Achado em Falta, etc."

Num breve relatório de *O Espiritualismo, uma Religião para Hoje*, encontro os seguintes pensamentos, que são dignos de registo por formarem os princípios orientadores do nosso médium e do grupo de espíritos que o rodeia:

"Foi dito que onde o conhecimento e a ciência deixam o homem a religião acolhe-o; que além dos nossos esforços e das nossas investigações, além das vitórias e derrotas da vida, além das nossas alegrias e das nossas dores, há um poder no mundo, conhecido como religião, que se torna a nossa estrela guia e conduz a essa paz perfeita que ultrapassa o nosso entendimento atual. Precisamos de uma religião para o dia de hoje, para este mundo e para esta vida, bem como para a próxima, e o espiritualismo vem em resposta a essa necessidade. Muitas pessoas chamam-se a si mesmas espiritualistas simplesmente porque viram forças a trabalhar para as quais não conseguiram encontrar explicação — porque viram movimentos de objetos nas suas casas que não foram produzidos por agência humana; mas estas pessoas não são espiritualistas; apenas viram fenómenos e são fenomenalistas. Não precisamos de meros caçadores de curiosidades.

Esforcemo-nos por e pratiquemos o espiritualismo, até que ser espiritualista seja o nome mais glorioso na terra, até que, estando em harmonia e amor com todos os homens, façamos do 'mundo inteiro a nossa pátria, e de fazer o bem a nossa única religião'."

Esta defesa forte e fervorosa de um viver espiritual tem sido, do princípio ao fim, a nota dominante de todos os discursos de William Fletcher, e nisto está, e tem estado, o segredo da sua força e poder.

No início do mês de dezembro de 1878, enquanto ouvia uma palestra do Sr. Lambelle, no Ladbroke Hall, teve uma visão, na qual viu a imagem de si próprio a palestrar numa sala rodeada de espelhos, e o tempo em que estes discursos seriam dados, a saber, no início do ano seguinte, foi-lhe também mostrado. Ele relatou este incidente a um cavalheiro, que disse imediatamente: "Descreveu os Cavendish Rooms, pois é a única sala pública em Londres rodeada de espelhos."

Estes o nosso médium nunca tinha visto, mas ficou tão fortemente impressionado para fazer aplicação imediata para as salas e começar um curso de palestras sobre o espiritualismo, que se pôs imediatamente a caminho deste trabalho novo e inesperado. Ao fazer indagações, disseram-lhe que era impossível alugá-las, pois estavam alugadas até à Páscoa, mas tão profundamente influenciado estava para fazer novos esforços que recorreu à sede e foi então informado de que a sala tinha acabado de ser entregue pela pessoa a quem tinha sido alugada, e que podia alugá-la imediatamente para o curso de palestras proposto.

Através da generosidade do Sr. E. Harrison Green, de Filey, ele pôde fazer isto, e anunciar que a entrada seria livre. Pelos seus próprios serviços não recebeu, nem nesta nem em qualquer outra altura, qualquer tipo de remuneração, e o seu único dia de

descanso, o domingo, foi assim entregue à instrução do povo. A atitude corajosa que manteve neste trabalho pode ser reconhecida a partir do contraste entre uma carta privada para mim, uma das breves notas que costumava enviar aos amigos à distância, e os apelos fervorosos que publicou para os espiritualistas nos seus vários jornais.

Não ocultou o cansaço que sentia dos poucos amigos que sabiam demasiado bem quão verdadeira era a sua queixa de que há "muito poucos neste mundo que possam realizar o que os trabalhadores têm de suportar!" Não podia suportar o mero fenomenalismo, e escreveu: "Estou por vezes um pouco doente do coração sobre o modo como o espiritualismo parece estar a afastar-se da sua grande utilidade, a afastar-se da sua grande missão; apenas mal utilizado! Cada grande movimento deve guardar-se dos jesuítas, e aqueles que são os seus mestres devem estar muito firmemente convencidos nas suas próprias mentes, caso contrário virão desgraças.

Posso ver isto tão claramente que tenho rezado por força. Aqueles que dizem que não há religião no espiritualismo são aqueles cujos olhos estão cobertos com escamas; e porque não despertaram para toda a glória que é possível nele, não é razão para que ela não esteja diante deles; contudo, não é a primeira vez que a 'luz brilhou nas trevas, e as trevas não a compreenderam', apenas protesto contra o abuso a que esta alta e santa verdade é submetida, e é para este propósito que comecei as minhas palestras."

Os seus sentimentos pessoais relativamente ao novo trabalho equivaliam quase a aversão, de tal modo ele se esquivava da constante aparição perante um público; mas sentia que um grande dever recaía sobre si, e tanto mais que por um período considerável não tinha havido um único local adequado para o

público no qual as verdades do espiritualismo fossem ensinadas, em Londres.

O seu apelo aos espiritualistas é tão cheio do propósito firme da sua vida, de um entusiasmo pela sua causa e de uma crença no seu poder ilimitado para o bem, que não posso deixar de o transcrever *in extenso*, como parte desse esboço de carácter, bem como de verdade, que me proponho escrever para outros:

"Queridos Amigos, — É com não pouca timidez que me aventuro a chamar a vossa atenção para a série de reuniões que estou agora a inaugurar, sabendo quantos existem nas fileiras do espiritualismo mais capazes de fazer justiça ao assunto e de levar por diante a obra. Mas Londres é demasiado grande e os espiritualistas são demasiado numerosos para permitir tal escassez de locais onde o evangelho da nossa instrutiva religião possa ser ministrado.

Acredito que o dever da hora é a missão de uma vida, apreendendo em essência as possibilidades não desenvolvidas de um futuro não traçado; e o seu desempenho fiel, semente semeada para uma colheita infinita. A ciência é um poder, a religião um preceito, o ateísmo um círculo, em cujo centro o espiritualismo existe e desempenha um papel importante no desenvolvimento do valor intrínseco do que o rodeia.

Nascido de Deus, em harmonia com a ciência, um epítome de sábias verdades, ilimitado na sua capacidade para o bem, pode verdadeiramente ser chamado a alma da ciência e o intelecto da religião. O presente é, quanto a mim, uma época importante na história do mundo; a mente está a deixar de brincar com a matéria e está a evidenciar de muitas formas a sua própria e real supremacia, e o dever da hora é desenvolver até à sua capacidade máxima o 'único talento que Deus confiou ao Seu povo.' Para este fim, convido todos os amigos da nossa causa a assistirem com a

sua presença e experiência para tornarem estas reuniões úteis para a humanidade e de valor para a causa.

Apresento isto sem alarde de trombetas, sem apelo a dinheiro, apenas com o desejo de servir aqueles que desejam ter uma plataforma a partir da qual algo possa ser ouvido respeitante à religião do espiritualismo. O meu altar é a verdade; o meu credo a lei mais elevada que Deus revelou à minha alma; e dando como dou a semana ao trabalho profissional, sinto que um dia em sete posso servir melhor a Deus ministrando livremente o evangelho do espiritualismo ao Seu povo.

"J. WILLIAM FLETCHER."

Aquele "um dia em sete" — o único em que se tinha sentido a salvo do desgaste do contacto com o ceticismo e a mecanicidade do mundo, da tensão do trabalho que começava cedo pela manhã e por vezes se prolongava pela noite dentro, — o único dedicado aos amigos, a esse restaurador da empatia pelo qual o trabalhador de coração cansado por uma nova verdade anseia de todo o seu coração, — foi entregue, como ele disse, ao patético mandamento d'Aquele que há longos anos disse a cada alma inspirada: "Apascenta as minhas ovelhas."

O sacrifício não foi feito em vão. As assistências nos Cavendish Rooms eram grandes; por vezes, números de pessoas eram mandados embora por falta de espaço, e os presentes escutavam as palestras com não pouco deleite. William Fletcher anunciou então uma classe-reunião de domingo, segundo o plano dos Liceus das Crianças na América, com o propósito de ensinar os espiritualistas "a ser" as verdades sociais e religiosas mais importantes que o nosso século reconheceu. Escreveu aos seus amigos: "O futuro do espiritualismo está nas mãos dos jovens. Não somos então lembrados — pais, mães, espiritualistas, do encargo fervoroso que temos na nossa guarda, e do trabalho fiel

que temos de realizar em guiar Retamente os pés destes pequeninos?

Os homens vivem em atos, não em anos. E, realizando a escuridão em que caminhámos, não poderemos nós, ao remover o medo da morte e ao cultivar uma fé e confiança perfeitas em Deus, tornar o caminho mental dos nossos filhos mais ensolarado, o jugo da escravidão que tem repousado sobre os nossos ombros menos pesado à medida que repousa sobre os seus, e assim capacitá-los a ensinar as verdades que nós, 'atravessando o rio', teremos deixado por ensinar?"

O Sr. Desmond FitzGerald consentiu generosamente em atuar como superintendente desta classe, que durou até William Fletcher ser obrigado a dedicar-se inteiramente ao trabalho mais urgente, embora dificilmente mais importante, do ensino público. Uma Sociedade de Costura foi formada em conexão com a classe, e uma comissão que procurava dar ajuda aos pobres. Todos estes foram inquestionavelmente passos na direção correta. Dificilmente se acreditará, contudo, que nas fileiras dos espiritualistas existissem alguns que, não contentes em recusar o seu apoio ao nosso médium trabalhador, se condescenderam a insultá-lo. Dou o incidente como uma ilustração das dificuldades que foram apenas demasiado verdadeiramente previstan pelo espírito que anteviu a sua carreira.

Serviços para a celebração do trigésimo primeiro aniversário do Espiritualismo Moderno foram realizados no final de março nos Cavendish Rooms, sob a direção do Sr. e da Sra. Fletcher, e para estes todos os principais espiritualistas de Londres foram convidados. Cito do *Spiritualist* de 18 de abril de 1879:

"Cartas de vários cavalheiros que tinham sido convidados para falar foram lidas pelo Sr. Fletcher, incluindo o seguinte postal do Sr. Enmore Jones:

""Ao Sr. Fletcher. — Não tenho assistido a nenhum dos seus serviços de domingo, porque considero que são apenas um truque de publicidade comercial. O espiritualismo nunca poderá prosperar enquanto os seguidores do acampamento falarem de religião por dólares e montarem reuniões para esse propósito.'

""Isto,' adicionou calmamente o Sr. Fletcher, 'vem de alguém que se chama a si mesmo um 'cristão espiritualista.'"

Expressões de desaprovação seguiram-se imediata e merecidamente. Ao colocar assim num registo mais permanente um incidente de menor importância, desejo apenas chamar a atenção para o grande princípio de que o "espiritualismo cristão" * tem de ser vivido bem como falado, e que significa amor e paciência, em vez de desconfiança e perseguição. O homem que fala a verdade de Deus e faz a obra de Deus, e faz ambas em amor, é o seguidor do Mestre — nenhum outro, seja o seu credo qual for.

Uma característica de grande interesse tinha agora surgido em conexão com estes serviços de domingo à noite nos Cavendish Rooms, e esta era o exercício público da faculdade clarividente de William Fletcher. Poucos médiuns são suficientemente dotados para manifestar o seu poder no meio das influências variadas e inarmónicas de uma assembleia mista, mas por mais desfavoráveis que as condições fossem, foram finalmente superadas, e as provas eram dadas semana após semana, por vezes a estranhos, por vezes a céticos — pessoas que vinham ouvir "a palestra sobre espiritualismo" pela primeira vez, e eram sempre reconhecidas quer posteriormente, quer na altura. Um desiderato na causa foi assim alcançado.

Estas provas eram dadas logo que a condição magnética da sala permitia aos espíritos que o rodeavam exercer o seu poder; mas que elas eram ao início muito exaustivas para ele é evidente

de uma carta publicada no *Banner of Light*, de 22 de março de 1879, pela Sra. Louisa Andrews, a bem conhecida espiritualista, da qual dou a seguinte citação:

> • *O espiritualismo "cristão", ou mais propriamente teológico, tem sido uma tentativa de enxertar a nova verdade nas velhas formas, e como movimento falhou quase inteiramente, um facto sobre o qual o capítulo anterior lançará alguma luz. Todas as doutrinas ortodoxas têm sido ocasionalmente ensinadas por espíritos que entraram na outra vida profundamente impregnados delas, e que exercem uma imensa influência sobre os professores estabelecidos de pontos de vista semelhantes.*

"No último domingo à noite a sala estava cheia, e nunca vi reunidos para ouvir um conferencista espiritualista tantos das classes instruídas. Nunca houve um público mais respeitosamente atento; e entre eles o Sr. Fletcher e a sua esposa tinham evidentemente muitos amigos pessoais dedicados. A sua saúde é delicada, e foi com dificuldade e esforço que ele concluiu a sua última palestra, e deu as provas muito satisfatórias que se seguiram. Certamente que tão bom e desinteressado trabalho merece recompensa; e acredito que ao espalhar a luz, e ao dar esperança e fé a muitos corações enlutados e na dúvida, ele recebe a sua compensação — a única compensação adequada possível em tal caso."

Entre as dadas, seleciono algumas para mostrar o carácter destas breves provas de comunicação e identidade espiritual, dadas através do nosso clarividente. Algumas delas são quadros-visões, produzidos por poder espiritual:

"Vejo um jovem rapaz em apuros: agora está no mar, vestido como um marinheiro; está muito mais alto agora. Novamente aparece ainda vestido da mesma forma; está a caminhar na rua;

cambaleia e cai morto; o nome de James aparece; ele está perto daquele cavalheiro" — indicando um cavalheiro no fundo da sala. (Reconhecido.)

"Um homem idoso caminha de um lado para o outro da sala; tem cerca de oitenta anos. Vem ter com alguém cujo nome é Frederick; o seu próprio nome é William P. O seu objetivo ao vir é em resposta ao seu desejo, e para o fazer saber que a vida espiritual é verdadeira." (Reconhecido.)

De *Spiritual Notes* de maio de 1879, o seguinte pode ser extraído:

"Imaginem os nossos leitores, se puderem, o efeito impressionante sobre um estranho que entrou casualmente na sala — quase por acidente, como dizem os homens, que sabe pouco ou nada sobre espiritualismo, e que nunca viu o Sr. Fletcher antes, nem ouviu falar dele, e que agora, para seu espanto absoluto, ouve, publicamente dada, uma descrição minuciosa e precisa de algum amigo falecido, com menção do seu nome e da hora e circunstância da sua partida, acompanhada por alguma terna mensagem de amor, tal como ele sabe que só aquele poderia ter dado. E contudo tais evidências de vida e presença espiritual são dadas pelo Sr. Fletcher domingo após domingo; e a sua exatidão em cada pormenor é habitualmente reconhecida abertamente por aqueles a quem são dirigidas. Acrescentamos uma ou duas como espécimes justos do todo:

""Vejo,' disse o Sr. Fletcher, 'um grande navio. Ele está a rasgar a água muito rapidamente. Agora tornou-se tão escuro que mal consigo ver. Agora estão a lançar uma linha; mas o navio bate nas rochas, e todos a bordo correm de um lado para o outro em terror. ELES tomam os barcos, enquanto as águas se abrem e o navio se afunda fora de vista. Nem uma pessoa se afoga. Há também uma senhora, que o conhecia longe daqui. O seu nome é

H. Ela envia a seguinte mensagem.' (Uma longa mensagem foi dada.) 'Esta visão vem para o cavalheiro ali sentado!' (indicando um estranho na assistência.)

"O cavalheiro ergueu-se e disse que tinha acabado de receber notícias da perda de um grande navio que fazia a rota de Londres para Melbourne, mas não tinha conseguido compreender bem os pormenores. Pediu, contudo, para reconhecer a sua identificação completa do espírito da senhora, que era uma grande amiga sua na Austrália. Podemos adicionar que os jornais australianos acabados de receber anunciam o naufrágio completo deste vapor, por ter batido nas rochas, enquanto avançava à velocidade de nove nós por hora através de um denso nevoeiro, e precisamente quando estavam prestes a fazer as sondagens. A tripulação e os passageiros foram todos salvos. O capitão está agora sob julgamento em Melbourne.

"Novamente o Sr. Fletcher disse, 'Vejo uma grande multidão de pessoas, tão estranhamente vestidas. Estão agora a lutar e a matar todos aqueles com quem entram em contacto. Vejo um cavalheiro terrivelmente cortado em pedaços por elas. O mesmo cavalheiro está muito perto daquela senhora, e diz que está bastante bem agora. O seu nome é H. C., e deseja que eu diga' (uma longa mensagem foi aqui dada, e o espírito foi reconhecido pela senhora indicada como sendo o seu marido, que foi morto na Revolta dos Sipaios na Índia, e a mensagem, disse ela, estava correta em cada pormenor)."

O carácter profético de algumas das mensagens dá uma confirmação adicional da sua realidade, e o seguinte exemplo cito do mesmo número:

"Há alguns domingos à noite o Sr. J. W. Fletcher, no seu serviço no Steinway Hall, deu uma mensagem do falecido George Thompson, na qual o espírito disse que um dos seus coadjutores

estava prestes a juntar-se a ele na vida mais elevada — os termos da mensagem apontando claramente para William Lloyd Garrison. A profecia cumpriu-se, e William Lloyd Garrison passou para o outro lado."

O autor adiciona com justiça: "Os jornais diários de Londres têm estado cheios de elogios ao falecido, falando em termos inflamados da sua nobre obra pela abolição da escravatura, e descrevendo-o como um dos homens mais sábios e melhores da geração passada. Evitam cuidadosamente mencionar, contudo, que ele era um espiritualista, aceitando a verdade, como diz alguém que o conhecia bem, 'não como uma questão de fé, mas como uma questão de conhecimento.' E contudo estes mesmos jornais, que mal conseguem encontrar palavras para expressar a sua admiração por William Lloyd Garrison, habitualmente falam dos espiritualistas como se fossem ou tolos ou patifes."

Adicionalmente a isto encontro no número de agosto do mesmo jornal, num parágrafo sobre o Steinway Hall, que "perguntas escritas foram entregues ao orador, o qual, sem olhar para os papéis, simplesmente segurou cada um contra a sua testa e respondeu às perguntas imediatamente. Não houve hesitação, não houve demora, mas a linguagem das respostas fluiu tão suavemente como se todo o assunto tivesse sido minuciosamente estudado de antemão."

No artigo da *University Magazine* estas provas são mencionadas como exibindo "uma extraordinária intuição sobre vidas pessoais e sobre o passado," e alguns espécimes do seu carácter são dados. Como é óbvio as provas variam, oscilando entre o que alguns poderiam chamar mais ou menos vago até às descrições mais claras e minuciosas de, ou mensagens de, pessoas falecidas, dadas de tal modo que o falhanço de reconhecimento é impossível.

Elas raramente somam, por muito breves que sejam, mais do que cerca de cinco ou seis, devido à exigência feita sobre a força vital do médium, que é muito maior do que a maioria das pessoas supõe. Vários outros jornais contendo notícias sobre as palestras nos Cavendish Rooms e Steinway Hall referiram-se ao fenómeno invulgar do exercício público da clarividência. Entre eles posso exemplificar um na *Scientific and Literary Review* de outubro de 1879, no qual é candidamente afirmado que "nestas ocasiões provas convincentes de identidade espiritual e de conhecimento oculto são dadas, recebidas e adequadamente reconhecidas," e o *Law Times* de junho de 1879 dá um tributo similar a este raro dom, notando "que em algumas instâncias as descrições clarividentes eram de um carácter impressionante."

Outros artigos testemunham a quantidade de interesse que este poder clarividente tinha despertado numa secção influente do público, entre eles estando uma breve descrição no *Daily Telegraph*, o que é em si mesmo nada menos que um fenómeno considerando a absoluta falta de honestidade comum e de justiça comum que tem sempre caracterizado a Imprensa inglesa relativamente ao espiritualismo. Conclui com a confissão de que "se as pessoas que afirmam ter testemunhado a clarividência devem ser creditadas," "surpreendentes provas de identidade e conhecimento oculto" são dadas "por meio de um cavalheiro que palestra no Steinway Hall." É encorajador notar que há algumas mentes, mesmo entre aqueles que escrevem para a Imprensa diária, que não necessitam, como Sydney Smith tão graficamente coloca, de uma operação cirúrgica para introduzir um novo facto na sua consciência.

Um incidente comovente da avidez com que os nossos amigos invisíveis se aproveitam de uma oportunidade para falar àqueles que precisam de conselho, talvez, que nenhum parente

terrestre, por mais próximo que fosse, poderia conceder, foi publicado em *Spiritual Notes* para abril de 1880.

"Muito recentemente o Sr. Fletcher disse, 'Vejo três espíritos, mãe, irmã e esposa. Elas param ali, perto de si' (indicando um cavalheiro no centro da sala). 'Elas estão em grandes apuros, e uma mensagem está escrita. Vem das três: "Querido, volta atrás; durante toda a noite passada estivemos contigo, tentando fazer-te ver o caminho certo. Estás errado, totalmente errado. Amanhã será demasiado tarde, e tudo estará perdido. A miséria está diante de ti. Trouxemos-te aqui para pleitear contigo, para te ajudar e, se possível, para evitar a terrível calamidade diante de ti."" A visão passou, e nenhuma resposta foi dada; mas quando o Sr. Fletcher se retirou para a antecâmara, foi ali abordado por um cavalheiro que, com lágrimas nos olhos, lhe agradeceu pela mensagem que tinha recebido. Disse que estava a passar pela sala com um amigo, e estando em grandes apuros entrou; e a mensagem era verdadeira em cada pormenor." Que resposta é esta para aqueles que questionavam "o bem" das comunicações que ali eram feitas!

No mesmo jornal para agosto de 1880, outra comunicação notável é relatada que fala por si mesma, mas prefiro dá-la nas palavras exatas do Sr. A. Glendinning, que me enviou um relato dela em 1882.* Ele escreveu:

"Com o Sr. Fletcher tive várias sessões (não pagas), e poderá interessar-lhe saber que o meu filho, que morreu há dois anos, controlou o Sr. Fletcher na plataforma no Steinway Hall e dirigiu-se à minha esposa e a mim próprio. Não esperávamos qualquer comunicação tão cedo, e fomos à sala para ver se a palestra do Sr. Fletcher mudaria o curso dos nossos pensamentos, e levantaria algum do desgosto que muitas circunstâncias combinadas tinham lançado sobre nós, e que era intensificado pela perda do nosso filho mais velho. Quando o Sr. Fletcher estava sob controlo, as primeiras palavras prenderam a nossa atenção. 'Vim cumprir a

minha promessa,' uma promessa feita primeiro a brincar há anos, mas repetida muitas vezes no leito de dor com a máxima avidez e ênfase: 'Se morreres primeiro, pai, e houver outro mundo, vem se puderes e dá-me a saber; se eu morrer primeiro não será por minha culpa se não procurar algum médium através do qual possa vir ter contigo, e dar-te a saber que vivo.' E ultimamente, quando as suas dúvidas (se é que alguma vez as teve) sobre a realidade da continuidade da existência se tinham ido todas, quando ele sentiu que ia primeiro, quantas vezes repetiu ele, 'Lembra-te que irei.'

Toda a mensagem através do Sr. Fletcher era característica dele, mas parte dela continha referência a um sonho que ele teve quando doente, (sendo a referência, em *Spiritual Notes*, 'Queria ficar melhor para vos poder ajudar, e pensei que me ia recuperar até ter tido aquele sonho em que me vi a ser levado embora, e então soube que estava tudo terminado'), o qual eu não consegui na altura compreender, pois nada sabia sobre este sonho, nem ninguém mais exceto Gerald Massey, a quem descobri mais tarde que o meu filho o tinha contado. Assim, o Sr. Fletcher, sob controlo, referiu-se a um assunto que apenas uma pessoa sabia, a saber, o Sr. Massey, que na altura da reunião estava a várias milhas de distância. Nem foi tudo, pois as instruções que nos foram dadas pelo meu filho através do Sr. Fletcher, ao serem seguidas, conduziram a novos e impressionantes desenvolvimentos que afastaram as nuvens escuras dos nossos corações."

- *Adicionado em 1882.*

Se é um axioma que a única teoria científica é aquela que dá conta do maior número de factos, então, a existência do espírito inquestionavelmente ganha a todas as outras chamadas explicações de "fenómenos psíquicos." É simultaneamente mais racional e mais natural do que qualquer outra. Concluo com uma dada no Steinway Hall a mim própria, que possui algum interesse

adicional pelo facto de que provas externas da realidade da comunicação como sendo de uma fonte espiritual foram fornecidas ao mesmo tempo. Estava sentada ao lado da Sra. Fletcher, e subitamente senti que havia espíritos perto de mim. Mencionei instantaneamente a sensação a ela. Ela respondeu: "Que estranho ter falado! Dois espíritos acabam de chegar ao seu pé, cavalheiros, um dos quais é mais velho do que o outro. O seu nome é William, e pedi-lhe para lhe enviar uma mensagem através do Sr. Fletcher."

O pedido foi, como é óbvio, mental, e nenhuma comunicação de qualquer espécie passou entre a Sra. Fletcher na sala e o seu marido na plataforma. No final da sessão as provas começaram, e a segunda reconheci como sendo destinada a mim. Era como se segue: "Vejo um cavalheiro, um espírito adiantado, totalmente afastado de tudo o que está ligado a coisas terrenas; um que era um homem forte em princípios, e que agora vive na luz do conhecimento. Ele diz: tenho uma grande missão na terra, e ela está ligada àqueles que me pertencem, aos membros da minha própria família — a minha esposa e filhos — alguns dos quais pouco realizam a verdade que anseio que eles saibam, embora não seja o caso de todos." Após algumas palavras comoventes, nas quais o espírito disse que nós "não sonhávamos o que era a sua vida no mundo invisível," uma profecia foi proferida relativamente a mim própria que foi pouco tempo depois cumprida; e a seguinte afirmação foi adicionada pelo médium: "Vejo o nome William; penso que já vi este espírito várias vezes antes."

Este era o caso, e eu reconheci imediatamente que era verdade. O espírito do meu pai — pois soube pelo carácter todo das mensagens e pelas próprias frases usadas, quem era — moveu então a minha mão para escrever — "Eu de facto enviei a mensagem. Está correta. — W. GAY."

Três provas, todas independentes uma da outra, foram assim dadas nessa ocasião da realidade da comunicação espiritual. Posso adicionar que em duas ou três ocasiões, enquanto escutava os discursos em transe, estive perfeitamente consciente da presença do espírito do médium perto de mim, e por vezes ele escreveu o seu nome na caligrafia familiar, com o F peculiar usado por ele, como marca de identidade pessoal. Qualquer bom clarividente seria capaz de testemunhar o facto de que durante o estado de transe o seu espírito está absolutamente ausente do seu corpo. A enorme importância deste facto em produzir a convicção da realidade da existência do espírito humano dificilmente pode ser sobrestimada.

Algumas das comunicações que ouvi foram abertamente reivindicadas pelos seus destinatários, e algumas eram tão claras e diretas que devem ter sido privadamente reconhecidas, mas a reticência, e de vez em quando até o carácter doloroso das próprias mensagens, impediram as pessoas de dar testemunho da sua exatidão perante outros. O silêncio é lamentável para o médium, que tem de ser sempre o sacrificado, e é com pesar que adiciono que William Fletcher recebeu cartas anónimas de céticos presentes, indagando "quanto mais tempo ele tencionava entregar 'mensagens espirituais' que ninguém reconhece, e se a sua imaginação não poderia ser exercitada por vezes de uma forma mais fértil."

A brutalidade grosseira e arrogante de algumas mentes céticas inglesas é em si mesma um fenómeno sem igual. A verdade é simplesmente que as mensagens espirituais não só são todas autênticas, como raramente falharam em transmitir, em todo o caso, a convicção do poder clarividente àqueles a quem eram dirigidas. Em quase todas as instâncias, o reconhecimento, público ou privado, seguiu-se imediatamente à sua entrega.

CAPÍTULO IX

DISCURSOS EM TRANSE: (Continuação.)

STEINWAY HALL

Quando o contrato dos Cavendish Rooms se aproximava do fim, William Fletcher determinou obter o Steinway Hall, com vista a estabelecer, se possível, um serviço público permanente para os espiritualistas em Londres. Ele candidatou-se ao espaço e fez os preparativos para um curso de palestras com toda a satisfação aparente, quer para si, quer para os proprietários, até que subitamente revelou o assunto dessas palestras: o espiritualismo. O efeito foi mágico. Sob condição alguma um salão tão aristocrático poderia ser dessagrado pela associação com algo tão mal-afamado.

O nosso médium ficou, por uma vez, mais divertido do que magoado com a oposição; ele anteviu que obteria o salão e que ali palestraria, e não perdeu a coragem. As suas impressões, como parecia acontecer invariavelmente, foram verificadas. "Tenciono obtê-lo", anunciou ele publicamente, seguro do resultado que lhe fora vaticinado. E assim fez. O Major Wallace Carpenter e o General Maclean, com alguns outros amigos, usaram da sua influência para induzir os proprietários a alterar a sua decisão, e o resultado foi que o salão foi alugado por um ano, e a noite de domingo de 6 de abril de 1879 viu o nosso médium serenamente de pé na plataforma, a proferir a partir dela o seu primeiro discurso em transe.

Em ponto de assistência puramente numérica, pode dizer-se que as palestras nos Cavendish Rooms foram um sucesso maior, mas o importante objetivo de vindicar o direito de os espiritualistas ensinarem a sua verdade sob as melhores e mais favoráveis circunstâncias possíveis foi alcançado. O salão ficava muito afastado de uma artéria barulhenta como a Regent Street;

situava-se num bairro do West End tranquilo e minuciosamente respeitável, e as palestras ali realizadas estavam calculadas para atrair um público permanente de algumas das pessoas mais ponderadas e influentes da metrópole.

As opiniões diferem naturalmente quanto ao valor da instrução religiosa e moral transmitida aos seus ouvintes através de William Fletcher; assim também as palestras diferem umas das outras. Para ele, a filosofia coloca-se muito acima dos fenómenos, e nada o desaponta mais do que ver a sua faculdade clarividente como "fenomenalismo mental" a atrair uma atenção mais profunda do que os apelos fortes feitos através de si em prol de uma religião que ele considera a mais elevada e melhor, e que anseia ver tornada um poder prático no mundo. Que elas eram apreciadas, contudo, há provas extensas. No *Portrait in Words* do nosso médium no *Whitehall Review*, o autor conclui com uma expressão de "satisfação por o ouvir palestrar com singular eloquência sobre a filosofia do espiritualismo", e num artigo no *St. Luke* de 29 de novembro de 1879, intitulado *Among the London Churches*, é prestado um tributo similar. Por amor daqueles que não vivem na metrópole, citarei uma ou duas das passagens descritivas, as quais foram escritas com uma pena cintilante:

"A plataforma no Steinway Hall está ocupada por um piano de cauda à direita e à esquerda, e uma estante de leitura, com uma cadeira de carvalho antigo na parte traseira, no centro. Pouco depois das sete horas o pianista (cujo nome apurei ser Sr. L'Estrange) tomou o seu lugar a um dos pianos, e um pequeno, mas, como se provou, muito eficiente coro juntou-se ao seu redor. O Sr. Fletcher, um homem magro, distinto, com olhos sonhadores, avançou para a estante de leitura e indicou o hino.

Ele estava trajado, diga-se de passagem, em simples fato de cerimónia, e fiquei agradado com o modo modesto e

despretensioso como leu o primeiro verso do hino do *Spiritual Harp*, como é chamado o manual de salmodia do Steinway. É um volume portentoso, tão grande como um oratório em oitavo e muito mais espesso; mas todos os frequentadores habituais do Steinway tinham empunhado um exemplar e cantavam afinadamente a partir dele. Os hinos são, como é evidente, muito característicos, muitos deles lembrando os *Cantiques Spirituels* da Madame Guyon.

Fiquei favoravelmente impressionado (novamente me vejo a usar esse termo espiritualista) com esta abertura; e ainda mais quando, em vez de, como parecia, uma leitura bíblica comum num dos nossos serviços, o Sr. Fletcher leu da estante de leitura, com verdadeiro poder dramático, um poema de Lizzie Doten,* que, segundo me deram a entender, afirma escrever por direta influência dos espíritos. O poema chamava-se *He giveth His beloved sleep*, e abria assim: —

'"A noite deixa cair o seu manto dos céus, E da sua morada de luz no alto Ela vigia com os seus olhos estrelados, Como que com o amor terno de uma mãe. Os sons da luta e do labor estão aquietados, E no silêncio, calmo e profundo, A palavra de promessa cumpre-se, 'Ele dá o sono ao seu amado.'

'Depois disto uma jovem cantora solista deu um passo em frente a partir do coro e cantou a requintada ária para tenor de Mendelssohn, *Then shall the righteous shine*. Julguei reconhecer o rosto,

• *Autora de Poems of the Inner Life e Poems of Progress (Colby and Rich, Boston), muitos dos quais são muito belos.*

e tive a certeza de reconhecer a voz como sendo a do Sr. Tietkins, um membro do Civil Service Choir. Lembro-me bem dele nos agradáveis concertos que essa sociedade costumava dar no St. James's Hall, onde o Sr. Arthur Sullivan era o maestro da

orquestra. Quando o solo terminou, o Sr. Fletcher proferiu uma oração extemporânea. Foi muito breve, muito fervoroso, e quando as últimas palavras caíram dos seus lábios, o coro prosseguiu e cantou *pianissimo* uma bonita versão métrica do Pai Nosso, que novamente vem, constato eu, do *Spiritual Harp*. Quase nenhumas liberdades foram tomadas com o original, exceto na medida em que era necessário para o fluxo rítmico do canto com que foi musicado. Veio então o discurso."

O texto acima é uma excelente descrição do pequeno serviço, que era a própria simplicidade. Num artigo no *Spiritual Notes*, foi verdadeira, se não imprudentemente, observado que "o Sr. Fletcher talvez tenha feito mais do que qualquer outro homem" para elevar o espiritualismo à posição reconhecida devido à sua grande importância,* e algumas cartas publicadas na altura dão um relato tão favorável de alguns dos assuntos tratados que não posso deixar de citar delas algo extensamente, pois é minha intenção neste capítulo dar alguma ideia da natureza dessas verdades ensinadas que estão um dia destinadas a tornar-se a religião do mundo, e que substituirão serenamente o sectarismo e o culto dos credos por uma crença em harmonia com as necessidades do homem. Um Que Escutou escreve:

> • *A apreciação assim expressa pode servir para lançar alguma luz sobre a inveja com que William Fletcher era visto por muitos que ignoram os usos feitos pelo mundo espiritual de certos instrumentos selecionados para fins concebidos, independentemente de qualquer vontade ou desejo próprio.*

"A sua palestra, *Are the Manifestations of Modern Spiritualism Anti-Biblical?*, evidenciou um conhecimento profundo, não apenas da história bíblica, mas da lei que parece ter controlado as manifestações espirituais em todas as eras.

"As declarações do Sr. Fletcher, embora nítidas e vigorosas, são sempre caracterizadas por um espírito de tolerância e liberalidade que concorre grandemente para convencer os seus ouvintes da fonte inspiradora de onde emanam estas verdades.

"Os seus guias trataram especialmente das manifestações de poder espiritual registadas na Bíblia, e afirmaram que a mesma lei que operou na era dos chamados milagres está agora em existência e opera através das manifestações do espiritualismo moderno.

"As proposições foram muitas e bem sustentadas, e aqueles que durante anos sentiram que a Bíblia era rica em preceitos e comoção teriam encontrado novas belezas para admirar, e verdades frescas apresentadas para a sua aceitação, enquanto os espiritualistas que em alguns casos descartaram completamente a Bíblia constataram que muito trigo foi desperdiçado a fim de destruir a palha.

"O conferencista aproveitou a ocasião para impressionar o seu público com o facto de que não fazia qualquer esforço para sustentar a Bíblia pelo facto de as suas ocorrências serem em muitos casos correspondidas pelas manifestações espirituais agora em desenvolvimento; nem valorizava os desenvolvimentos modernos mais por serem paralelizados pelas manifestações dos tempos bíblicos. Mas procurou provar, se possível, que a lei espiritual tinha existido e se tinha demonstrado ao longo de todas as eras incivilizadas e fanáticas do passado, e tinha sobrevivido aos Reis Herodes do fanatismo, que a teriam matado na sua infância.

"A comparação feita pelo Sr. Fletcher entre as fases de mediunidade agora existentes e as possuídas por Pedro, Cornélio, João e Paulo, e acima de tudo, Jesus, foram de molde a encorajar os trabalhadores de hoje a sentirem que eram apoiados pelo

precedente de trabalho e trabalhadores honrados, e a dar uma alegria extrema a esses queridos companheiros do Mestre da Verdade de Nazaré, que deixaram este trabalho cedo, com o seu trabalho mediúnico inacabado. A sua descrição da crucificação e ressurreição de Cristo, a fiel dedicação das duas Marias, o ceticismo dos judeus, o suborno dos soldados romanos, atingiram uma sublimidade de comoção raramente igualada.

"Desejamos que aqueles que estão em Londres pudessem ter ouvido e tirado proveito destas declarações verdadeiramente inspiradas, e realizado plenamente a bela analogia tão habilmente traçada entre o espiritualismo antigo e o moderno."

Uma crítica sobre o Espiritualismo no *Morning Light*, um dos órgãos do swedenborgianismo, que trata especialmente da palestra de William Fletcher sobre *The Day after Death*, embora admitindo que alguma da sua filosofia é sólida, levanta objeções a outras partes dela porque "toda a gente se tornaria ultimamente boa", e remata com a enérgica observação de que "é realmente surpreendente como alguém pode sinceramente acreditar nestas professadas revelações dos espíritos".

O que é surpreendente é a prontidão com que seres humanos com cérebros médiuns cedem a sua razão a outro ser humano porque este ensinou certas doutrinas com mais ou menos lucidez, as quais eles estereotipam e esperam que o mundo adore para sempre. A única religião que pode ser de qualquer uso permanente para o homem é aquela que, ao mesmo tempo que ilumina, também se curva perante a sua consciência e a sua razão, e que não procura detê-lo, mas sim conduzi-lo para a frente.

Um breve parágrafo no *Troubadour* de 17 de abril de 1880, intitulado *Mr. J. William Fletcher and Christianity*, merece menção especial pela verdade que aponta.

"Numa palestra recente no Steinway Hall, o Sr. Fletcher disse: 'É um grande erro supor que o espiritualismo se opõe ao cristianismo, pois o cristianismo mais elevado é o espiritualismo mais verdadeiro. Aquilo contra o qual o espiritualismo abre contenda é essa forma de culto chamada frequência e observância beata da igreja, que está tão distante dos ensinamentos de Cristo como os céus estão da terra. Cada verdadeiro espiritualista olha para Cristo como o Mestre Divino, o Homem Perfeito, e consequentemente a mais elevada expressão de Deus possível a este mundo. Ele não era Deus, mas uma emanação de Deus.'"

Os discursos que ouvi eu própria diria que apelavam às faculdades espirituais dos ouvintes tanto quanto às intelectuais; empatia, intuição, visão interior, eram todas necessárias para a apreciação de muito do que era dito, e na proporção em que o ouvinte pudesse ou não ser dotado dessas faculdades, eles poderiam parecer-lhe transcendentais ou sublimes.* Uma característica pode ser descoberta pelo mais materialista da assistência, e esta é que gemas de pensamento estão espalhadas pelos discursos, algumas das quais expressas numa linguagem esmerada e vívida.

São precisamente tais pensamentos que podem ser buscados em vão no púlpito comum, e evidenciam uma profunda intuição sobre a natureza humana, uma consciência da sua vida mais íntima, — em suma, o poder da inspiração. Algumas citações das palestras relatadas podem adequadamente concluir estes capítulos sobre o trabalho de William Fletcher como conferencista, e só posso expressar o meu pesar por centenas de pensamentos sugestivos similares terem sido proferidos, e perdidos para o mundo assim que foram falados por falta de qualquer tipo de registo na altura.

- *Era geralmente admitido, contudo, que em comoção e poder alguns deles podiam figurar entre os esforços oratórios mais eloquentes jamais feitos.*

Os temas por si sós mostram o enorme avanço no pensamento feito pelo espiritualismo sobre os velhos e sonolentos sermões da ortodoxia, abrangendo temas tão marcantes e profundamente interessantes como

A Mudança dita Morte; *A esfera de Transição*; *A Ressurreição*; *Materialização*; *A Morte e o Pós-Vida*; Algumas das LeisRelativas ao Controlo espiritual; *o Céu do espiritualista, Ocupações dos Espíritos*; *A origem e destino do Espiritualismo*; *O Dia a Seguir à Morte*; *Qual será a Filosofia do Espiritualismo?*; *Thomas Paine na Vida do Espírito*; *Calvin na Vida do Espírito*; Resposta a objeções; *Porque retornam os Espíritos à Terra?*, etc.*

**(Alguns dos quais são aqui apresentados)*

Os próprios títulos sugerem uma nova era no pensamento religioso. Citarei algumas breves passagens de alguns destes, os únicos discursos ao meu dispor:

"Além da patente e da posição que o mundo pode dar; além da fama e do renome que a sociedade pode conceder; sim, além de tudo o que está no poder deste mundo conferir, está o dom do espírito chamado mediunidade. Há quem

tenha dito que nestas palestras não havia nada de novo. Não, não há nada de novo; e pretendemos repetir o velho até que realizeis mais dos seus ensinamentos nas vossas vidas; há novos pensamentos, novas verdades, novas lições à vossa espera, e quando estiverdes prontos elas ser-vos-ão dadas. As lições do espírito e do espiritualismo não são simplesmente para ser

faladas, simplesmente para ser pensadas, mas são para ser vividas também." — *Laws relating to Spirit-Control*.

"Precisamos de um Céu suficientemente grande, não apenas para nós próprios, mas para aqueles que possam diferir de nós em sentimentos religiosos, e contudo no coração serem igualmente tão bons e verdadeiros como nós." — *Heaven of the Spiritualist*.

"Assim como o incessante fluxo e refluxo do oceano recolhe para o seu coração de areia novo território, e assim encurta a distância entre si e a terra firme, assim também a ação do tempo sobre o espírito diminui a inharmonia entre a mente e a matéria." — *Transition Sphere*.

"Mais do que o arrependimento é necessário para expiar até o menor pecado." — *Ibid.*

"O mundo em que viveis é o mundo dos resultados. O mundo espiritual é o mundo das causas." — *Occupations of Spirits*.

"Qualquer homem que se atreva a ser mais sábio do que os seus semelhantes é tido como estando ou louco ou possuído pelo demónio. Quando Benjamin Franklin se atreveu a fazer descer o relâmpago para demonstrar o uso possível deste grande agente, o mundo em peso clamou: 'Ele está a brincar com os elementos e com a vingança de Deus!' Mas, sem dar ouvidos ao que o mundo pudesse dizer, ele seguiu a inspiração dentro de si, e hoje o seu nome é honrado e respeitado mesmo por aqueles que mais o condenaram. Através desta descoberta que ele fez, cidade está ligada a cidade, país a país, e nação a nação, e quando nos colocamos perto das praias do oceano e ouvimos o pequeno som de clique, sabemos que sob a vaga do oceano o cabo está lançado, e que o novo mundo está a segredar ao velho, contando a história dos seus desgostos e das suas alegrias, das suas vitórias e das suas derrotas, dos seus sucessos e dos seus fracassos. Bem podemos dizer ao olhar para a vida deste ou daquele homem: 'Podem

chamar-te louco e maldito dos monges, e carregar-te de desgraça; nascestes quinhentos anos demasiado cedo para o conforto dos teus dias, mas não demasiado cedo para a humanidade! A obra de Deus há de ser feita, e os párias dos nossos antepassados tornam-se os santos que adoramos.'" — *Ibid.*

"O que é o génio? Inspiração." — *Ibid.*

"Quando um homem ou uma mulher dá expressão a uma nova verdade, não importa quão grande valor ela possa ter para o mundo, ele ou ela é confrontado com 'o mundo não está preparado para isso'. Quando é que o mundo esteve preparado para alguma coisa? e os vossos reformadores estão apenas a marcar o caminho sobre o qual as gerações futuras têm de passar." — *Ibid.*

"De onde vem o poder do espírito? Constatamos que o espírito começou quando Deus começou, e data o seu nascimento do início do tempo; aquilo a que se chama o espiritualismo do presente dia é apenas a ação do mesmo espírito que rastreamos através de todas as eras do passado, variando em grau e poder conforme o desenvolvimento e desabrochar da raça humana diferem nas várias fases da história do mundo." — *Origin and Destiny of Spiritualism.*

"Há mais na flor do que a cor; há mais no pássaro do que a sua plumagem; há mais na criança do que a sua forma; há o espírito habitante a esforçar-se por se manifestar, e aquilo que percecionais é apenas a expressão exterior do poder interior; e é esta ação do espírito que nos primeiros tempos era chamada milagre, porque parecia tão distante de qualquer lei conhecida que o povo falhava em compreendê-la.

A primeira grande manifestação espiritual encontramo-la evidenciada na vida de Jesus; através de todas as eras antes do seu nascimento as possibilidades do espírito existiram da mesma forma, mas nunca até os seus olhos se abrirem para o mundo um

propósito foi tão claramente manifestado. E quando olhais para trás e pensais naqueles homens sábios cujos corações tinham sido movidos pela profecia que lhes fora dada, que acreditaram e confiaram na vinda do Messias, que caminharam, com apenas um pensamento e uma fé, que lição de humildade e confiança nos deveria ensinar! Que espíritos invisíveis devem ter guiado os seus pensamentos e vivificado os seus corações com coragem e fé! Que mãos amorosas devem ter conduzido os seus passos para que não tropeçassem e caíssem, enquanto eles, com esperança divina, esperavam através das longas e cansativas horas da noite pelo erguer da estrela, e quando finalmente o mundo se encheu com a sua santa luz, com que deleite eles correram para levar as boas novas do nascimento de um Salvador, e para carregar a sua oferenda de paz e amor, e lançá-la aos pés do Santo! Encontraram o Messias, o há muito esperado mensageiro do alto, apenas como uma criança a dormir nos braços de sua mãe, um rebento fresco e doce na árvore da vida.

Pensais vós que a pequenina criança, mesmo nesses primeiros dias, não apanhou sombra alguma do tempo vindouro? Que a visão do Calvário, a noite cansativa no Getsémani, e os horrores que se seguiram, não fizeram impressão na criança Jesus? Sim, mesmo na imaginação, as sombras do futuro vindouro já estavam a cair ao redor da sua jovem vida, e à medida que os anos correm ele torna-se totalmente dominado pela exigência do tempo, e através da sua vida a luz da Verdade Divina foi lançada.

Da hora do seu nascimento à hora da sua morte, ele foi a encarnação do grande poder do mundo espiritual, que data de volta ao início de todas as coisas, coexistente com o Próprio Deus. Constatamos que as primeiras manifestações do poder espiritual não ensinavam lição alguma, não sugeriam verdade alguma e, portanto, terminavam onde começavam; por outro lado, na vida de Jesus houve uma encarnação completa da inteligência

espiritual; era o poder de Deus a revelar-se ao mundo e à humanidade." — *Ibid.*

"A menos que o espiritualismo agite o vosso coração como nunca foi agitado antes; a menos que vos traga impulsos mais grandiosos e aspirações mais elevadas, uma caridade mais ampla e um pensamento mais divino, vós não compreendestes o seu verdadeiro significado. Nem homem nem mulher pode, à luz do espiritualismo, abrigar um pensamento de desamor para com qualquer pessoa viva." — *Ibid.*

"A verdade dita uma vez está dita para sempre." — *Resurrection*.

"Embora mil e novecentos anos se tenham escoado, e muitos reformadores tenham desempenhado o seu papel, ainda assim, na página do tempo nenhumas palavras de pureza foram registadas que alguma vez tenham igualado as de Jesus. Os seus pensamentos divinos nascidos neste mundo exterior soarão para todo o sempre através das eras vindouras. Nunca uma alma atingiu tal altura de grandeza como a sua quando, atado, ferido, coroado de espinhos, pôde ainda assim clamar: 'Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem!'" — *Ibid.*

"Como é que em nome de um só Deus encontramos entre vós não menos de seis mil religiões?"

"Deus é amor, dizemos nós, e aquele que tem mais amor no seu coração é o mais parecido com Deus." — *Day After Death*.

"A felicidade não é o tudo-em-tudo da alma de homem algum. Há uma palavra mais grandiosa do que a felicidade, e essa palavra é o dever; e por uma lei divina a felicidade perfeita segue o dever, e apenas isso." — *Ibid.*

"O mundo há muito que tem sido objeto de oração; precisa de ser objeto de trabalho hoje. O tipo de orações que começam e

terminam em livros não são as orações de que o mundo precisa no presente. Não podeis beneficiar grandemente os pobres a morrer de fome nos sótãos das vielas escuras das vossas cidades rezando por eles. A oração é necessária; mas a oração fortalecida por obras. Se mais das orações oferecidas pelos pobres tivessem sido materializadas em atos, haveria menos miseráveis e sofredores do que os que há agora." — *Philosophy of Spiritualism*.

"A Igreja Cristã tem estado a ensinar-vos a preparar-vos para a morte; o espiritualismo prepara-vos para a vida, e vida eterna. Tendes de viver no mundo que é invisível, e a vossa entrada ali será feita de acordo com a vossa vida aqui. Uma vida de verdade e pureza significa uma esfera brilhante no mundo vindouro; uma vida de pecado, de egoísmo e de amargura significa escuridão e miséria ali, até que o espírito tenha ultrapassado as suas condições mais baixas. Saiba o mundo disto, que as vidas do seu povo são as suas verdadeiras riquezas, que cada ato nobre aproxima o coração de Deus, e que a filosofia do espiritualismo é a filosofia da vida, para vos ajudar a viver vidas mais elevadas, mais verdadeiras, mais nobres aqui, e a ganhar um doce acolhimento na hora da mudança por parte dos entes queridos ressuscitados que estão à nossa espera precisamente atrás do véu."

«Cada fenómeno existiu muitos e muitos anos antes que a mente dos homens se aproximasse do seu significado; mas a sua verdadeira apreensão nunca alterou de forma alguma a ação do próprio fenómeno. A terra sobre a qual pisais, na antiguidade, pensava-se ser apenas um plano vasto. Os rios seguiam os seus cursos, e as árvores cresciam, as flores floresciam, os frutos amadureciam com a mudança das estações; e depois de a mente humana ter sido suficientemente inspirada para compreender que a terra não era um plano, mas um globo, girando através do espaço, — as suas revoluções e as suas estações não mudaram de

todo, — os homens apenas chegaram à compreensão de um facto que existia desde o início do tempo.

As estrelas naqueles céus pareceram outrora à inteligência infantil ser as lâmpadas colocadas por Deus para dissipar as sombras da noite; mas chegou um tempo em que os homens souberam que elas não eram apenas luzes, mas mundos, contendo as mesmas possibilidades que possui o planeta sobre o qual viveis; nem a apreensão deste facto produziu qualquer mudança na ordem eterna dos céus. Assim acontece com estas manifestações do espírito: elas não são chamadas à existência porque começastes a voltar a vossa atenção para elas. Elas existiram em todos os tempos, mas é apenas nesta era, em que a mente começou a libertar-se da escravidão do sacerdócio, a ousar pensar por si mesma, a procurar luz em todas as fontes de conhecimento, que estais a começar a compreender que nada acontece em vão, que cada variedade e manifestação de força tem algum propósito oculto por baixo dela.» — *Hauntings*.

«A ciência deu-vos verdades respeitantes às grandes leis da natureza, às propriedades do ar que respirais, à história das estrelas, às maravilhas do oceano. Ligou polo a polo por uma cadeia de comércio que nenhumas vicissitudes do tempo podem quebrar. Tudo isto a ciência fez. Mas a ciência deve dar um passo mais além, e reconhecer a lei espiritual que subjaz a todas as coisas. A menos que a ciência faça isto, torna-se uma letra morta.

O grande coração faminto da humanidade tem estado a enviar o seu clamor a Deus, pedindo respostas às suas interrogações quanto à vida futura; e agora, Deus já não é conhecido? Estarão os profetas a dormir para que nenhuma resposta venha? Vós, espiritualistas, tendes a religião do presente nas vossas mãos; a ciência do futuro está à vossa guarda. De vós deve vir o ímpeto que fará com que a ciência e a religião caminhem de mãos dadas por todo o mundo.» — *Ibid*.

«Em nenhuma outra questão debaixo da luz do céu foram as provas rejeitadas, exceto nesta questão da existência do espírito.» — *Objections Answered*.

«Nenhuma comunicação de qualquer importância", repetimos com espanto! Se perguntásseis ao pobre escravo negro, que por tantos anos foi mantido em cativeiro nos Estados do Sul da América, que benefício os espíritos realizaram para ele, encontraríeis uma resposta tal como nenhuns lábios humanos poderiam expressar. A Proclamação da Emancipação que libertou milhares de homens de pele escura da degradação da escravatura, foi escrita através da mediunidade de Charles Forster, na Casa Branca em Washington. De nenhum valor para vós, que aqui estais sentados tranquilamente, mas algo de tal valor para outros que significou a liberdade para milhares de almas mantidas em grilhões que eram uma maldição para a grande terra da América.

"Nenhuma comunicação de qualquer importância", dizemos novamente — quando podeis ver todos os dias da semana aqueles cujas vidas foram abençoadas e resgatadas de coisas que as esmagavam, através do poder do espiritualismo! E notaríamos que, desde que o espiritualismo tem sido compreendido neste mundo, uma enorme quantidade de informação tem sido dada sobre o outro mundo que este necessita muito de saber, e que deve ser repetida até ser completamente assimilada. Os homens estão apenas a aprender lições elementares. Enquanto estão ocupados em opor-se ao nosso trabalho, esperam eles que as condições de comunicação sejam tais que permitam a instrução na ciência exaltada, quando mal aprenderam os primeiros elementos da moral?» — *Ibid*.

«Deus é o Grande Economista do universo; e nenhuma força, nenhum poder, nenhum material é desperdiçado no Seu domínio. Através de todas as mudanças do tempo, e através de todos os fenómenos da natureza, desde o mais ínfimo grão de areia aos

vossos pés, até às estrelas que traçam o seu caminho pelo espaço, há uma lei. Desde a lâmina de relva até à forma mais elevada de vida humana civilizada, desde o pássaro que canta, até ao anjo que pisa as planícies do céu, todos e cada um, não importa o seu grau de vida, são controlados por uma lei superior a si mesmos. Nada acontece por acaso.» — *Why do Spirits Return to the Earth?*

«Não existe tal coisa como a finalidade. Cada verdade que foi claramente apreendida pelo homem, falha no seu trabalho a menos que o leve a uma verdade mais elevada, à contemplação de uma lei mais elevada e mais grandiosa.» — *Ibid*.

«Tirai o espiritualismo da Bíblia, e o que resta? Apenas as folhas em branco de um livro.» — *Ibid*.

«Aqueles que vivem para os sorrisos do mundo, não merecem nada melhor do que vê-los transformar-se em franzires de sobrolho.» — *Ibid*.

«O homem da ciência vive no passado, sabe algo do presente, e apenas sonha com o futuro. O espiritualista entra na sua vida e mostra-lhe que onde existe ciência física, existe também ciência espiritual; e profetizamos que o tempo não está distante em que, a partir das variadas formas de ciência e teologia, se construirá uma religião que compreenderá as verdades de todas.» — *Materialisation.*

«Para onde quer que olheis encontrais alguma força a tentar manifestar-se através de uma das muitas formas de vida na natureza. A flor que cresce aos vossos pés, o pássaro que abre caminho pelo ar, o homem ou a mulher que habita no vosso meio, são todos manifestações de um poder interior. A forma exterior é a materialização desse poder. A flor fala-vos da sua vida na doçura do seu perfume, na beleza da sua cor, na graça da sua forma; ela expressa, através do seu ser, uma fase de vida espiritual.

O pássaro cantando a sua canção feliz enquanto voa no ar, expressa, de facto, através do seu ser, um pensamento mais elevado do que o mundo pode alcançar. Os homens ou mulheres que compõem o mundo do qual fazeis parte, são homens e mulheres espirituais. A forma exterior é apenas a materialização através da qual o espírito atua, na qual o espírito habita.» — *Ibid*.

«As manifestações do espiritualismo nas suas formas mais elevadas não são para dissecação científica; são para crescimento espiritual.» — *Ibid*.

«O ridículo passageiro dos homens é apenas o sussurrar de folhas mortas no chão; elas soam apenas porque são agitadas.» — *Ibid*.

«O que significou a primeira materialização? Qual foi o seu profundo significado para a nossa raça? Naquele momento realizou-se a liberdade para a alma humana, e uma nova era na religião. O dobre de finados do mecanicismo espiritual e da dúvida cética foi soado: o terror da morte removido; a esperança trazida aos aflitos; o conforto aos abatidos; e o conhecimento inestimável de que, além da sepultura, há vida, — e vida eterna.»

«O mundo vive nas vidas de poucos e não nas vidas de muitos. Há uns poucos que, marchando para a frente no caminho da vida, marcam o trilho sobre o qual os pés dos restantes devem passar.»

«Alguns de vós sabem o que é ver uma grande esperança erguer-se tão perto de vós que poderíeis tocar-lhe com a ponta dos dedos, mas uma grande lei moral está entre vós e ela. Tomai-a e pecais; deixai-a e sofreis.»

«A vida dedicada a fazer o bem é simplesmente a vida mais religiosa do mundo.»

«Todos os julgamentos são finais. Cada dia da vossa vida é um dia de julgamento. Cada ato que fazeis traz a sua recompensa ou condenação. Quando entrardes no mundo dos espíritos, descobrireis que estais colocados exatamente onde pertenceis. Aqui podeis parecer ser quase qualquer coisa; ali, sois o que pareceis.»

Estes pensamentos serão, penso eu, suficientes para provar que os discursos foram calculados para apelar a um público culto, e para educar mentes pensantes; houve uma ausência total de sensacionalismo, da mais remota tendência para fazer qualquer coisa que pudesse excitar, quer no conteúdo quer na forma como foi proferido.

Como uma forma pura e livre de religião, inteiramente acima do formalismo, cerimoniais e dogmas, o espiritualismo está calculado para influenciar permanentemente as faculdades mais elevadas e espirituais do homem, e para o levar a viver a vida de que os outros apenas falam. Nunca ele esteve mais bem colocado perante o povo do que no Steinway Hall. Os testes clarividentes que sempre se seguiam faziam o ouvinte realizar, como em nenhum outro lugar poderia realizar, a proximidade do mundo dos espíritos, e tornavam o serviço simples mas tocante de domingo à noite num serviço único em Londres.

Um comité de espiritualistas decidiu torná-lo uma instituição permanente. Foi uma justa homenagem à coragem e ao fervor do orador em transe, que deu a sua força, as suas únicas horas de descanso, e até, em certa medida, os seus meios, à causa da verdade — aquela verdade que um dia será reconhecida e acolhida por muitos como já o é por poucos, e que revelará ao homem os grandes desígnios do passado, do presente e do futuro.

CAPÍTULO X

A MENSAGEM DO ESPIRITUALISMO

DESDE a escrita das páginas anteriores, uma das palestras de William Fletcher, relatada e publicada no *Banner of Light* de 17 de janeiro de 1880, foi tão favoravelmente comentada que considerei que a sua aparição no presente volume poderia não só interessar aos seus leitores, mas também ser útil para a causa da verdade espiritual. É clara, racional e sólida no seu ensino, e como a maioria das "mensagens" agora dadas pelo mundo dos espíritos, é projetada, não para revolucionar, mas para despertar o pensamento.

«A MENSAGEM DO ESPIRITUALISMO»*

«Que mensagem traz o espiritualismo à humanidade? Na consideração de qualquer assunto, e antes que ele possa ser aceite ou rejeitado, devem primeiro ser compreendidos os seus factos, as suas alegações, o seu trabalho e, até certo ponto, o resultado que dele decorre. É inútil para nós dizer que não acreditamos e não acreditaremos num assunto que não compreendemos, ou dizer que aceitámos inteiramente uma teoria da qual ainda nada sabemos. Apenas vale a pena ter aquela crença que vem do pensamento profundo e do estudo. Se este método tivesse sido seguido em relação ao espiritualismo, não teria havido tantos dos erros que já ocorreram. Pois há tantos no mundo desgostosos com as teorias que lhes foram apresentadas até agora, que se afastam de tudo o que o passado conteve, de tudo o que anteriormente foram ensinados a acreditar, e vendo uma nova teoria, uma nova filosofia, uma nova religião, sem considerar qualquer uma das exigências da nova lição, aceitam aparentemente de imediato tudo o que ela possa exigir deles — aceitam-na em nome antes de terem apreendido os seus ensinamentos.

• *Proferida no Steinway Hall, a 21 de setembro de 1879.*

«Se perguntásseis ao mundo em geral o que se entende por Espiritualismo Moderno, ser-vos-ia provavelmente dito que

significava simplesmente o conhecimento da vida além da sepultura; e há muitos que se chamam a si mesmos espiritualistas há anos e anos, para quem esta é a única base de crença. Mas o que pensaríeis se um homem vos informasse de que além do mar havia uma terra cheia de fartura, oferecendo alimento e calor e abrigo a uma nação inteira de pessoas famintas, e ninguém fosse para lá?

Ou o que pensaríeis de um homem que fizesse uma grande descoberta, e vivesse sem tentar utilizá-la? Diríeis que tanto o homem como o povo não estavam em melhor situação do que estavam antes de a informação ser dada e a descoberta feita. O mundo não fica em melhor situação porque certos elementos valiosos existem nela, a menos que se faça uso desses elementos; o conhecimento só é um poder para o bem quando leva a coisas mais elevadas. Quantos há hoje que se chamam espiritualistas, e que não progrediram mais do que a apreensão deste único facto da imortalidade? Eles aprenderam a lição de que além da sepultura há vida, e pensam que isso é tudo o que é necessário saber. E sentaram-se satisfeitos a deixar o mundo mover-se como quiser, tendo resolvido para si mesmos a questão da vida futura.

«E em vista desta matéria, organizações foram feitas, sociedades reunidas, tão estreitas em princípio, tão vaidosas, depois de terem aceite este facto, como quaisquer instituições humanas que alguma vez foram formadas. Elas assumiram que são espiritualistas porque aceitam um dos princípios do espiritualismo, e tentaram impor a esta teoria todas as suas ideias preconcebidas: por isso tendes, nesta hora, em um milhão de espiritualistas, pessoas representando quase tantas ideias diferentes. É um grande problema que até agora na história do espiritualismo não tenha havido um código de crença estabelecido. Os espiritualistas admitiram nas suas fileiras aqueles que estavam totalmente desqualificados pela educação ou

experiência para cuidar até de si mesmos, e os problemas que se seguiram foram um resultado lógico, as fraquezas da pobre natureza humana afirmando-se vez após vez, e mostrando quão longa é a jornada para essa perfeição espiritual que espera um dia alcançar. Portanto, quando homens e mulheres dizem simplesmente: “Acreditamos na imortalidade”, eles fizeram grandes avanços espirituais, mas estão ainda longe de ser verdadeiros e completos espiritualistas. É a vida que faz o homem. E estes factos que são dados — as provas da existência espiritual — são apenas os degraus em direção a essa vida. Podeis acreditar no que quiserdes; mas o pensamento que vos inspira e o ato — são estes que beneficiam ou prejudicam tanto o mundo como a vós mesmos.

Há uma responsabilidade maior a recair sobre os espiritualistas do que sobre as outras pessoas? Sim; a partir do momento em que sois colocados em contacto com os ensinamentos do espiritualismo, assumistes sobre vós uma nova dignidade e um novo ofício. Sois subitamente levados a ver todas as coisas sob uma luz diferente; levados a realizar que Deus salvará não os poucos, mas os muitos; que o céu não é construído simplesmente para o vosso benefício e para o de uns poucos selecionados convosco, mas que todos os que são honestos e verdadeiros de coração têm o mesmo direito que vós a uma morada na mansão celestial.

E começais então a compreender que todas as leis do espiritualismo são leis universais — todas as suas lições lições universais. Não há lei que se aplique àqueles dentro da igreja que não se aplique àqueles fora dela também. Não há lei pela qual um certo número seja vestido de glória e poder, e outros excluídos dos mesmos privilégios, cujas reivindicações merecem igual consideração. Pois não é de consequência a expressão que encontrais para a vossa crença religiosa, desde que sejais honestos

nela, a melhor e mais elevada que o vosso coração possa conhecer. E se perguntardes agora o que constitui um espiritualista, nós respondemos: O procedimento correto de qualquer homem ou mulher pelo amor ao correto — o viver de acordo com uma convicção honesta, quer em segredo quer perante o mundo.

«Mas que mensagem traz o espiritualismo à ciência? Ouvimos continuamente que o espiritualismo tem algo a dizer à ciência. O que é esse "algo"? Em todo o tempo passado, a teologia da igreja assumiu que a ciência era o seu pior inimigo. Ela sustentava que o homem que seguia atividades científicas, que aplicava as lições da ciência à vida diária, devia ser olhado com desconfiança; e cada avanço feito na ciência foi feito contra, e não com, a aprovação da igreja.

A teologia lançou repetidamente obstáculos no caminho do progresso, mandou a ciência recuar, com a acusação de que os seus ensinamentos eram "do diabo". E o homem científico tem, por isso, voltado as costas à teologia, dizendo: "Bem, eu posso demonstrar os factos da ciência, posso compreender os ensinamentos da Natureza, mas não posso demonstrar teorias da teologia; e porque me dedico à ciência, a teologia fecha-me as portas." Mas será possível que quanto mais um homem sabe da Natureza menos ele deva acreditar em Deus? A teologia ensinava que as estrelas eram apenas lâmpadas no céu; mas chegou o tempo em que se descobriu que elas não eram lâmpadas, mas mundos, seguindo os seus cursos vastos e ordenados. Mas amaram os homens menos a Deus por causa deste novo conhecimento que adquiriram?

Não; eles viram mais da Sua sublimidade, mais do Seu poder; o grande sistema da criação foi-lhes revelado mais claramente do que antes. Aos geólogos foi dito que o mundo foi feito em seis dias; mas voltando-se para a história das rochas dentro da terra,

eles perceberam que ele foi feito não em seis dias, não há seis mil anos, mas que de era em era este mundo tem estado a progredir até atingir a sua atual forma de desenvolvimento. Deveriam os homens que ganharam conhecimento científico das estrelas perder a sua crença em Deus?

No Deus da teologia, talvez sim; mas o grande Deus da Natureza foi aproximado deles, e eles d'Ele; pois leram não nas páginas de um livro impresso, mas nas páginas da Natureza, de obras não feitas nem estragadas pelo homem, mas eternas como o próprio Deus.

«O que é a ciência senão a interpretação da Natureza? E o que é a Natureza senão a expressão exterior de Deus? De modo que, em vez de o homem científico perder a sua perceção de Deus à medida que avança nas suas pesquisas, ele deveria ganhar uma realização cada vez mais clara d'Ele. Se ele se afasta de Deus no estudo da Sua obra, é porque não tem um desejo real de aprender d'Aquele que é a vida interior de todas as coisas. Mas então intervém a Religião e diz: "Porque realizaste estas verdades, nós, que não as admitiremos, dizemos que não te misturarás connosco; estarás fora do âmbito da nossa religião."

Assim, o homem da ciência tem ou de se afastar completamente da religião aceite ou de deixar a sua ciência para trás quando entra pela porta da igreja. Mas certamente se uma coisa é verdadeira fora da igreja, ela é também verdadeira dentro da igreja. Se as lições da religião e dos outros departamentos da ciência são verdadeiras, certamente têm um lugar na igreja e pertencem a ela. Pois uma coisa que é fundada no facto tem parentesco com o facto na religião e com tudo o resto.

«O que é que, então, o espiritualismo diz à ciência? Simplesmente isto: que assim como a ciência declara que os factos que apresenta ao mundo são capazes de demonstração a

todas as mentes inteligentes, assim nós, como espiritualistas, dizemos que os factos em que a nossa filosofia, a nossa religião se baseia, são também capazes de demonstração a todas as mentes inteligentes. Reclamamos que temos tantos factos que propomos demonstrar ao mundo, e também que eles são tão dignos da consideração do mundo como qualquer outra coisa que o mundo contenha. Sim, mais: pois eles demonstram as lições dessa vida mais elevada de que até agora o mundo não teve conhecimento definitivo. Dizemos ao homem da ciência: "A sua ciência deveria ser uma parte da sua religião. Se pode ver Deus em cada grão de areia, em cada estrela do céu, não pode também ver o Seu amor em cada ser humano?" Seria loucura de facto se ele dissesse: "Porque não vi estas coisas, não acredito que elas existam."

Exigimos que cada mente inteligente as considere; e nós, como habitantes do mundo dos espíritos, pretendemos trabalhar e labutar até que esta coisa seja sentida e ouvida em cada parte da terra, e apresentada a cada ser humano de forma clara e distinta. Não é nosso desejo atacar ou derrubar nada, mas vimos com o desejo de vos fazer realizar mais verdadeiramente a vida que vos espera além da sepultura, quando a vossa existência mortal tiver corrido o seu curso. E dizemos que essa vida é tão capaz de demonstração científica como qualquer outro facto na Natureza.

A ciência afasta-se disto e diz: "Não temos tempo para investigar o espiritualismo." Muito possivelmente; mas tendes tempo para o condenar, e se désseis metade do tempo ao estudo dele que agora gastais a denunciá-lo, agiríeis muito mais sabiamente, e os vossos julgamentos teriam de ser invertidos. É a coisa mais fácil do mundo dizer "Não acredito", ou "Não estudarei isto; está abaixo da minha atenção." Mas em todo o lado encontrais o espiritualismo a imiscuir-se e a levedar o pensamento; e porquê? Simplesmente porque é ordenado por

Deus, e em todas as eras passadas tem estado a tentar manifestar-se.

Em tempos anteriores, os seus aderentes sofreram pelo crime da sua crença na fogueira ou na cela da prisão. Mas agora há um grande trabalho tanto para o espiritualismo como para a ciência a realizar, e nós detemos esse conhecimento dentro de nós mesmos que trará todos os ensinamentos da ciência e da religião em harmonia, e a união destes dois é o resultado pelo qual estamos a labutar.

«Ora, vós ficais admirados agora quando olhais para o vasto oceano, e ouvis uma nação a sussurrar a outra através dos seus milhares de milhas de ondas. Mal uma batalha concluiu numa terra distante antes que a palavra venha da morte e das calamidades que ela ocasionou. Um continente sussurra a outro dos seus sucessos e fracassos; mas nós estamos assegurados de que virá o tempo em que aquele mundo comunicará com este, e aquele planeta que parece tão distante, dirá as condições da sua vida a vós, tal como agora um país comunica com outro. Pois há em alguns daqueles planetas as mesmas formas de vida, mas muito mais baixas e menos totalmente desenvolvidas do que aquelas neste vosso planeta; e noutros, por outro lado, maior desenvolvimento espiritual do que aqui. E aos poucos, e não num futuro distante, aprendereis que tudo, desde o menor ao maior, está a trabalhar sob uma lei, e por um poder. Há apenas um padrão, e esse é a verdade. E seja o que for que o homem possa dizer da sua religião, se ela não suportar a investigação — a luz mais plena que a ciência, o conhecimento da criação de Deus, pode lançar sobre ela — podeis estar muito certos de que ele não a tem de nenhuma fonte Divina.

«Para passar a outro ramo do nosso assunto: Que mensagem traz o espiritualismo ao criminoso?

«Por criminosos não queremos dizer apenas aqueles que possam estar dentro das paredes da prisão. Pois há tantos criminosos fora como dentro das portas da cadeia. Há certas leis dos homens, e quando estas são violadas a punição cai sobre o transgressor. Há leis também de Deus, que quando são quebradas parecem não ser seguidas de punição, nem sempre ou aparentemente; mas a retribuição, não obstante, o futuro inevitavelmente reserva.

Há muitos neste mundo que pensam que guardaram as leis deste mundo, e que relativamente às leis de Deus, mesmo que as tenham violado, não é grande matéria. Mas asseguramos-vos que há muitos, sim, muitos a quem o mundo aplaude e louva, que todos os dias violam as leis de Deus; enquanto as leis dos homens eles são muito cuidadosos em observar. O grande Pai colocou em cada coração humano a voz silenciosa da consciência que diz a cada um o que é correto e o que é errado fazer. Não precisais de nenhuma outra voz; a voz da consciência aponta aquilo que é correto e aquilo que é errado. E à luz deste facto, quando realizais a lei de Deus nos vossos próprios corações, sois considerados responsáveis pelo que fazeis, embora todo o mundo vos possa louvar pelos vossos atos. Há muitos dentro das paredes da prisão culpados de nenhum outro crime além do de quebrar as leis dos homens. Eles não violaram nenhuma lei de Deus nos seus próprios corações, mas opuseram-se àquela que o homem instituiu, e por isso incorreram em punição.

«Mas, como o homem pensa no seu coração, assim ele é para com Deus; e aquele homem, não importa quem seja, que vive falsamente para consigo mesmo, é culpado de um crime aos olhos de Deus. A virtude e a verdade são vendidas no mercado e são contadas como nada quando pesadas contra o sucesso, e a única coisa que o mundo não pode perdoar é o fracasso.

Não importa quão grandioso e quão verdadeiro seja o seu motivo, se falhou, toda a sociedade encolhe os ombros, e é esquecido no momento seguinte. E nesta corrida enlouquecedora atrás do sucesso terreno, muitas almas nobres afundaram na maré, porque ao tentarem fazer o seu trabalho foram obrigadas a sacrificar tudo o que havia de mais verdadeiro em si mesmas, e assim perderam a coroa que deveriam ter ganho. Ah! não busqueis as riquezas deste mundo, onde "a ferrugem e a traça corroem, e onde os ladrões escavam e roubam." A grandeza do mundo é deixada para trás. Buscai as riquezas do espírito, que vestem a alma com um traje de mais rara esplendor do que os olhos humanos jamais conheceram. Mas e quanto àqueles que estão confinados por crimes reais dentro da cela da prisão? Que mensagem tem o espiritualismo para eles? Esta: Que embora tenham cometido muitos e tristes erros, há ainda a possibilidade de recuperar tudo, e de entrar no gozo de uma vida mais verdadeira e melhor.

Como é que a prisão atua sobre esses agora? Um homem cometeu um crime, e ao passar a porta da prisão, olha pela última vez para o mundo, para o lar e para os amigos. Pois quando sai, não importa se culpado ou não culpado, regressa ao mundo desgraçado para sempre. O que são as vossas prisões hoje? Estão os homens reformados quando saem delas? Não; eles deixam-nas com corações mais selvagens e amargurados do que quando entraram. Todo o seu tratamento é aquele que tende a aumentar em vez de conter a tendência individual para o crime.

Vedes alguma pobre e miserável criatura coxa a cambalear pela rua fora; tendes pena dela, podeis ver a sua deformidade. Mas aquele prisioneiro ali na sua cela tem uma deformidade espiritual, e foi isso que o trouxe a essa cela. Qual precisa mais da vossa pena? E não deveria ser antes pena do que condenação? Não eram os doentes que precisavam do médico, e não os que

estavam sãos, e não é assim agora? Se estes prisioneiros são tudo o que parecem ser, quanto mais não precisam da vossa ternura e amor do que homens de organizações e circunstâncias mais favoráveis! Uma vez, em companhia do nosso médium, testemunhámos, numa prisão, uma cena que não esqueceremos tão cedo. Em companhia dele, e de pessoas de bom coração que trouxeram consigo a sua criança de rosto luminoso, fomos um dia a uma prisão para ver os prisioneiros no interior.

E enquanto íamos ao longo dos corredores, de aspeto sombrio, e húmidos, e escuros, e olhávamos aqui e ali para as pobres criaturas famintas, a gastar as suas vidas mais como animais enjaulados do que como homens, a criança espreitou para uma cela onde estava um rapaz dificilmente mais velho do que o seu irmão jovem em casa, a quem, à medida que ele se aproximava da grade, ela disse: “Irmão, posso cantar para ti?” e o rapaz disse “Sim”; e enquanto a sua pequenina voz ressoava como a voz de um anjo pelo corredor fora — era apenas um hino da noite que ela tinha aprendido aos pés da sua mãe, mas os tons eram tão doces, e a vida era tão enfadonha ali! — de dentro das celas surgiram rostos sequiosos e inquietos para verem a cantora, e escutarem e apanharem cada nota daquela música suave e invulgar.

Os pais chamaram a criança para junto deles novamente, e o carcereiro apontou para um homem numa cela, que ele disse ser tão endurecido que toda a eloquência do padre caía como nada sobre o seu ouvido. Ele virava as costas a tudo; era o prisioneiro mais desesperado que eles tinham. A criancinha aproximou-se da cela que ele ocupava e olhou para ele. Ele estendeu a mão para lhe tocar, e disse: “Criança doce e bonita, canta-me a última estrofe outra vez.” E enquanto a voz dela cantava suave e claramente as linhas

“Lá faça aparecer o meu caminho Passos até ao céu; Tudo o que Tu me envias Dado em misericórdia; Anjos a acenar-me Para mais perto de Ti, meu Deus, de Ti, Mais perto de Ti!”

o pobre desgraçado lançou-se por terra no chão, e com lágrimas a correr-lhe pelas faces, enviou uma oração tal como nunca veio de púlpito ou de pregador: “Ó Deus, deixa o amor voltar para mim!”

«Ah! havia esperança para ele, pois Deus estava ali; e através dos lábios daquela doce criança os Seus anjos tinham-lhe falado. Sim; estes homens são ainda humanos, embora possa ser precisa a voz de uma criancinha para lhes tocar o coração. E o espiritualismo vem com esta mensagem para todos os que estão a gastar as suas vidas atrás das barras da prisão, vem com esta única palavra: Esperança: embora a vida esteja perdida aqui, isto não é a eternidade. Há ainda uma vida além, onde Deus está.

Os erros podem ser muitos, males podeis ter feito; mas nenhum mal é eterno. E aquele homem ou mulher que, tendo cometido um grande pecado no mundo, vive para superar esse pecado, está coroado pelo céu. “Há mais alegria no céu por um pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento.”

«Que mensagem traz o espiritualismo ao mundo? Que resposta se pode dar, quando esta noite, longe numa outra terra, a morte e a destruição marcham sobre tantos que são caros a este vosso país? Quando vemos a sombra da guerra, seguida apenas por outra sombra mais negra do que a primeira, podemos dizer destas coisas que são corretas? Não; de modo nenhum a guerra é justificável, exceto em legítima defesa. A guerra pelo poder, por causa de conquistar os fracos, destruiu as vidas de milhares; mas isto não é glória. E aquela nação que se construiu a si mesma pela destruição de outras, é como a casa sobre a areia.

Vemos agora outros problemas e destruições a chegar de muitas formas; e dizemos, que os vossos pensamentos e desejos sejam de paz e amor, para que estas destruições, estes assassinatos legalizados possam cessar no vosso meio. Que espetáculo é mais horrível do que ver dezenas de milhares de homens perfilados uns diante dos outros, simplesmente com o propósito de se matarem uns aos outros, para que os seus governantes possam colher alguma vantagem curta de vistas e momentânea a que chamam glória! Não é assim que o reino de Deus se manterá no vosso meio! E há a vaga de retorno do julgamento vindouro que não pode ser evitada!

«A mensagem do espiritualismo ao mundo? É que cada um deve trabalhar para os outros no esquecimento de si mesmo — pôr de parte tudo em que o bem dos outros não esteja envolvido. Não há uma única reforma à luz do céu que não pertença ao espiritualismo; nem uma única boa obra que possa ser realizada sem que o espiritualismo tenha alguma ligação com ela. Vós, que calmamente ficais de parte e permitis que pecados sejam cometidos, sois responsáveis pela vossa parte, mesmo que a vossa parte seja apenas a do silêncio.

Cada ser humano é responsável pelo mal que é feito, na medida em que é capaz de protestar contra esse mal e transformar esse erro em direito. Aos poucos perguntaremos com referência ao pecado da intemperança, o que estas pobres criaturas com corpos mal formados e espíritos atrofiados estão a fazer num mundo no qual não têm direito de estar; e tentaremos ver se o espiritualismo pode mostrar algum remédium para esta miséria.

«Em conclusão, repetimos, como não podemos repetir com demasiada frequência, que as riquezas de um homem não consistem nas coisas que ele possa possuir; as riquezas da alma são maiores do que toda a riqueza da terra. Esforçai-vos encarecidamente por alcançar essa plenitude de poder espiritual,

para que quando chegardes a cruzar o caminho brilhante e vos postardes diante dos portais do céu, as vossas más ações não se ergam para vos dizer: “Não estás pronto para entrar aqui.” Vivei verdadeiramente, vivei nobremente, esforçai-vos sempre pelo melhor, e fazei o vosso máximo para apressar o advento daqueles dias brilhantes — a esperança do mundo — quando a maldade cessará no vosso meio, quando o Consolador virá com bênçãos nas suas mãos e palavras de amor nos seus lábios, e trará a paz para habitar para todo o sempre entre vós.»

CAPÍTULO XI

A MEDIUNIDADE PÚBLICA

AO escrever a vida de um médium público, surgem tantas questões quanto à sua verdadeira posição, e ao seu valor para o mundo, que é absolutamente necessário dedicar algumas páginas à sua consideração.

O primeiro pensamento que impressiona o investigador cândido vem na forma de uma crítica, uma objeção. Se é verdade que um médium possui estes dons espirituais, que ele nos diz algo que não poderíamos realizar exceto através do seu poder, ele não deveria receber nenhuma remuneração; esses dons deveriam ser gratuitos; esse poder demonstrado a todos. Tal como Cristo, ele deveria trabalhar por nada.

A falácia que subjaz a este raciocínio existe na ideia de que o dinheiro, ou qualquer dom terreno, pode recompensar um homem por um trabalho que está cheio de sofrimento espiritual. O médium, se for um como William Fletcher, um espiritualista no seu próprio coração, está em guerra com o materialismo do mundo em que vive; ele habita numa esfera própria, nem sequer compreendida pelos seus semelhantes, e cujas realidades nem

sequer são sonhadas por aqueles intimamente associados com ele. Ele está em contacto diário com a vida invisível; ele lê os segredos, ele contempla os próprios espíritos daqueles mortais que encontra, e nos quais a história das suas vidas está escrita em caracteres indelevelmente gravados.

A grandeza exterior das casas em que pode entrar, e nas quais pode ser um convidado de bom grado acolhido, é pouco para ele que sente por vezes influências naquilo que pareceria aos olhos ordinários os locais mais brilhantes da terra, que são simplesmente insuportáveis. Ele não é atraído para outros porque eles ocupam posições exaltadas, ou possuem uma influência difusa, mas apenas para aqueles que estão em simpatia com ele.

Ele tem diariamente de suportar as influências deprimentes do ceticismo, do ridículo mal disfarçado, talvez do desagrado e desprezo não expressos, e entre aqueles a quem a sua capacidade de vidente toca e convence, há muitos que falham totalmente em apreender o seu verdadeiro e mais elevado significado. Ele está só, —

«A sua alma é como uma estrela, e habita à parte»

e a qualquer momento essa solidão pode ser intensificada na agonia que o fanatismo pode infligir e infligirá, e pela qual cada trabalhador espiritual deve passar se quiser ser fiel ao encargo confiado à sua guarda. Quando é que os homens acolheram uma nova verdade, uma grande descoberta, uma grande reforma? O médium de hoje está no lugar do profeta, do apóstolo, do reformador do passado. Ele vem comissionado com um poder estranho e não sonhado, e põe-se diante do mundo do ceticismo e da incredulidade. Não é este “trabalhador digno do seu salário”?

Deve ele morrer de fome e precisar de pão para comer no meio da muito maior fome espiritual e falta de lar nascida da sua própria natureza? Perguntai a qualquer médium que queirais quais

são os seus ganhos materiais em Inglaterra e ele dir-vos-á que tem apenas o suficiente, talvez dificilmente o suficiente, para viver, e que sacrificou compromissos ou posições de conforto e segurança, porque se sentiu compelido a qualquer custo a ser fiel à sua causa.

Aquele que tem sido mais bem-sucedido neste país, o único que, como outros homens que ganham mais e trabalham muito menos, fez para si mesmo um lar próprio, e uma posição social reconhecida, sem a qual teria sido impossível para o seu trabalho ter sido realizado, tem sido o sujeito destas páginas; e aqueles que o conhecem melhor podem testemunhar o facto de que a grande ambição da sua vida é ganhar um lugar reconhecido para a causa do espiritualismo, tal como deveria obter uma audiência justa não apenas para si mesmo, mas para todos os seus mais verdadeiros representantes.

Mais do que isto: o trabalhador espiritual, o médium, é o instrumento do mundo dos espíritos. Vós não pagais, e não podeis pagar, aos trabalhadores invisíveis, que o escolheram para transmitir a verdade bonita mas incompreendida. Eles também suportam muitas coisas com uma paciência que transcende tudo o que é exibido entre os seres humanos. Eles ouvem a sua própria existência ser duvidada diariamente a título de recompensa.

Os homens dizem: “É clarividência;” “É leitura do pensamento;” “É um estado exaltado do cérebro;” “Mesmerismo,” qualquer coisa exceto o que é, e eles nunca se cansam de responder: “Nós somos os espíritos dos vossos amigos falecidos; há um mundo de espíritos; este homem através de quem falamos é apenas o nosso médium.” Mas cada convertido à verdade do espiritualismo foi uma vez um cético; e cada novo investigador requer as mesmas provas, e o mesmo terreno tem de ser percorrido vez após vez, no meio de cada forma de crítica, preconceito e erro. Para o homem cujos olhos estão abertos, para

o próprio vidente, o que é tudo isto? Para ele há apenas um nome para todas as formas proteicas de chamada explicação que existiram desde o Tomé deitado a duvidar de há dezanove séculos atrás até aos Carpenters e Hammonds do dia presente; e isso é, ignorância inconsciente. Eles não sabem o que ele sabe; eles não podem ver o que ele vê, e as suas brutas tentativas materialistas de apreender algo que apela à natureza intuitiva bem como à intelectual, às simpatias mais elevadas bem como às faculdades lógicas, resultam, não uma nem duas vezes, mas constantemente em fracasso.

As condições são delicadas; o sucesso não pode ser comandado; espera-se que uma única investigação resolva a questão da ciência espiritual como não resolveria nenhuma outra; a própria ansiedade do médium, e a avidez ou preconceito do investigador, criam a pior atmosfera para um trabalho perfeito. O espanto é que, com elementos tão diametralmente opostos, não que tão pouco, mas que tanto tenha sido realizado. Se a razão de ser da comunicação com os espíritos pudesse ser perfeitamente compreendida, os escarnecimentos dos céticos assemelhar-se-iam ao riso de uma criança a quem se diz que uma mensagem pode ser enviada através do oceano por um pedaço de arame.

Entretanto, é imperativo que o trabalho seja levado a cabo, e o melhor, se não o único meio disponível no presente para colocar os factos do espiritualismo diante do público é através da mediunidade profissional, à qual muitas pessoas foram levadas por um poder acima e além de qualquer vontade ou desejo próprio. Um instrumento realmente fino e flexível de agência espiritual é compelido pelas suas condições a dedicar a sua vida apenas àquilo para o qual foi cuidadosamente treinado. Por isso é que o muito provado trabalhador na nossa causa tem direito aos confortos da vida, e contudo estes são feitos motivos das acusações mais insensatas. Uma atriz ou cantora favorita recebe

centenas de libras por uma única noite, e nem uma palavra de crítica é oferecida. Uma canção é mais valorizada pelo mundo do que as provas da imortalidade do homem, ou do que uma mensagem de um amigo invisível que salva da morte.

E depender da amizade privada pode ser ainda mais desastroso do que receber um honorário. A lei inglesa exige que os médiuns morram de fome.* Quando os factos forem reconhecidos; quando o abuso da imprensa tiver sido silenciado finalmente; quando aos homens for permitido pensar por si mesmos, não haverá necessidade desta perigosa carreira de sacrifício. Os homens terão bom senso suficiente, e caridade suficiente, para dar ao trabalhador espiritual que lhes diz o que nenhum outro pode, pelo menos tantos meios de subsistência como o clérigo comum possui para fazer o trabalho do que se chama "salvar almas imortais". Eles irão pelo menos protegê-lo da indignidade de aceitar honorários em troca do seu tempo, da sua força, da sua própria vida; honorários que nunca o podem pagar, digam os céticos o que disserem. Dar-lhe-ão finalmente um lugar entre os seus semelhantes, ele que se classifica em primeiro lugar entre todos eles, e já não o contarão como um dos "desprezados e rejeitados" dos homens. O ideal da mediunidade é que, ao contrário da medicina e do direito, ela deveria ser não profissional; isto William Fletcher afirma abertamente; mas o médium profissional é forçado pelas circunstâncias, e pelas necessidades da hora, a ocupar a posição que é a última a ser cobiçada, bem como a primeira que deveria ser honrada, na terra de Deus.

• *Ver The State of the Law of England as it affects Public Mediums. Por M.A. (Oxon.) As acusações de "falsas pretensões," "vadiagem," "bruxaria," podem todas ser feitas instrumentos de perseguição para o médium mais honesto do mundo nas Ilhas Britânicas, enquanto*

ilusionistas, e médiuns que repudiam o espiritualismo, adquirem tanto popularidade como dinheiro. Recentemente foi publicado um livro por uma clarividente, no qual as palavras de abertura do prefácio eram: "Tenho um desejo, que o público não me confunda com os espiritualistas," e um médium que se chama a si mesmo um leitor de pensamentos pode ser recebido entre aqueles em quem uma nobre confissão excita uma hoste de preconceitos. A credulidade cética acredita em qualquer coisa antes do que na verdade.

Digo "a primeira que deveria ser honrada." Pois necessita a humanidade deste conhecimento, e é ele de valor para nós? Sim ou não. Como Paley verdadeiramente observa: "Aquele que me dá riquezas ou honras nada faz; aquele que até me dá saúde faz pouco em comparação com aquele que coloca diante de mim motivos justos para esperar uma restauração da vida;" ou por outras palavras, uma vida além da sepultura. "Esta única verdade dá ordem para a confusão," e posso acrescentar, confiança para a dúvida, esperança para a depressão, e luz para a escuridão. Além de toda a questão, "o serviço mais importante que pode ser prestado à vida humana é transmitir ao mundo garantias autorizadas da realidade de uma existência futura."

E digo também, "a última a ser cobiçada."

Um escritor histórico disse, ao aludir às perseguições religiosas no século dezassete: "Em Inglaterra as leis gerais contra os Dissidentes, os estatutos contra os Papistas, e os estatutos especiais contra os Quacres, colocavam-nos à mercê de cada informador maligno," e os homens congratulam-se enquanto passam levemente sobre tal passagem, por viverem numa era distante de tal intolerância curta de vistas. Mas um pequeno corpo de pessoas existe nos nossos próprios dias que está a sofrer de leis tão injustas, e que são feitos sujeitos da mesma crueldade e abuso,

e eles são espiritualistas. Eles são os mais indefesos dos homens, porque uma longa experiência apenas pode lançar luz sobre as condições variáveis dos seus poderes, e é fácil para qualquer pessoa ignorante ou preconceituosa que por qualquer razão, pública ou pessoal, odeie o espiritualismo ou qualquer um dos seus representantes, apresentar uma acusação de impostura que parecerá plausível a todo o país. A prova mais forte é invariavelmente excluída: a imprensa recusa-nos toda a reparação.

Contudo, os mesmos jornais que suprimem os nossos factos e os nossos apelos à justiça, estão abertamente a reconhecer o declínio da crença num "mundo mais puro do que este;" "O Castelo da Dúvida," dizem eles, "é, como deveria ser, um lugar sombrio, uma prisão medonha de almas; e até que algum Grande Coração passe pelo caminho e o demoliu, a sombra das suas torres deve alongar-se sobre a terra." E quando o Grande Coração chegar, o que farão eles com ele? Metê-lo-ão na prisão. E os mesmos escritores alegrar-se-ão e farão festa sobre os sofrimentos através dos quais a verdade para a humanidade nasce.

Mas, seja qual for o sucesso que aguarda a verdade do espiritualismo no futuro, e quão abertamente quer que possa ser reconhecida, nada que se aproxime dos emolumentos e cargos da igreja será de novo permitido para obscurecer a verdade e impedir o avanço do homem. Que o ensino religioso deveria ser separado de todos os interesses pessoais e de classe é um princípio que foi, e é, apenas demasiado bem ilustrado pela história eclesiástica, que demonstra claramente que as reformas práticas que o progresso humano necessitava, e que são e serão sempre parte da religião de Cristo, foram arrancadas à "igreja e ao Estado" pelo forte bom senso e vontade do povo. O que não é do interesse das pessoas ver elas não reconhecerão, e nunca foi do interesse das autoridades eclesiásticas acolher novas verdades, ou assistir a causa da liberdade.

Não só a sua prerrogativa especial de autoridade e infalibilidade na interpretação das Escrituras, e o lugar atribuído a estas, está em jogo, mas os seus próprios meios de subsistência estão em perigo; e a sua posição social, residências palacianas, e milhares por ano, embora possam não ser valorizados inteiramente por si mesmos, levam os dignatários que deles desfrutam a sobreavaliar enormemente a sua importância moral, e a assumir que exercem uma influência muito maior fora da porção clerical da sociedade do que os factos de todo sustentam.

Um imenso motor para a instrução religiosa das massas é assim mantido a grande custo, o qual está agora a realizar muito pouco, simplesmente porque a religião ensinada por padres e ministros em geral não acompanha o ritmo do conhecimento ou das exigências da era. Um arquidiácono declarou publicamente no ano passado que trinta milhões tinham sido gastos apenas na restauração de igrejas, durante os últimos trinta anos, e para alguns factos com respeito à venda e compra de benefícios, mais de seis mil dos quais estão sob patronato privado, remeto o leitor para o relatório recentemente publicado dos Comissários Reais, que parece ser silenciosamente ignorado. Existem cerca de quarenta mil igrejas na Grã-Bretanha, e há uma média de oitenta mil sermões pregados todos os domingos, ou mais de quatro milhões por ano, e quais são os resultados práticos deste enorme e difundido sistema, que calmamente exige as suas dezenas de milhares para a ereção de um edifício numa qualquer pequena cidade de província? *

> • *Dificilmente honra os espiritualistas ingleses, entre os quais estão algumas pessoas abastadas, e que somam muitos milhares, que nem um único edifício tenha sido erigido em Londres para o propósito de um serviço espiritualista ao domingo. Angariam-se fundos e deixam-se legados para sustentar instituições que requerem reforma*

em vez de preservação e aumento numérico, enquanto a grande verdade da nossa era está sem lar e esquecida. William Fletcher deu um grande e bom exemplo com respeito ao Steinway Hall, mas os serviços estavam longe de estar estabelecidos na base independente que a sua importância exigia.

Os resultados são exatamente os mesmos que costumavam ser — uma torre de defesa para os fracos e uma barreira imposta ao progresso dos fortes. O zelo daqueles que sustentam o primeiro não é prova do seu valor moral. A devoção, como vimos, não é teste da verdade, e o ensino equivocado está a manter muitos males. Em devoção, gentileza e abnegação, alguns dos santos da Igreja Católica Romana foram insuperáveis, e como médiuns muitos deles foram centros de notável poder espiritual. Mas como grandes mestres, como canais livres e independentes para a expressão de verdades radicais, como reformadores, como arautos de uma nova ciência, eles foram inúteis.

Na Igreja Romana tudo foi sacrificado ao sacerdotalismo; o seu poder e o seu crescimento foram centrados num sistema ao qual todos eram chamados a render a submissão e a disciplina caraterísticas de um exército; ofícios, concílios, decretos, tradições, "definições de fé", foram de primordial importância, e o "milagre da igreja", ou manifestação espiritual, e o "médium eclesiástico", ocupam em relação às reformas amplas e esclarecedoras do mundo projetadas pelos espíritos mais elevados, a mesma posição que o sistema religioso de Moisés manteve relativamente ao trabalho de Cristo. O sistema de um é empírico e externo; o do outro, radical e interno.

Cristo foi a grande encarnação do poder espiritual da sua era; ele próprio foi o desenvolvimento do interno ou espiritual — o Homem Divino — isto é, o Homem Espiritual ou Psíquico, e a totalidade dos seus poderes e do seu método de ensino expressava

a condição do seu ser. Para finalmente completar essa obra e vida extraordinárias e profundamente incompreendidas, para a colocar na sua verdadeira luz, para provar abertamente a imortalidade, para colocar a religião perante o povo como uma ciência da humanidade, como, de facto, as mais elevadas verdades e princípios encarnados — são necessários trabalhadores com almas suficientemente fortes para serem independentes de métodos externos, e para estarem completamente preenchidos com o influxo espiritual introdutório de uma nova era. Para assegurar isto, alguns lugares escarpados tiveram de ser passados, alguns caminhos espinhosos, e o melhor e o pior entre os espiritualistas foram trazidos, aparentemente, embora não realmente, numa causa comum, juntos.

Mas enquanto protesto contra aqueles que possuem o que Paulo chamou de "dons do espírito", prosseguindo constantemente o curso que deu às igrejas toda a sua riqueza, e que produziu tais resultados desastrosos na sua longa história, mantenho que o médium é digno do nosso cuidado.

Se a mediunidade fosse compreendida, se os médiuns fossem de tal modo protegidos da tentação e do perigo que, mesmo entre os menos fiéis, os menos leais do seu número, nenhuma traição, nenhuma tentativa de simulação dos dons sobre eles desferidos jamais ocorresse, eles ocupariam, como indubitavelmente deveriam, uma posição perante o público na qual o dinheiro seria a última coisa em que se pensaria, e a atmosfera de suspeita seria removida. Quem são as pessoas que "expõem" os médiuns? Aqueles que são totalmente inexperientes nas condições peculiares e variáveis que afetam os fenómenos, que correm para uma sessão uma vez, tiram uma conclusão precipitada, enviam cartas sensacionalistas para jornais que suprimem as respostas, e que acreditam que o ilusionismo e a trapaça são praticados por todos os médiuns como um meio — muito duvidoso! — de "obter

dinheiro", e que a sua capacidade superior era tudo o que se exigia para o descobrir.

Se assim for, que médium não preferiria tornar-se um Maskelyne ou Cooke, e obter sem outro custo para si mesmo além dos materiais empregados, uma fortuna realizando "sessões de exposição", nas quais o público acredita piamente? Os seus fenómenos nunca resultam em fracasso; a sua maquinaria está sempre disponível; os "espíritos" nas suas instalações nunca falham em aparecer; eles têm grandes públicos que aplaudem os seus esforços engenhosos; e supõe-se que ganham um sustento legítimo, honrado e varonil.*

• *Para as admissões dos próprios ilusionistas, contudo, quanto à realidade dos fenómenos psíquicos, ver o testemunho de Houdin, Jacobs, Bellachini e, recentemente, Kellar (Kellar e Cunard, ilusionistas), cuja carta no Indian Daily News foi reimpressa no Light de 25 de fevereiro de 1882.*

Contrastai isto com o destino do verdadeiro médium, o homem cuja própria missão é um rifão, e que possui a mais grandiosa verdade que o mundo jamais recebeu. Se ouvirdes a sua história, descobrireis que ele ou nasceu com poderes anormais, ou que, perante o seu próprio ceticismo, a realidade deles lhe foi imposta; que ele desejava viver uma vida semelhante à dos seus semelhantes; que ele sabia o suplício que o aguardava ao colocar-se à mercê deles; que ele recuou perante isso, teria de bom grado evitado isso, e foi mandado enfrentá-lo pelo mundo dos espíritos. Uma vez lançado nesta carreira, a sua vida diária torna-se uma vida de ansiedade e luta, aumentada dez vezes pela sua própria organização sensível.

Ele está totalmente desprotegido; a qualquer momento, se for um médium físico, pode ver-se envolvido numa acusação de

impostura, realmente o resultado da condição de algum investigador ignorante, e impiedosamente fixada nele, por muito honesto, por muito indignado que esteja com a acusação; se for um médium de transe, pode falhar em transmitir uma sílaba de prova pela mesma causa, e o mesmo clamor é emitido de fraude e impostura, não importa qual a prova acumulada de outros em contrário, investigadores mais cuidadosos, mais justos e muito mais pacientes, pessoas qualificadas para formar uma opinião pelo facto de terem tido médiuns nas suas próprias casas, de os terem testado, revistado, esgotado a engenho em métodos para descobrir qualquer tentativa de produção dos factos por agência humana, e que foram finalmente recompensadas por testemunharem fenómenos tais como nenhum ser humano poderia simular, e que os tornaram espiritualistas a partir dessa hora.

Além disso, até que o ceticismo seja completamente quebrado, os dons de um médium nunca podem ser desdobrados até ao seu limite máximo; eles ficam confinados, e destinados a estar confinados, à rotina de apresentar as mesmas classes de provas dia após dia a todas as classes de mentes, de trabalhar polegada a polegada em favor de factos cercados de desconfiança, e dificilmente é um paraíso para o médium ou para os espíritos.

A própria atmosfera na qual eles foram tornados conhecidos tem sido também uma atmosfera prejudicial à espiritualidade, e o que deveria ser valorizado como uma das horas mais sagradas da vida tem sido demasiado frequentemente degradado num passatempo, e é escassamente de admirar se muitos médiuns falharam em representar o espiritualismo sob qualquer luz verdadeira ou nobre. Para o observador casual que não olha mais fundo do que a superfície, tem havido pouca prova de inabalável retidão moral e integridade.

Deve recordar-se, também, que um médium suficientemente dotado para suportar a enorme pressão de convencer estranhos,

protege a causa do espiritualismo dos muitos perigos decorrentes de círculos privados mal regulados e da mediunidade meio desenvolvida. Através dele, guiado por um bando provado de espíritos fortes que o forçaram propositadamente para a frente, são dadas instruções e conselhos, através dos quais outros são ajudados e protegidos em muitas dificuldades, e apenas sob este ponto de vista o seu trabalho é inestimável. A influência de um médium realmente grande é, de facto, incalculável, e sem tal a verdade no seu estado atual murcharia rapidamente.

Aqueles espiritualistas que estão tão prontos a criticar a mais pequena falha em pessoas que não são os seus instrumentos mas os do mundo invisível, assemelham-se a homens que derrubam os pilares de um edifício no qual eles próprios se encontram. Eles selam o seu próprio destino mais seguramente até do que o das paredes que lhes davam abrigo.

Mas porquê, poder-se-á perguntar, é permitido aos médiuns falharem — aparentemente traírem a sua causa, quando parece de suma importância que ela seja tornada conhecida?

Reconheço duas grandes razões para isto. Uma é impor certas lições aos próprios espiritualistas; ensiná-los a valorizar a verdade, a nunca mais adorarem homens através dos quais ela é dada, — o grande erro da história religiosa do passado, — a apelar a que sejam fiéis aos princípios que reconhecem, perante o ridículo ostensivo e o desprezo; e a treiná-los para serem espiritualistas de coração, não caçadores de fenómenos, que obtêm todas as provas da realidade do mundo dos espíritos e se recusam a fazer o seu trabalho em troca.

A outra é treinar os médiuns para levarem vidas de abnegação, fervor e pureza; como são os mais dotados, assim devem ser os mais altruístas dos homens; a sua não há de ser nenhuma vitória fácil, nenhuma posição orgulhosa de exaltação

aprazível sobre os outros; eles devem suportar todas as coisas, sofrer todas as coisas, ser fortes e perseverar até ao fim. Os mais elevados e nobres médiuns que estão a fazer a obra de Deus no mundo, pois "muitos foram chamados e poucos os escolhidos", são influenciados pela esfera de Cristo, e são mandados tomar a sua cruz e seguir os passos do Mestre.

Acusações injustas ecoam no próprio ar ao seu redor. Eles, e apenas eles, podem compreender o que ele sofreu ao vir como "uma luz para o mundo" que o não conhecia; e contudo a vida que demonstrou a imortalidade, e que tem sido a voz a falar a todos os homens desde essa era até esta de uma vida além da sepultura, pode bem inspirar os trabalhadores cansados que labutam pelo mesmo fim sublime, no presente, e que realizam um facto que o homem é tão impotente para esmagar como o é para escurecer a luz do dia.

Aos olhos daqueles que guiam o desenvolvimento do nosso pequeno mundo, o mais intelectual dos homens não passa de uma criança em conhecimento e em poder, e as suas tentativas de usar leis humanas para alterar a Lei Eterna resultaram invariavelmente na vindicação desta última. A força foi em todas as eras usada em vão contra a verdade. Os próprios métodos empregados no seu ofício pelos judeus para destruírem qualquer possível rumor do regresso de Cristo deram uma das mais fortes provas exigidas da sua natureza como o Homem Imortal.

OS VEREDICTOS DO MUNDO

CRISTO. «Ele tem um demónio;» «um homem glutão e bebedor de vinho; amigo de publicanos e pecadores;» «um violador do Sábado;» «louco;» «blasfemo;» «pervertendo a nação;» «aquele enganador.» «Um taumaturgo;» um «sofista crucificado;» um «criminoso.» Os Judeus; filósofos romanos.

PAULO. «Este tagarela;» um «divulgador de deuses estranhos;» «um profanador de lugares sagrados; indigno de viver;» um «homem pestilento;» «louco.» Os Judeus; magistrados romanos.

PRIMEIROS CRISTÃOS. «Seguidores de uma superstição nociva;» «abjetos e vis publicanos;» «ímpios impostores;» «fanáticos desprezíveis;» «palhaços iletrados;» «tolos;» «enganadores;» «bruxos e feiticeiros;» «ateus;» «criminosos detestáveis;» etc. Contemporâneos romanos.

REFORMADORES E DESCOBRIDORES CIENTÍFICOS. «Vis hereges;» «tolos;» «pessoas imorais;» «ateus;» «feiticeiros;» «aliados do diabo;» «mágicos;» «ilusionistas;» «Anticristos;» «falsos profetas;» «mentirosos;» «inovadores diabólicos;» «fanáticos;» «sedutores da fé;» etc. Padres e Escolásticos.

MÉDIUNS E ESPIRITUALISTAS DO SÉCULO DEZANOVE. «Tolos;» «idiotas iludidos;» «vítimas de alucinação;» «pessoas loucas;» «blasfemos;» «possuídos pelo demónio;» «feiticeiros;» «impostores;» «trapaceiros vulgares;» «chalataes;» «hipócritas infames;» «condenados;» etc. Bigotes científicos e religiosos e a Imprensa popular.

ele viveu para falar a verdade. O seu espírito estava em harmonia com o Pai, e ele atingiu esse plano elevado que vivia em pureza de pensamento bem como de ato. Um “maior do que Salomão” esteve de facto finalmente dentro das muralhas de Jerusalém; uma obra poderosa foi de facto realizada ali.

Nada poderia ser mais oposto do que a obra de Moisés e a de Cristo, e era fácil de ver que os seguidores de um nunca poderiam aceitar o outro. Um era um legislador, regulando a moralidade real e imaginada por minúsculos detalhes externos, e punições severas e frequentemente bárbaras; o outro forneceu uma força motriz de ação numa vida espiritual pura, ensinando que o

procedimento incorreto trazia a sua própria punição, a virtude a sua própria recompensa; um era um instrumento do Jeová Hebraico; o outro o mensageiro de um Deus de amor; um oferecia "sacrifícios pelos pecados" com o sangue de animais; o outro "fazia a vontade do Pai", e por uma verdade divina sacrificou-se a si mesmo; um era silencioso sobre uma vida futura; o outro era um espírito revestido de um corpo apenas meio material; um pertenceu

Jerusalém, ambos os quais ele predisse. Eu deveria acrescentar aqui que, embora as Epístolas, no que diz respeito à história, pareçam confinar as suas alusões a eventos correntes, tais como práticas entre os cristãos, ou aquele aspeto terrível do mundo romano que fez Paulo denunciar os "governantes das trevas", e "o homem do pecado", (Calígula erigiu um templo em honra da sua própria divindade, e Nero ultrajou a humanidade com os seus crimes), o Apocalipse é uma visão da totalidade da primeira era cristã, e aponta o combate, uma verdadeira "batalha do Armagedão", entre reis e o Papado, e os mártires de Cristo, e finalmente, a era do reinado de Cristo, a raça imortal, e a comunhão aberta entre os mundos espiritual e material. A declaração de que "a morte não existirá mais" refere-se a um desenvolvimento da raça humana ainda não atingido, e não tem qualquer referência possível a eventos do passado.

largamente à sua era e à terra; o outro a todo o tempo e ao mundo do espírito; um dava sentenças de morte e morreu; o outro falava de uma vida que era eterna, e triunfou finalmente sobre tudo o que torna possível que o homem morra. A religião de Cristo era e é uma religião de virtude, abnegação, caridade, liberdade e amor; de denúncia frontal de todos os males, não importa em que interesses cometidos; de perfeita confiança e liberdade; de compromisso intransigente com o bem humano, de perfeição encarnada. É uma religião de vida. Este é o evangelho

da imortalidade contra o qual, se um anjo pregasse, seria, de facto, maldito.

Contrastemo-lo com a religião dos homens.

Mais de um século e meio tinha decorrido após o regresso de Cristo ao mundo espiritual, antes que a ideia fosse totalmente aceita de que os vários evangelhos e os escritos dos apóstolos eram de "autoridade divina" no sentido agora popularmente compreendido. A prova de que tal era o caso é agora demasiado bem conhecida e demasiado completa para ser enfrentada com negação.

Os evangelhos e as epístolas compreendiam muitos mais livros do que aqueles admitidos no cânone da Escritura, que inclui no tempo presente mais de uma epístola, cuja autenticidade se sabe ser duvidosa; e a chamada "autoridade das escrituras" de um período posterior repousava simplesmente no testemunho escrito mais bem aceito daqueles mais intimamente relacionados com Cristo, ou que tinham labutado mais zelosamente em favor da obra que ele tinha realizado.* As próprias diferenças entre os apóstolos (Atos

- *Tenho citado mais de uma vez o Evangelho chamado segundo João. Partes dele mostram inegavelmente o espírito de Cristo seja quem for o seu autor.*

-

CAPÍTULO XII

O CRISTIANISMO DOS HOMENS

«Eles não conheceram o Pai nem a mim.»

ESCREVO as páginas seguintes, e incluo-as na vida de William Fletcher, em deferência a uma exigência imperiosa — uma à qual o seu conteúdo é, de facto, apenas o mero esboço de

uma resposta dos mensageiros e trabalhadores invisíveis em favor de uma nova era.

É meu propósito mostrar, por um apelo inquestionável aos factos neste breve capítulo, que o espírito de Cristo repousou sobre os mártires heroicos de todas as eras pelo progresso e reforma, e que o sistema de eclesiasticismo, e a união da igreja e do Estado, longe de representarem os princípios sublimes e eternos que ele ensinou, os ultrajaram por superstições e crueldades que foram uma maldição para a humanidade; que formaram um inferno no passado, que degradaram a religião em cada nação na Europa, e que ainda sobrevivem em formas diminuídas, e exercem uma influência mortal no desenvolvimento espiritual do homem, na hora presente.

Quando Estêvão entregou o seu último sopro sob uma acusação de blasfémia, proferindo a oração divina de Cristo para que aqueles que o assassinaram pudessem ser perdoados; quando os fiéis seguidores de Cristo pereceram, alguns em Roma, alguns em Alexandria, alguns em Jerusalém; quando os primeiros mártires cristãos se postaram na arena em Roma e enfrentaram torturas e a morte nas suas formas mais terríveis por amor da verdade que as suas almas tinham reconhecido, porque por uma lei decretada pelo céu nenhuma verdade pode jamais nascer em vão — o cristianismo era uma religião livre.

O pequeno bando de homens chamados cristãos que foram despedaçados por feras selvagens, queimados em jardins públicos, torturados com toda a engenhosidade que os demónios humanos podiam conceber por ordem de imperadores que governavam um reino na última etapa da sua decadência, e que eram muitos deles tão infames na vida como eram pervertidos no intelecto e no sentido moral — eram homens que possuíam mentes livres.

Se eles partilharam o Calvário de Cristo também partilharam o espírito que impulsionou as belas e destemidas declarações pelas margens da Galileia, no cimo do Olivete, e dentro dos próprios recintos da condenada Jerusalém, declarações que foram proferidas fora da sinagoga e do templo, acima e além da autoridade dos padres, e que apelavam à razão e à consciência das multidões humanas que as ouviam. Tal religião como esta podia de facto desafiar a morte. Tal religião como esta, que não só tinha ensinado a verdade, mas "trouxera a imortalidade à luz", bem poderia ter inspirado os seus mártires, e ter-se-ia dito que deveria ter ressoado por todo o vasto mundo.

Mas foi de outro modo ordenado. Cristo disse aos seus discípulos que o seu reino "não era deste mundo"; e a religião que ele ensinou era uma que apelava aos instintos mais divinos na alma do homem; não havia de ser tecida em nenhuns credos; de ser usada como nenhum instrumento de domínio sacerdotal; de ser uma arma de nenhum estado; de ser a posse de nenhuma classe particular de pessoas.

Era um grande poder espiritual, e nasceu no mundo quando este dele precisava, para ser doravante mantida viva através das lutas e sofrimentos heroicos de homens que, passo a passo, avançavam no caminho que tinha sido apontado por uma mão infalível, até que chegasse a hora em que ela dominaria o mundo numa liberdade do espírito que estaria para sempre acima tanto da igreja como do credo.

Há quase dois mil anos, Cristo entrou na esfera da vida humana numa missão divina, que era dupla: algumas das verdades que ele ensinou tinham sido proferidas antes, mas ele colocou-as perante os homens sob uma luz mais elevada e viveu-as; a maior verdade de todas, a imortalidade do homem, tinha sido vagamente reconhecida por outras raças e por outros mestres; Cristo demonstrou-a.

A sua vida, incluindo o seu poder sobre a matéria, a sua perceção espiritual, e a sua vitória sobre a morte, foi vivida em estrita conformidade com leis que operavam desde o seu nascimento, e às quais no curso do progresso humano, a raça do homem, como predito por João, o seu "discípulo amado", estará eventualmente sujeita. Foi uma grande profecia.

A vida e as obras de Cristo não foram mais uma violação da lei natural do que a vida do homem civilizado é uma violação da lei que outrora proibia qualquer forma de existência mais elevada do que a do saurópode. No último caso o espiritual está a desenvolver-se, sujeito a condições planetárias: no primeiro ele estava desenvolvido, e superou-as.

Mas, vivendo tão antes da era da raça imortal; sendo os seus "primeiros frutos", ele foi o escolhido "forte filho de Deus", e ele foi, e ele é, o grande mensageiro do Pai para este mundo. Ele está à parte de todos os outros mestres, profetas e mensageiros, e ele é, e para sempre será o Salvador escolhido da nossa raça.* Ele morreu para demonstrar a imortalidade; ele viveu para falar a verdade. O seu espírito estava em harmonia com o Pai, e ele atingiu esse plano elevado que vivia em pureza de pensamento bem como de ato. Um "maior do que Salomão" esteve de facto finalmente dentro das muralhas de Jerusalém; uma obra poderosa foi de facto realizada ali.

*Se a natureza de Cristo tivesse sido claramente compreendida, teria demonstrado a futilidade de tentar personificá-lo. Os «falsos Cristos» surgiram por volta do tempo da destruição de Jerusalém, acontecimentos estes que ele previu.

Devesse acrescentar aqui que, embora as Epístolas, no que diz respeito à história, pareçam limitar as suas alusões a eventos correntes, tais como práticas entre os cristãos, ou àquele aspeto terrível do mundo romano que levou Paulo a denunciar os

«príncipes das trevas» e o «homem do pecado» (Calígula erigiu um templo em honra da sua própria divindade e Nero ultrajou a humanidade com os seus crimes), o Apocalipse é uma visão de toda a primeira era cristã e assinala a luta, uma verdadeira «batalha do Armagedão», entre os reis e o Papado, e os mártires de Cristo, e, finalmente, a era do reino de Cristo, a raça imortal e a comunhão aberta entre o mundo espiritual e o material.

A declaração de que «a morte não existirá mais» refere-se a um desenvolvimento da raça humana ainda não alcançado e não tem qualquer relação possível com acontecimentos do passado. Nada poderia ser mais oposto do que a obra de Moisés e a de Cristo, e era fácil de ver que os seguidores de um nunca poderiam aceitar o outro.

Um era um legislador, regulando a moralidade real e imaginada através de pormenores externos minunciosos e punições severas e muitas vezes bárbaras; o outro forneceu uma força-motriz de ação na vida espiritual pura, ensinando que o mal trazia a sua própria punição, a virtude a sua própria recompensa; um era um instrumento do Jeová hebraico; o outro o mensageiro de um Deus de amor; um oferecia «sacrifícios pelos pecados» com o sangue de animais; o outro «fez a vontade do Pai» e por uma verdade divina sacrificou-se a si mesmo; um calava-se sobre uma vida futura; o outro era um espírito revestido de um corpo apenas meio material; um pertencia em grande parte à sua época e à terra; o outro a todo o tempo e ao mundo do espírito; um emitia sentenças de morte e morreu; o outro falava de uma vida que era eterna e triunfou por fim sobre tudo o que torna possível que o homem morra.

A religião de Cristo era e é uma religião de virtude, autossacrifício, caridade, liberdade e amor; de denúncia aberta de todos os males, independentemente dos interesses em que fossem cometidos; de perfeita confiança e liberdade; de apego

intransigente ao bem humano, de perfeição encarnada. É uma religião de vida. Este é o evangelho da imortalidade contra o qual, mesmo que um anjo pregasse, seria, na verdade, maldito.

Confrontemo-la com a religião dos homens.

Mais de um século e meio decorrera após o regresso de Cristo ao mundo espiritual, antes que a ideia de que os vários evangelhos e os escritos dos apóstolos eram de «autoridade divina» fosse totalmente aceite no sentido agora popularmente entendido. A evidência de que assim foi é hoje demasiado bem conhecida e demasiado completa para ser contestada.

Os evangelhos e as epístolas compreendiam muitos mais livros do que aqueles admitidos no cânone das Escrituras, o qual inclui na atualidade mais de uma epístola cuja autenticidade se sabe ser duvidosa; e a chamada «autoridade das escrituras» de um período posterior baseava-se simplesmente no testemunho escrito reconhecidamente superior daqueles mais proximamente relacionados com Cristo, ou que tinham trabalhado mais zelosamente em favor da obra que ele realizara.*

- *Citei mais do que uma vez o Evangelho dito segundo João. Partes dele mostram inequivocamente o espírito de Cristo, seja quem for o seu autor.*

As próprias diferenças entre os apóstolos (Atos xv. 39; Gál. ii. 11) mostram que os pequenos ajuntamentos chamados igrejas em Corinto, Galácia ou Filipos não tinham conceção de uma série de dogmas infalíveis. Os seus próprios erros (1 Cor. vi. 6, 7, 8; xi. 21) provam as suas imperfeições humanas. Um livro, um homem, uma igreja que não pudessem errar era uma ideia alheia ao espírito do tempo, que lutava por seguir, sobre princípios firmes e amplos, embora a uma grande distância, os passos do Mestre.

Não há dúvida de que Paulo manteve o cristianismo vivo, mas nas suas cartas este exibe certas diferenças marcantes em relação ao cristianismo de Cristo. Ele elevou-se a ele na sua realização da prova da vida espiritual dada na reaparição de Jesus, na sua coragem destemida ao declará-lo como o mensageiro há muito anunciado que haveria de aparecer entre os judeus, o que pôs Jerusalém «em alvoroço» e pelo qual foi feito um «espetáculo para o mundo, para os anjos e para os homens»; na sua determinação destemida e intransigente em manter a nova luz livre de qualquer conexão com os velhos e inúteis ritos do judaísmo que se acreditava terem sido ordenados por Deus; no seu capítulo verdadeiramente inspirado sobre a imortalidade: ele ficou aquém dele no seu silêncio relativamente à escravatura, que era uma das instituições mais desmoralizadoras do Império Romano, nas suas ideias judaicas de um sacrifício propiciatório a Deus em vez de um sacrifício divino pelo homem,* e nas suas visões expressas incidentalmente sobre a natureza da condição feminina.

- *É justo, contudo, afirmar que esta ideia é muito secundária, exceto na sua suposta, mas de todo não provada, carta aos Hebreus, provavelmente alguns convertidos judeus que naturalmente estariam mais prontos a aceitar e sustentar uma forma de cristianismo em harmonia com o sistema de sacrifícios de Moisés. A interpretação mais espiritual de passagens como «redenção pelo sangue de Cristo», etc., seria simplesmente a luz dada através do autossacrifício da sua morte, e remeto o leitor reflexivo para os registos da própria vida de Cristo para uma explicação verdadeira e racional do grande objetivo da obra que culminou na crucificação, a qual foi tão terrivelmente obscurecida e degradada pela teologia popular.*

Mas ele nunca sonhou com adoração, ou com colocar-se no lugar de Deus, e os seus próprios argumentos são frequentemente longos apelos às mentes de outros, que voavam muito além dos preconceitos profundamente enraizados da sua época.

Se estes factos tivessem sido abertamente reconhecidos, e se os fundadores da chamada Igreja Cristã de uma data posterior tivessem ensinado os princípios fundamentais da nova religião em liberdade, e na fé que podia reconhecer que eles não precisavam de leis humanas para os sustentar, a terrível história de fanatismo e sofrimento que foi a consequência deste primeiro erro nunca permaneceria para se levantar em julgamento contra ela agora. Desde o momento em que um cânone final e autoritário do Novo Testamento foi estabelecido, com o intuito de colocar as verdades que tinham sido dadas através de algumas almas humanas grandes e boas numa posição que só Deus pode ocupar, o poder eclesiástico surgiu. Além disso, o desejo de ilustrar os evangelhos pelo Pentateuco, de conectar a nova verdade com as velhas formas, com as lendas da queda do homem e a ideia de uma expiação, obscureceu completamente todo o espírito da missão de Cristo e, em grande medida, a pregação heroica de Paulo.

A imortalidade e a liberdade espiritual foram quase esquecidas; a morte e a submissão à autoridade, das escrituras e hierárquica, foram enfatizadas em toda a parte. Moisés, os «tipos» e o sacerdócio eclipsaram a luz da nova mensagem, e o Génesis foi vasculhado pelos Padres da Igreja para fornecer razões e ilustrações para a vida e o ensino que eles não conseguiram compreender. Tertuliano defendeu a fé cristã; num breve período, Agostinho dominou-a.

Isto forneceu uma resposta notável à chamada afirmação filosófica de que o homem é o autor da sua própria religião. Apenas num sentido isto é verdade: na sua própria incapacidade de apreciar as verdades mais elevadas que lhe foram manifestadas

até estar mental e moralmente num plano capaz de as apreender. Irá o índio norte-americano aceitar a civilização de Boston ou de Nova Iorque, ou o selvagem da Austrália a nova vida das suas cidades coloniais? O cristianismo foi, inquestionavelmente, recebido, mas só foi popularizado expandindo-se ao nível do homem, e não ao de Cristo. Neste plano, o judaísmo noutra forma foi preservado, algo em comum foi encontrado até no paganismo, e a oposição em Roma, o grande centro da primeira atividade cristã, foi rapidamente desmantelada. Mas, na realidade, tinha apenas assumido outra forma.

A religião espiritual de Cristo foi obscurecida pelas disputas mais desgastantes entre os bispos da igreja primitiva sobre pontos de doutrina, e destas disputas surgiram fraudes pias,* erros pios e, finalmente, o uso pio da força física.

- *Que foram feitas interpolações nos manuscritos escriturais originais em diferentes alturas é um facto conhecido dos eruditos. No geral, podem não ser de grande importância, mas provam um princípio. 1 João v. 7 é uma adição admitida ao texto original. O Concílio de Trento, em 1545, declarou autêntica a versão da Vulpata em latim de Jerónimo, emitida em 405. Wycliffe traduziu a partir da Vulpata; Tyndale a partir do original grego.*

Concílio após concílio foi realizado para provar ou reprovar, pelo voto de uma maioria intrigante, a «consubstancialidade do Filho com o Pai», e controvérsia após controvérsia ocorreu entre arianos e atanasianos, sendo cada decisão por regra revogada pela seguinte, até que finalmente, no ano de 325, no Concílio de Niceia, e em 381, no Concílio de Constantinopla, a doutrina da «Trindade» finalmente triunfou, e a pura e espiritual Maria tornou-se a «Mãe de Deus». O Credo Niceno original anatemizou todos os que ousassem dela discordar, e Constantino decretou que quem se abstivesse de destruir as obras de Árrio seria morto. No

século V, tinha-se tornado um dogma contestar o qual era colocar a alma em perigo.

A influência do platonismo, o encorajamento e o território concedidos pelo mundano Constantino, e a decisão do Concílio Niceno, tudo ajudou poderosamente a pavimentar o caminho para o estabelecimento de um sistema que rapidamente culminou no poder papal de Roma. Citar em extensão os Padres da Igreja, e mostrar o materialismo que já tinha convertido a religião em mera teologia, apenas cansaria o leitor.

Preciso apenas de declarar que os santos, como foram designados, Agostinho e Fulgêncio, ambos declararam que ninguém podia ser salvo fora da «Igreja», e que todos os judeus, heréticos e cismáticos iriam para o fogo eterno; e a tal ponto o erro desenvolveu a escravatura mental que, até ao século IX, não existia uma pessoa que contestasse a «condenação eterna» dos recém-nascidos que morressem sem serem batizados. Disputas sobre a transubstanciação, a encarnação, os sacramentos, a predestinação, a eleição, o pecado original, o estado dos «mortos» e a «expiação», quase apagaram a missão de amor vivida na Palestina pouco tempo antes, e educaram as mentes dos homens para as loucuras e os crimes que estavam destinados a atingir o seu auge na Idade Média. A união da Igreja e do Estado logo produziu um sistema que ensinava a religião à ponta da espada.

As zangas dos bispos sobre a «sucessão apostólica», as disputas polémicas e as excomunhões mútuas daqueles que tinham a presunção de se intitularem «eleitos de Deus»; os confrontos ferozes e muitas vezes sangrentos que surgiam aquando de uma sé vaga; o culto crescente — nada menos do que isso — da «Virgem Maria»; a riqueza crescente da igreja, e finalmente a repressão completa da ciência e da filosofia devido à influência dos Padres da Igreja, tudo se uniu para criar essa

autoridade eclesiástica que só pode existir lado a lado com a ignorância e o erro.

Produziu os frutos inevitáveis. A pedido do clero, as guerras italianas foram empreendidas sob Justiniano, através das quais milhões de vidas foram sacrificadas, e um breve período mais tarde assistiu às cruzadas infrutíferas, que duraram séculos, e durante as quais alguns milhões de vidas humanas foram novamente desperdiçadas para resgatar o túmulo de Cristo do domínio maometano. Quando Jerusalém foi finalmente tomada por Godofredo de Bulhão, todos, sem distinção de idade ou sexo, foram mortos à espada, e a licenciosidade e a crueldade que acompanharam as «guerras santas», sucessivamente impostas aos príncipes europeus pelos papas, já tinham ligado o nome do cristianismo a atos de barbarismo e sangue.

O estabelecimento da infalibilidade papal, o amor por dogmas teológicos sem qualquer valor para a razão ou para a religião, a veneração de relíquias — ossos de coxas e polegares equivalendo inevitavelmente perante as massas ignorantes a uma verdadeira adoração, mesmo onde existiam vários do mesmo tipo; a adoração dos santos e dos primeiros mártires, os fenómenos das peregrinações, penitências, indulgências e a sua venda, bonecas com lantejoulas, rosários, genuflexões, absolvições, cultos em latim, milagres perpétuos e maravilhas em santuários semelhantes aos prodígios pagãos, aumentaram a maré crescente da superstição. A filosofia cedeu às sutilezas metafísicas, e a ciência deu lugar a lendas dos santos.

O progresso do movimento monástico é conhecido de qualquer leitor de história. Em primeira instância, foi sem dúvida motivado por um espírito de reação contra a devassidão da época, e pelo desejo de escapar à perseguição, mas degenerou rapidamente num sistema que não era apenas uma rebelião contra as leis divinas de Deus escritas na natureza, mas que se tornou ele

próprio uma fonte fértil de miséria e imoralidade generalizada. No século IV, milhares de eremitas e monges começaram a espalhar-se pelo Egito, Palestina e Itália, alguns dos quais não podem ser comparados a nenhuma outra classe de homens senão aos faquires hindus. Fugiram para o deserto, abandonaram todos os laços de afeição e parentesco, e viveram sós em cavernas e lugares solitários.

As suas vidas consistiam numa série de penitências; a higiene pessoal era desaconselhada e, meio mortos de fome e cobertos de sujidade e parasitas, estes pré-pretensos santos, no seu «zelo pela igreja», teriam rapidamente arrastado o progresso humano de volta ao estado que devia apresentar na era dos homens das cavernas originais, se outras influências não tivessem intervindo para favorecer as formas mais gregárias de vida devocional estabelecidas nos mosteiros. A vida monástica de que isto foi o começo desenvolvido rapidamente por toda a Europa.

Uma visão filosófica destes factos reconhecerá sem dúvida que o princípio ascético se manifestou entre as mais variadas raças de homens, e que o essénio, o brámane e o cínico ilustram igualmente a tendência, mas o ponto que exige a nossa atenção é a sua enorme e, por fim, desastrosa influência sobre aqueles que professavam ser seguidores de um Mestre que passou a sua vida entre o povo e cujo método de ensino era totalmente oposto ao isolamento. A devoção de muitos dos primeiros anacoretas e monges é inquestionável, mas, como toda a piedade que se recusa a reconhecer a razão, tornou-se, e muito rapidamente, um baluarte tanto da superstição como do vício. Um Columba era a exceção; um mendicante fanático e ignorante, ou um frade dissoluto, a regra.

Durante cerca de quinhentos anos, durante a Idade das Trevas, o clero reinou supremo e, devido à ignorância e credulidade que existiam por todo o lado, o que se chamava

«heresia», o resultado do amor pela investigação e do uso livre da razão, dificilmente se podia dizer que existia. Os padres eram os guardiões do escasso conhecimento da época, e a aprendizagem possuída por leigos era considerada perigosa.

O papado tinha-se a esta altura estabelecido firmemente: os papas eram intitulados «vigários de Cristo»; a supremacia e infalibilidade papais eram indiscutíveis, e do século VI ao século X existiram apenas umas três ou quatro pessoas em toda a Europa que ousaram pensar por si mesmas. Como eram as vidas daqueles que ocuparam a cadeira papal do século VIII ao século XI é demasiado bem conhecido para precisar de comentários. Basta dizer que eram uniformemente imorais e, por vezes, infames.

Do século VIII ao século XII, a imoralidade eclesiástica atingiu igualmente o seu auge nos mosteiros, e a crescente riqueza e poder do clero tornaram-nos num inimigo extremamente formidável para o progresso humano. Milhares de mulheres tornaram-se dissolutas devido ao celibato forçado do clero; em Inglaterra, as terras monásticas ascendiam a metade do reino, e noutros países a proporção era ainda maior. A igreja possuía agora o poder temporal para impor a «conversão», e isto os papas implacavelmente fizeram tudo o que podiam para alcançar. Excomunhões e anátemas lançavam o terror nos corações dos reis e mantinham países inteiros em sujeição; imperadores seguravam os estribos do papa, era considerado uma honra beijar os seus pés, e a Santa Sé, sob Inocêncio III, tornou-se um reino que tentou governar todo o continente.

No ano de 992, quase ninguém em Roma conhecia os elementos mais básicos do saber; em Espanha, no tempo de Carlos Magno, nem um padre em cada mil sabia escrever uma carta comum, e em Inglaterra nenhum entendia as orações que repetia, ou sabia traduzir o latim para a sua língua materna. O latim, que num determinado momento fora familiar a todos, nos

séculos XI e XII era dificilmente compreendido. Os leigos tinham sido ensinados a olhar para as Escrituras no lugar da Divindade; eram agora consideradas demasiado sagradas até para serem lidas.

O zelo que podia incitar os homens a matar os seus semelhantes por causa da posse de um pedaço de terra demasiado sagrado para ser associado a lutas e derramamento de sangue, foi trocado pelo zelo que impeliu os seus descendentes a torturar e assassinar todos os que se aventurassem a contestar os dogmas da igreja. O quão afastada já daquele espírito heroico daqueles primeiros mártires cristãos que sofreram sob as perseguições romanas dos primeiros séculos estava a igreja latina, vê-se agora. Essa própria igreja tomou o lugar do poder pagão, e os mártires pela verdade e liberdade, os seus verdadeiros sucessores, foram aqueles que pereceram, já não às ordens de um imperador romano, mas pelas suas mãos profanas. O espírito de Santo Agostinho e a lei levítica da nação hebraica, com os seus exemplos de barbaridade severa, pareciam triunfar em toda a parte.

No século XIII, dois frades mendicantes, S. Domingos e S. Francis, que denunciaram a riqueza geral e a corrupção das sociedades monásticas, fundaram duas novas ordens e, enquanto este último lançou a pedra basilar da Reforma, o primeiro instituiu aquele tribunal que, mais do que todas as outras instituições eclesiásticas, ultrajou o próprio nome do cristianismo e se tornou um sinónimo de vergonha para todas as eras, chamado a «Santa Inquisição».

Em 1208, o Papa Inocêncio III estabeleceu-a firmemente para a supressão da heresia, e a história de agonia humana e brutalidade humana que se seguiu é algo que nenhuma pena jamais poderá tentar registar. O espírito do qual ela foi a culminação tinha-se, no entanto, como mostrei, manifestado

séculos antes e, sem mais prefácios, volto-me, começando pelos mais antigos, para algumas das vítimas da «Igreja Cristã».

No ano de 385 da era cristã, os bispos Ursácio e Itácio condenaram à morte alguns priscilianistas por «heresia».

Em 414, Hipátia foi brutalmente assassinada pelos monges de Cirilo, em Alexandria, por ensinar filosofia secular, e a própria carne foi arrancada dos seus ossos. A era da escravatura mental, cujas fundações tinham sido lançadas pelos Padres da Igreja, tinha começado.

Em 782, a pedido do Papa Estêvão III, Carlos Magno decapitou num único dia entre quatro a cinco mil pessoas em Verden, por se recusarem a ser batizadas, e o Papa Leão III coroou-o imperador do Ocidente sob o título de «o mais pio Augusto, coroado por Deus». Pouco tempo depois, Carlos Magno queimou algumas pessoas a pedido do papa, por preferirem o canto ambrosiano ao gregoriano.

Em 1007, várias pessoas foram queimadas vivas em Orleães por heresia.

Em 1134, Pedro de Bruys foi queimado em Langedoc por negar o «batismo infantil» e a «transubstanciação».

Em 1155, Arnaldo de Bréscia foi estrangulado por proferir a «doutrina herética e condenável» de que os eclesiásticos deveriam subsistir de esmolas voluntárias.

Em 1160, os valdenses, um grupo de reformadores chefiados por Pedro Valdo, que se opunham energicamente às pretensões papais, sofreram uma perseguição cruel, durante a qual muitos foram queimados vivos. Do princípio ao fim, cerca de três mil valdenses pereceram em França, incluindo crianças de tenra idade.

Em 1209, os albigenses, outro grupo de reformadores que há muito aderiam a uma forma menos corrompida de cristianismo, foram massacrados por heresia em Béziers. Numa estimativa por baixo, 30 000 pessoas foram assassinadas, e em Lavaur 400 pessoas foram queimadas de uma só vez. Um conde protestante na Provença foi sufocado, e a sua esposa, filha e irmã queimadas no mesmo fogo; outro foi enforcado com oitenta outras pessoas. A província de Languedoc foi devastada. O Papa Inocêncio III conceded indulgências a todos os que empreenderam a cruzada, e estas infelizes pessoas sofreram durante um período de sessenta anos, herdando os seus descendentes, os huguenotes, o seu legado de martírio juntamente com a sua fé protestante.

No século XIII, o conflito entre a teologia e a liberdade aprofundou-se e assumiu uma forma mais definida. Em 1215, foi decretado num concílio que todos os governantes deveriam jurar exterminar aqueles marcados como heréticos pela igreja, e o papa reivindicou autoridade espiritual universal. A confissão auricular foi formalmente instituída, e em 1208, ou um ou dois anos depois, o tribunal da «Santa Inquisição» foi estabelecido, e «São» Domingos nomeado Inquisidor-Geral.

Em Inglaterra, durante o reinado de Guilherme, o Conquistador, os nobres e os bispos uniram-se para tributar e torturar o povo, e o país inteiro foi devastado por roubos e opressão. A Magna Carta foi posteriormente denunciada pelo Papa Inocêncio III. Os judeus, nos reinados de Ricardo I, João e Henrique III, foram chacinados, torturados e roubados, e em 1290 foram expulsos de Inglaterra e os seus bens confiscados. Luís IX, intitulado «santo» pelo seu zelo na perseguição, permitiu que um monge estabelecesse um tribunal para a supressão de heréticos, através da atuação do qual muitos foram mortos. Cento e oitenta e três «heréticos» e o seu pastor foram queimados juntos num recinto diante do arcebispo de Reims, e em 1249 oitenta heréticos

foram queimados em Agen, na presença de Raimundo de Toulouse.

Em 1222, um sínodo em Oxford fez com que um herético fosse queimado.

Em 1267, Roger Bacon foi preso durante catorze anos e acusado de «estar em aliança com o diabo», pelas suas pesquisas científicas.

Em 1300, Sagarelli, o fundador de uma seita peculiar semelhante aos Shakers modernos, foi queimado em Parma.

Em 1302, a obra *Monarquia* de Dante foi queimada, e ele próprio sentenciado ao mesmo destino. Foi forçado a viver no exílio, e o papa excomungou-o após a sua morte.

Em 1327, Cecco d'Ascoli foi queimado vivo por afirmar a existência dos Antípodas, e Orcagna representou-o num quadro nas chamas do inferno! Uma bula do Papa Alexandre VI tinha proclamado que a Terra era plana, e a teoria dos Antípodas era considerada uma doutrina perversa e condenável.

Em 1348, muitos judeus foram mortos na Europa, acusados de serem a causa de uma epidemia fatal, e foram impiedosamente caçados de terra em terra.

Em 1390, os católicos de Sevilha massacraram 4000 judeus, por influência de Hernando Martinez, um padre que o dirigiu pessoalmente. Eles tinham sido universalmente condenados à escravidão. No reinado de Isabel foram finalmente banidos, após suportarem terríveis sofrimentos.

Em 1393, 150 valdenses no Val Louise foram queimados pela Inquisição a pedido de Borelli; e no mesmo século oitenta em Embrun.

Em Inglaterra, os Lollardos, discípulos de Wycliffe, sofreram prisões cruéis e torturas. Em 1401 William Sawtre foi queimado; em 1410, William Thorpe, pelo arcebispo; em 1414 mais trinta foram enforcados e queimados; e em 1417, Sir John Oldcastle (Lord Cobham) foi assado vivo de forma horrível por «heresia». O próprio Wycliffe foi chamado «instrumento do diabo», pela sua tradução das Escrituras; e o Concílio de Constança, em 1415, ordenou que o seu cadáver fosse desenterrado, e os seus restos mortais foram finalmente atirados a um rio.

Em 1416, Jan Hus, também um seguidor de Wycliffe, foi vilmente traído e queimado em Constança, apesar de um salvo-conduto do Imperador Sigismundo, porque era «ilegal manter a palavra dada a um herético». Recusou-se a retratar-se, dizendo: «Apelo a Cristo», e faleceu em oração.

Jerónimo de Praga partilhou o mesmo destino, também no mesmo local.

Em 1421, João Ziska, general dos hussitas, que vingou o assassinato de Hus, perseguiu a seita dos Begardos, alguns dos quais foram passados à espada, e os restantes queimados.

Em 1431, a inspirada defensora do seu país contra uma invasão cruel, Joana d'Arc, foi queimada viva em Rouen, a pedido do bispo de Beauvais, seu próprio compatriota, por «heresia e feitiçaria», pela Inquisição, e povo e padres reuniram-se para ver o espetáculo. Nem um só daqueles por quem ela lutara teve a coragem de protestar contra este assassinato bárbaro de uma jovem de apenas dezanove anos de idade, e a desgraçada Joana, como muitos outros mártires, morreu invocando aquele Cristo cujo santo nome tem sido mais ultrajado por padres do que por qualquer outra classe de seres humanos.*

• *Recentemente foram feitas tentativas para desacreditar o martírio de Joana d'Arc, provavelmente para*

crédito tanto da Igreja como do Estado em França, mas as provas são demasiado fortes. Durante a reação que se seguiu apenas alguns anos após a sua morte, a França teria aproveitado ansiosamente qualquer prova substancial de que ela era inocente de um dos crimes mais sombrios que mancham a sua história.

Em 1488, a totalidade dos habitantes de Val Louise foi sufocada numa caverna pelo legado papal. Cerca de três mil valdenses pereceram.

Em 1498, Girolamo Savonarola foi enforcado por sedição e «heresia» em Florença, e o seu corpo queimado. Os seus adeptos foram queimados vivos.

Em Espanha, durante os dezoito anos do ministério de Torquemada, a Inquisição puniu mais de 105 000 pessoas, numa estimativa por baixo, das quais não menos de 8800 foram queimadas vivas; a tortura era infligida em masmorras isoladas, e com base em mera suspeita, e os acusados estavam sem defesa. Só na Andaluzia, num único ano, condenou à morte 2000 judeus, além de 17 000 que sofreram alguma forma de punição menos horrível do que a fogueira. O número total de vítimas queimadas é estimado por Llorente na incrível cifra de 40 000! Mesmo supondo que a afirmação quanto ao número real seja exagerada, em nada altera a gravidade dos factos. Um grande número de judeus foi queimado vivo de uma só vez para honrar o casamento de um conde na Plaza de Pamplona, e a fogueira humana, que iluminou toda a praça, deve ter literalmente realizado a ideia ortodoxa de um inferno. Milhares de «heréticos» foram enviados para as galés, e os bens dos que sofreram foram universalmente confiscados, e as suas famílias deixadas na miséria.

A igreja enriqueceu através da sua pia cruzada. Neste país, na verdade, ela era suprema, e os milagres nesta época, em

particular, eram de ocorrência constante. O espírito do Anticristo nunca existiu sem as suas «maravilhas mentirosas», «cristãs» bem como pagãs, e ao sacerdócio nunca faltaram as ilusões que o mantiveram vivo. Estas crueldades, estes espetáculos pavorosos de seres humanos assados vivos pelo crime de pensarem por si próprios, ou de aderirem à fé dos seus pais, eram perpetrados com todas as circunstâncias de barbaridade a frio que pudessem infligir agonia às vítimas e às suas famílias, e aterrorizar ou endurecer os corações dos espectadores.

Os autos-de-fé de queima de heréticos realizavam-se num casamento real, com o rei e a rainha sentados numa tribuna; os condenados vestiam um fato horroroso, com altas toucas de papelão, nas quais estavam pintados diabos e representações de torturas futuras; a música acompanhava a cavalgada, e a missa era celebrada na presença da multidão reunida. O inquisidor-mor costumava completar a cena de crime e blasfémia transportando consigo os evangelhos que continham a vida de Cristo!

Quando se recorda que estes inquisidores eram quase todos homens de vida de resto moral e devota, e que os crimes que cometeram foram perpetrados nos supostos interesses da religião, uma crença que fez absolutamente Francisco I ajoelhar-se enquanto «heréticos» queimavam, e pedir publicamente a bênção do céu para si e para a nação, isto deveria servir como um aviso mundial para todo o sempre contra a ideia que ainda hoje existe como um upas na igreja e nas capelas de todos os países e denominações, de que a verdade é sustentada por um fanatismo pio, e que a escravatura mental é aceitável a Deus.

A Espanha lançou a sua sombra sombria sobre a Europa. Em 1568 a sentença do «Santo Ofício» condenou todos os habitantes dos Países Baixos à morte como heréticos — cerca de três milhões de homens, mulheres e crianças! Cinquenta mil deles foram mortos por Carlos V, e quase outro tanto durante o reinado

do seu filho. E para passar a uma data posterior, em 1611 os mouriscos foram expulsos de Espanha no número de cerca de um milhão de pessoas. Mais de 100 000 sofreram a morte por influência do arcebispo de Valência, que ordenou ao governo que os arrancasse pela raiz «como David arrancara os filisteus, e Saul os amalequitas». A indústria, tal como a ciência, quase pereceu em Espanha, e os lugares desolados causados pela despovoação em massa tornaram-se baluartes de bandidos que nunca foram exterminados. Pelo menos 170 000 judeus foram expulsos durante o reinado de Fernando e Isabel, a Reforma foi inteiramente suprimida, e o país sobrecarregado de mosteiros e conventos, milhares dos quais foram estabelecidos durante o reinado de Carlos V.

Em França, em 1525, Jean Leclerc foi queimado vivo por pregar o evangelho em Metz, e Jacques Pavent e Louis de Berquin em Paris. A língua deste último foi furada para que não falasse na sua última hora.

Em 1534, vinte homens e uma mulher foram queimados vivos em Paris por terem impresso ou vendido os livros de Lutero, e por «heresia».

Em 1539, várias pessoas que comeram carne às sextas-feiras também sofreram na fogueira.

Em 1545, ocorreu um massacre dos valdenses da Provença, acompanhado de crueldades desumanas. Cidades e aldeias foram queimadas, e com elas muitos dos desgraçados huguenotes. A bela terra de França foi desolada com as ruínas enegrecidas de lares protestantes.

Em 1556, pereceram também Jean Escalle e Pierre de Lavaur, em Toulouse, e muitos outros.

Em 1560, Palissy foi preso por «heresia», e teria sido condenado à fogueira se não fosse a sua habilidade na cerâmica, que lhe valeu um protetor de título e influente. Foi, no entanto, novamente preso, e encarcerado na Bastilha, onde morreu.

Em 1563, ocorreu o massacre de Vassy, pelo Duque de Guise, no qual sessenta pessoas foram mortas, de entre algumas centenas de protestantes que estavam num culto num grande celeiro. O clero comparou o duque a Moisés, que exterminou «todos os que tinham dobrado o joelho ao bezerro de ouro»! Igrejas protestantes foram destruídas, e os huguenotes foram assassinados também em Paris, Senlis, Amiens, Meaux, Tours, e muitos outros lugares.

Em 1572, ocorreu o massacre do de São Bartolomeu, durante o qual um grande número de protestantes foi assassinado em Paris, bem como muitos nas províncias.* Por isto diz-se que o Papa Gregório XIII ordenou regozijos e ações de graças públicas, e a celebração de missas campais.

- *Faz-se referência a um jejum realizado em memória deste massacre num antigo registo dos refugiados huguenotes na igreja de «God's House» em Southampton. É lá declarado que doze ou treze mil foram mortos numa única noite, «a 24 de agosto passado». Vários números têm sido declarados, e por isso abstenho-me de citar qualquer um.*

Na Grã-Bretanha atos de sangue semelhantes tinham sido cometidos.

Em 1528, Patrick Hamilton foi queimado na Escócia por aderir à «imunda heresia luterana».

Em 1532, Thomas Bilney, o amigo de Latimer, foi queimado por se tornar protestante.

Em 1534, na Escócia, perto de Leith, os bispos queimaram dois cavalheiros escoceses por «heresia».

Em 1535, em Inglaterra, catorze pessoas da fé reformada foram queimadas por rejeitarem a doutrina da transubstanciação, e vários clérigos que aderiam a Roma, incluindo Fisher, bispo de Rochester, e também Sir Thomas More, executados por recusarem o juramento de supremacia.

Em 1536, William Tyndale foi estrangulado e o seu corpo queimado por traduzir as Escrituras.

Em 1538, John Lambert foi queimado em Smithfield, e vários outros pouco tempo depois.

Em 1546, a heroica Anne Askew pereceu por abraçar a religião reformada. Bonner sentenciou-a ao cavalete de tortura; todos os membros do seu corpo foram deslocados, e foi finalmente queimada viva, recusando-se firmemente a «retratar-se», com quatro outros, em Smithfield.

No mesmo ano George Wishart foi também executado em St. Andrews, a pedido do Cardeal Beatoun, que contemplou o seu martírio do muro do castelo que se tornou a cena do seu próprio assassinato.

Em 1550, Joan Bocher foi queimada, e em 1551 Van Paris, por instigação de Cranmer, por nutrirem ideias «heterodoxas» a respeito de Cristo.

Em Inglaterra, em pouco mais de três anos durante o reinado de Maria, cerca de 284 pessoas pereceram na fogueira, incluindo mulheres e até crianças, e os bispos Bonner, Gardiner e outros conduziram pessoalmente a perseguição. Hooper, Ridley, Latimer, Rogers e Cranmer estiveram entre os queimados por negarem a supremacia papal e a transubstanciação. Morreram com palavras de heroismo nos lábios. Ações de graças públicas

foram prestadas pela restauração do catolicismo, e Maria foi intitulada «Defensora da Fé».

O que essa «fé» era pode colher-se da afirmação do Cardeal Cajetano na sua controvérsia com Lutero, de que «sendo uma gota do sangue de Cristo suficiente para remir toda a raça humana, a quantidade restante que foi derramada no horto e sobre a cruz, foi deixada como um legado à igreja, para ser um tesouro de onde as indulgências deveriam ser retiradas e administradas pelos pontífices romanos».

Contudo, estará tão longe abaixo da «salvação pelo sangue» ainda ensinada pelos materialistas religiosos protestantes? O evangelho da morte tem sido pregado em vez do evangelho da vida, e tem produzido sempre os seus próprios frutos.

O espírito de perseguição e fanatismo tinha contudo sobrevivido à Reforma. A união fatal da Igreja e do Estado continuava viva.

Em 1575, dois anabatistas foram queimados no reinado de Isabel, e no seu reinado também 200 católicos romanos foram executados. O clero apelou a que ela condenasse à morte os «falsos profetas e feiticeiros».

Só em Inglaterra e na Escócia, estima-se que mais de dois milhões de seres humanos foram encarcerados, enforcados, queimados, afogados, decapitados e torturados pelas suas opiniões religiosas, no decurso de pouco mais de duzentos anos, e na última parte do século XVII nada menos do que 3192 pessoas foram executadas por dita «feitiçaria».

No reinado de Carlos II, Sharpe, arcebispo de St. Andrew's, o inventor do instrumento de tortura chamado «a Bota», encheu as prisões de homens e mulheres que foram torturados, transportados e caçados das suas casas por «heresia». Era pena de morte pregar

nos campos, e uma companhia de soldados brutais, comandada por Turner, infligiu os mais horríveis sofrimentos aos desgraçados protestantes.

Foram espancados, feridos, desnudados, queimados perante fogueiras; as mulheres foram insultadas; e rei, bispos e clero uniram-se para efetuar o seu propósito. O clero apresentou a Jaime uma lista de 300 elementos da aristocracia, que foram acusados como «heréticos», com vista a efetuar a sua execução. E Jaime II, por instigação de Barillon, mandou queimar perante o Royal Exchange o livro escrito pelo pastor huguenote, Claude, que continha um relato dos sofrimentos protestantes em França.

No continente a história do crime eclesiástico continuou. Em 1600 Giordano Bruno foi queimado vivo pela Inquisição, em Roma, após uma prisão cruel de vários anos. A sua ofensa fora a crença na teoria copernicana, que ele ensinava, e a simpatia pelas doutrinas reformadas. Acreditava, também, na infinidade do universo, e na existência da Essência Divina em todas as coisas. Enfrentou a sua morte cruel com uma firmeza milagrosa, e desviou a cabeça do crucifixo, que se tinha na verdade tornado num símbolo de crime semelhante àquele que tinha sacrificado o Homem das Dores séculos antes.

Em 1615 Galileu foi levado perante a Inquisição em Roma, ameaçado de tortura, compelido a «retratar-se» das suas descobertas, e encarcerado. A igreja tinha decidido que a geometria era «do diabo»; bispos e padres avisavam impressionantemente os seus rebanhos contra cada nova descoberta na ciência; os epítetos de «infiel», «ateu» e «feiticeiro» estavam entre os termos mais suaves aplicados a homens que se esforçavam por ensinar verdades reconhecidas hoje em qualquer livro escolar, e uma passagem nos Salmos de David ou no Livro de Jó supunha-se resolver a totalidade do sistema solar. Ler a obra de Copérnico era «arriscar a meação», e

o seu método foi solenemente condenado por Lutero bem como pelo papa. Quando Galileu foi libertado da perseguição papal não sobreviveu muito tempo, e morreu de coração partido e cego.

Em 1629 Vanini foi queimado em Toulouse sob a acusação de ateísmo na sua obra intitulada *Diálogos sobre a Natureza*.

Mas a mente do homem não devia ser esmagada por uma tirania como esta, uma tirania que nestes dias é quase impossível de conceber. A Reforma tinha começado, e com ela o crescimento de uma liberdade que ultrapassou de longe o eclesiasticismo, e deu um golpe mortal no espírito que fez até Lutero, Melâncton, Calvino, Beza e Knox defenderem a perseguição, descreverem os antigos filósofos como «sapos» e «gafanhotos», e que manchou o protestantismo, como o catolicismo, com o crime.

As igrejas reformadas começaram a sua carreira com o erro fatal de que a «salvação» só podia ser obtida no seu próprio seio, e uma vítima deste espírito logo surgiu. No início do século XVI, Miguel Servet, um espanhol, contemplou um espetáculo que pode ser testemunhado agora — o papa levado ao alto acima das cabeças do povo, que se esforçava por beijar até o seu chinelo, prostrava-se diante dele, e tratava-o como um deus.* A visão despertou a sua indignação, e em breve se ergueu como um reformador muito à frente de Lutero ou de Calvino, inspirado com a bela ideia de que o «Deus eterno e indivisível vive em toda a criação», e que o «espírito de Deus respira em toda a natureza».

Rejeitou inteiramente a sombria doutrina da depravação total, e sustentou com razão que a ideia genuína do cristianismo tinha sido obscurecida numa data muito precoce. Em pouco tempo foi encarcerado, e vilmente traído pelo seu companheiro reformador, João Calvino, primeiro à impiedosa Inquisição, e depois ao concílio em Genebra. Em 1553 foi assado vivo na fogueira, juntamente com os seus livros. Os lenhos foram propositadamente

selecionados de madeira verde, e por uma meia hora inteira — alguns dizem muito mais tempo — este mártir heroico esteve bravamente silencioso no meio da sua tortura até que a morte veio libertar o seu espírito.

As suas últimas palavras foram: «Não pratiquei nenhuma ação merecedora de morte; contudo, rogo a Deus que perdoe aos meus inimigos e perseguidores. Jesus, tu filho do Deus Eterno, tem compaixão de mim!». Toda a Europa por um tempo aplaudiu este crime, exceto Castélio e Socino, e estes foram perseguidos com invectivas como «emissários de Satanás», pelo homem cuja inimizade pessoal por um reformador que se lhe opunha o levou a uma vingança que cobre o seu nome de infâmia.* Qual dos dois pensa o leitor que estava mais próximo de Cristo — Miguel Servet ou João Calvino?

- *Paulo V chegou a intitular-se Vice-Deo. Lembra o Calígula de cerca de dezasseis séculos antes.*

- *Ver Servetus and Calvin. Por R. Willis, M.D. Kegan Paul Trench, and Co., Londres.*

A Guerra dos Trinta Anos na Alemanha em prol da liberdade religiosa custou milhões de vidas, e desolou a terra. Na queda de Magdeburgo homens, mulheres e crianças foram chacinados, e a cidade foi reduzida a cinzas.

Em 1655 ocorreu o «massacre da Páscoa» dos valdenses, em La Tour, conduzido pelo Duque de Savoia, e continuou por mais de uma semana, acompanhado de grandes crueldades.

Em 1685 o Édito de Nantes foi revogado por Luís XIV por instigação do clero, e um milhão de huguenotes foram mortos, encarcerados, enviados para as galés, ou expulsos de França. A perseguição dos protestantes continuou por um período de meio século.

Só no Languedoque 10 000 pessoas foram enforcadas, queimadas, ou despedaçadas na roda, e pelo menos 100 000 pereceram das barbaridades que lhes foram infligidas. As mulheres foram insultadas; muitas foram confinadas em masmorras; facas e tenazes em brasa foram empregues para forçar os «heréticos a retratarem-se». Bossuet e Massillon louvaram a revogação como «a obra de Deus», e na sua morte o corpo de Luís foi coberto com relíquias da «verdadeira cruz». Du Chayla, o arquiprestes, inventou os «apertadores», e Clemente XI, em 1703, pronunciou «remissão absoluta e geral dos pecados» a todos os que se juntassem no «extermínio dos malditos heréticos», como o Papa Clemente VIII tinha feito mais de dois séculos antes. As crianças eram arrancadas aos seus pais pelos padres e enviadas para escolas católicas e conventos, e quantidades imensas de Bíblias e Testamentos foram publicamente destruídas.

Se os moribundos recusassem a unção dos padres, os seus corpos mortos eram insultados e atirados para o esgoto comum. Em Porte-des-Carmes entre duzentos a trezentos dos Camisards — uma companhia indefesa de homens idosos, mulheres e crianças — foram passados à espada, e os restantes queimados vivos no moinho onde realizavam o culto, e no Alto Cevennes 466 aldeias e lugarejos foram reduzidos a cinzas. Os poucos huguenotes que neste período sobreviveram, e tinham falhado em fugir de França, foram tornados galés para toda a vida, e protestantes foram enviados para as galés e cortados pelo chicote, ainda em 1769.

La Barre, na verdade, foi executado em Abbeville por falta de respeito à «Virgem Maria», em 1766. Durante setecentos anos, do princípio ao fim, os infelizes valdenses foram perseguidos pelo papado. Nenhuma perversidade que a imaginação dos homens pudesse sugerir deixou de ser praticada nesta monstruosa cruzada, que marca a igreja responsável por ela com infâmia duradoura.

Disse que o espírito de liberdade recebeu um impulso poderoso da Reforma, e a partir desse período o seu desenvolvimento completo só podia ser uma questão de tempo. Mas o sacerdócio ainda sobrevivia noutra forma, e o clero protestante tem sido culpado de todo o fanatismo e intolerância que estão inevitavelmente ligados a um sistema sustentado por lei, e que professa deter a verdade final. Ter-se-ia pensado que as igrejas reformadas teriam pelo menos aprendido uma grande lição da história terrível ligada à igreja de Roma, e que a tolerância pelas opiniões religiosas dos outros teria sido uma das suas pedras basilares mais firmes.

Tal, porém, não foi o caso. Existiam leis nos livros de estatutos de todos os países contra os heréticos da fé popular, às vezes para os queimar, às vezes para os exilar, às vezes para lhes retirar os seus direitos civis ou políticos. A velha guerra contra a crescente liberdade intelectual do homem tinha-se tornado menos bárbara, mas continuava.

Em 1611 Legat e Wightman foram queimados publicamente por dois bispos protestantes ingleses, e os ministros da Igreja Escocesa eram tão arrogantes como os próprios papas. Através dos presbíteros, os ministros pronunciavam excomunhão e perdição eterna sobre todos os membros refratários dos seus rebanhos, e a menor falta de respeito para com eles era declarada como sendo «instigada por Satanás». Os dons psíquicos inerentes à organização escocesa permitiam-lhes às vezes, como a muitos outros, prever acontecimentos, e aumentavam o seu poder sobre o povo, que era literalmente mantido numa servidão egípcia.

Os terrores do calvinismo estavam ligados aos acontecimentos naturais mais comuns; tudo era um sinal da ira de Deus e da culpa dos ímpios, e no dia do Senhor era quase um pecado existir. A alegria era carnal; era um pecado um marido beijar a sua mulher, uma mãe beijar o seu filho, uma velha regar a

sua couve. Era um pecado para os caridosos ajudarem os não-ortodoxos esfomeados ou, em suma, pensar ou fazer qualquer coisa condenada pela Igreja, e os indisciplinados eram encarcerados, multados, espancados, marcados a ferro e forçados a fazer penitência descalços, em todas as ocasiões de rebeldia àquilo que pode verdadeiramente ser chamado o papado escocês.

Em Inglaterra, os não-conformistas da Igreja Protestante sofreram terrivelmente durante um período de pelo menos cem anos. Consta que cerca de 60 000 sofreram alguma forma de perseguição entre 1660 e 1668, e não menos de 5000 morreram na prisão. Hampden foi anatemizado, Bunyan e Fox foram encarcerados, e Baxter foi perseguido, e os quacres sofreram tanto em Inglaterra como na Escócia. O clero opôs-se energicamente a cada decreto feito a favor dos dissidentes, e sustentou a tirania dos Stuart pregando a «obediência passiva» e o «direito divino dos reis». Presenciaram as crueldades de Jeffreys e Kirke com indiferença, e apoiaram a política do soberano reinante sempre que os interesses da igreja pareciam exigi-lo. Durante o reinado dos Stuart, os presbiterianos foram por toda a parte encarcerados, marcados a ferro, mutilados, açoitados e colocados no pelourinho. E os próprios membros da igreja eram compelidos por lei a frequentar a sua igreja paroquial aos domingos.

Na América, onde um grupo de não-conformistas perseguidos se refugiou, o mesmo espírito não tardou a manifestar-se. Católicos e quacres foram proscritos, e as execuções em Massachusetts e na Nova Inglaterra formam uma página sombria na história puritana. Em Maryland era pena de morte negar a Trindade; na Nova Inglaterra era pena de morte negar que qualquer porção do Antigo ou do Novo Testamento fosse a «Palavra infalível de Deus».

Roger Williams foi exilado em 1635 deste último estado por afirmar o grande princípio da liberdade intelectual. Cotton

Mather, Parris e outros, através de cujo fanatismo equivocado e cruel um velho de oitenta anos foi esmagado até à morte, e vinte execuções tiveram lugar, para não falar de torturas e açoites, receberam agradecimentos públicos pelo seu zelo da parte do clero de Boston e Charlestown.

Em 1680 Isaac Orobio foi torturado e confinado durante três anos numa masmorra pela Inquisição, em Sevilha, por infidelidade e judaísmo.

Na Suécia os «heréticos» eram perseguidos e exilados.

Por toda a Europa a crença na «feitiçaria» causou uma quantidade de sofrimento que é impossível conceber. Os fenómenos psicológicos mais ordinários, a loucura e as doenças comuns tornaram-se objeto da superstição dominante, e muitos foram condenados à morte por nenhuma outra razão além da imaginação exaltada de si próprios ou dos seus vizinhos.

Mesmo aqueles que exerciam o poder benévolo da «cura» foram pavorosamente torturados antes da execução, e alguns enlouqueceram devido aos efeitos dos seus sofrimentos. Em Genebra, no século XVI, 500 mulheres foram executadas em três meses, e 128 queimadas em Genebra e Savoia por um bispo. Na Alemanha entre oito a nove mil foram queimadas; em França entre doze a treze centenas nas províncias, e um grande número em Paris; na Suíça e na Suécia muitas pessoas foram queimadas; na Escócia um grande número pereceu, e o clero escocês fez o seu melhor para manter a superstição.

Em Leith, em 1664, não menos de nove mulheres foram queimadas vivas de uma só vez; e em Espanha um grande número também sofreu, e uma mulher foi queimada nesse país ainda em 1781. Ao longo dos séculos XV e XVI a crença na «feitiçaria» era universal, e velhos e jovens eram igualmente entregues às chamas. Quando as leis foram finalmente revogadas na Grã-

Bretanha, em 1773, os teólogos presbiterianos escoceses protestaram contra isso. É quase desnecessário dizer que a ignorância da igreja foi uma das causas principais desta credulidade epidémica, com os seus resultados terríveis.

O estudo da matemática, química, física, psicologia, anatomia e medicina, eram todos sobrecarregados com a acusação eclesiástica de «feitiçaria» e «relações com Satanás». As obras de Kepler foram queimadas, e o seu epítome do sistema copernicano proibido pela Inquisição em 1618; Buffon foi condenado; as descobertas de Newton foram proibidas de ser ensinadas na Universidade de Salamanca ainda em 1771. A hostilidade ao estabelecimento da Royal Society em 1662 foi chefiada por um corpo avassalador do clero, para quem o estudo da ciência física, e o treino mental severo e preciso e a expansão intelectual que ele exige, eram tão alheios na altura como são agora.

O conhecimento da obra das mãos de Deus nos céus e na terra, e no homem, era considerado pelas igrejas que professavam adorá-Lo como um pecado mortal. Em toda a parte a liberdade humana e o progresso humano foram sacrificados à teologia dos homens. Passo para um período posterior.

Os antecedentes da Revolução Francesa foram a opressão e o encarceramento, muito dos quais sustentados por influência eclesiástica, e pode dizer-se que Luís XIV semeou a semente do Reino do Terror. Descartes foi compelido a viver no exílio, e tinha sido proposto queimá-lo por «filosofia herética», e a Bastilha, ou algum outro instrumento da Igreja e do Estado, infligiu graves danos a quase todos os pensadores em França.

Os jesuítas presidiam às bastilhas e às galés, e nelas ou nas prisões de Estado qualquer pessoa podia ser encerrada sem julgamento ou sentença, pela autoridade de uma *lettre de cachet*. Até ao fim o clero apoiou o despotismo, e quando em 1761 as

perseguições por heresia abrandaram, eles protestaram urgentemente contra isso. Na altura da revolução, que testemunhou horrores semelhantes aos infligidos aos huguenotes, e nos mesmos lugares, um século antes, os seus bens estavam estimados em oitenta milhões, e um quinto da terra era possuído pela igreja, que tinha enriquecido com os despojos protestantes.

Em Espanha, a Inquisição só foi abolida em 1820, e esse país nunca se recuperou da influência paralisante do domínio sacerdotal. A praça de touros espanhola atesta o grau da sua civilização. Estão ainda vivas pessoas que se lembram da destruição do convento de Poblet, no qual uma câmara de tortura recentemente usada foi encontrada e uma masmorra cheia de ossos humanos. Na América espanhola milhões de aborígenes foram destruídos pela crueldade dos espanhóis, e a sua terra tornou-se, em grande parte, propriedade da Igreja Romana. Em 1565 Melendez de Espanha massacrou os protestantes franceses na Flórida, e 200 foram mortos, incluindo crianças e doentes. No local celebrou-se posteriormente a missa, e o local deste ato de sangue foi selecionado para uma igreja.

Através de traição, Melendez matou posteriormente mais várias centenas que tinham sido suficientemente confiantes para confiar na sua palavra de honra. E em tempos posteriores, na catástrofe que ocorreu na catedral de Santiago, na «Festa da Virgem», em 1863, os padres mantiveram os grandes portões de ferro do presbitério firmemente fechados diante do povo a gritar, a fim de salvar os bens da igreja e as «relíquias sagradas». Era o velho espírito da Inquisição noutra forma, descuidado em relação às vidas e à felicidade humanas, quando o sacerdócio e as suas loucuras estavam em jogo.

Em Inglaterra, durante o reinado incapaz de Jorge III, o clero a quem ele cedia, ajudou-o na guerra injusta contra as colónias que encontrou a sua justa retribuição, e quando a liberdade inglesa

e a liberdade de imprensa estavam em jogo, a Igreja e o Estado como habitualmente uniram forças contra o povo. Priestley foi perseguido em Birmingham; os bispos opuseram-se à emancipação católica, e os dissidentes sofreram de novo. Cada novo passo na ciência foi recebido com severa oposição. A descoberta da vacinação foi denunciada do púlpito, e textos da Escritura arremessados contra o infrator Jenner. Combe foi acusado de «infidelidade». A bênção enviada do céu do clorofórmio aplicada por Sir James Simpson no nosso próprio século, para a melhoria dos sofrimentos que têm sido na verdade uma maldição para a condição feminina nos países civilizados, foi veementemente resistida como «contrária à Santa Escritura».

A abolição dos impostos eclesiásticos, e o estabelecimento da educação estatal livre de erros teológicos e preconceitos congreganistas, foram medidas que encontraram a mesma oposição e os mesmos clamores. Na hora solene em que os últimos ritos estavam a ser realizados sobre os restos mortais do grande Von Humboldt, em Berlim, em 1859, o clero esteve quase inteiramente ausente, e os grandes factos ensinados pelo estudo da geologia entusiasmaram uma hostilidade da igreja e dos ortodoxos, que encontrou vazão nas expressões de opinião de que a ciência era «uma arte negra», e uma «terrível evasão ao testemunho da revelação».

O terrorismo religioso lançou a sua sombra sombria sobre verdades que apenas serviam para revelar o poder do Criador e a grandeza dos métodos pelos quais os Seus mundos evoluíram. Caminhos de ferro, telégrafos, descobertas, acidentes, todos formaram temas férteis para avisos e anátemas clericais.

As pesquisas maravilhosas de Darwin, Boucher de Perthes, Huxley, Lubbock e Lyell são estigmatizadas pelos ortodoxos como «perigosas» ou «irreligiosas»; e enquanto se fazem tentativas por um lado para representar a teoria atómica apenas

como um renascimento da filosofia antiga, tal como se fizeram tentativas no século XVI para mostrar que a teoria copernicana era meramente um renascimento da doutrina pitagórica, que tinha sido «completamente demolida», sérios esforços são feitos por outro para derrubar cada aspeto da evolução exceto os factos de Darwin.

Na América, os defensores da abolição da escravatura enfrentaram a perseguição tanto leiga como clerical. «Posso prestar testemunho», diz John G. Whittier, «à coragem, fidelidade e autossacrifício de George Thompson, naquele ano terrível em que imprensa e púlpito, reunião partidária e legislatura, estavam por toda a parte a instigar o povo contra nós». Em Boston, George Thompson e Lloyd Garrison foram denunciados pela imprensa e pelo clero, e foi aí que Garrison foi arrastado pelas ruas pela multidão ignorante inflamada contra ele, com uma corda ao pescoço.

A igreja ensinava que a escravatura era um decreto divino porque existia entre os antigos judeus, e declarou os abolicionistas como pessoas «profanas», que «lutavam contra Deus». A «maldição sobre Cam», tal como a «maldição sobre Eva», tinha de ser mantida a todo o custo. Após uma luta de trinta anos, a mancha da escravatura negra foi apagada numa guerra que inundou a América de sangue.

Na Itália, há quarenta anos, as Escrituras eram lidas em segredo; e ainda há uns quinze anos pessoas compraram alguns dos Novos Testamentos à venda em Roma finalmente, a fim de os rasgar e espalhar pelo chão. Fogueiras foram feitas deles até na Irlanda. O *Index Expurgatorius* de 1599 ainda existe.

O mesmo acontece com a teologia de Trento. Face ao espírito de liberdade religiosa que se faz agora sentir por toda a Europa, e que foi ajudado nos resultados de Sadowa e Sedan, o Concílio

Ecuménico declarou, no verão de 1870, a favor da miserável doutrina da infalibilidade papal, cujo único resultado é promover o cisma que precede a desintegração, e anátemas papais foram uma vez mais trovejados contra «Satanás e os seus emissários», que ousavam lutar pela liberdade e ignorar o papa.

O final do ano, contudo, presenciou uma resposta rápida a este último esforço da arrogância humana para deter as leis divinas e imutáveis de Deus. A Guerra Franco-Prussiana tinha no mesmo verão retirado as tropas francesas do território papal, e no final do outono Vítor Emanuel, detentor de um nome de feliz augúrio, entrou em Roma, uma vez mais a capital da Itália Unida, e o poder temporal do papa foi varrido. As prisões de Nápoles foram um resultado da influência do Vaticano, e o grito por liberdade e justiça foi não menos um protesto contra o poder do padre.

Ao olhar para o passado, deve lembrar-se que de nada vale apontar para um S. Vicente de Paulo, um Fénélon ou uma S. Teresa. Entre os fariseus também havia um Hillel e um Simeão. Há almas puras em todos os tempos ligadas a sistemas que não são suficientemente fortes para reformar. Visões, vozes e manifestações espirituais «muitas obras maravilhosas», não estão confinadas aos registos da Igreja Romana. Os judeus do tempo de Pilatos tinham a mesma crença e experiências com o mesmo resultado inoperante, porque subordinado.

Os arautos de uma grande reforma religiosa não são atraídos para dentro das esferas da autoridade e ditame humanos, mas reúnem-se em redor e inspiram almas humanas livres, os «heréticos» da sua época, e enviam-nos para o meio do povo. Nem, na verdade, se pode permitir que a história da ignorância e do fanatismo termine aqui.

Ainda há poucos anos Rowland Williams foi processado por heresia nos tribunais eclesiásticos; Colenso foi invectivado por inumeráveis doutores em teologia; *Essays and Reviews* levantou uma tempestade no mundo clerical, e o Cónego Farrar, tal como Maurice antes dele, foi condenado por «erro prejudicial», e solenemente admoestado pela sua corajosa tentativa de iluminar a escuridão dominante da teologia com a Esperança Eterna. Enquanto isso, o ritualismo entre o clero avança a passos largos. Jovens de fraca fibra mental, educados em Oxford, e influenciados por dialéticos subtis, que raciocinam como advogados, mas nunca como homens, entram para a igreja, retiram-se para uma casa clerical, pregam a confissão obrigatória a um padre, i.e., como um «sacramento», e redigem cartas em papel de nota ornamentado com cruzes vermelhas, e datado «festa do bem-aventurado S. Chad».

Doze mil libras foram recentemente desperdiçadas no processo a um clérigo da Igreja de Inglaterra durante um período de doze anos, por acender velas quando não eram necessárias, elevar uma patena, usar uma casula, barrete e outros vestuários de persuasão ritualista, fazer o sinal da cruz, misturar água com vinho sacramental, beijar o livro de orações, e fazer tocar um sino durante a consagração dos «elementos».*

E um clérigo inglês, que é a favor da reunião com a Igreja Romana, defendeu não há muito tempo abertamente as perseguições marianas, e considera a «heresia em pé de igualdade com o homicídio» e a «rebelião». Ele tem um irmão segundo o seu próprio coração em França. M. Veuillot declarou a sua política ultramontana no *Univers* assim: «Pela minha parte declaro francamente o meu desgosto não só por João Hus não ter sido queimado mais cedo, mas por Lutero não ter sido queimado também. E lamento que não tenha havido algum príncipe suficientemente pio e político para ter feito uma cruzada contra os

protestantes». Indivíduos desta última estirpe podem ser padres por natureza, mas não são homens nem cristãos. Não são dignos de limpar o pó dos pés de um dos antigos mártires, que muitas vezes poderia ter escapado à morte e ao sofrimento por uma palavra.

- *Tenho diante de mim agora uma imitação «anglicana» do Garden of the Soul católico romano, no qual encontro entre as «Devoções penitenciais», orações para a confissão. No Índice encontro Três Virtudes Teologais, Quatro Virtudes Cardinais, Sete Dons do Espírito Santo, Sete Obras de Misericórdia Espirituais, Sete Obras de Misericórdia Corporais... Três Deveres Notáveis, A Ladainha de Ouro, Os Cinco Mistérios Gozosos, &c., tudo alinhado com precisão matemática. Num panfleto há instruções após receber o sacramento para ejacular «Corpo de Cristo salva-me, Sangue de Cristo conforta-me, Água do lado de Cristo lava-me, Nas tuas chagas esconde-me», &c. Com a teologia do War Cry recente na memória de cada um, e o renascimento aberto destas frases e práticas monásticas, a religião de Cristo e a sua missão ao mundo parecem, se fosse possível, estar quase esquecidas! A escravatura mental e os erros teológicos tomaram sempre a forma de um «anjo de luz», mas cada passo no progresso humano tem apontado o seu verdadeiro caráter, quer a forma seja o celibato, a perseguição, a oposição ao conhecimento e à liberdade, dogmas inflexíveis, ou qualquer outro pecado contra a alma. Entretanto lembre-se que a superstição, o ateísmo e o vício são irmãs que caminham de mãos dadas, e que estão todas a adquirir um poder terrível no tempo presente, especialmente a última nas grandes cidades que agora surgiram em todos os países europeus.*

É difícil conceber como quaisquer pessoas sensatas, não educadas no meio delas, possam presumir instituir tais práticas e tais crenças em nome da religião no nosso tempo, mas o que está na raiz destes desvios mentais? Uma teologia irracional, que tem estado a opor-se à obra de Cristo há quase dois mil anos, que empurra os fracos para o eclesiasticismo, e os fortes para o ateísmo e materialismo, e uma igreja que mantém o sistema que as páginas precedentes provaram claramente ser mortal para tudo o que é melhor e mais nobre na natureza humana, pelo braço da lei.

A Igreja do Estado nunca deixará de precisar de um Lord Penzance, ou de produzir um Bradlaugh, e por muito estimáveis e abnegados que membros individuais do clero possam ser, é impossível estar muito em contacto com eles sem reconhecer que estão empenhados em ideias que são fatais para a liberdade e progresso humanos. A abolição da escravatura, os movimentos de temperança e de paz, foram todos iniciados por homens fora da Igreja, e sempre que a tolerância ou grandes reformas sociais foram estabelecidas, foram, com as raríssimas exceções, forçadas ao clero pelo bom senso do povo. Os homens da igreja são as pessoas que monopolizam as Universidades, mantêm métodos de instrução congreganistas, opõem-se à igualdade religiosa e à educação livre, que mantêm zelosamente o Credo de Atanásio, que temem a verdade para que não «perturbe» aqueles ainda não empurrados para o ateísmo, e que lutariam até à morte para manter o antigo serviço de casamento do Bispo Sarum, que mantém a alma da mulher na maldição de uma sujeição feita pelo homem.

Seja qual for o intelecto que possuam é quase sempre intelecto sem hombridade, um intelecto que não ousa enfrentar grandes problemas, que cede às conclusões de uma era anterior, e que despende toda a sua força em defesa de afirmações estreitas e

dogmáticas. E recentemente esta tendência assumiu uma tonalidade mais sombria nas tentativas jesuíticas de distorcer factos históricos da espécie mais clara a fim de branquear a Igreja de Roma. Verdadeiramente, pode mais uma vez dizer-se: «Edificais os sepulcros dos profetas, e os vossos pais mataram-nos».

Contudo, as reformas sociais e as descobertas científicas opostas pelas igrejas fizeram mais pelo alívio do sofrimento, e pelo avanço da civilização e da felicidade, do que toda a distribuição de esmolas e os métodos externos e superficiais de assistência que a mera caridade, sem conhecimento, poderia possivelmente conceber. Com uma voz poderosa elas falam e condenam a adoração antropomórfica do homem.

A discussão recente sobre o Burials Bill deveria abrir os olhos de todos os não cegados pela névoa de superstição ainda entre nós, quanto à total incapacidade da mente clerical comum para ensinar religião prática. É um facto deplorável que clérigos se tenham chegado à frente para apresentar o seu «solene protesto» contra a aprovação do projeto de lei como uma «desonra feita ao Deus Todo-Poderoso». O homem fez na verdade Deus à sua própria imagem!

Quão necessário esse projeto de lei era pode ser mostrado pelo facto de que mais de um clérigo recusou ler o serviço de enterro sobre uma criança que tinha recebido «batismo herético» de um ministro dissidente ou «ilegal». O mosquito é sempre coado, o camelo engolido; a revisão dos artigos criaria um alvoroço clerical, enquanto a guerra e a prostituição continuam sem um protesto.

A igreja inglesa, contudo, de facto, é uma apenas em nome e duas das três fações distintas em que está agora dividida, e que são mantidas unidas por fios, estão empenhadas tão

irrevogavelmente com o passado como a fação ultramontana entre os católicos, e devem apressar a sua dissolução aproximada.

As loucuras do presente, tal como os crimes do passado, são um resultado justo daquele sistema de eclesiasticismo que tem sido uma maldição para o mundo, e do qual tanto as igrejas romanas como as protestantes se encontram culpadas a esta hora. O registo desses crimes está longe de ser apresentado nestas páginas, mas o futuro próximo trará todos eles para uma luz devassadora. Não são leves.

Foram cometidos com todas as circunstâncias de crueldade deliberada e a frio; foram cometidos em face da religião santa que Cristo deu ao mundo; foram cometidos por aqueles que professavam ser os guardiões dessa religião; e sacrificaram os mais nobres entre os homens. Se não fosse pela sua firmeza, a civilização teria sido detida, e a hipocrisia e o medo gerados naqueles a quem faltou a coragem de assumir as suas opiniões infligiram um dano profundo à nossa raça.

Tal é a história das «igrejas divinamente inspiradas» e «milagrosamente sustentadas», e do cristianismo dos homens.

Quando se pensa nos homens e mulheres inocentes, alguns deles reformadores e trabalhadores pela humanidade do tipo mais heroico, atados a estacas em todos os países da Europa, e queimados vivos, não raras vezes por um fogo lento, e por vezes após tortura, que entregaram as suas almas numa crise de agonia corporal e muitas vezes mental que palavras nenhumas poderão jamais descrever, o coração afunda-se perante a longa e pavorosa história do sofrimento humano! Aquele sangue inocente, embora tenha sido derramado no passado, tem estado a clamar ao céu desde esses dias até aos nossos, e a hora daquela «cuja taça está cheia» está próxima. Torturas como as que ela infligiu eram desconhecidas, exceto em raras instâncias, mesmo nas antigas

civilizações da Grécia e de Roma. Foi ela quem «perseguiu os santos de Deus» e pecou contra a luz. Ao longo das eras eternas ela permanecerá condenada, como o pecado deve sempre ser.

Tal como na antiga igreja judaica, que caiu em erros semelhantes e foi culpada do «sangue de Abel até ao sangue de Zacarias, que pereceu entre o altar e o templo», assim nos dias de hoje «nela foi encontrado o sangue de profetas e de santos, e de todos os que foram mortos sobre a terra». E assim como dentro de quarenta anos após a crucificação de Cristo não ficou pedra sobre pedra no templo de Jerusalém, assim em quarenta anos a partir do próximo ano não ficará, num sentido espiritual, pedra sobre pedra dentro das igrejas de hoje.

Bem declarou um escritor moderno: «Se for verdadeiro cristianismo mergulhar com uma caridade apaixonada nos recessos mais sombrios da miséria e do vício, irrigar cada canto da terra com a corrente fertilizante de uma benevolência quase sem limites, e incluir todas as frações da humanidade no círculo de uma simpatia intensa e eficaz; se for verdadeiro cristianismo destruir ou enfraquecer as barreiras que têm separado classe de classe e nação de nação, libertar a guerra dos seus elementos mais duros, e fazer com que a consciência de uma igualdade essencial e de uma genuína fraternidade domine sobre todas as diferenças acidentais; se for acima de tudo verdadeiro cristianismo cultivar o amor pela verdade por si mesma, um espírito de candura e de tolerância para com aqueles de quem divergimos, então nunca desde os dias dos apóstolos ele foi tão vigoroso como no presente, e o declínio dos sistemas dogmáticos e da influência clerical tem sido uma medida, se não uma causa, do seu avanço».

Verdadeiríssimo. Pergunto, qual é o cristão mais verdadeiro: Lloyd Garrison, o espiritualista, a fugir pelas ruas de Boston de uma multidão que a igreja tinha ajudado a incitar, porque ele era o defensor destemido da retidão e da justiça, ou o ritualista que

corta um pedaço do avental de uma mulher porque algum «vinho sacramental» foi entornado sobre ele, lambe migalhas de pão caídas e tagarela sobre «heresia» sobre o caixão de uma criança?

Esta chamada ortodoxia, esta travestia da religião, mantida à custa de milhões de vidas humanas no passado e de milhões de dinheiro no presente, que molda as mentes dos jovens quando estes estão indefesos, e constrói mais sobre um texto ou uma passagem dos Padres da Igreja do que sobre as leis do universo que ignora, que degradou até a própria verdade central da imortalidade através de superstições e horrores pavorosos — fez mais para desonrar a obra de Cristo do que o próprio ateísmo. Contudo, essa obra ainda vive e cresce como o grande poder inspirador e o próprio sopro da reforma em cada era. Os maiores mestres de Deus foram sempre ou perseguidos ou pobres; nunca foram teólogos ou clérigos; existiram sem títulos, ou mitras, ou cetros; aprenderam a amar a verdade por si mesma, a usar a «coroa de espinhos», e a desconsiderar a popularidade e as opiniões dos homens. E a única igreja de Cristo, preservando a única «sucessão» verdadeira, tem sido a igreja dos mártires pela verdade, pela liberdade e pela reforma.

O intelecto por si só nunca foi uma luz para o homem como uma grande força-motriz moral, caso contrário a Grécia ou a Roma da antiguidade teriam inspirado o mundo, e não a Judeia. Foi concedido através de instrumentos escolhidos à frente da sua época, que sustentaram energicamente as verdades neles sopradas de uma esfera mais elevada com coragem heroica, e foram tão energicamente opostos.

Não no Partenão, não no Fórum, ecoaram as vozes que moveram a humanidade, mas pelas encostas de Betânia, pelas planícies solitárias da Índia, nos desertos da Arábia — de dentro das muralhas das prisões, do banco dos réus, acima das pragas da multidão. O intelecto é impotente sem força e inspiração

espiritual, a força mais forte, mais invencível e mais divina no homem. E esses grandes apelos à alma humana requerem renovação e iluminação de era em era, ou caem ao nível dos pensamentos terrenos dos homens. Especialmente isto é verdade relativamente à luz incomparável do cristianismo.

Era um dos ensinamentos obscuros de Cristo, que provavelmente ninguém ao seu redor compreendeu, que «estreita é a porta e apertado o caminho que conduz à vida, e poucos são os que a encontram». Que vida? A vida imortal do reino dos céus, que ele também nos ensinou que estava dentro de nós, e que se esquiva da vida grosseira do mundo. Alguns de facto entraram nela através do martírio terreno que ele previu que seria o destino dos seus discípulos, e que tem sido o destino de alguns dos seus seguidores mais verdadeiros em todas as eras, embora fossem proscritos das igrejas, e os terrores da crueldade humana apenas serviram para tornar o espírito fiel mais forte.

«Estes são os que vieram da grande tribulação, e lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro»; por outras palavras, que partilharam o destino de mártir de Cristo, e deram testemunho da verdade ao preço das suas vidas; que, como ele, desceram para realizar alguma missão heroica pela qual a humanidade sofredora e oprimida clamava, e que só podia ser cumprida na forma mortal.

Os homens são redimidos e os espíritos engrandecidos por estas inspirações de Cristo, e o seu espírito tem repousado sobre cada trabalhador forte e verdadeiro em favor da retidão e da justiça neste globo. Onde quer que alguém se tenha sacrificado pelo bem-estar humano, ali esteve Cristo; na praça do mercado, com a sua pavorosa fogueira de madeira; na masmorra medieval; nas câmaras de tortura dos padres; nas prisões de Roma e Nápoles; ao lado do emancipador do escravo e da mulher; ao lado do mestre espiritual e do mensageiro da verdade; e quando o grito

de «herético», «feiticeiro», «infiel», «impostor» se ergueu, aquele que soube o que era dizer: «A minha alma está numa tristeza mortal — até à morte», aproximou-se da alma em angústia e acolheu o seu servo na sua morada!

O «sinal do Filho do Homem» tem sido A CRUZ. Quem ousa negar que uma vida nobre exalta e embeleza o espírito do homem? aquele volume no qual cada ação e cada pensamento dominante estão registados, e que se torna em cada um o seu anjo de recompensa ou de acusação? Ninguém exceto aqueles que ensinam o erro fatal de que uma vida de pecado pode ser perdoada pela fé na ideia judaica de um sacrifício para apaziguar a ira de um Criador, e que nada compreendem da natureza do espírito quer aqui quer no Além. E estes perseguiram, e perseguem ainda, aqueles guiados pelo espírito; porque, como Cristo disse: «Estas coisas vos farão eles porque não conheceram o Pai nem a mim».

E agora apelo a Inglaterra: havemos de ter o Cristo de Bradlaugh, materializado, e colocado ao nível de Confúcio, Zoroastro e Maomé, ou o Cristo imortal dos evangelhos e da verdade espiritual? Vejo aproximar-se desta terra uma hora de julgamento que moldará o seu destino. Cristo, a alma mais grandiosa que jamais brilhou numa liberdade divina e refletiu Deus, o ser mais forte, livre e sublime que alguma vez pisou as planícies cansadas e manchadas pelo pecado da terra numa missão majestosa, o grande Homem Espiritual cuja divindade é tão mal compreendida, e cuja missão tem sido tão ultrajada pelos erros humanos — aquele que desceu para ensinar aos homens a verdade e demonstrar a sua imortalidade — condena as igrejas do passado e do presente, hoje.

Na sua verdadeira glória ele surge novamente. Os princípios dos seus «julgamentos» na segunda manifestação da sua presença — aqueles que deveriam fazer «dos primeiros últimos e dos

últimos primeiros» —, ele previu-os há muito tempo. Mais uma vez ele se volta dos escribas e fariseus para o povo, mais uma vez se ergue para dizer: «Pai justo, o mundo não Te conheceu, mas eu conheci-Te», e «Sempre que o não fizestes a um destes mais pequeninos, a mim o não fizestes», e nessa balança divina tanto padres como credos são «pesados e achados em falta». A longa era do martírio, das «almas debaixo do altar», está no seu fim, e a vitória da verdade, da liberdade e do amor — o reino de Cristo da retidão — está já à nossa porta.

«O Iguanodonte adormecido
Jazia a exalar num vapor mefítico
O Milodonte e o Mastodonte
Assustavam as florestas com o seu passo.
Fetos gigantescos, como palmeiras de penas,
Acenavam em silêncio para as árvores,
Cujos elmos reais e braços robustos
Se agitavam como as ondas de mares tempestuosos.
Assim em frente, sempre em frente, a corrente rolou
A luz de incontáveis manhãs brilhou;
E poentes radiantes vestidos de ouro,
Rolaram pelo abismo de anos desconhecidos.
Por fim, com bestas, e aves, e flores,
A criação parecia um todo perfeito;
Então Deus e a Natureza uniram os seus poderes,
E o homem tornou-se uma alma viva.
Ó Mãe Natureza! Pai Deus!
Quão maravilhosa é a obra que traçamos!
O homem moldado do torrão insensível,
Contudo preenchido com a graça mais divina da vida.
Nem há de essa forma de molde terreno
Ser o limite da sua vida;
A partir do mortal desabrochará

O germe da imortalidade!»
De *The Living Word* (*Poems of Progress*).

CAPÍTULO XIII

EVOLUÇÃO ESPIRITUAL

O QUE é a evolução? Para o homem de ciência moderno ela entrega a chave de todos os variados fenómenos físicos da natureza. Ela abre, não obstante as muitas páginas arrancadas daquele livro de pedra que jaz debaixo dos nossos pés, mas que continua eloquente com o propósito forte do seu ser, a porta para avenidas de pensamento e de descoberta que em tempos estiveram seladas para o homem. Ela aponta com dedo infalível para a lei sublime, e para o grande objetivo do planeta em que vivemos.

Essa lei é o progresso; esse objetivo a criação do homem; e embora a prova absoluta de raças de seres meio desenvolvidos que viveram e morreram, e que em tempos representaram a forma mais elevada de vida no nosso globo, continue a ser requerida, os factos nos quais o evolucionista baseia a sua crença reúnem-se tão proximamente em seu redor, que inferimos a sua existência como inferimos a de algum oceano antigo quando encontramos no interior do território os restos fragmentários de conchas.

As enormes transformações pelas quais o nosso globo passou, os continentes formados e varridos, os seus períodos de calor intenso e de frio glacial, os seus restos fósseis de todo o tipo, e as suas rochas primárias, que não têm história para contar a não ser que houve um tempo em que a vida não existia, tudo aponta para o vasto período que deve ter decorrido desde que ele veio à existência a partir da névoa de fogo no espaço. Não tinha esse longo período qualquer propósito? Foi um desses milhões de anos

desperdiçado, e sem o seu fim? Não. Cada hora testemunhou a mudança, e a mudança na direção do crescimento para algo mais elevado, não importando o cataclismo, a luta do seu nascimento. Marcado pelo fogo e rasgado por terramotos, estéril de vida, mesmo da vida de alguma pequena mancha de líquen sobre as suas rochas, alguém que pudesse ter olhado para ele nessa altura poderia ter pensado ser um orbe abandonado que nunca poderia tornar-se naquilo a que chamamos um mundo.

Mas cada dia via a sua matéria tornar-se mais refinada, cada ano via as suas rochas lentamente pulverizadas em terra fértil, as suas planícies preparadas, as suas névoas fumegantes erguidas em nuvens e dispersas em abertas, os seus ribeiros a gotejar reunindo-se em rios, e os seus oceanos recuando sobre as suas praias arenosas. A vida para a qual esses incontáveis dias e anos tinham sido uma preparação acabou por surgir lentamente: o musgo apareceu; a folha grosseira de erva; as formas mais baixas de vegetação. Os germes de vida surgiram, alimentados pelo sol, e pelo vento, e pela chuva, e por condições em constante mudança, a partir da sua base de protoplasma, e os diferentes ambientes destes germes primordiais de vida produziram as variações na sua organização que ordenaram a alguns que permanecessem corais e moluscos, e a outros que se desenvolvessem em formas mais elevadas. Era após era, para cima e para a frente, cresceu e ergueu-se a escala ascendente; veio o feto do carvão dos pântanos, a poderosa palmeira, o gracioso encrinide, os estranhos sáurios, os enormes paquidermes, e finalmente o alce e o mamute de organização mais nobre de uma era recente. A flor, o pássaro que canta, o campo coberto de erva, o céu limpo, todos se regozijaram na promessa do tempo que vinha.

Os habitantes das cavernas, os mais antigos da nossa raça, apareceram por fim, pescaram nas águas risonhas do rio, caçaram as suas presas, inventaram os seus instrumentos rudimentares de

guerra e de indústria na idade da Pedra. O que importa se eram de cabelo lanoso, e de lábios grossos, e mal formados, o que importa se os seus costumes eram infantis e selvagens, a sua vida da alma em sujeição à sua natureza física, e a longa ancestralidade de incontáveis formas de vida organizada? A era da raça humana tinha despontado sobre a terra, e com ela o cumprimento do qual essas formas eram profecias silenciosas.

Os primeiros movimentos de mónada e ascídia todos tiveram o seu papel a desempenhar na produção da mente. Vida; sensação; inteligência; cada uma tinha-se manifestado através do organismo e do reino adequados para lhe dar nascimento. No homem todas estas estavam representadas, concentradas, desenvolvidas, a fim de que ele, «o herdeiro de todas as eras», pudesse expressar algo mais elevado, — alma. A imensa diversidade do reino vegetal, e da vida dos insetos; a menor, mas ainda assim grande, diversidade do reino animal, todas cederam em poder e nobreza ao ser que exibia unidade de tipo e de estrutura, que se erguia ereto sobre a terra, possuidor de nenhuma arma de defesa, que se tinha tornado sujeito a uma nova lei, e cuja força residia no seu cérebro.

Tal é a evolução; a ciência do progresso universal, que é agora reconhecida por algumas mentes, e que dentro em breve será reconhecida por todas. E é aqui que o espiritualismo eleva o estudo da ciência material a um plano sublime. O materialista olha apenas para o passado; ele nota o testemunho das rochas ígneas, os registos de incontáveis formas de vida em graus cada vez mais elevados, que pereceram para sempre; ele pondera sobre os depósitos de cascalho do Somme, as cavernas de Aurignac e Liège, os vestígios de vida meio-humana a serem encontrados em quase todo o lado no nosso globo; o paquete oceânico de hoje permite-lhe vir face a face com o fenómeno em rápida extinção da vida selvagem que recua perante a civilização humana; ele contempla o esforço rudimentar, por assim dizer, do ser diante

dele para se tornar homem; os lábios e o nariz enormes, a testa fugidia, o cérebro não desenvolvido, a forma muitas vezes disforme, os costumes cruéis e os hábitos ignorantes e bárbaros; e a partir da sua contemplação significativa ele volta-se para a história escrita no seu próprio corpo e nos corpos de todos os outros homens. Ele aprende factos da fisiologia que são eloquentes com a mesma história, a mesma grande lei — o progresso; ele reconhece o que foi em tempos — como criança e bebé, e que antes de nascer era algo que guardava semelhança com os diferentes estágios de vida que foram manifestados na natureza externa. E voltando-se disto para as grandes escrituras do céu, o seu telescópio revela-lhe a nuvem nebulosa, a matéria circulante a formar-se e a tomar forma, o sol a crescer, o sistema perfeito, o planeta como o nosso.

A história do menor satélite está escrita até no seu movimento, na sua órbita, e no seu plano. E porque não consegue ler essa história sublime corretamente, porque olha apenas para o passado, e tenta lê-lo à luz limitada da sua perceção científica, torna-se um materialista, e cai no estranho erro de defender que a vida é meramente um fenómeno da matéria, uma espécie de energia, que ele também confessa não compreender.

Ó líderes cegos de cegos! Há um único facto na natureza que não seja um mistério eterno para vós, se não conseguis ler essa longa história do passado corretamente? Ide para fora, e ficai na praia do mar, e olhai para baixo para uma das suas miríades de conchas descartadas, que alguma vaga descuidada arrasta até ao vosso próprio pé.

Conheceis o seu longo nome em latim, podeis dizer a sua química, mas sabeis o que ela é, que função desempenhou no mistério do ser?

Não será algo mais?

«Frágil, mas uma obra divina,
Feita tão encantadoramente bem,
Com espiral delicada e volta,
Um milagre de design!
A pequena célula está desolada,
Vazia da pequena vontade viva
Que a fez mover na praia.
Deteve-se ele à porta de diamante
Da sua casa num folho de arco-íris?
Empurrou ele, quando se desenrolou,
Um pé de ouro ou um corno de fada
Através do seu turvo mundo de água?
Ligeira, para ser esmagada com um toque
Da minha unha na areia,
Pequena, mas uma obra divina,
Frágil, mas com força para resistir,
Ano após ano, ao choque
De mares em catarata que partem
A espinha de carvalho do navio de três conveses
Através das bancadas de rocha,
Aqui na praia da Bretanha!»

Sim, forte para a sua obra, e a sua obra era abrigar a «pequena vontade viva» — o germe espiritual!

Aí está o segredo da sua história, — do seu «milagre de design». Neste sentido o mundo inteiro é um milagre, e embora lhe chamemos Natureza, é o milagre de Deus.

O espiritualista sabe isto; e ele olha para o passado e lê a sua história em letras de luz. Toda a vida para ele é uma manifestação da Fonte Central de onde emanou como essência-espírito, e regressa como alma consciente. O que o materialista chama força, algo que ele não sabe o que é, o espiritualista realiza ser espírito, algo criativo, indestrutível, progressivo, divino. Algo que, como

foi belamente dito, «dorme na pedra, sonha no animal, e acorda no homem».

E as descobertas modernas da conservação e correlação da força, quase demonstram esta verdade. O desenvolvimento do espírito é o fim de cada forma de ser, e finalmente o nascimento da mente consciente, e a conquista da imortalidade individual. O espiritualista reflexivo aceita tudo o que a ciência pode e vai ensinar sobre essa evolução física não só defendida pela escola de Darwin, mas ensinada por inspiração às mentes mais iletradas; e ele penetra no seu grande design, e ensina em troca, a evolução espiritual, que é a sua chave-mestra.

Isto tem sido chamado reencarnação, e cegamente combatido por aqueles que não ousam mexer nas descobertas da ciência, mas sonham que podem dobrar o mundo dos espíritos à sua vontade. É realmente a grande lição da evolução, ou desenvolvimento do espírito, e entre os mestres desta lição, tão rebeldemente aprendida, está William Fletcher.

Está em harmonia não só com a lei do progresso que refinou e espiritualizou o nosso planeta, e que preparou tanto a sua superfície como a sua atmosfera para sustentar formas de vida mais elevadas do que as que poderiam possivelmente ter existido no passado, — mas com essas leis económicas que utilizam até a morte e a decomposição através da recombinação e reconstrução.

À medida que a vida física do corpo, que na sua condição presente está sujeita à lei da morte, é desintegrada, mas não destruída; à medida que entrega os seus elementos grosseiros para serem trabalhados pela alquimia maravilhosa da natureza em ervas, e flores, e hastes de relva, assim também o período de cada vida vivida pelo espírito no corpo é utilizado, e as suas próprias paixões, e misérias, e corrupções, são da mesma forma empregues para trazer para fora elementos de bem.

Vida fora da morte em todo o lado, e em todo o lado, na religião, na ciência, e na história da raça humana, vida mais elevada, é a lei de todas as coisas. As próprias civilizações do passado com as suas cidades sepultadas, e tesouros, e raças de homens esquecidas, vivem, e mais do que vivem, outra vez, nas civilizações mais grandiosas do presente. Não tem havido retrocesso real.

Se a natureza parece desafiar a nossa pequena visão de perfeição, será com a arte subtil de um artesão consumado; com um conhecimento que é ciência, e uma ciência que é poesia, pudéssemos nós interpretar tudo o que ela mostra. A natureza pode dar-se ao luxo de sorrir onde o homem só pode chorar; os seus princípios são imutáveis e imensuravelmente vastos; a sua visão é o olho de Deus que «discerne todas as coisas»; ela produz a sua gazela e o seu macaco, o seu náutilo frágil, e o seu caranguejo, o seu bosquímano e o seu Shakespeare; e instrui o homem assim que os contrastes da diversidade devem vir antes da harmonia de uma unidade divina; e a beleza do conhecimento deve preceder o conhecimento da beleza, e que assim semente pode ser erguido um mundo.

Num discurso em transe, o nosso vidente respondeu à grande questão, É a Reencarnação um Facto, de uma forma que está calculada para fazer com que esse facto tome o seu lugar entre as verdades aceites. «Cada forma individual de vida animal», disse ele, «teve algum propósito; cada uma delas, por mais estranha e disforme, foi adaptada aos fins exatos para que foi concebida para cumprir; todas atuaram como tantas máquinas que prepararam e refinaram os elementos do nosso planeta».

Quando o espírito humano nasce no mundo espiritual, ou permanece ali ou regressa à esfera terrestre, de acordo com o seu próprio estado de desenvolvimento. As possibilidades da vida humana devem ser esgotadas antes que a vida imortal do mundo

espiritual seja alcançada; e é tão impossível para um homem cuja vida é composta de prazeres e buscas materiais entrar e permanecer no reino eterno, como o é para «uma corda passar pelo fundo de uma agulha».

Ele pertence à terra; entra no mundo espiritual para se encontrar sem lar; nada há para o atrair ali. As suas esperanças e alegrias são deste mundo, e pela lei da atração regressa para aprender as lições mais elevadas que a vida humana lhe pode ensinar, e que ele deve aprender antes que o seu espírito adquira a individualidade forte e perfeita e o poder que para sempre o repelem da esfera terrestre e o atraem para cima, para a vida de uma condição mais refinada e elevada.

A condição do seu espírito é o «livro» que se abre; o dia da sua «morte» é o único dia de julgamento. «A reencarnação não é, contudo, compulsória; torna-se essencial ao espírito, e finalmente o seu desejo». Não é também uma doutrina mais racional do que aquela que exibe milhares de espíritos presos à terra reunindo-se em redor dos viciosos e dos antros do vício, e incapazes de se erguerem das condições que os seus próprios pensamentos e atos criaram?

Não é melhor viver de novo a vida desperdiçada, aprender a subjugar o animalismo que torna este processo necessário, do que habitar talvez por eras num tal inferno como este? Com toda a certeza! E a lei divina que força o espírito de volta à vida humana que ele não compreende, que faz dessa vida o meio mais rápido e melhor de desdobrar os seus poderes, remover a sua ignorância, vivificar a sua vida da alma, é uma lei pela qual os homens um dia agradecerão a Deus.

A vida do passado também por vezes empresta um poder gigantesco à vida do presente, e estabelece uma identidade estranha se fosse possível comparar as duas. «Pensais vós», disse

William Fletcher num discurso profético sobre Joana d'Arc como uma trabalhadora pela liberdade no passado, e uma forma mais elevada de liberdade no futuro — «que um punhado de cinzas era tudo o que restava de Joana d'Arc? Não. A era exige; a hora chega; o espírito, tão devotado como antes e preenchido com uma luz maior, responde; a obra está feita.

As lutas físicas de uma vida podem ser paralelizadas pelos acontecimentos morais de outra; numa era pode ser a justa liberdade de uma nação; noutra a liberdade eterna da raça. Não em vão são os "fortes clamores e lágrimas", as horas de escuridão e perigo suportadas por amor de almas menos avançadas no caminho da vida; o passado ergue-se e dá força inconsciente no presente, e o presente ganha o seu caminho por fim em direção à luz. O sentido da vitória da verdade e de uma causa justa inspira cada alma que experienciou uma vida fortemente e verdadeiramente vivida, e é a capacidade de perseverar até ao fim resultante dessa memória inconsciente que lhe permite aceitar uma missão ainda mais elevada.

Trato agora de uma objeção popular. William Fletcher proferiu uma segunda palestra no Steinway Hall sobre o tema da Imortalidade Individual, na qual foi assinalado que um certo número de espíritos desenvolveu o seu crescimento estando ligados a seres humanos e aos seus trabalhos na vida terrestre; e que através deles vinha inspiração e educação que eram valiosas para o mortal e para o espírito, um ponto a que aludiu com mestria Alfred Russel Wallace, em algumas reflexões sobre a proximidade do companheirismo de Winona e do seu médium num breve artigo no *Spiritualist* de 28 de janeiro de 1878.

Mas a objeção à reencarnação absoluta é que ela destrói os laços humanos de parentesco e afeição; e a única forma em que estes sentimentos naturais podem ser respondidos é assinalando

em que consiste verdadeiramente a individualidade. Da palestra aludida cito a seguinte passagem:

«Mas o que é a identidade? Como conheceis os vossos amigos mortais? Há muitos sinais distintivos pelos quais os reconheceis; conheceis-nos pela voz, pelo movimento, pela tez, pelas feições, pela altura, pelo passo, pela caligrafia, e por mil outros traços. Não é possível, contudo, que estes traços de identidade sejam alterados? Uma mãe deixa o seu filho, e não o vê de novo durante um quarto de século. Ela regressa e diz: "Procuro o meu filhinho"; mas não o encontra. Porquê? O filho tornou-se algo maior; cresceu até se tornar um homem. Mas terá esse filho perdido a sua identidade? Não. Nada mudou; houve apenas crescimento, desenvolvimento; as possibilidades da sua natureza foram extraídas, as suas promessas foram cumpridas. Isto é tudo.

E se os homens de ciência estão certos, e o corpo de hoje já não contém um átomo da matéria do corpo de há sete anos, cada hora de mudança, para não falar de uma centena de eventos e acidentes que estão sempre a ocorrer, serve para obliterar os traços externos de identidade. Procurais a identidade física, e esta é destruível, porque o corpo é destruível. Mas há algo além disto; não há apenas a identidade do corpo; há também a identidade do espírito, e essa nunca pode morrer».

No mundo espiritual, ela é a única identidade. O caso da criança tem paralelo no do selvagem. Ele é um filho da terra, e à terra será preso até que conheça algo da sua vida mais elevada, algo do seu poder para lhe ensinar coisas com que na sua choupana rudimentar, e no meio do seu ambiente primitivo, ele nunca sequer sonhou.

Desejará alguém que a sua identidade seja preservada, serão as feições de tipo inferior adequadas para expressar a vida da

alma de um espírito angelical? A sua identidade física, a menos que a existência selvagem deva ser mantida nas esferas mais elevadas, deve ser perdida, e iremos nós ditar como o seu espírito deve ser melhor desenvolvido? É o mesmo com o bárbaro mais civilizado, aquele que veste uma casaca e passeia em Regent Street, e desperdiça horas no seu clube, ou em tiro aos pombos. Qual tem sido a lei da sua vida? O eu, e o seu lema, «Come, bebe e diverte-te». Ele pertence à classe pitoresca mas graficamente descrita nos versos:

«Há um número de nós que rasteja Para este mundo para comer e dormir; E não conhece razão para ter nascido, A não ser apenas para consumir o milho, Devorar o gado, aves e peixe, E deixar para trás um prato vazio».

Ele nunca conheceu a falta de uma vida mais elevada; a pobreza, a miséria e a ignorância nunca lhe fizeram qualquer apelo; ele goza de certos luxos e privilégios, o benefício da civilização, porque os trabalhos de outros homens os tornaram possíveis para ele, e como uma folha é levado numa maré que nunca influenciou. São as suas afeições tão belas que mereçam a imortalidade? Não seria antes uma imortalidade de uma vida como a sua, bem como a do pobre hotentote que ele desprezaria, a maior maldição que se poderia infligir a cada um? Não é assim que o céu é povoado com os anjos de Deus!

O argumento em favor da afeição é um pleito por aquilo que dificilmente se pode dizer que exista. O laço do casamento terreno, essa falsidade aos olhos do céu, é um laço que a entrada no mundo espiritual raramente deixa de dissolver. O casamento do espírito quase nunca se realiza, o amor puro e eterno é quase desconhecido nesta terra. Pode essa serpente do animalismo, a união inarmónica, da mesma forma feita na Europa e no Oriente, disfarçada por chamados ritos religiosos e sustentada por formas legais, erguer a sua cabeça no mundo radiante além? Não. Porque

é isto que cria e perpetua a crueldade, o vício, a doença e a morte do nosso planeta, que enche o mundo com seres tão espiritualmente deformados que vivem na ignorância e morrem na escuridão, e que, em verdade, produz a necessidade desta lei da reencarnação.

Quando o Éden for restaurado ao homem, e há um Éden para cada mundo no universo de Deus, estas coisas já não existirão. Apenas aquilo que é puro, aquilo que é nobre, aquilo que está cheio da forte individualidade que torna os homens salvadores da sua raça, e os enche de amor, não de crenças populares, mas de ações justas, pode herdar a vida eterna, e quem não desejaria que a identidade do espírito e cada espírito tem uma faísca do divino, a sua própria herança peculiar crescesse e se tornasse mais bela em coisas como estas?

À medida que cada essência-espírito de há longas eras acresceu a si própria órgãos mais perfeitos, e evocou uma manifestação mais elevada de vida, assim o espírito em avanço habita uma forma mortal mais bela, até que por fim se torna radiante com a vida da alma, e rompe para sempre os grilhões que o prendiam à terra, e reentra, um espírito-imortal, no seu lar eterno. Ao descrever, tanto quanto era possível, um destes seres espirituais mais elevados no mundo espiritual, Winona disse: «Por onde quer que ele passe deixa a luz da sua presença». «Nenhuma mente humana», foi dito através de uma comunicação espiritual, «fértil em imaginação como possa ser, pode retratar na sua fantasia mais louca a beleza avassaladora e transcendente da alma humana progressiva e elevada».

Que a razão declare se a evolução espiritual não é a verdade que, como a da evolução física, resolve cada problema que a mente do homem pode considerar. Nenhum dia passa sem testemunhar o nascimento de milhares de seres humanos. Se cada um possui um espírito recém-criado, incontáveis milhões nascidos

deste planeta apenas, devem viver em todos os estágios de desenvolvimento, a maioria no mais baixo de todos, no mundo invisível, para o qual eras seriam requeridas para os preparar até para o primeiro estágio da verdadeira existência do espírito. «A natureza», diz Figuier, «é um livro fechado para a maioria da humanidade, que vive nos fenómenos mais curiosos e vários, mas que se ocupa a comer e a beber, e a tentar fazer mal aos seus semelhantes.

A população do nosso globo conta com 1 300 000 000, e de toda esta multidão dificilmente 10 000 se pode dizer que estudaram as ciências e realmente cultivaram as suas mentes. Todo o resto da humanidade está abandonado a uma passividade intelectual que quase os reduz ao nível dos animais». E Greg acrescenta tristemente: «Há almas a serem contadas aos milhões, baixas, rastejantes, não desenvolvidas, desesperadamente más, e que dificilmente, a não ser por milagre, poderiam ter sido de outra forma além do que são. O que acontece com elas? Porque estão elas aqui?». Estes homens não podem dar resposta. A resposta é dada na lei de que falo. A natureza diz-nos que Deus é o Grande Economista do universo, e como Ele decretou que quanto mais elevada a forma de vida, menores serão as suas expressões, que o ser cerebralmente desenvolvido não aumentará nem em número nem em variedade como os organismos elementares do rio, do ar, ou do oceano, poderemos nós supor que Ele é pródigo daquilo que é o grande objetivo e esforço de todas as eras, — o espírito?

O que importam os vários corpos físicos, as encarnações, desde que a Sua lei seja obedecida, e ele ascenda? Virá o tempo em que os videntes da nossa raça serão tão numerosos que sorrirão da ignorância que supõe ser o corpo algo mais do que um invólucro temporário que por uma breve hora segura o espírito no seu interior, e em que os homens serão reconhecidos e compreendidos, não através dos seus corpos, mas através da vida

visível desse espírito que usa estes apenas como seus instrumentos. Quando tal acontecer, a mente humana reconhecerá universalmente a profunda importância e as solenes lições de verdades como estas.

Na visão do Juiz Edmonds, na qual ele contemplou algumas das esferas avançadas do mundo espiritual, um espírito angelical dirigiu-se-lhe nestas palavras impressionantes: «Regressa», disse ele, «à terra, e ensina os seus habitantes obscurecidos quão glorioso é o país que eles podem habitar, quão brilhante a felicidade que podem ganhar para si próprios. Roga-lhes que não voltem a rastejar na terra, buscando o seu gozo em objetos terrenos, mas que olhem para cima e do alto virá até eles o conhecimento que verdadeiramente os tornará livres.

Ensina-lhes que a felicidade e o céu não vêm até eles como uma gratificação, mas devem ser ganhos pelo seu trabalho, ser merecidos pelo seu esforço. Ensina-lhes que Deus não trabalha por milagres, mas por leis eternas e imutáveis, que são omnipotentes para salvar, todo-poderosas para condenar, e que não se encontram nos glosas dos homens, mas estão escritas pela Sua própria mão Todo-Poderosa, em tudo da natureza que se estende ao seu redor.

Pede-lhes que olhem para o universo de mundos, que do teu lugar elevado podes contemplar alinhados nas suas órbitas através dos reinos infinitos do espaço; e que reflitam sobre os números incontáveis de almas vivas que os habitam e destinadas à eternidade, e perguntem a si próprios se pode ser que para esta terra, que é apenas um grão de areia na praia do oceano da eternidade — as Suas leis eternas tenham sido suspensas?».

Sim, e nós acrescentaríamos, vai tu, leitor, numa noite clara e estrelada, e fica sob o céu com nada entre ti e Deus. Olha para esse incrível universo que pulsa com vida, e pergunta a ti próprio,

o que dizer da teologia do chamado homem civilizado? Será esta gota nesse oceano de mundos a presa de um arquifiorde? Estarão os seus habitantes pré-destinados a um inferno interminável? Serão eles comprados com a agonia da morte do mensageiro mais santo da terra, enviado para pagar com o seu sangue o preço exigido por um Moloque?

Ó falsidades proferidas diante do trono do céu e da Alma do amor, por aqueles que não O conhecem! Olha para fora, digo eu, e contempla essas regiões eternas do espaço, e contempla as Suas obras:

«Regiões de matéria lúcida tomando formas, Pinceis de fogo, clarões enevoados, Aglomerados e leitos de mundos e enxames como abelhas De sóis, e correntes estelares»,

e regressa para perguntar a ti próprio se o Espírito de Deus não está ali antes do que nos vãos dogmas dos homens, e se Aquele cuja vida respira ao longo do esquema sublime desse universo, não pode ensinar as Suas leis e ordenar que sejam obedecidas sobre este minúsculo mundo, e pela sua descendência, o homem, até que a «vontade do Pai seja feita», e a raça humana se torne remida por fim, não por um milagre, mas pela luz do verdadeiro conhecimento, do mal, e do erro, e da ignorância, para sempre! Nessa era a atração pela vida física deixará de existir, e a matéria tornar-se-á o instrumento do homem, e já não formará, nem por uma hora, a sua casa de prisão, ou a ilusão dos seus sentidos.

«É tão barato louvar o que todos aplaudem,
Dobrar o joelho flexível e curvar a cabeça
Sobre as sepulturas dos mortos ilustres,
Desenredar o passado em acordo popular,
E com os lábios confessar que Cristo é o Senhor!
Se não temos a força de mártir para pisar

Os seus caminhos espinhosos, liderar para a frente como eles lideraram,

Muito à frente das antigas fronteiras, sem pavor, — Se, cobardes no presente, recuamos

De lutar com os males do nosso tempo,

Contentes por mourejar com pecados passados e vencidos,

Contentes apenas por elogiar esses homens sublimes, — Então não somos nada mais do que estorvos do solo,

E parasitas, e alcoviteiros do crime!»

WILLIAM LLOYD GARRISON

CAPÍTULO XIV

ESPIRITUALISMO E REFORMA

DESEJO que o capítulo de encerramento desta breve e muito inadequada história do nosso vidente moderno seja dedicado a alguns pensamentos sobre o espiritualismo e a reforma.

Como todos os espiritualistas verdadeiros e fervorosos William Fletcher é um reformador. Como a sua capacidade de vidente, o amor pelo progresso, a indignação perante o mal e a opressão, e a firme determinação de trabalhar a qualquer custo pela liberdade religiosa, nasceram com ele. Ele penetrou no mundo invisível, e realizou a vida futura do homem, e ergue-se como uma testemunha da verdade que os cegos não podem ver, e o fanático não quer acreditar. Em cada era tem surgido em favor

de alguma grande mudança na história da humanidade, «a hora e o homem», mas o homem não foi acolhido, e a hora passou não reconhecida como marcada com a crise do avanço, até que os grandes resultados alcançados apontaram, em anos posteriores, a sua verdadeira missão. «Como foi, assim será», e o médium moderno não pode escapar à perseguição ignorante que, embora assegure a vitória para a verdade, no passado envenenou um Sócrates, encarcerou um Galileu, queimou um Hus e um Savonarola, caçou um Lloyd Garrison nas ruas de Boston, e no dia mais sombrio que o mundo já viu, crucificou entre dois ladrões, e sob a acusação de blasfémia contra Deus, o Salvador dos homens enviado do céu.

Testemunhar a existência de um mundo espiritual, ensinar aos homens o que eles são e para onde vão, ver espíritos, e ouvi-los falar, proferir os seus nomes, descrever as suas formas e feições, entregar as suas mensagens carregadas com uma centena de provas de identidade, resgatar e salvar até através do seu amor, e tirar a tristeza da morte, seria, pensar-se-ia, considerado uma obra abençoada! Mas não é assim. O homem que possui este poder dado por Deus está entre duas forças opostas, o ceticismo dos grandes intelectos e o despotismo religioso dos pequenos. Para nenhum dos dois o trabalhador na causa do espiritualismo é bem-vindo; quando não abertamente denunciado, é evitado, e com ele os factos que só ele pode demonstrar, e as grandes lições que eles ensinam.

Contudo com o espiritualista reside a esperança de todo o mundo. É ele quem pode provar que Cristo estava de facto cercado por «uma legião de anjos» a um Renan ou a um Strauss, e ele, e apenas ele, que pode dar evidência a um Tyndall ou a um Haeckel da realidade de um mundo sobre o qual eles apenas podem maravilhar-se, se é que alguma vez pensam nele. Ele está na vanguarda do seu tempo.

Por isso é que um chamado homem de ciência declara que a Associação Britânica foi «degradada pela discussão sobre o espiritualismo» em 1876, e um chamado cristão diz numa reunião pública, que «a sua atenção deve ser dirigida para o espiritualismo», com o propósito fútil de esmagar o seu poder.

Tudo isto dificilmente nos deve surpreender. Imaginemos os «editoriais» do *Times* e do *Standard* sobre as reivindicações de Paulo ouvidas pela primeira vez, ou as elevadas ironias da *Saturday Review* ao tomar conhecimento de igual modo do facto de que o «Nazareno» era incapaz de manifestar poder espiritual numa atmosfera de «incredulidade» — por outras palavras, uma efervescente de desconfiança e ceticismo — e que ele tinha reaparecido, não ao inútil Pilatos ou Caifás, mas aos seus discípulos.

É verdade que ele foi traído por um homem sem valor, mas foi condenado no meio de uma satisfação universal por «pessoas altamente respeitáveis», e os primeiros métodos seguidos pelos primeiros cristãos, bem como o seu próprio estatuto social, dificilmente eram suscetíveis de impressionar uma mente romana intelectual. Ridicularizá-los, bem como persegui-los, deve ter sido demasiado fácil.

Precisamos de perguntar quão incapazes os homens que vivem para a hora são de calibrar as forças em trabalho ao seu redor, quão completamente as mal-entendem, quão contraídos, míopes e materiais são os seus processos de crítica? Contudo era longe de ser difícil mesmo na altura ver qual dos dois seria o vencedor sobre as simpatias e inteligência humanas no fim — o frio, egocêntrico filósofo romano ou o invencível, abnegado e expansivo espírito do grande e antigo missionário para o mundo dos gentios. E não é menos fácil ver agora que o que está em harmonia com as necessidades mais profundas do homem, sustentado por aqueles que suportaram por sua causa muitas

tempestades de crítica e condenação, deve ganhar o seu caminho por fim para uma audição entre o povo.

Examinemos brevemente a posição que a nova verdade ocupa como uma grande agência reformadora. Em primeiro lugar efetua, e efetuará ainda mais, uma poderosa reforma religiosa. Dá novas visões de Deus, da Bíblia e do homem. Aponta para Deus como o Criador, não apenas do nosso planeta, mas de todos os mundos, e demonstra a Sua natureza tanto quanto pode ser compreendida pelo homem como a Grande Alma de Amor e Sabedoria, cujo Espírito permeia o universo, e Que governa por leis divinas e imutáveis; coloca as escrituras na posição para a qual a crítica bíblica moderna, o testemunho histórico e as descobertas da ciência já apontaram; mostra o que é humano, lendário e temporário, o que é divino, verdadeiro e eterno, e aceita o espírito enquanto rejeita inteiramente a letra; afirma que a adoração de um livro é uma profanação da alma que deve adorar a Deus e a Ele só, e repudia os credos venerandos mas agora sem vida que foram o resultado de colocar na posição da Divindade um seguidor inspirado e zeloso de Cristo; afirma a verdade da inspiração, e explica as suas leis, mas declara que ela não se confina a nenhuma era nem a nenhuma raça de homens, e que o homem inspirado de hoje é tão digno de ensinar como o homem inspirado do passado; em suma, aceita a revelação e a história sagrada de uma era anterior como contendo grandes verdades e ensinando lições nobres, mas reivindica o direito do homem a aprender verdades maiores e lições mais nobres sempre que lhe possam ser dadas, e a seguir nos passos do Mestre na liberdade do espírito; é em verdade, bem compreendido, um apelo a uma religião racional e prática, e ao crescimento humano.

Procuraria erguer os mais baixos, e extrair e educar os poderes de raciocínio de cada homem. Desenvolveria cada alma. O sabatismo que foi o erro reacionário dos nossos antepassados

puritanos, e que fecharia as fontes de instrução ao povo no único dia em que eles podem ter acesso a elas, é rejeitado pelo espiritualista. Ele aconselha não um dia de prisão para o homem trabalhador, mas um dia alegre de descanso e cultura, bem como de devoção e oração, de acordo com as suas necessidades. Igualmente rejeita e condena lugar e poder num sacerdócio legalizado, tráfico de benefícios eclesiásticos, em sermões manuscritos rotulados de «ortodoxos», impostos sobre o povo para manter crenças «como estabelecidas por lei», e testes religiosos na política. É razoável — esta nova religião, adaptada às exigências do homem, suscetível de o erguer da escravatura mental para um reconhecimento sábio, nobre e ponderado da natureza de Deus e do homem?

Novamente, o espiritualismo revela, como nada jamais revelou antes, a natureza e o destino da raça humana, e anuncia as reformas sociais mais importantes. Mostra que cada ser humano, selvagem ou civilizado, de pele escura ou clara, ignorante ou culto, possui uma alma capaz de um desenvolvimento sem limites, e que não importa o estágio alcançado, essa possibilidade torna-o um filho de Deus. Revela o espírito dentro de todas as coisas, e aponta em letras de luz, esse reino espiritual, esse mundo eterizado, que é adequado à condição e aspirações de uma forma mais elevada de ser do que a que o planeta físico pode sustentar.

Em suma, dá uma resposta razoável e eloquente a esse *para onde*, que é a pergunta sem resposta de tantas almas nesta própria hora, e todas as pragas do fanático e o orgulho do materialista nunca prevalecerão contra esse conhecimento do universo invisível, e essa comunhão agora aberta entre ele e a raça humana que desabrochará até «ao dia perfeito».

E, além disso, o espiritualismo tem uma reverência profunda pelos direitos humanos. Onde quer que ponha o pé, destruiria a escravatura, a guerra, o estrangulamento de criminosos, a tirania

dos governos despóticos, os males de todo o tipo, e mostraria ao homem como viver. Dir-lhe-ia que quantidade nenhuma de arrependimento pode desfazer as consequências da sua transgressão deliberada dessas leis divinas que, compreendidas e obedecidas, trazem o homem em harmonia com Deus, mas que, desconsideradas e desobedecidas, o «reduzem a pó». Tornar-se-á o idiota inteligente porque os seus pais se tornaram, por fim, moderados, mas para ele — pobre rejeitado, arrojado a uma praia desolada! — demasiado tarde?

Cessará o pobre de existir enquanto as condições em que o pauperismo floresce forem encontradas em cada beco apinhado e em cada antro sem ar? Pode a pobre mulher, que foi lentamente morta pela brutalidade e pelo egoísmo, ser restituída ao seu lar terreno, porque o seu marido, após anos de embriaguez e dissipação, foi por fim apanhado dentro do turbilhão magnético de um avivamento? O espiritualismo ensina que o arrependimento deve ser vivido, não meramente sentido, que a redenção deve datar de uma ascendência e nascimento nobres, que a infância deve ser treinada na sabedoria, de modo a que cada vida se possa tornar uma força para o bem desde o seu primeiro sopro até ao último.

Ele percorre a história passada do mundo, com todos os seus registos de sofrimento, as suas lutas, a sua opressão das raças mais fracas pelas mais fortes, as suas civilizações nascentes e decadentes, e contempla uma lei, — a divina do progresso, a evolução do mais elevado a partir do mais baixo, o bem a partir do mal, e ao fazê-lo, afirma que em tempo algum a condição do homem será considerada final, que possibilidades estão diante dele no futuro tão longe do seu alcance como teria parecido o seu progresso do presente além da imaginação do homem de há dez mil anos, e manda-o «ir em frente», e aprender que um «até aqui»

não existe para ele de nenhuma autoridade humana, quer no progresso social, quer na religião, quer na ciência.

Acima de tudo, o espiritualismo no seu sentido mais elevado, e como pregado e vivido pelos seus representantes mais verdadeiros, significa uma reforma gradual mas avassaladora nas relações entre homens e mulheres. E aqui a revelação do presente toma o seu lugar como deve e tem de tomar, acima e além de tudo o que ainda foi dado ao homem por profeta, apóstolo, poeta ou filósofo, quer estes tenham sido inspirados, quer não tenham sido, quer tenham ensinado em nome da religião, ou da filosofia, ou da ciência; e impele-nos a esta reforma sublime em favor da religião mais elevada, da filosofia mais elevada, da ciência mais elevada, e em nome daquele belo cristianismo que, não obstante a igreja, a capela e a ortodoxia, ainda há de governar o mundo. Outras reformas foram externas: esta é interna, e nenhum progresso material, seja ele qual for, poderá jamais realizar o que está ao alcance desta. A voz da verdade que agora nos fala mostra que o homem e a mulher são almas imortais; que os princípios masculino e feminino do ser existiram desde a eternidade do passado, e existirão ao longo da eternidade do futuro; que o próprio Deus compreende estes poderes inseparáveis, que são coextensivos com o universo, para sempre unidos, e que se estendem do Criador ao átomo. Ele eleva a mulher à igualdade espiritual com o homem, e dá-lhe perfeita liberdade: destruiria para sempre as correntes de uma era barbárica que a igreja e o estado ainda se unem para manter em redor dela; faria de cada casamento um sacramento em ato, no qual a mulher, a mãe, seria livre, porque o amor o sagrou e elevou ao plano do divino.

Os chamados cristãos vangloriam-se da posição que a mulher ocupa hoje porque aquela que foi expulsa do templo e da mesquita foi permitida aprender na Igreja Primitiva. Mas não tem havido escravatura no mundo inteiro como a escravatura da

mulher ao homem, e para onde quer que se olhe nestes chamados países cristãos, aí se encontrará ainda a mulher-escrava.* O que torna essa armada de mulheres condenadas, ultrajadas mais até por leis viles do que pelas suas próprias vidas terríveis, possível em cada cidade, em cada vila na nossa terra, e traz a nossa moralidade cristã para o nível do paganismo, ou da poligamia do Oriente? O que torna esta abominável profanação que contagia moralmente toda a sociedade uma «necessidade» dos homens «cristãos»? Os casamentos inarmónicos por toda a parte contraídos até nas nações mais civilizadas. «O casamento», disse William Fletcher num dos seus discursos em transe, «o cumprimento da mais elevada de todas as exigências, está hoje profanado aos olhos do céu! Ledes "o que Deus uniu não o separe o homem". E há outra lei, a sua correlativa, "o que Deus separou, não o una o homem". O que é o vosso casamento terreno? É, por regra, um arranjo comercial. Posição, nome, propriedade e reputação são comprados e vendidos no mercado público; e a grande lei subjacente do amor é a menos compreendida e a menos obedecida.

Naquele outro mundo, porque não houve amor, nem simpatia, entre os dois na vida na terra, eles estarão tão afastados em facto como agora estão em sentimento». O casamento terreno perece com a terra. Por que são feitos estes casamentos? Eles são o resultado inevitável da sujeição legal de uma metade da raça humana à outra. Foi verdadeiramente dito: «Mesmo nas porções mais iluminadas do globo, a opinião expressa é "a mulher foi feita para o homem"».

Às mulheres é diariamente ensinada esta sujeição ao homem em nome da religião, e porque um grande e bom homem se sentou uma vez e redigiu algumas cartas, com variados graus de inspiração nelas, a pessoas que passaram do nosso mundo há quase dois mil anos, e proferiu nelas mais ou menos livremente as

suas ideias sobre a condição feminina, que a sua era o proibia de verdadeiramente compreender, e que não era a sua missão elucidar, elas, que não têm vidas livres próprias, são diariamente sacrificadas nesses casamentos nos quais o amor, a honra e a reverência pela esposa não têm lugar, e a maternidade/paternidade, em vez de ser uma bênção, torna-se uma maldição. É assim que os viciosos, os insanos, os ébrios e os doentes, as crianças indesejadas de mães involuntárias, não cessam de nascer, e os «guias cegos» dos homens falam de um «Satanás» como a origem do mal, e mantêm esta loucura das loucuras em face de tudo o que a verdadeira ciência, e a verdadeira religião, e os factos da vida diária lhes estão sempre a ensinar.

A mulher, a mais injustiçada das criaturas de Deus, o ser cuja condição de esposa e de mãe são tão constantemente profanadas ao mesmo tempo que são tornadas fundamentos para lhe recusar os direitos humanos, como foi serva do homem no passado, é também sua serva no casamento nos chamados países cristãos de hoje. A inferioridade e a sujeição espirituais são-lhe ensinadas no altar; a ela a alma do mundo — por mais esmagada que esteja, e em face da missão desse mundo, que é produzir espírito e coisas espirituais; e quando o deixa ocupa a mesma posição que ocupou em tempos o escravo negro; ela não possui propriedade;* ela não se possui a si mesma; os filhos que serão seus podem ser-lhe arrancados, e o seu marido pode traí-la como os homens diariamente traem as suas esposas sem possibilidade de reparação real; ele pode encarcerá-la, insultá-la, degradá-la, e a lei que é tão forte para os fortes não tem proteção para os fracos. A sua vida pode ser razoavelmente feliz, apenas tolerável, ou insuportável, ela pode tornar-se uma esposa comum, ou pode ser a pior das escravas; está nas mãos do marido a quem a igreja e o estado se uniram para colocar na posição do seu proprietário, e o seu

destino depende da sua natureza, opiniões, generosidade ou capricho. É um facto terrível que «aqueles que governam estados e nações são profundamente ignorantes das atrações interiores que são naturais ao caráter da mulher, e da sublime influência que a sua organização espiritual a qualifica para exercer sobre a raça».

Assim escreve um escritor inspirado do presente, que é um espiritualista em algo mais do que no nome. Com muitas lutas ela conseguiu obter alguma educação, e o direito de assistir na doença às necessidades do seu próprio sexo; mas até um voto lhe é negado, e todas as avenidas maiores da vida e do pensamento são metodicamente fechadas.† Ser mulher é, até agora, dificilmente ocupar o estatuto de um ser humano. É esta a relação entre homem e mulher pretendida por Deus? É este o casamento ideal? É esta a relação harmónica entre os sexos que torna o homem o protetor e inspirador da mulher, e a mulher a esposa perfeita e responsiva do homem? Não. E se o Espiritualismo ensina uma coisa mais do que outra, ensina a necessidade absoluta de espiritualidade; que a religião deve ser pura, e deve ser vivida; que a «serpente» do animalismo deve ser esmagada, não importa em que instituições venerandas procure erguer a sua cabeça; e que a melhor, a mais sábia, aliás, a única reforma que pode salvar o mundo é conceder à mulher perfeita liberdade, e ensinar aos homens e às mulheres que casar por qualquer outro motivo além da afeição mais nobre, e da sagrada afinidade que torna corpos, espíritos e, acima de tudo, as almas dos dois, um só, é um pecado aos olhos do céu que traz um cortejo vingador de males sobre a nossa raça. Nenhuma cerimónia, nenhuma lei, pode torná-lo em algo diferente disto.

A superstição sustentada por alguns membros do clero de que o divórcio que liberta um homem ou uma mulher de um companheiro infiel ou cruel é um pecado, mostra quão totalmente cegos eles estão para a verdade. Nenhuma pessoa que esteja

separada, e cujos ritos na terra possam unir, cuja união contínua possa apenas não raras vezes degradar o corpo e a alma. Através dos casamentos do presente vêm as raças do futuro, e conforme eles forem sábios ou vís, bons ou maus, assim também devem ser os homens ou mulheres por vir.

Este casamento perfeito, raro como possa ser, não é um sonho. Baseia-se numa ciência vindoura. Uma vez que os organismos vitais são uma expressão mais elevada de força do que as formas não inteligentes da matéria, os princípios que fornecerão a chave para o conhecimento real devem ser buscados naquilo que está conectado com a vida criativa, e acima de tudo na vida criativa do homem. Ele é o epítome do mundo, e a força nele tornou-se espiritualizada. Breve como é a sua vida terrestre, ela é intensa e concentrada, e ele possui os elementos de uma força de alma concentrada residente no homem interior que são capazes de produzir um enorme desenvolvimento da raça. Isto pode ser empregue apenas através da lei da harmonia, e pode ser alcançado em primeira instância, e no seu grau mais elevado, apenas por seres humanos que atingiram os últimos estágios da existência terrestre, e são como espíritos materializados em formas terrestres.

No esplendor desta verdade, o celibato é uma impossibilidade, se não um pecado. O casamento da alma é vida. É a condição mais criativa, e portanto a mais divina, uma na qual a própria essência da vida e do pensamento é empregue através da organização interior para espiritualizar, vitalizar, inspirar e fortalecer os dois assim unidos, e para produzir filhos de um tipo mais elevado e mais espiritual. Comparado com o casamento físico, o estado de celibato pode ter tido alguns escassos méritos; contrastado com a união divina é uma condição inferior, na qual a alma é privada dos meios de alcançar o seu desenvolvimento mais

elevado, e os seus «véus pretos» e «capuzes» são verdadeiros símbolos da sua escuridão.

Esta união apenas é a verdadeira pureza; ela apenas é uma força para o bem-estar mais elevado do homem; ela apenas coloca a mulher ao lado do homem como uma mestra, porque ela partilha as suas inspirações mais elevadas; ela apenas pode levar por diante e ampliar o curso do progresso real. A sua possibilidade é produzida pelas faculdades e instintos psíquicos que se abrem, a visão clara, a atração espiritual do homem e da mulher; a sua prova está no resultado da pura inspiração que pode apenas surgir da mais elevada e íntima harmonia de alma e espírito.

É o antagonista daquelas condições materiais que tornam a morte, a doença e a corrupção possíveis, e é a obra de coroamento dos grandes princípios envolvidos no verdadeiro espiritualismo e na vida espiritual. A verdadeira obra de Cristo foi, e é, espiritual; a verdadeira sucessão apostólica, espiritual; a verdadeira igreja, espiritual; a verdadeira moralidade, espiritual; e além de tudo, é o verdadeiro casamento, espiritual.

Este casamento de amor puro, no qual o egoísmo não tem parte, e no qual tudo o que é mais nobre, e santo, e elevado nas suas naturezas, atraiu duas almas para sempre juntas numa unidade mais íntima, é o belo poder que trará anjos entre nós, e restaurará o mítico Éden perdido ao homem. Já não será ele então «nascido da carne», e o herdeiro do pecado, mas do espírito, o divino, de Deus. Filho será ele da imortalidade, e a longa promessa e profecia do mundo será por fim cumprida!

- *Pelo menos 50 000 «infelizes» conhecidas existem só em Inglaterra, algumas delas muito jovens, algumas apanhadas na armadilha do vício — a história do tráfico em Bruxelas não está isolada —, algumas forçadas a isso pela pobreza. Em certos distritos estão sob vigilância*

policial, e estão sujeitas, com o mínimo de provas, a um tratamento profundamente desmoralizador para todos os envolvidos. Alguns casos de suicídio ocorreram no caso de raparigas inocentes vitimadas por estas leis.

- *A reforma na questão da propriedade ocorreu por fim na aprovação do Married Women's Property Bill de 1882.*

† Em 1871, na discussão sobre o sufrágio feminino na Câmara dos Comuns, um dos membros citou a «maldição» no Génesis como um decreto divino para a sua sujeição eterna, e a «punição da mulher» foi aclamada! E no presente ano um deputado com as mesmas ideias opôs-se veementemente à ideia de uma mulher casada possuir a sua própria propriedade, citando o mesmo texto como «a lei de Deus». Tais são os efeitos da instrução teológica precoce.

Se, como Gladstone declarou recentemente, «o primeiro e mais elevado de todos os testes a serem aplicados a uma igreja nacional é a sua tendência para promover nos seus ministros e membros a formação de um julgamento moral são sobre as matérias mais graves da lei, justiça, misericórdia e liberdade», o que diremos nós de testes como estes? Uma teologia como esta e os factos descarados das nossas grandes cidades lembram, até um ponto de provocar náuseas, Luís XV, com o seu *Parc aux Cerfs*, e o seu zelo pela «ortodoxia».

Encerro com a contemplação desta reforma divina. Ela significa o reino de Cristo. Para o materialista pode ser utópica. Não me importa. Um dia ele reconhecerá as verdades a que tão inadequada expressão foi dada nestas páginas, e ele, como o espiritualista fervoroso do presente, saberá que o homem mesmo agora é apenas o germe do que se pode tornar, e que o homem psíquico, ou espiritual, no qual o poder da alma está totalmente

desenvolvido, realizará coisas com que nem sequer podemos sonhar.

Um deu-se já a si mesmo — uma vida perfeita foi já vivida pela raça humana. Terá essa vida «tirado o pecado do mundo»? Ainda não. Irá tirá-lo? Sim, porque ele é «o caminho, a verdade e a vida» — o caminho pelo qual os homens vão ao Pai, a verdade apontando o design do mundo, e a vida imortal que há de ser partilhada por fim por todos os homens. Esta é a obra de Cristo, e ele, filho do Espírito e da pura e fiel Maria, é o grande emancipador da mulher, e o esmagador da «cabeça da serpente» do mal. Um fragmento permanece na carta de Clemente, um seguidor de Pedro e contemporâneo de Paulo, tendo, como diz Irineu, «visto os apóstolos e conversado com eles», na qual o inspirado Nazareno terá respondido a um que perguntou «quando viria o seu reino»: «Quando dois forem um, e o que está de fora como o que está de dentro, e o masculino com o feminino nem masculino nem feminino». Uma verdade tão além do seu tempo caiu incompreendida nos ouvidos daqueles ao seu redor; e a resposta nunca foi compreendida. Foi sem dúvida proferida por aquele cuja missão só poderia ser totalmente realizada numa era futura, e é um eco dessa grande vida apanhada e levada ao longo das brumas dos séculos, até que o seu significado se tornasse manifesto à luz de uma aurora que regressa.

O nobre destino da raça reside na direção do desenvolvimento perfeito da mente, alma, espírito; força do espírito; beleza do corpo; pureza da alma; e as relações corretas entre homens e mulheres — «poderes iguais» — resolverão os problemas das eras, e farão, não um homem, como John William Fletcher, que sofre pelo seu santo dom, um fenómeno entre os seus semelhantes, mas toda a humanidade, e num futuro próximo — uma raça de videntes.

«Fala, história! quem são os vencedores da vida? Desenrola os teus longos anais e dize, São aqueles a quem o mundo chamou vencedores, que ganharam o sucesso de um dia? Os mártires, ou Nero? Os espartanos, que tombaram no encontro de Termópilas? Ou os persas e Xerxes? Os seus juízes, ou Sócrates? Pilatos, ou Cristo?»

«Sem anúncio e sem atenção As revelações de Deus vêm; Os Seus profetas perante os seus escarnecedores Estão resolutos, contudo mudos; Mas mil anos de silêncio, E o mundo cai para adorar, E beijar os pés dos mártires Que crucificaram antes!»

CAPÍTULO XV

«AD LEONES!»

HÁ QUASE dois mil anos prevalecia por todo o Oriente a crença de que algum escolhido, algum mensageiro do céu, deveria aparecer na terra sagrada da Judeia, que deveria conquistar o mundo. Profetas tinham-no longamente profetizado, o povo acalentava-o como parte da sua religião, astrólogos liam-no nas próprias estrelas. Mesmo os videntes de outras nações, como Zoroastro, profetizaram o advento de um tal Oshandervega, o Homem do Mundo, que realizaria algo pela humanidade como ela nunca tinha testemunhado antes.

O período há muito esperado chegou por fim, anunciado por uma conjunção tripla de dois grandes planetas, um período de sacerdotalismo morto, de materialismo, e de uma fé moribunda, e com ele apareceu um indivíduo numa posição humilde na vida na aldeia de Nazaré, que, após uns trinta anos de obscuridade e silêncio, de repente veio para o meio do povo como um mestre inspirado. Durante três anos, este homem, cercado por um pequeno grupo de seguidores, foi de cidade em cidade, e de aldeia

em aldeia, falando de um Deus de amor, condenando o ritualismo da igreja judaica, curando os doentes por um maravilhoso poder magnético, vivendo uma vida de perfeita pureza, contudo ignorando, com uma ousadia nascida de uma suprema grandeza moral, modos convencionais de pensamento e ação, e finalmente, proclamando-se audaciosamente a si mesmo como sendo este Cristo há muito esperado.

Nos cumes das montanhas e no deserto ele orou e buscou força e venceu tentações humanas; no pequeno lugarejo de Betânia ele descansou entre quase os únicos amigos que tinha; no meio do povo, ele foi quase como um espírito, ansiosamente acotovelado pelos caçadores de maravilhas, ignorado pelos intelectuais romanos, tido em desprezo pelos padres, e em quem acreditava plenamente talvez nem um só ser no mundo.

Os seus seguidores viam nele o Messias, um que devia reinar como um príncipe reconhecido, e eles com ele como escolhidos, e quando este Homem sem igual, real apenas na sua natureza espiritual e no reino extramundano da alma que devia conquistar, proferiu as majestosas palavras de que «o seu reino não era deste mundo», e que para ele a vitória só poderia surgir da morte, eles recuaram, e consideraram-se quase como aqueles que tinham sido enganados ou iludidos. Entre aqueles mais proximamente conectados com ele estava um tal Judas, que tinha sido atraído para a sua obra por objetivos terrenos e egoístas, e que perante o fracasso destes, e totalmente incapaz de compreender a vida pura e sublime à qual tinha sido ligado, caiu sob as influências da calúnia e oposição que a cercavam, e que viam naquele que mais amava a humanidade, e mais do que tudo se compadecia da humanidade degradada e sofredora, — o «comilão e bebedor de vinho», o temerário escarnecedor de costumes venerandos, o íntimo de mulheres de má reputação, e o «amigo dos pecadores».

O fim chegou. Inspirado com uma firme crença na sua missão divina, este homem, cansado de multidões, e imprecações, e conflito com cada forma de ceticismo, ergueu-se uma vez mais com uma coragem extramundana, e entrou publicamente na altiva cidade que tinha testemunhado o martírio de tantos dos videntes de Israel. Em poucas horas ele foi traído por este mesmo Judas, aquele que tinha comido com ele e o tinha beijado, foi preso, e, abandonado por todos os seus amigos, acusado como um impostor pestilento, ávido de honras terrenas, perante o indiferente e desdenhoso governador romano, e um pouco mais tarde esteve por fim como um criminoso condenado perante o irado sumo-sacerdote.

O perjúrio fez a sua obra; as verdades ditas a meias, ou mal compreendidas, e as mentiras das falsas testemunhas foram demasiado ansiosamente recebidas; o povo que em tempos se acotovelava para ver e ouvir era descuidado ou até abertamente hostil; as autoridades estavam determinadas a suprimir o que ameaçava os interesses da religião, da moralidade e da ordem, e em pouco tempo um condenado trémulo foi levado para fora, e pelo único crime de dizer a verdade, agir em pureza destemida, e ser fiel ao impulso mais grandioso da sua vida, executado fora das muralhas da cidade por uma morte lenta de tortura, entre dois ladrões.

Assim, há quase dois mil anos, passou a Luz da Palestina. E assim, também, através desta única traição infame, deste julgamento simulado, desta crucificação, foi o grande objetivo alcançado e a grande verdade nascida, da Imortalidade. Os breves trinta e três anos tinham feito a sua obra. Eles falharam em matar este Cristo, em esmagar a mensagem escrita na sua fronte, e na sua natureza, ele venceu o mundo, quebrou os grilhões da matéria, e esteve entre os seus amigos maravilhados, apenas poucas horas após o golpe de morte aparente em todas as suas esperanças, uma

ressurreição e uma profecia, e como um que tinha ganho o seu caminho para uma altura que é até agora não reconhecida pela raça humana.

Foi isso que chamou Paulo para enfrentar açoites, naufrágios e prisões, para proclamar bem alto que o criminoso crucificado da Judeia era o seu «Messias» há muito esperado, e é isto que tem feito da tragédia de Jerusalém a esperança de milhões que adoram Cristo como Deus, e que se o tivessem visto quando ele estava na terra teriam apenas juntado a sua voz ao grito cruel de «Fora com ele! Crucifica-o!».

Teria este crime de matar os mensageiros de Deus, de procurar esmagar a verdade pela força, nunca sido repetido desde então? Infelizmente! Tem sido repetido ao longo das eras, e nunca houve uma única alma suficientemente forte para dar nova luz ao povo que não tenha seguido nos passos do Mestre, e sofrido uma crucificação da vida interior ou exterior como só essa alma conhece.

O orador da verdade é o proscrito social, o blasfemo, — louco, vil, um impostor, um malfeitor, um ladrão, um homem odiado e caçado. Este século não é menos culpado do que os séculos que viram Bruno perecer em agonia na fogueira por realizar uma visão mais elevada da natureza, ou Servet por atingir uma visão mais elevada de Deus. É um século que está cheio do triunfo da ciência física, da invenção, do progresso material, de buscas utilitárias ansiosas, e odeia a demonstração da alma, que todas estas coisas realmente são.

A mente por si só descobre e inventa; o poder espiritual indireto é a força-motriz crescente da nossa terra; o poder espiritual direto será a conquista do homem sobre o seu planeta. Hoje o telefone transmite; amanhã o espírito deixa o corpo e fala. As provas desta agência espiritual direta estão nas mãos de uma

única seita odiada, — os espiritualistas, e para estes mesmo na era presente, os homens têm apenas duas palavras, e elas são — tolo, ou impostor. O médium, o homem que pode ouvir uma voz que outros não podem, que pode ver uma visão para a qual outros são cegos, deve ser perseguido, se possível, processado, e enviado para a prisão entre bêbados, ladrões e os criminosos mais baixos.

Houve um paralelo hoje demasiado marcado para ser esquecido, quando a hora do reconhecimento chegar, com a história sagrada com que este capítulo foi prefaciado.

O ano de 1881 tem sido há muito visto como um ano em que algum acontecimento ocorreria de marca mais do que comum. Esse ano viu, como no tempo de Cristo, o começo do periélio de certos planetas, e foi também o encerramento de trinta e três anos daquelas demonstrações da imortalidade humana conhecidas como espiritualismo moderno. Em 1848, que foi verdadeiramente chamado «o ano das revoluções», quando todos os «reinos da terra» pareciam «abalados», esse grande e significativo movimento começou, e o ano de 1881 viu acontecimentos físicos e morais que tinham uma voz para aqueles que podiam ler os seus sinais.

Testemunhou terramotos, a queda de duas cabeças coroadas, a revisão (um golpe de morte para a «inspiração verbal») do que é chamado o Novo Testamento, a discussão pública de manifestações espirituais num congresso eclesiástico, e aquelas perturbações revolucionárias que estão inquestionavelmente conectadas* com influências planetárias ocultas das quais a ciência ordinária realiza quase nada.

Na Grande Pirâmide, uma estrutura astronómica, astrológica e matemática encarnando verdades religiosas e científicas conhecidas dos iniciados do passado, e apontando para o desdobramento espiritual humano como nenhuma outra

construção jamais fez, os sinais foram neste século descobertos por aqueles que nada sabem

> • *A contar das perturbações terrestres que começaram em novembro de 1880, até ao encerramento do ano seguinte, consta que 244 terramotos tiveram lugar, sendo os de Quios e Isquia muito desastrosos.*

do seu grande inspirador, das leis que ligam o universo, e da possibilidade de prever todo o desenvolvimento da nossa terra desde a era da rocha ígnea até à era angelical do homem. Aparentemente foi construída para perpetuar a memória de um rei egípcio. Na realidade representava um templo; as suas câmaras tipificavam os estágios misteriosos atingidos pelo antigo hierofante, culminando na vitória do espírito, e portanto num sentido profético para as lutas da nossa raça de acordo com leis fixas em alcançar a sua conquista final sobre a matéria. É um grande símbolo de imortalidade; uma profecia da obra de Cristo no passado, e da vindoura era espiritual do homem. Apontava para a época planetária de 1881. Muitos esperavam o que chamavam o «encerramento da dispensação cristã»; viam «os números místicos cumpridos»; outros profetizavam o aparecimento de algum homem notável, enquanto a maioria aludia às antigas profecias com um sorriso e seguia o seu caminho, indiferente a qualquer que pudesse ser a perda ou ganho do mundo.

A Páscoa desse ano foi marcada por uma grande conjunção planetária semelhante àquela tripla do passado, que em conexão com a posição da lua formava no céu, como foi observado na altura, o singular e quase pavoroso sinal da cruz. E nesse período ocorreu um acontecimento tão sem marca como foi a crucificação do passado, salvo pela indignação pública que foi descarregada sobre um ser humano solitário, uma médium, nascida no ano de nascimento da sua causa, e que esteve no banco dos réus no Old

Bailey, em Londres, em julgamento, porque era uma espiritualista, e podia portanto ser acusada de uma «falsa pretensão».

Essa mulher era Susan Willis Fletcher, que veio três mil milhas através do Atlântico para enfrentar Bow Street, o Tribunal Criminal Central, condenação, condenação pública, e uma prisão inglesa, para vindicar a verdade. E ela, também, era inocente e heroica como qualquer dos mártires que tinham ido antes dela.

Uma vez mais houve a traição por aqueles que deveriam ter sido os seus apoiantes mais verdadeiros na grande causa da verdade; houve o perjúrio, as verdades ditas a meias, as perversões de factos inofensivos, os maus relatos, o abandono dos amigos, o preconceito público, os insultos tanto da imprensa, como do advogado, e do juiz, e a condenação cruel e imerecida com base no único testemunho de uma mulher cuja palavra foi aceite sem questionamento sobre cada ponto.

Profetizado como foi nestas páginas, ocorrerá ao leitor que tudo isto fazia parte de um plano há muito arranjado, que o espírito de Judas foi chamado como antes para realizar o seu papel, mas a responsabilidade de todos os que estiveram envolvidos nessa acusação não é menor. A acusada estava indefesa, impotente, e sem ser ouvida; a boca da sua testemunha principal, um homem de posição, bom caráter e integridade, foi, por uma plausível técnica legal, fechada.

Ela regressou da América no final de 1880 totalmente avisada de que seria presa, e foi caçada por detetives, que chegaram a vir a bordo do paquete para prevenir qualquer oportunidade de ela alcançar Londres em liberdade. Ela tinha estado doente na viagem, doente antes de deixar Boston, e foi levada, doente e a sofrer, para Clerkenwell, após a primeira assustadora acusação ter sido trazida contra ela no tribunal de polícia de Bow Street,

durante uma semana. Ali vi-a, de joelhos na pequena grade na porta da sua cela, com as lágrimas a rolarem-lhe pelas faces, e disse: «Não teria sido melhor se tivesse permanecido em Boston?», e mesmo ali ela teve a fé e a coragem para responder: «Não; é melhor como está». O seu único crime foi abrigar uma mulher que lhe apelos por refúgio e proteção, e consentir relutantemente em tomar conta da sua propriedade enquanto, e não mais do que, ela o desejasse, mantendo-se com o seu marido responsável pelas despesas da habitante do seu lar.

A uma palavra o assunto poderia ter sido rearranjado em paz, mas nunca foi feito, e embora tudo isto não tivesse conexão alguma com comunicações espirituais desde o início ao fim, Susan Fletcher era uma espiritualista e uma médium, e isto é na lei inglesa, uma falsa pretensão e um crime. Ela estava no poder dos seus inimigos. Não preciso de recontar os factos. São conhecidos de muitos cuja simpatia e indignação foram despertadas pelo conhecimento de que um grande mal foi perpetrado, — uma perseguição, — uma que é em verdade vergonhosa para Inglaterra e para a sua legislatura.

O que tinham William e Susan Fletcher estado a fazer durante a sua residência em Londres? Simplesmente a testemunhar a verdade. William Fletcher, um homem de vida e caráter singularmente puros, apelava ao povo de semana para semana por um cristianismo mais elevado, por menos religião externa e mais espiritual, e o resto do seu tempo era ocupado em dar aquelas provas de existência de espírito enquanto em transe que eram mais suscetíveis de trazer convicção àqueles que vinham a ele. Reforma religiosa e a imortalidade do homem! — me parece que ele também não fez mais nem pior do que um que andou outrora pelas margens da Galileia!

Susan Fletcher era ativa tanto no trabalho de caridade como social, sustentava o seu marido, acolhia alegremente todas as

classes de pessoas, ricos e pobres, pecadores e injustiçados, no seu lar, e vivia a teoria que de todas as outras mais o exige — a saber, que homem e mulher podem ser amigos íntimos e contudo, serem puros, e que todo o verdadeiro amor e simpatia que seres humanos podem dar e receber são dadores de vida e enobrecedores se mantidos no seu nível mais elevado. Sobre assuntos sociais ela tinha o espírito de um reformador — de facto, pertencendo tão verdadeiramente ao futuro que dificilmente poderia esperar ser reconhecida como uma das mulheres mais raras do nosso tempo — uma, na verdade,

«dentro da medida de cujo peito Habita o amor humano com o amor de Deus, Que encontrou o descanso mais verdadeiro da vida;»

uma que vivia acima e além de todo o pensamento de sexo como é compreendido por homens e mulheres comuns, cuja alma abraçava a terra, era vasta como a humanidade, e contudo, pairava em direção ao infinito. Mas o mundo tem vivido há tanto tempo na hipocrisia que a honestidade e a pureza e a liberdade o ultrajam; odeia os seus cantos sombrios, os seus pântanos silenciosos, os seus males sem voz que não podem suportar luz alguma, menos do que tudo a luz de uma presença pura — demasiado bem. Maus relatos minaram a bela obra de que os Fletcher eram os instrumentos antes de deixarem Inglaterra. Foi dito que eram pessoas sem reputação, falsas aos seus princípios, associadas, em verdade, de «publicanos e pecadores». Para ambos, na verdade, uma Madalena era uma mulher ainda; um homem de impulsos egoístas e mundanos um ser que poderia ser tocado para uma vida mais elevada; eles prosseguiram destemidamente o seu caminho, e os seus caluniadores, nestes respetivos aspetos, léguas abaixo deles, prosseguiram o seu.

Dificilmente posso transmitir o caráter da Sra. Fletcher melhor do que em palavras que descrevem um homem «que», diz

o escritor, «tinha a natureza ideal do leão nele, toda a dignidade e gentileza, o clarão súbito de ira, o perdão, a ausência de todo o rancor, malícia e falta de caridade. Ele era o homem mais amoroso, o menos odioso. Infelizmente a sua confiança em homens e mulheres — transcendia toda a discrição». Dela isto é notavelmente verdadeiro.

Ela disse com sentimento, no ano que viu o seu sofrimento começar: «Antes preferiria confiar e ser enganada do que suspeitar sem causa», e a coragem e independência da sua natureza fizeram dela um alvo de crítica desde o início. Ela era a encarnação da liberdade espiritual, uma liberdade que julga as coisas não como parecem, mas como realmente são. Se não houvesse mal real numa ação, a Sra. Fletcher fá-lo-ia, não importando o que as pessoas pudessem dizer; se considerasse algo errado, por mais correto aos olhos de outros, deixá-lo-ia por fazer com a mesma indiferença ao veredito geral. Ela era uma das muito poucas que realmente possuem a sua própria alma, e não se curvam nem a homem nem a mulher, e isto o mundo nunca perdoa. Para uma médium reivindicar tal posição, era uma ofensa para muitos que equivalia a um crime.

Contudo esta atitude ousada, com o seu resultado inevitável, — é o que é exigido para dar vitalidade real a uma grande causa, e trabalhadores que se curvam à opinião flutuante nos supostos interesses de uma verdade ou de um princípio, não criam nem oposição contra ela, nem crença na sua realidade. São pisados por mera indiferença, e a indiferença é a atmosfera da morte.

As pequenas fraquezas que podem ser discernidas em cada grande caráter que é conhecido da história, podem ter-se apegado não menos a ela, mas apenas aqueles que habitam ao nível das niquices poderiam ser cegos para a grandeza real e pura liberdade da natureza que faz dela uma mulher representativa na causa do progresso humano.

Pode ser verdade que tais almas fazem a sua própria oposição; desconsideram o preconceito, e tomam a sua posição em princípio não testado; ultrajam suscetibilidades tímidas e ortodoxias de todo o tipo, e são inspiradas com o espírito da verdade, ainda não ligado à experiência geral, não adornado com os crescimentos caseiros e as associações do tempo; por mais puros que sejam os seus sentimentos, as suas vidas, as suas almas, são os malfeitores e os caluniados do seu dia, tal como são os profetas e os pilares do futuro.

Deus e a natureza batem fortissimamente neles; eles despedaçam as convencionalidades imorais dos seus semelhantes, trazem o céu mais perto da terra, e conscientes da sua missão, passam de bom grado pelo inferno inevitável eles próprios. O homem vagueia tão longe da pura verdade, os seus raios cagam-no tanto, ele ama as suas ruínas sagradas pela antiguidade tão bem, que golpeia o braço estendido para salvar.

Sim; eles criam a sua própria oposição, porque os homens veem niquices mais facilmente do que grandes realidades. As espigas colhidas no campo de trigo no dia de Sábado é a má ação sussurrada de um para outro; as grandes inspirações triunfantes respirando um estágio mais elevado de vida no pensamento e na ação, são esquecidas, a ideia de «malfeitor» torna-se plausível, — a crucificação possível, até louvável; a maré de ódio surge, o ato que nunca pode ser expiado, «porque não sabem o que fazem», é cometido; o mensageiro desconhecido passa, e a sua causa imortal permanece para vindicar a sua vida destemida, a sua missão, a verdade que nunca pode ser esmagada. Tais sofrem, devem sempre sofrer, pela lei das suas vidas. Contudo encarnam uma nova era, e os seus impulsos mais elevados vêm através deles, e apenas deles.

Além disso, um médium que, como William Fletcher, ousou manter um teto respeitável sobre a sua cabeça pelos seus próprios

esforços não ajudados, misturar-se na vida social, vestir-se e viver como um cavalheiro, e manter a sua posição como um homem, que não fez, e não tinha a intenção de habitar num canto e praguejar contra todos os outros, e que não toleraria nem patronato nem insulto quer de espiritualista quer de cético, era naturalmente um ser que o «verdadeiro trabalhador espiritual» deveria piamente evitar. Uma tal vida por si só para aqueles que a não tinham atingido era desesperadamente errada.

Quando chegou a altura de ele tomar o único período de descanso que tinha tido durante três anos, o inimigo que se tinha esgueirado para o seu lar encontrou muitos demasiado prontos para a sua traição, e os primeiros sons das calúnias nos jornais americanos, e do tribunal de polícia de Boston, foram saudados com triunfo como a há muito esperada queda dos Fletcher.

Em Inglaterra havia, para sua eterna desonra, aqueles que estavam apenas demasiado ansiosos por levar a cabo a guerra e esmagá-los; o seu lar foi saqueado na sua ausência, as suas cartas removidas, e um mandado de captura emitido para os perseguir de novo. Malícia e amor de vingança da parte de alguns, e uma lamentável falta de coragem da parte de outros, combinaram-se para trair a eles e à sua causa da mesma forma perante o preconceito público e os tribunais da mal chamada justiça que são os seus instrumentos, e foram desafiados a regressar.

Arrastar os Fletcher no pó valia o preço da verdade do espiritualismo, e foi ansiosamente pago. Eles foram, na verdade, chamados, como tinha sido profetizado sete anos antes, a sacrificar cada posse terrestre por causa do princípio, e inspirada da mesma forma com a consciência da sua inocência, e da grande realidade que literalmente se impôs à consciência da nossa era ocupada e involuntária, Susan Fletcher, que já contou a história da sua vida demasiado totalmente para tornar necessário que eu reverta para os seus factos, ousou enfrentar o máximo que poderia

ser feito para destruir a reputação, o lar, a felicidade, até a própria vida, e no trigésimo terceiro ano do espiritualismo moderno elevou-o na hora da sua crise para o seu lugar correto, como uma causa que, por mais não reconhecida, tem os seus heróis e as suas heroínas e os seus mártires, não menos do que o cristianismo primitivo, da mesma forma «por toda a parte difamado», do passado.

Este encarceramento de uma médium na grande Babilónia moderna do mundo, cheia de todas as coisas que apelam aos sentidos e ao prazer de uma hora, e morta para a vida interior do homem foi o acontecimento planeado do ano de 1881.

CAPÍTULO XVI

SÓ NA AMÉRICA

«Eles são os pássaros caçados, De peito perfurado e a sangrar.»

ANTES de a tempestade que há tanto tempo se vinha silenciosamente a formar desabar sobre os Fletcher, William Fletcher foi propositadamente removido de Londres, o lugar onde estava destinada a culminar. Um homem, que em verdade vivia em dois mundos ao mesmo tempo, e que possuía a extrema sensibilidade resultante da tensão de viver sob condições espirituais muito à frente da era presente, ele teria imediatamente sucumbido sob o terrível fardo de um julgamento público, e teria recebido quase antes de as portas da prisão se abrirem, uma sentença de morte.

Disto o mundo dos espíritos determinou, não obstante os seus próprios impulsos ansiosos e imprudentes, protegê-lo, enquanto lhe foi permitido enfrentar sozinho uma quantidade de angústia

mental e aberta crueldade e injustiça, perante a qual o espírito mais forte poderia bem vacilar.

Ao espírito Winona tinha na verdade sido permitido avisá-lo muito antes, mas tinha parecido na altura desnecessário e quase sem coração agir com base nas suas palavras relativamente a uma pessoa que parecia enviada para os abençoar e ajudar após uma longa luta, e a quem tinham esperado fazer feliz em troca. Nem até o golpe ter sido desferido ele realizou a sua fidelidade, e foi então que escreveu de Boston: «Oh, que eu tivesse confiado mais na minha querida Winona! então tudo teria corrido bem. Espero uma luta longa e dura antes de ser capaz de me colocar corretamente perante o mundo».

Doente do corpo, doente do coração e muitas vezes quase a desmaiar sob o peso grave da sua cruz, ele prosseguiu com a sua obra de dar palestras e descrever os espíritos que via com uma coragem que nada parecia vencer.

Aquando da partida da sua esposa, a quem ele amava menos com a devoção especial do homem pela mulher do que com o culto entusiástico de um devoto por uma santa que fora a guardiã da sua vida e a sustentadora da sua obra, ele apresentou-se imediatamente e com bravura perante o povo a todo o risco, e enfrentou calmamente tudo o que a imprensa, a calúnia popular e a brutal malícia de muitos dos seus colaboradores na causa podiam fazer contra ele. Mesmo a sua clarividência era por vezes um dom cruel. No dia da chegada do paquete que a transportava para Inglaterra ele viu numa visão a prisão dela, e leu no dia seguinte o cabo que a confirmava nos jornais de Boston.

Durante todo o inverno de 1880 e 1881 ele deu palestras em Filadélfia, Lowell, Portland e muitos outros lugares, dando em cada um deles descrições de visões que foram justamente

descritas como «sem paralelo na história das experiências psicológicas ou de clarividência».

Na própria altura do julgamento da sua esposa ele dirigiu-se a uma assistência de 3000 pessoas num grande aniversário do espiritualismo no Boston Music Hall, e que lei nenhuma na terra, oposição nenhuma, miséria nenhuma jamais dobrará o espírito de um verdadeiro médium pode ser provado pelas suas próprias palavras numa carta privada que tenho em minha posse, e na qual ele escreveu: «Não tenho mais lágrimas para derramar. Perco-me no trabalho, trabalho incessante — trabalho que leva toda a força de que sou possuidor e me deixa à noite cansado e esgotado, e contudo firme no propósito».

Alguns começaram a reconhecer o espírito devotado do homem, e um, ele próprio um sofredor na causa antiesclavagista, o Dr. J. Murray Spear, de Filadélfia, ergueu a sua voz em seu favor com uma clareza de perceção e uma nobreza de sentimento que fazem com que as suas palavras mereçam ser permanentemente registadas.

«Sendo», disse ele, «um dos primeiros médiuns desenvolvidos na América, e agora provavelmente o mais antigo, tenho visto e estudado a mediunidade em todas as suas multifacetadas formas, e tenho opiniões consolidadas relativamente aos poderes e usos desta classe de pessoas.

Alguns deles navegaram em mares tranquilos e foram honrados, enquanto outros, bastante mais fiéis às suas convicções, foram desprezados e rejeitados porque usados em formas que violavam os padrões populares da sociedade, da moral e da religião. Socialmente ostracizados, ou negligenciados por aqueles que podiam mas não os ajudavam, alguns bons médiuns, ficando desencorajados, foram compelidos a procurar outras ocupações e a retirar-se para a vida privada.

Outros enfrentaram nobremente as tempestades da perseguição e tornaram-se trabalhadores mais fortes e mais devotados. Entre os últimos nomeados encontra-se John William Fletcher. Enquanto falava em Filadélfia durante os meses de março e maio, desfrutei de frequentes e favoráveis oportunidades de o ouvir e observar em público e em privado, e li atentamente o que os jornais de Inglaterra e da América disseram dele, e tenho a elevada satisfação de o acreditar tão afastado dos motivos vís e práticas baixas que lhe são atribuídos, a ponto de dificilmente ser capaz de compreender as imputações feitas ao seu caráter. Ele seguiu adiante, sem se queixar e de forma viril, na obra que o chamou para aqui, comandando assistências maiores e mais apreciativas de semana para semana, não fazendo referência em público e dificilmente em privado às pesadas aflições que repousavam sobre ele, ou aos ataques cruéis e maliciosos de pessoas tanto dentro como fora das fileiras do espiritualismo.

Sustentado por uma retidão de propósito, tornou-se um mestre religioso e espiritual mais capaz. Jovem, agradável nas maneiras e na pessoa, com uma voz forte, clara, suave e persuasiva, de uma natureza devota e religiosa, dissertando de improviso com graça e facilidade, ele trata os seus temas com uma beleza, candura e força raramente superadas por qualquer orador nas nossas fileiras, e está, acredito, destinado a erguer-se acima da suspeita, e a alcançar as mentes e os corações dos liberais e inteligentes em toda a parte».

Com as notícias da condenação da sua esposa, ele ficou muito doente com um ataque de febre cerebral, e ficou completamente incapaz por algum tempo de prosseguir com a sua obra. A sua carta de resposta continha estas comoventes palavras: «No meio das sombras da pavorosa realidade sento-me curvado por uma dor cujo fardo parece quase insuportável. O que posso eu dizer, o que posso eu fazer? O fim chegou, e aquilo que eu conhecia como a

cena final desta tragédia foi agora representado. Os poderes do inferno prevaleceram por um tempo, e não preciso de acrescentar que a coroa de espinhos me está a perfurar de lado a lado, e estou despedaçado por mil dores. Indagada a noite sabia que o fim tinha chegado, vi a Bertie; ouvi o seu grito solitário como um lamento vindo da escuridão, e sabia que hoje ouviria o pior. Oh! se ela não tivesse ido para Inglaterra, mas foi decretado pelo céu».

E aqui na verdade ele bateu na nota-chave. A vergonha não podia tocar o espírito dela nem o sofrimento esmagá-lo; ela tinha obedecido ao decreto do céu, e o resultado estava com Deus. Susan Fletcher no fato de prisão em que a contemplei era uma mulher mais honrada do que uma rainha no seu manto de púrpura; ela usava a insígnia que a terra deu aos seus mais nobres e melhores.

Cada esforço para a sua libertação foi estranhamente frustrado; investigações renovadas foram evitadas e afastadas; os arranjos feitos por William Fletcher para um apelo ao Governo Americano foram tornados nulos pelo assassinato súbito e morte final do Presidente; o apelo ao Ministro do Interior inglês, com as suas provas fortes de testemunhas respeitáveis e fiáveis, foi tratado como era esperado, de acordo com a rotina oficial; a imprensa, quase sempre cobarde e inverídica nos seus ataques aos espiritualistas, manteve, com uma exceção local,* o silêncio subserviente que é o último mal infligido ao injustiçado; ninguém pediu a verdade do assunto, ninguém se importou com a justiça. E assim o longo e cansativo tempo prosseguiu, até que por fim os factos saíram entre algumas pessoas influentes, e uma reação silenciosa começou em ambos os países.

Isto deu nova vida a William Fletcher, que tinha ganho grandemente em força espiritual, e na primavera de 1882 ele escreveu por fim: «Não tenho pesares. O meu desejo é viver nos corações do povo, aliviar o fardo cansativo do trabalho e da dor, e

deixar entrar a luz do sol de um dia mais brilhante, cujos raios claros hão de dissipar as sombras da dúvida e do desespero».

Que esta aspiração foi cumprida muito mais totalmente do que ele jamais soube, em muitas vidas, pode ser reconhecido da leitura dos registos de algumas entre as centenas de descrições de clarividência que ele deu a estranhos dos seus amigos espíritos, incluindo nomes, datas, cenas, mensagens, que bateram como setas em muitas mentes céticas, e caíram como a luz do sol sobre muitos corações tristes e solitários.

Citar das numerosas instâncias que jazem diante de mim encheria um capítulo apenas; fossem todas impressas com os nomes das testemunhas, como lamento profundamente que não possam ser, volumes seriam preenchidos de um caráter a convencer qualquer intelecto capaz de raciocínio ordinário. Dou uma ou duas de entre um grande número relatado na altura, como servindo para mostrar a sua natureza.

«Há», disse ele, «uma senhora aqui» (descrição dada) «que dá o seu nome; ela pede por L. T. B., e diz que ele é o seu marido». Uma longa comunicação relativa a assuntos privados foi então dada. Ao fecho um cavalheiro ergueu-se e declarou o teste verdadeiro em cada pormenor, e disse que estava a passar pelo salão e, vendo o anúncio, entrou.

Ao fecho de outra palestra ele disse, após dar uma variedade de descrições reconhecidas: «Vejo um barco deixar a doca contendo cinco pessoas. Regressa com uma. Vejo-as a lutar pela vida na água. Todas, salvo uma, afundam-se. Agora a cena muda. Os afogados aparecem em espírito. Sobre cada uma das suas cabeças está um nome, dois dos quais não consigo ler». (Ele deu os outros.) «Com eles vem um amigo que recentemente deixou a forma terrestre. Um deles diz: 'Isto foi há vinte anos'». Vários ergueram-se na assistência e verificaram o caso.

O registador desta visão particular comenta sobre a pessoa e aspeto do médium como conferencista, com uma penetração aguda em forte contraste com os comentários que têm sido feitos por aqueles para quem a sua natureza permanecerá para sempre um livro selado. Ele acrescenta: «O primeiro olhar para a figura do Sr. Fletcher, à medida que ele entra na sala, dá a ideia de uma magreza espiritual, mas à medida que ele enfrenta a assistência isto é substituído pelo facto de uma forma bem constituída, compacta e bem feita, capaz de grande resistência e suscetível a uma ordem elevada de influência. Todos os seus movimentos, e especialmente os seus gestos, são graciosos e muito dignos, e tanto mais eficazes porque é aparente que são naturais, não estudados.

O seu corpo finamente proporcionado é adequadamente correspondido por uma cabeça bem desenvolvida, na qual o intelectual predomina. As faculdades percetivas nitidamente definidas são coroadas por órgãos reflexivos amplos, até massivos. Um estudo cuidadoso do seu rosto, como um todo, explica a prontidão com que ele agarra qualquer assunto apresentado para consideração, bem como a maneira abrangente como lida com todos eles».

Em suma, o escritor simplesmente viu com clareza que William Fletcher possuía o físico e as qualidades intelectuais favoráveis a uma extraordinária influência espiritual. Para se ser de aspeto honesto, de acordo com as ideias de alguns habitantes do solo britânico, dever-se-ia apresentar a aparência de um buldogue, a mente de um habitante das Ilhas dos Mares do Sul, e as maneiras de um urso.

Um homem intelectual, acima de tudo, um homem espiritual, é um ser que eles encaram com o mais intenso ceticismo e suspeita. Há, na verdade, uma antipatia natural entre uma fase totalmente física e uma fase totalmente espiritual da

masculinidade; o representante de uma desgosta instintivamente, e o da outra, recua instintivamente. Um desfruta e vive intensamente na vida externa do presente; o outro é um reformador e pertence ao futuro: a coragem de um é física; a do outro moral: um empunha uma espingarda ou uma espada; o outro uma verdade oposta: um assaltará uma brecha no calor de uma luta; o outro passará por anos de sofrimento mental, feltro como só os médiuns podem sentir, em resistência silenciosa.

Deveria declarar que os reparos citados acima foram publicados no *Banner of Light* numa altura em que William Fletcher estava sob a sua nuvem mais pesada, e menos suscetível de obter qualquer reconhecimento favorável, — no verão de 1881.

«Na terça-feira à noite, 16 de maio», escreve um correspondente de *Facts* (publicado em Boston), «estávamos presentes numa reunião social, e o Sr. Fletcher, o médium, enquanto dava provas e descrições de presença de espírito, disse: 'Vejo um homem de pé junto a uma bancada ou mesa; e estendido diante dele vejo um monte de sapatos, ou um grande número deles; obtenho o nome Russell, Daniel Russell; ele vem para alguém na assistência; sim, ele diz que vem para dois indivíduos: obtenho os nomes Thomas e Phoebe Howland' (soletrando-os). 'Há vários outros com ele, uma senhora. Penso que a vi antes, mas não tenho a certeza. Obtenho o nome de Eliza R.; não é Russell, tenho-o agora, é Richards' (a mesma que veio na semana anterior, T. G. H.). 'Este homem diz que vem para um propósito, e a influência é tão forte que gostaria de saber se é reconhecida'. Ergui-me e disse: 'Reconheço-a. Daniel Russell era o pai da minha esposa, que está presente comigo. O meu nome é Thomas G. Howland, e o nome da minha esposa é Phoebe. Daniel Russell era um sapateiro, e Eliza Richards é sua filha'. O Sr. Fletcher agradeceu-me pelo reconhecimento, e disse que estava

'impressionado de que o Sr. Russell tivesse partido há muito tempo; era assim?'

Disse trinta e quatro anos, mas ao segundo pensamento lembrei-me de que ele tinha partido há trinta e sete anos. O Sr. Fletcher repetiu: 'Trinta e quatro anos — ora isso foi quatro anos antes de eu nascer, pelo que não poderia ter tirado isso de algum jornal, como é dito por algumas pessoas que os factos chegam a mim dessa forma'. Nunca tínhamos falado com o Sr. Fletcher antes, e nunca o tínhamos visto até à semana passada. THOMAS G. HOWLAND, Providence, R.I.».

Basta do que foi dito. Visitei a América, e entre outros lugares fui à Reunião de Acampamento de Lake Pleasant em Massachusetts no outono deste ano, e ouvi dezenas de tais visões, descritas com assustadora clareza e precisão, e sem qualquer esforço aparente além de um espasmo momentâneo do médium fortemente influenciado, que estava de pé perante uma assistência de duas ou por vezes três mil pessoas. Todas eram invariavelmente reconhecidas, e por vezes com profunda emoção. Parecia como se este homem, que tinha estado na luz ardente da crítica pública, e para quem todo o subterfúgio, tivesse ele sido em algum momento praticável, era agora totalmente impossível, estivesse absolutamente a rasgar o véu que nos separa do outro mundo.

As suas palestras, observei, eram diretas e vigorosas, e proferidas numa condição consciente, e antes do seu começo ele recitava com grande comoção algum poema longo e belo de cor. Frequentemente continha uma referência a algum martírio do passado com o qual a sua própria alma estaria em simpatia, e na sua mesa vi um dos seus livros favoritos, lido ao longo de muitas noites e dias cansativos — o poema requintado de Edwin Arnold, *The Light of Asia*, que deve ter-lhe recordado como a poucos além

dele a sua obra de vida e os seus sacrifícios nunca acabados que ninguém senão os anjos conhecia.

A força tinha chegado até ele bem como cabelo tingido demasiado cedo com cinzento, mas ao ouvir uma mulher chorar com emoção a uma mensagem dada pelo seu filho através do seu dom de visão, pensei: «Este homem não viveu em vão; ele nunca viverá em vão. Onde quer que ele esteja há um poder que acordará os cegos, e esse poder é enviado do céu, e aqueles que o expulsaram de Inglaterra, a minha amada mas adormecida pátria, fizeram uma coisa maldita. Há um sono que termina na morte, e o povo que ridiculariza as provas do espírito imortal do homem que Deus deu, e que é a única grande esperança da nossa raça sofredora, está muito perto dele».

Não é uma desgraça, um mal vergonhoso, e uma barbaridade digna da Idade Média, que, para usar as suas próprias palavras, nada seja feito «para erguer o médium honesto da posição de um vagabundo e de um criminoso para a de um homem e um mestre»? Não é um pecado que os videntes do nosso dia devam estar à mercê de qualquer homem ou de qualquer mulher que seja um fanático vulgar, que lhes deva um rancor comum, que escolha procurar uma vingança baixa?

Não fosse pelo poder e presciência dos espíritos invisíveis de quem os homens escarnecem, Londres teria sido manchada com o sangue de um homem raramente dotado e inocente, e demasiado tarde ter-se-ia reconhecido que os seus tribunais de polícia e as suas prisões eram os instrumentos de crimes cometidos contra a sociedade, contra a decência, contra os direitos humanos e contra o céu.

Aparentar desculpas e reparação são o mínimo que pode ser oferecido a estes dois perseguidos que vieram a Inglaterra a mando de alguém cujo nome é tido como sagrado em cada lábio,

e que, simplesmente porque eram médiuns, foram, sem uma audição, sem justiça, sem humanidade, caçados durante quase dois anos pelo mundo.

A ruína de Jerusalém ergue-se diante de mim porque ela rejeitou a luz que foi enviada para salvar, e através da qual a sua destruição poderia ter sido evitada, e por uma lei natural nada pode prevenir a morte da vida espiritual nessa terra que despreza a mensagem da Nova Era. De Susan Willis Fletcher, acrescentarei apenas que a sua recompensa foi já tão grande na espiritualização do ser a que ela atingiu na cela da prisão, e essa demonstração do poder do espírito humano encarnado, dada a muitas testemunhas vivas, através da qual o mundo dos espíritos pretende, dentro em breve, provar de muitas formas e além de uma dúvida, a suprema verdade da sua existência, que eu lhe diria, se a vitória do espírito sobre a matéria é o maior triunfo que a raça do homem pode atingir, então

«Toma conforto, deixaste para trás Poderes que trabalharão por ti; ar, terra e céus; Não há um sopro do vento comum Que te vá esquecer; tens grandes aliados; Os teus amigos são exultações, agonias, E o Amor, e a mente invencível do homem!»

Nem esses poderes, poderes da natureza em constante desenvolvimento, e portanto, de Deus, e muito mais fortes do que a morte, esquecerão aquele que demonstrou a tantos as realidades da vida além da sepultura, o «clarividente», John William Fletcher.

- *O Packet da minha terra natal, Falmouth, onde talvez o espiritualismo fosse impopular. O facto merece reconhecimento.*